

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL - MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Claudio Soares dos Santos

**OS IMPACTOS ECONÔMICOS DA FESTA DE BATUQUE EM PORTO
ALEGRE/RS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO SUL DO BRASIL**

Santa Cruz do Sul
2021

Claudio Soares dos Santos

**OS IMPACTOS ECONÔMICOS DA FESTA DE BATUQUE EM PORTO
ALEGRE/RS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO SUL DO BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Desenvolvimento Regional; Linha de Pesquisa em Organizações, Mercado e Desenvolvimento. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. Markus Erwin Brose

Santa Cruz do Sul

2021

CIP – Catalogação na Publicação

Santos, Claudio Soares dos.

Os impactos econômicos da Festa de Batuque em Porto Alegre/RS:
Patrimônio Cultural do Sul do Brasil / Claudio Soares dos Santos - 2021.

379 f.: il.; 30 cm.

Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de
Santa Cruz do Sul, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Markus Erwin Brose.

1. Patrimônio Cultural Imaterial. 2. Festa de Batuque. 3. Impactos
econômicos. 4. Conta Satélite da Cultura. 5. Valoração.

I. Brose, Markus Erwin. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Claudio Soares dos Santos

**OS IMPACTOS ECONÔMICOS DA FESTA DE BATUQUE EM PORTO
ALEGRE/RS: PATRIMÔNIO CULTURAL DO SUL DO BRASIL**

Esta tese foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – Mestrado e Doutorado. Área de Concentração em Desenvolvimento Regional. Linha de Pesquisa Organizações, Mercado e Desenvolvimento. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Regional.

Dr. Markus Erwin Brose
Professor Orientador
UNISC

Dr. Cesar Hamilton Brito Góes
Prof. Examinador
UNISC

Dr. Silvio Cezar Arend
Professor Examinador
UNISC

Dra. Giane Vargas Escobar
Professora Examinadora
UNIPAMPA

Dra. Izete Pengo Bagolin
Professora examinadora
PUC-RS

Santa Cruz do Sul

2021

DEDICAÇÃO

Dedico esta tese, primeiramente, aos Orixás do panteão africano cultuados no Batuque gaúcho, em especial à Xangô, meu protetor. Dedico, inclusive, ao Grande Arquiteto do Universo, assim como a minha esposa Adriana e minhas filhas Ingrid e Isadora, minhas três grandes luzes. Por fim, não poderia deixar de dedicar à minha mãe Martha e ao meu pai Pedro (*in memoriam*) pelo exemplo de vida transmitidos.

AGRADECIMENTOS

Realizar esta tese de doutoramento não foi uma tarefa fácil, foram dedicados mais de quatro anos de intensas leituras e pesquisas e, com certeza, sem a ajuda de algumas pessoas a sua conclusão não seria possível. Em função disso, talvez esta etapa tenha sido a mais complexa de se redigir. Seja pelo fato de que não se deveria esquecer de mencionar nenhuma pessoa que participou dessa caminhada, assim como não poderia deixar de ser citado alguns acontecimentos que marcaram intensamente essa longa jornada, até porque, não se quer desagradar aos leitores com essa etapa preambular.

Assim sendo, preliminarmente, quero registrar o meu “*A dúpé o*” (expressão iorubana que quer dizer muito obrigado) à meu pai *Xangô Agandju*, assim como ao Grande Arquiteto do Universo, os quais permitiram que eu realizasse esse trabalho, o qual atribuo se tratar de uma modesta contribuição deste obreiro, para aqueles que creem que a cultura religiosa de matriz africana gaúcha, denominada de Batuque, promove impactos na economia de uma região, além de subsidiar: a elevação da autoestima de seus participantes; a mobilização de um número crescente de fiéis; a dinamização do território e a inserção social.

Na esteira de agradecer aqueles que me cercaram e que contribuíram de alguma forma nessa trajetória, um registro carinhoso aos que foram responsáveis por minha existência, minha mãe Martha e meu pai Pedro (*in memoriam*), os quais me conduziram quando dos meus primeiros passos, além de não medirem esforços para me prepararem para a vida.

Através de uma forma muito respeitosa, gratidão é o termo que se emprega para externar todo o suporte fornecido para o desenvolvimento do presente trabalho pelo meu orientador, Professor Dr. Markus Erwin Brose, seja pelos ensinamentos repassados durante as disciplinas ministradas que integram o currículo do programa, seja pela forma como se posicionou ao longo do período orientativo. Alia-se a isso, os desafios que foram propostos para a consecução desta tese. Destaco, ainda, em especial, a confiança que foi ofertada. Essas contribuições foram, sem dúvida, excepcionais.

Presto um agradecimento especial à minha esposa Adriana e, as minhas filhas, Ingrid e Isadora pelo incentivo e apoio, além da compreensão quanto as minhas

ausências durante o período de realização dos créditos, além de procurarem entender as minhas dúvidas, dificuldades, receios e angústias enfrentadas durante cada etapa da pesquisa de campo, assim como das etapas correspondentes à análise e discussão dos resultados.

Seguindo essa sequência de agradecimentos, faço uma averbação reservada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR, através da coordenação, docentes e colaboradores, pela busca constante na qualificação de seu corpo discente, além do apoio e acolhida fornecidos durante o curso para que pudéssemos obter o melhor aprendizado.

Não poderia deixar de mencionar aqui os meus colegas doutorandos e mestrandos da turma de 2017, com os quais foi possível compartilhar experiências, o que impulsionou o aprendizado, em específico, ao colega e amigo Elias Rodrigues Filho, parceiro de viagem e de muitos trabalhos.

A dúpé o!

RESUMO

A presente tese procura fazer uma discussão em torno da religião de matriz africana originada no Rio Grande do Sul, no contexto do relacionamento dessa herança cultural com o desenvolvimento regional. Nessa conjuntura, estabeleceu-se como objetivo geral o de identificar como se dão os impactos em Porto Alegre/RS, provocados pela Festa de Batuque, denominação dada à cultura religiosa praticada pelo povo de terreiro, um patrimônio cultural imaterial. Os objetivos específicos que conduziram essa tese foram: (a) identificar os impactos provocados por essa herança cultural em Porto Alegre/RS; (b) averiguar o ciclo cultural da Festa de Batuque, caracterizando a sua cadeia produtiva (c) mensurar o valor econômico deste intangível, utilizando modelos de valoração; (d) caracterizar um conjunto de informações culturais referente a Festa de Batuque para o estabelecimento das Contas Satélites da Cultura. A sustentação teórica teve como base o aporte desenvolvido pelo Convênio Andrés Bello, instituição intergovernamental que tem por objetivo promover a integração cultural para os países da América Latina, a qual desenvolveu um estudo que visa a medição dos impactos que o patrimônio cultural provoca na economia dos países. A grande maioria dos países da América Latina são membros do convênio e possuem suas medições, convênio esse que o Brasil não integra. Diante dessa conjuntura, essa tese, de certa forma, busca contribuir para as discussões teóricas que envolvem a valorização do patrimônio intangível, o que não pode estar dissociado da relação cultura e economia, assim como procura servir de instrumento para fomentar o processo de medição cultural e realizar a comparabilidade entre as dinamicidades econômicas das mais variadas culturas, seja em uma dimensão local ou regional, seja a nível nacional ou internacional. A pesquisa empírica adotou uma abordagem quantitativa, desenvolvida a partir da análise dos resultados dos questionários e entrevistas realizadas. Da análise, constatou-se que os impactos provocados abrangem várias dimensões, sendo verificados reflexos de natureza, econômica, social, cultural e ambiental. No tocante a identificação do ciclo cultural e o estabelecimento da cadeia produtiva dessa manifestação cultural foram verificadas que diversas atividades se relacionam direta e indiretamente com este intangível, propiciando a geração de emprego e renda. Dentre os métodos empregados para mensurar o valor econômico desse intangível, foi adotado o método de valoração contingente (MVC), que teve por objetivo determinar o quanto a sociedade estaria disposta à pagar para participar dessa manifestação cultural, sendo que o valor médio observado foi de R\$ 193,03. O outro método utilizado foi o método de custo de viagem (MCV), cuja empregabilidade é decorrente da necessidade de se determinar o quanto é gasto pelo participante de forma indireta para ir à festa, sendo que foi encontrado o valor médio, por participante, na ordem de R\$ 541,24. Por derradeiro, a sistematização e análise dos dados permitiu a construção de um conjunto de informações sobre a cultura de matriz africana, o que pode ser denominado de Conta Satélite da Festa de Batuque. Uma das demonstrações apuradas nesta Conta satélite foi a comprovação de que esta cultura é pluriétnica, transnacional e transclassista.

Palavras-Chave: Cultura Negra. Intangível. Valoração. Impacto econômico. Conta Satélite.

RESUMEN

Esta tesis busca discutir la religión matricial africana originada en Río Grande del Sur, en el contexto de la relación entre este patrimonio cultural y el desarrollo regional. En este contexto, se estableció cómo objetivo general identificar cómo ocurren los impactos en Porto Alegre / RS, provocados por la Fiesta en Batuque, nombre que se le da a la cultura religiosa practicada por la gente del Terrero, un Patrimonio Cultural Inmaterial. Los objetivos específicos que llevaron a esta tesis fueron: (a) identificar los impactos causados por este patrimonio cultural en Porto Alegre/RS; (b) investigar el ciclo cultural de la Fiesta en Batuque, caracterizando su cadena productiva (c) medir el valor económico de este intangible, utilizando modelos de valoración; (d) caracterizar un conjunto de información cultural relacionada con la Fiesta en Batuque para el establecimiento de Cuentas Satélite de Cultura. El soporte teórico se basó en el aporte desarrollado por el Convenio Acuerdo Andrés Bello, institución intergubernamental que tiene como objetivo promover la integración cultural de los países latinoamericanos, que desarrolló un estudio orientado a medir los impactos que el patrimonio cultural tiene en la economía de los países. La gran mayoría de países latinoamericanos son miembros del acuerdo y tienen sus medidas, un acuerdo que Brasil no integra. Ante esta situación, esta tesis, en cierto modo, busca contribuir a las discusiones teóricas que involucran la valorización del patrimonio inmaterial, que no se puede dissociar de la relación entre cultura y economía, además de buscar servir como instrumento para fomentar el proceso de medición cultural y realizar la comparabilidad entre las dinámicas económicas de las más variadas culturas, ya sea en una dimensión local o regional, ya sea a nivel nacional o internacional. La investigación empírica adoptó un enfoque cuantitativo y cualitativo, desarrollado a partir del análisis de los resultados de los cuestionarios y entrevistas realizadas. Del análisis se encontró como resultado que los impactos ocasionados abarcan varias dimensiones, verificándose reflejos de naturaleza, económicas, sociales, culturales y ambientales. En cuanto a la identificación del ciclo cultural y el establecimiento de la cadena productiva de este evento cultural, se verificó que varias actividades están directa e indirectamente relacionadas con este intangible, brindando empleo y generación de ingresos. Entre los métodos utilizados para medir el valor económico de este intangible, se adoptó el método de valoración contingente (MVC), que tuvo como objetivo determinar cuánto estaría dispuesta a pagar la sociedad por participar en este evento cultural, siendo el valor promedio observado de R\$ 193,03. El otro método utilizado fue el método de costo de viaje (MCV), cuya empleabilidad se debe a la necesidad de determinar cuánto gasta el participante de manera indirecta para ir a la fiesta, y el valor promedio se encontró, por participante, alrededor de R\$ 541,24. Finalmente, la sistematización y análisis de los datos permitió la construcción de un conjunto de información sobre la cultura matricial africana, que puede denominarse Cuenta Satélite de la Fiesta en Batuque. Uno de los enunciados encontrados en esta Cuenta Satélite fue la prueba de que esta cultura es multiétnica, transnacional y transclasista.

Palabras clave: Cultura Negra. Intangible, Valuación. Impactos económicos. Cuentas Satellite.

ABSTRACT

This thesis discusses an Afro-Brazilian religion originated in Rio Grande do Sul (RS), Brazil, relating its cultural heritage to regional development. Overall, we aimed to identify the impacts of the Party of Batuque in Porto Alegre, RS. Batuque (literally, "drumming") refers to the religious culture practiced by terreiro people (traditional religious communities of African descent) and considered an intangible cultural heritage. Our specific objectives were: (a) to identify the impacts of this cultural heritage in Porto Alegre, RS; (b) to investigate the cultural cycle of the Festa de Batuque, characterizing its production chain; (c) to measure the economic value of this intangible heritage by using valuation models; and (d) to characterize a set of cultural information regarding the Party of Batuque for the establishment of the Satellite Accounts of Culture, a method for measuring cultural activities' economic value. We found theoretical support in the contributions of the Andrés Bello Agreement, an intergovernmental institution aiming to promote cultural integration between Latin American countries. The institution developed a study to measure the economic impacts of cultural heritage. Most Latin American countries — but not Brazil — partake in the Agreement and have their own measurements. Thus, we seek to contribute to the theoretical discussions around the valuation of intangible heritage, necessarily involving the relationship between culture and the economy. We also aim to foster the process of cultural measurement and compare the economic dynamism of various cultures on a local, regional, national, or international level. Our empirical research adopted a quantitative-qualitative approach, analyzing results from questionnaires and interviews. We found impacts across several dimensions: economic, social, cultural, and environmental. In terms of identifying Festa de Batuque's cultural cycle and production chain, we found several directly and indirectly related activities that create jobs and generate income. In measuring Party of Batuque's economic value, we adopted the contingent valuation method to determine how much society would be willing to pay to participate in this cultural manifestation. The average value observed was R\$ 193,03 (in Brazilian reais). We also used the cost-of-travel method to determine how much money was indirectly spent by participants to attend the party. The average value found was R\$ 541.24 (in Brazilian reais) per participant. After systematizing and analyzing data, the set of information we built on Afro-Brazilian culture could be called Satellite Account of the Party of Batuque. This Satellite Account proved this culture to be multi-ethnic, transnational, and cross-class.

Keywords: Black Culture. Intangible. Valuation. Economic Impacts. Satellite Account.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura organizacional do CAB	48
Figura 2 – Origem do patrimônio do CAB	50
Figura 3 – Fundo de Financiamento do CAB	52
Figura 4 – Desafios na busca de conhecimentos e conservação da cultura	53
Figura 5 – Fases do ciclo cultural conforme UNESCO.....	68
Figura 6 - Informações econômicas do guia metodológico do CAB	82
Figura 7 – Modelos de valoração do patrimônio.....	88
Figura 8 - Principais rotas do tráfico.....	105
Figura 9 – Imagem do racismo religioso	121
Figura 10 – Mapa do Estado do RS localizando a cidade de Porto Alegre	127
Figura 11 - Tela “Os Orixás”	134
Figura 12 - Orixá Bará.....	136
Figura 13 - Orixá Ogum.....	137
Figura 14 - Orixá Iansã.....	138
Figura 15 - Orixá Xangô	139
Figura 16 – Orixás Odé e Otim.....	140
Figura 17 – Orixá Obá.....	141
Figura 18 – Orixá Ossanha	142
Figura 19 – Orixá Xapanã	143
Figura 20 – Orixá Oxum	144
Figura 21 – Orixá Iemanjá.....	145
Figura 22 – Orixá Oxalá	146
Figura 23 – Esquema geral da pesquisa.....	151
Figura 24 - Esquema do método da pesquisa qualitativa.....	156
Figura 25 – Esquema do método da pesquisa quantitativa.....	166
Figura 26 – Grupos de agentes do campo cultural da Festa de Batuque	169
Figura 27 - Hierarquia do Batuque	173
Figura 28 – Festas móveis do Batuque.....	176
Figura 29 – Mostra de alguns pratos oferecidos aos convidados.....	180
Figura 30 – Quarto de Santo organizado para uma festa	181
Figura 31 – Alguns instrumentos utilizados na Festa de Batuque.....	182
Figura 32 – Mesa de Ibeiji utilizada na festa em homenagem à Orixá Obá	183

Figura 33 – Foto da fachada da Flora da Bela	217
Figura 34 – Foto do interior da Flora da Bela	218
Figura 35 – Foto de alguns produtos comercializados pelos aviários	221
Figura 36 – Banners divulgando trabalho de Alagbês	222
Figura 37 - Peças em gesso criada pelo artesão entrevistado	225
Figura 38 - Banners divulgando produtos e anúncios de prestadores de serviços	227
Figura 39 - Cartões de crédito Axé Brazil	227
Figura 40 – Impactos provocados pela Festa de Batuque	243
Figura 41 - Escultor criando uma escultura de um Orixá	262
Figura 42 – Par de escultura africana entalhada em madeira	262
Figura 43 - Produtos em argila utilizados no Batuque	263
Figura 44 - Produtos em madeira utilizados no Batuque	263
Figura 45 – Cartaz para exibição de um espetáculo do Afro Sul	265
Figura 46 – Ciclo Cultural da Festa de Batuque de acordo com o CAB	266
Figura 47 - Diagrama da Cadeira de Relacionamentos da Festa de Batuque	268
Figura 48 – Histograma da variável frequência	275
Figura 49 – Exemplos de uma distribuição Poisson	276
Figura 50 –Visão panorâmica da cultura de matriz africana	292

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Convenções da Unesco que envolvem a cultura.....	41
Quadro 2 – Marco programático dos eixos temáticos	53
Quadro 3 – Programas que atendem ao eixo da cultura.....	54
Quadro 4 – Níveis de desenvolvimento de Projetos - Programa Somos Patrimônio.....	55
Quadro 5 – Descrição dos Ciclos Culturais de acordo com o CAB	69
Quadro 6 - Setores e subsetores que compõem o campo cultural.....	71
Quadro 7 – Organização do guia metodológico do CAB.....	83
Quadro 8 – Valor de não uso de bens ou manifestação patrimonial	85
Quadro 9 – Fontes de impacto econômico.....	86
Quadro 10 – Inventário de trabalhos que aplicaram os métodos MCV e/ou MVC	92
Quadro 11 – Características das Nações/Lados	133
Quadro 12 – Outras características do Orixá Bará.....	136
Quadro 13 – Outras características do Orixá Ogum	137
Quadro 14 – Outras características do Orixá Iansã	138
Quadro 15 – Outras características do Orixá Xangô.....	139
Quadro 16 – Outras características dos Orixás Odé e Otim	140
Quadro 17 - Outras características do Orixá Obá	141
Quadro 18 – Outras características do Orixá Ossanha	142
Quadro 19 – Outras características do Orixá Xapanã.....	143
Quadro 20 – Outras características do Orixá Oxum.....	144
Quadro 21 – Outras características do Orixá Iemanjá	145
Quadro 22 – Outras características do Orixá Oxalá.....	146
Quadro 23 – Descrição da amostra coletada	150
Quadro 24 – Estrutura da análise dos dados	155
Quadro 25 - Caracterização dos custos de viagem.....	157
Quadro 26 – Critérios para determinação das estimativas.....	195
Quadro 27 - Depoimentos de sacerdotes referente ao racismo religioso.....	215
Quadro 28 – Tempo médio de confecção de axós.....	224
Quadro 29 – Segmentação da Festa de Batuque com base no CAB	299
Quadro 30 – Domínios da Festa de Batuque não afeto à cultura.....	300
Quadro 31 – Classificação Brasileira de Ocupações culturais de matriz africana...	301

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dispersão da variável número de filhos de santo	199
Gráfico 2 - Distribuição de frequência do número de filhos de santos por casa.....	201
Gráfico 3 - Terreiros porto-alegrenses com inscrição no CNPJ	202
Gráfico 4 – Raça/cor dos Sacerdotes da cultura de raiz africana em Porto Alegre.	202
Gráfico 5 - Quantidade e percentual de líderes religiosos por idade.....	206
Gráfico 6 – Percentual de templos que cobram mensalidades dos filhos de santo.	206
Gráfico 7 – Valores cobrados a título de mensalidade	207
Gráfico 8 - Número de casas e quantidade de participantes por festa.....	209
Gráfico 9 – Serviços contratados para uma Festa de Batuque	210
Gráfico 10 – Estabelecimentos comerciais que interagem com a Festa	211
Gráfico 11 – Os insumos utilizados em uma Festa de Batuque.....	212
Gráfico 12 – Percentual de sacerdotes que possuem outro vínculo profissional ...	212
Gráfico 13 – Percepção dos sacerdotes sobre a economia regional	213
Gráfico 14 - Percepção dos sacerdotes sobre o bem cultural	214
Gráfico 15 – Período de coleta de dados	230
Gráfico 16 – Raça/Cor dos consumidores da cultura	233
Gráfico 17 – Ocupação dos respondentes	235
Gráfico 18 - % de participantes que se deslocam acompanhados para o evento...	238
Gráfico 19 – Número de pessoas que o acompanham	238
Gráfico 20 – Distribuição de frequência dos gastos individuais	239
Gráfico 21 – Grau de Felicidade por participarem de um Festa de Batuque.....	239
Gráfico 22 – Grau de satisfação com o investimento realizado	240
Gráfico 23 – Projetos Sociais Realizados	252
Gráfico 24 – Percentual da renda gasto com a cultura de matriz africana	294
Gráfico 25 –Gastos médio com a cultura de acordo com a renda.....	295
Gráfico 26 – Gastos médio com a cultura de acordo com a Faixa Etária.....	295
Gráfico 27 –Gastos médio com a cultura por Grau de Instrução.....	296

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de casas de Batuque em Porto Alegre.....	27
Tabela 2 – Casas de Batuque em Porto Alegre em 2008.....	28
Tabela 3 – Gênero dos chefes das casas religiosas de Porto Alegre	30
Tabela 4 – Valores disponibilizados pelo PNPI	47
Tabela 5 – População Brasileira no período colonial.....	104
Tabela 6 - Tráfico de escravizados no período colonial brasileiro.....	104
Tabela 7 – População porto-alegrense integrante da religião de matriz africana.....	127
Tabela 8 - Renda Mensal	158
Tabela 9 – Faixa Etária.....	159
Tabela 10 – Grau de Instrução	160
Tabela 11 – Disposição à Pagar	164
Tabela 12 – Casas de nação em Porto Alegre filiadas à Fauers.....	193
Tabela 13 – Quantidade de casas de matriz africana em Porto Alegre	193
Tabela 14- Estatística descritiva da amostra referente aos adeptos	198
Tabela 15 – Amostra de Terreiros de Porto Alegre por nação em quantidade e % .	203
Tabela 16 - Estado Civil dos Sacerdotes de matriz africana em Porto Alegre.....	204
Tabela 17 - Instrução dos sacerdotes de matriz africana em Porto Alegre	204
Tabela 18 – Quantidade de terreiros filiados a entidades representativas	205
Tabela 19 - Número de festas por ano nos terreiros porto-alegrense	208
Tabela 20 – Gastos realizados por festa em cada casa	209
Tabela 21 – Estimativa de geração de emprego e renda	228
Tabela 22 – Faixa Etária e Gênero dos respondentes.....	230
Tabela 23 – Grau de Instrução dos Entrevistados	231
Tabela 24 – Renda Mensal dos respondentes	232
Tabela 25 – Estado Civil dos entrevistados	233
Tabela 26 - Nação que os respondentes integram	234
Tabela 27 – Tempo que os respondentes afirmaram integrar a cultura.....	234
Tabela 28 - Meio de transporte utilizado para o deslocamento às festas	235
Tabela 29 - Quantidade de vezes que participa de Festas de Batuque por ano	236
Tabela 30 – Cidade de origem dos frequentadores da Festa de Batuque.....	237

Tabela 31 – Informações econômicas dos estabelecimentos comerciais	244
Tabela 32 – Informações econômicas da prestação dos serviços de tamboreiros ..	245
Tabela 33 – Informações econômicas da prestação de serviços de costureira.....	246
Tabela 34 – informações econômicas dos profissionais artesãos	248
Tabela 35 – Informações econômicas da atividade publicidade/fotografia.....	249
Tabela 36 – Matriz de correlações das variáveis explicativas do modelo.....	270
Tabela 37 – Variável grau de instrução dos entrevistados agrupada	271
Tabela 38 – Variável renda dos entrevistados agrupada.....	272
Tabela 39 – Variável felicidade agrupada	272
Tabela 40 – Estatística descritiva do Custo de viagem.....	273
Tabela 41 – Distribuição de frequência do custo de viagem.....	274
Tabela 42 - Teste de Kolmogorov-Smirnov – Distribuição de Poisson.....	275
Tabela 43 – Variável frequência agrupada.....	276
Tabela 44 – <i>Casos processados</i>	277
Tabela 45 – codificação das variáveis categóricas	278
Tabela 46 – Classificação final dos casos.....	278
Tabela 47 – Variáveis do modelo de regressão logística	279
Tabela 48 – Custo por Km/rodado maio de 2020.....	281
Tabela 49 - Horas dispendidas com os preparativos da Festa de Batuque	282
Tabela 50 - Horas dispendidas para a organização do pós-festa	283
Tabela 51 – Casos processados.....	285
Tabela 52 – Testes de coeficientes de modelo Omnibus	285
Tabela 53 – Teste Hosmer e Lemeshow	286
Tabela 54 – Classificação final dos casos.....	286
Tabela 55 – Variáveis do modelo de regressão logística	287
Tabela 56 – Valor da festa de Batuque em Porto Alegre.....	289
Tabela 57 – Consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre.....	292
Tabela 58 – Local de origem dos consumidores da cultura em Porto Alegre	293
Tabela 59 - Gasto em cultura de matriz africana por Faixa Etária e Gênero	296
Tabela 60 – Valores previstos pela pasta da cultura do município de Porto Alegre	303

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFROBRÁS	Federação das Religiões Afro-Brasileiras
AFROES	Associação Afro-umbandista de Esteio e do RS
AFRORITO	Federação Africana Mensageiros de Oxalá
AEC	<i>Anuário de Estadísticas Culturales</i>
AECID	Agência Espanhola de Cooperação Internacional de Desenvolvimento
ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
ANP	Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível
ANTT	Agência Nacional de Transportes Terrestres
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAB	Convênio Andrés Bello
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CD _i	Custo de Deslocamento Individual
CEDRAB	Congregação em Defesa das Religiões Afro do Estado do RS
CEGOV	Centro de Estudos Internacionais sobre Governo
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CEUCAB	Conselho Estadual de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros
CIUO	Classificação Internacional Uniforme de Ocupações
CNAE	Classificação Nacional de Atividade Econômica
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CO _i	Custo de Oportunidade Individual
COVID-19	Corona Vírus 19
CPTERS	Conselho do Povo de Terreiro do Estado do Rio Grande do Sul
CSA	<i>Culture Satellite Account</i>
CSC	Conta Satélite da Cultura
CKm	Custo do Km
CV _i	Custo de Viagem individual
DAA	Disposição a Aceitar
DANE	Departamento Administrativo Nacional de Estatística da Colômbia
DAP	Disposição a Pagar
DAPT	Disposição a Pagar Total
DAPM	Disposição a Pagar Média
DKm	Distância Percorrida em Km

E	Margem de erro
EPTC	Empresa Porto-alegrense de Transportes Coletivos
EST _i	Estadia Individual
FAUERS	Federação Afro Umbandista do Rio Grande do Sul
FB	Festa de Batuque
FCS	<i>Framework for Cultural Statistics</i>
FEBRAI	Federação Espiritualista Brasileira
FET	Faixa Etária
FEL	Felicidade
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GA _i	Gastos Adicionais
GEN	Gênero
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEGI	<i>Instituto Nacional de Estadística y Geografía</i>
INS	Grau de Instrução
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Avançadas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISIC	<i>International Standard Industrial Classification</i>
LGPD	Lei Geral de Proteção aos Dados
MCV	Método do Custo de Viagem
MEC	Marco de Estatísticas Culturais da UNESCO
MCJCR	Ministério da Cultura e Juventude da Costa Rica
MINC	Ministério da Cultura
MPEM	Ministério Público do Estado do Maranhão
TEM	Ministério do Trabalho e Emprego
MVC	Método de Valoração Contingente
N	Número de Festas de Batuque Visitadas pelo Respondente por Ano
n	Número de indivíduos na amostra
n _i	Número de Entrevistados Dispostos a Pagar
N _e	Número de Pessoas Entrevistas
NPV	Número de Pessoas que Ocupam o Veículo
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas

p	Proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria
PCI	Patrimônio Cultural Imaterial
PIB	Produto Interno Bruto
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
q	Proporção populacional de indivíduos que não pertence a categoria
REMECAB	Reunião de Ministros da Educação dos Estados Membros
REN	Renda
REN _{di}	Rendimento Diário Individual
RS	Rio Grande do Sul
SECAB	Secretaria Executiva do Convênio Andrés Bello
SIIC	Sistema de Informações e Indicadores de Cultura
SCN	Sistemas de Contas Nacionais
SM	Salário Mínimo
SMIC	Secretaria Municipal da Indústria e Comércio de Porto Alegre
SMC	Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre
TEM _i	Tempo individual de deslocamento e permanência na FB
TPM	Tarifa Praticada no Modal
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UIS	Instituto de Estatística da UNESCO
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento
V _i	Taxa de Visitação
VET	Valor Econômico Total
VFB	Valoração da Festa de Batuque
VUD	Valor de Uso Direto
VUIr	Valor de Uso Indireto
VUIz	Valor de Uso induzido
VNU	Valor de Não Uso
X	População
Z	Valor crítico que corresponde ao grau de confiança desejado

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	23
1.1. A apresentação.....	23
1.2. A contextualização do tema de pesquisa.....	26
1.3. A problemática de pesquisa, os objetivos e a relevância para a academia	32
1.4. As partes do todo.....	36
2. A VALORAÇÃO DO INTANGÍVEL E O DESENVOLVIMENTO	39
2.1. O intangível e o desenvolvimento	39
2.2. O CAB e a valoração do PCI	48
2.3. O SCN e as CSC	59
2.4. O guia metodológico para o estabelecimento das CSC	81
2.5. O valor econômico de um PCI e os modelos de valoração	84
2.6. Debates realizados sobre a temática.....	94
3. A HERANÇA CULTURAL DE MATRIZ AFRICANA	99
3.1. Os negros no Brasil: do período colonial até os dias atuais	99
3.2. A religião de matriz africana e a representatividade na cultura brasileira	109
3.3. O racismo epistemológico, institucional, cultural e religioso	116
3.4. A Porto Alegre de matriz africana e o campo de atuação afro-religioso	123
3.5. A contextualização da Festa de Batuque.....	131
3.5.1. As nações batuqueiras no RS	132
3.5.2. Um breve panorama sobre os Orixás cultuados no Batuque do RS.....	134
3.6. Os caminhos metodológicos percorridos	147
4. A DINÂMICA ECONÔMICA DA FESTA DE BATUQUE	168
4.1. O campo social da Festa de Batuque e os seus agentes	168
4.2. Uma cosmopercepção acerca da Festa de Batuque	171
4.3. As entidades representativas das religiões de matriz africana	185
4.3.1. Discussões acerca da robustez das fontes.....	191

4.4.	Os sacerdotes e as unidades territoriais tradicionais de matriz africana	197
4.5.	O mercado da fé e o trabalho informal	216
4.6.	Os consumidores do patrimônio cultural	228
5.	OS REFLEXOS DA FESTA DE BATUQUE EM PORTO ALEGRE.....	241
5.1.	Os principais impactos provocados pela Festa de Batuque	243
5.1.1.	Dimensão Econômica.....	243
5.1.2.	Dimensão Social.....	251
5.1.3.	Dimensão Cultural	255
5.1.4.	Dimensão Ambiental.....	258
5.2.	O Ciclo cultural da Festa de Batuque na ótica do CAB	260
5.3.	A mensuração do impacto econômico da Festa de Batuque.....	269
5.3.1.	Mensuração pelo Método dos Custos de Viagem	271
5.3.2.	Mensuração pelo Método de Valoração Contingente	283
5.3.3.	Relação entre os métodos	288
5.4.	As contas satélites da cultura referente à Festa de Batuque.....	290
5.4.1.	Os consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre	292
5.4.2.	Local em que os consumidores da cultura de matriz africana residem	293
5.4.3.	Gasto médio por consumidor da cultura	293
5.4.4.	Número de consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre	297
5.4.5.	Composição do setor cultural	298
5.4.6.	Composição dos empregos culturais.....	300
5.4.7.	Equipamentos culturais.....	302
6.	CONCLUSÕES.....	305
	REFERÊNCIAS.....	322
	APÊNDICES.....	343
	APÊNDICE 1- Roteiro de entrevista destinado aos Sacerdotes.....	344
	APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevistas às entidades associativas.....	348

APÊNDICE 3 – Roteiro de entrevistas às Floras e Aviários.....	351
APÊNDICE 4 – Roteiro de entrevistas aos tamboreiros.....	352
APÊNDICE 5 – Roteiro de entrevista à costureira	353
APÊNDICE 6 – Roteiro de entrevista ao artesão	354
APÊNDICE 7 – Roteiro de entrevista ao publicitário/fotógrafo	355
APÊNDICE 8 – Questionário aos consumidores da Fé.....	356
APÊNDICE 9 – Relação de terreiros visitados e seus respectivos responsáveis ...	362
APÊNDICE 10 – Demonstrativo de cálculos - Sacerdotes.....	363
APÊNDICE 11 – Demonstrativo de cálculos – Consumidores da Cultura.....	364
APÊNDICE 12 – Desenvolvimento do cálculo do custo Km/rodado.....	367
APÊNDICE 13 – Relação de floras com licenciamento (Alvará) em PoA	368
APÊNDICE 14 - Relação de aviários com alvará de licenciamento	373
APÊNDICE 15 - Relação de atividades integrantes da cultura de matriz africana ..	374
APÊNDICE 16 - Relação de empregos culturais da cultura de matriz africana	376
APÊNDICE 17 – Cálculos demonstrativos de geração de empregos e renda	377
APÊNDICE 18 – Atividades culturais da Festa de Batuque conforme CNAE 2.0 ...	379

1. INTRODUÇÃO

*Jowo Bàbá mi Sàngó, mo fẹ fi ipilẹ mi han*¹

A presente pesquisa, apresentada na forma de Tese de Doutorado em Desenvolvimento Regional, procura investigar a presença de impactos provocados pela prática de uma herança cultural na cidade de Porto Alegre/RS, denominada de Festa de Batuque, verificando como essa singularidade cultural de matriz africana, que é contida nas expressões de vida, contribui para: (a) elevar a autoestima de seus participantes; (b) a mobilização de um número crescente de fieis em Porto Alegre; (c) a dinamização do território e (d) a inserção social.

Pretende-se, igualmente, identificar o ciclo cultural da Festa de Batuque em conformidade ao preconizado pelo Convênio Andrés Bello (CAB), instituição intergovernamental, com sede na Colômbia, de personalidade jurídica internacional e que tem o propósito de promover a integração cultural para os países da América Latina. E, a partir do estabelecimento do ciclo cultural, será possível reconhecer o domínio cultural da Festa de Batuque através da caracterização do conjunto de atividades culturais que a integram.

Projeta-se, inclusive, demonstrar como o valor dessa herança cultural é constituído através da aplicação dos modelos utilizados pela organização CAB, além de procurar construir um conjunto de conhecimentos acerca deste patrimônio imaterial de forma confiável e comparável. Importante destacar que esta ideia de mensuração da manifestação cultural vem ao encontro do estabelecido por Spínola (2012), quando destaca que um dos aspectos fundamentais para a economia cultural de Salvador/Bahia é o fato de que a cultura de matriz africana se constitui em um elemento significativo da economia cultural de um território. Assim como menciona que há necessidade de se distinguir as demandas desta manifestação, bem como as suas influências na economia popular, incluindo a sua distribuição espacial. O que é corroborado por Santos (2013), quando afirma que as manifestações culturais de matriz africana influenciam economicamente o território em que estão situados.

¹ Licença meu Pai Xangô, quero mostrar minha raiz.

Spínola (2012) informa, ainda, que as relações econômicas mais diretas dos cultos afrodescendentes não diferem muito das demais religiões. Afirma, inclusive, que não pode ser pensada apenas como uma unidade socialmente organizada para a adoração das forças que dominam o universo, mas sim, em termos econômicos, como sendo uma instituição que funciona de forma pragmática para defender interesses de seus membros. Isto é, desempenha um papel dinâmico de forma a estimular determinadas atividades econômicas, particularmente o comércio e o artesanato, gerando emprego e renda.

Assim, a economia dessa cultura é concebida como um espaço que reconhece a dimensão econômica de suas atividades, uma vez que para sua realização requer uma série de trocas envolvendo transações que resultam em fluxo econômico real e muitas vezes monetário, mas também se refere ao conteúdo cultural da economia. É nesse contexto que, a presente tese, tratará o termo economia da cultura como sendo um conjunto de informações com o propósito de verificar a contribuição econômica dos diversos setores ligados à cultura, em especial, no que se refere a geração de emprego e renda, de acordo com o discutido pelo CAB (CAB, 2015).

Esta etapa preliminar do trabalho, exibida em quatro seções, contempla uma visão geral da pesquisa. A primeira seção trata da apresentação, de forma breve, de alguns fatos que contribuíram para o desdobramento da investigação, assim como o que se espera obter com a sua conclusão. Na segunda seção é exteriorizada uma contextualização do trabalho, a qual tem por objetivo promover um discurso que propicie uma aproximação do leitor sobre a temática que será discutida. A terceira seção contempla a problematização, seus objetivos e a relevância do trabalho para a academia e, por fim, na quarta e última seção são mostradas as etapas que contemplam a presente tese.

1.1. A apresentação

Preliminarmente, entende-se pertinente informar aos interlocutores sobre o marco inicial do presente trabalho. Neste momento, ao mencionar esse ponto de partida, tem-se a ideia de apresentar o local simbólico que estabelece o lugar de fala, não apenas com o propósito de esclarecer que os resultados encontrados são frutos exclusivamente da forma como o mundo é visto, mas sim, também, de onde o mundo é visto.

Nesse sentido, Chucman (2012, p.12) estabelece que “(...) é condição *sine qua non* que o investigador saiba o lugar social e subjetivo de onde age, fala, observa e escreve.” Isso significa afirmar sobre qual a posição em que se discursa, assim como o vínculo existente com o objeto de discussão.

Assim sendo, menciona-se que no tocante ao aspecto racial, quem discursa é negro, bem como pertence à uma família adepta da religião de matriz africana, sendo que essa influência religiosa foi e continua sendo determinante na cadência da vida de seus membros. Por outro lado, o discursante é neto, pelo lado paterno, e bisneto pelo lado materno de negros escravizados.

Uma vez estabelecido o local de fala do autor, destaca-se o fato de que desde jovem o autor acompanhava aos mais velhos de sua família nas consultas aos Orixás², e em tantas outras oportunidades, como por exemplo, na compra de produtos necessários para que fossem satisfeitas algumas exigências ou até mesmo para realização de recompensas as divindades por alguma graça alcançada.

Com o decorrer dos anos e através das experiências vivenciadas, quotidianamente, foi possível gerar um entendimento mais aprofundado sobre os hábitos e costumes integrantes desse patrimônio imaterial. Agora, na condição de ministro desse culto religioso, a impressão que se tem é o de quão dispendiosa é a sua prática, razão pela qual se fundamenta a procura pela identificação de como ela se processa, buscando reconhecer as relações comerciais existentes e a forma como os recursos são alocados para que a Festa de Batuque ocorra.

Nesse mesmo sentido, se tem a percepção de que o Batuque³ auxilia seus adeptos no processo de inclusão social, o que fortalece a concepção pela busca de informações de como ocorrem os laços pessoais entre os seus participantes, assim como de que modo se dá o respeito à tradição cultural transmitida de forma oral, de geração em geração.

²– Orixá são os ancestrais africanos que foram divinizados, cada uma das entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum ou Olofin (raios, chuvas, árvores, minérios além do controle de ofícios e das condições humanas, como: agricultura, pesca, metalurgia, guerra, maternidade, saúde), que guiam a consciência dos seres vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. (Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, LOPES, N. 4ª ed. 2011).

³ Batuque: é a forma geral como são denominados os ritmos realizados à base da percussão por frequentadores de cultos cujos seus elementos envolvem aspectos mitológicos, epistemológicos, linguísticos e ritualísticos de origem africana. O batuque é uma religião de matriz africana praticada no RS, cultua doze orixás e divide-se em “lados” ou “nações”. (Ari Pedro Oro; Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente; Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, pp. 345-384).

Essas razões, de certa forma, contribuíram para um olhar mais detalhado sobre a temática e que se fundamentou no ponto de partida da investigação, sendo seus resultados apresentados no decorrer do trabalho. Entretanto, neste momento, interessante mencionar que ao incorporar o Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), o projeto de tese de doutoramento inicialmente possuía um viés, porém, foi com a realização de um ensaio para uma disciplina do programa denominada “Sociedade, Cultura e Desenvolvimento Regional”⁴, que influenciou o processo de reestruturação do projeto, uma vez que no desenvolvimento da atividade foram empregados esforços levando em consideração a experiência vivida na religião de matriz africana.

Então, sob a orientação do Prof. Dr. Markus Erwin Brose, após argumentações realizadas, houve o aceite da proposição de desconstrução e, por conseguinte, reconstrução de um novo projeto, sendo destacado pelo professor orientador, inclusive, que deveria ser seguido suas indicações, no sentido de que houvesse concentração na leitura de determinadas bibliografias que sustentassem a identificação de impactos, o reconhecimento do ciclo cultural, a demonstração de sua valoração e a criação de informações sobre essa manifestação cultural.

Nesse sentido, para estar alinhado a esteira do debate internacional, foi recomendado a verificação de pesquisas executadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e pela ONU, a qual estipulou a Década Internacional dos Povos Afrodescendentes (2015-2024), assim como aquilo que vem sendo empregado no âmbito da América Latina. Observou-se, então, que muitos países latinos utilizam o método das Contas Satélites da Cultura (CSC) como instrumento para medir os reflexos das suas culturas autóctones na economia, sendo que esse processo é conduzido pelo CAB.

Evidentemente que, ao se abordar o tema sob a égide do desenvolvimento regional, as perspectivas fundamentais a serem debatidas passarão por aspectos de natureza social, cultural, ambiental e econômica. Trata-se de uma temática cuja abordagem é interdisciplinar, visto que o estudo permeará diversos conteúdos que contornam relevantes contribuições teóricas como, por exemplo, as da economia, da contabilidade e as de natureza cultural.

⁴ Disciplina de Sociedade, Cultura e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, cursada em 2017, Professora Responsável: Dra. Ângela Cristina Trevisan Felippi.

Nessa perspectiva, pretende-se com a pesquisa discutir sobre os possíveis impactos gerados pela Festa de Batuque na cidade de Porto Alegre, capital da unidade da federação do Rio Grande do Sul (RS) e sua importância para o desenvolvimento, buscando identificar o ciclo cultural dessa manifestação e as respectivas atividades culturais que a integram. Além disso, busca-se demonstrar a composição do valor econômico desse patrimônio imaterial, o qual expressa a história e a tradição regional de um povo, assim como averiguar a viabilidade de confeccionar um conjunto de indicadores referentes a cultura de matriz africana, os quais permitirão a realização de comparações com outras culturas e países, além de promover a sua valorização.

Deste modo, após essa apresentação, a próxima seção contemplará a contextualização do tema, circunstância em que se aborda, primeiramente, tópicos que abrangem a religião de matriz africana em Porto Alegre, a sua caracterização como herança cultural, a mensuração do intangível, o método das CSC e a sua importância para o desenvolvimento.

1.2. A contextualização do tema de pesquisa

Objetiva-se nesta seção demonstrar, de forma preliminar, informações acerca do Batuque, cultura de matriz africana de culto aos orixás, identificada, principalmente, no Rio Grande do Sul, de onde se expandiu para países como Uruguai nos anos 1950 e para a Argentina nos anos 1960.

Com isso, inaugura-se essa contextualização trazendo a informação de que a Festa de Batuque possui ritos próprios que a distinguem de todos os outros cerimoniais de matriz africana existentes em solo brasileiro. É dividido em nações⁵, assim como a liturgia que é praticada são próximas, bem como as divindades reverenciadas são, na realidade, idênticas, sendo os procedimentos adotados quase os mesmos (ORO, 2002).

Trata-se de uma manifestação que congrega um maior grupamento de símbolos de ascendência africana dentro do complexo religioso afro-gaúcho, pois o dialeto

⁵ De acordo com Norton Correa (2006), nações ou lados são os grupos tribais africanos aos quais os filiados no batuque do RS atribui a sua origem étnica. No tocante as diferenças entre os lados, em tese, estão associadas aos andamentos dos ritmos dos tambores, alimentos rituais, letras e melodias de alguns cânticos dirigidos aos orixás.

litúrgico é iorubano⁶. A linguagem empregada é aquela dos costumes africanos, sendo que as entidades cultuadas são os orixás e há um reconhecimento às nações africanas (ORO, 2008).

Sua origem em terras gaúchas se deu no início do século XIX, na localidade de Rio Grande e Pelotas, área conhecida como a região das charqueadas, nos anos 1830. As primeiras informações sobre casas de religião de matriz africana na cidade de Porto Alegre registram a partir da segunda metade do século XIX, diante da debandada de negros alforriados para a capital (CORREA, 2006).

Na trajetória histórica dessa herança cultural de matriz africana, decorrido praticamente um século de sua constituição, segundo dados apresentados por Oro (2002), a contabilização realizada sobre os terreiros de Batuque na cidade de Porto Alegre teve seu início no ano de 1937, contendo apenas o número de estabelecimentos.

Tabela 1 – Total de casas de Batuque em Porto Alegre

Ano	nº Casas
1937	13
1938	23
1939	27
1940	37
1941	42
1942	52
1943	80
1944	63
1945	70
1946	75
1947	78
1948	80
1949	80
1950	98
1951	178
1952	211

Fonte: Oro (2002)

⁶ Relativo aos iorubas. 1. Etnol. Povo negro de larga disseminação, possuidor de instituições políticas bastante desenvolvidas e aptidões comerciais apreciáveis (Dicionário Informal, 2019) – www.dicionarioinformal.com.br). 2. A língua falada por esse povo. Adj. Pertencente ou relativo a esse povo. Sin.: iorubano. Constituem um dos maiores grupos étnico-linguísticos da África Ocidental, com mais de 30 milhões de pessoas em toda a região. Trata-se do segundo maior grupo étnico na Nigéria, correspondendo a aproximadamente 21% da sua população total (Wikipédia, 2019).

Observa-se, na Tabela 1, um incremento de 1523% no número de terreiros em um período de 15 anos, assim como uma precariedade na forma como a contagem era realizada, uma vez que não se possuía nenhum outro tipo de informação.

Diante desse histórico desconhecimento do número efetivo de terreiros porto-alegrenses sem que se soubesse quais as práticas religiosas de matriz africana eram adotadas em cada espaço, associado ao elevado período (desde 1952), sem que se possuísse informações sobre a totalidade de casas de religião em Porto Alegre. A Prefeitura Municipal, através da Secretaria da Cultural - Centro de Pesquisa Histórica, realizou no período compreendido entre 2006 e 2008 um censo dos terreiros.

Esse censo contribuiu para a abordagem da temática uma vez que possibilitou a descrição dos resultados verificados. Os principais objetivos do censo foram o de fornecer subsídios para o esclarecimento da dimensão desses estabelecimentos no contexto da cidade, como também dar visibilidade aos espaços e as diferentes linhagens que os terreiros seguiam.

Assim, na Tabela 2, apresenta-se a quantidade de casas de nação, levantadas entre 2006 e 2008, existentes na capital gaúcha à época, de acordo com os seus respectivos ritos (nações/lados) praticados.

Tabela 2 – Casas de Batuque em Porto Alegre em 2008

Rito Praticado	Quant	%
Nação Ijexá	69	6,71%
Nação Nagô	99	9,63%
Nação Oyó	145	14,11%
Nação Jejê	171	16,63%
Nação Cabinda	253	24,61%
Nação Jejê-Ijexá	291	28,31%
Total	1028	100,00%

Fonte: Censo da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre (2008)

Constatou-se através do censo um número de 1.028 casas de matriz africana na cidade de Porto Alegre, conforme pode ser verificado na Tabela 2, sendo apurado, inclusive, as nações que cada unidade seguia. Destaca-se o fato de que a “Nação Jejê-Ijexá” era a possuidora do maior número de terreiros, dispondo de uma representatividade na ordem de 28,31%, contemplando 291 templos. Seguida da “Nação Cabinda” com 253 constatações e uma representatividade de 24,61%. Essas duas nações reunidas possuíam mais de 52% do total dos terreiros de matriz africana de Porto Alegre.

Na visão de Moraes (2012), esses terreiros são considerados espaços onde realizam-se práticas religiosas de matriz africana, em outras palavras, são vistos como locais de resistência cultural negra, isto é, um espaço de ação política. Nessa perspectiva, é certo que o território em questão se trata de uma paisagem cultural, pois nessa parcela territorial várias forças culturais estão em conflito.

Essa paisagem se expressa mediante símbolos religiosos e através de formas arquitetônicas, as quais delimitam o território de modo que se possa transpor as crenças e valores dos indivíduos. Assim, de acordo com o autor, esses elementos passam a ocupar um lugar de importância na constituição e representação de identidades nacionais, introduzindo bases para a sua expressão.

Por outro lado, de acordo com dados do Censo do IBGE de 2010, a população porto-alegrense era de 1.409.351 habitantes, assim como a população que se autodeclarava praticante das religiões afrodescendentes totalizava um número de 94.570 habitantes, o que se resumia em uma representatividade percentual na ordem de 6,71% de adeptos.

Nesse cenário, para se ter uma ideia de grandeza de cada terreiro, dividiu-se a população que se autodeclara pertencente a religião de matriz africana constante no Censo do IBGE de 2010 pelo número de terreiros apontados no Censo da Secretaria da Cultura de Porto Alegre do ano de 2008, o que resultou no estabelecimento de um número médio de adeptos por casa de religião, na razão de 91 pessoas.

Nessa esteira, invoca-se Oro (2012), o qual salienta que a quantidade de adeptos da religião de matriz africana em cada terreiro varia muito, sendo que em determinados casos, alguns terreiros se utilizam dos veículos de comunicação o que propicia uma maior concentração de frequentadores e, em outras, a quantidade de adeptos é pequena, limitando-se, em algumas situações, ao núcleo familiar.

Dos dados extraídos do censo dos terreiros porto-alegrenses, em relação ao gênero dos religiosos, foi apontado que 341 casas, isto é, 33,17% do total, são chefiadas por homens e, 687 casas representando 66,83% do total, são chefiadas por mulheres. Para um melhor entendimento dessa questão se observa, na Tabela 3, a relação do gênero dos chefes das casas religiosas de matriz africana em razão de sua raça/cor, tem-se, inclusive, que os chefes das casas de religião de cor branca representavam 29,77% e os negros 56,71%, ao passo que 10,21% não declara a cor a que pertence, o restante dos 3,31% são distribuídos entre as raças amarelas e indígenas.

Tabela 3 – Gênero dos chefes das casas religiosas de Porto Alegre

Raça/Cor	Masc	%	Fem	%	Total	%
Amarela	0	0	9	0,0131	9	0,88%
Branca	123	36,07%	183	26,6%	306	29,77%
Indígena	10	2,93%	15	2,2%	25	2,43%
Parda	49	14,37%	98	14,3%	147	14,30%
Preta	121	35,48%	315	45,9%	436	42,41%
Não declarada	38	11,14%	67	9,8%	105	10,21%
Total	341	100,00%	687	100,0%	1028	100,00%

Fonte: Censo da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre (2008)

Outro dado extraído do censo da Secretaria da Cultura diz respeito à média de idade dos chefes religiosos que era de 53 anos. O sacerdote mais novo possuía 20 anos de idade e o chefe de terreiro mais velho 92 anos.

Neste momento, uma questão que surge com o propósito de descrever a conjuntura onde se situa o tema de pesquisa é de que, na percepção de Correa (2006), as manifestações culturais decorrentes dos rituais de batuque, independente de nação, acontecem para homenagear os orixás. E essas expressões se referem à uma herança cultural que, por muito tempo, vem sendo transmitida oralmente, de geração a geração, e que assegura aos seus herdeiros, um sentimento de pertencimento às suas origens culturais, sociais e raciais, além de retratar a forma como se relacionam com o ambiente em que vivem.

Nesse sentido, dirige-se para uma compreensão de que se trata de um Patrimônio Cultural Imaterial (PCI), sem contar que são nos terreiros que os seus participantes recebem esse legado, reproduzem-no e criam elementos culturais.

Então, neste ponto, fundamental trazer a reflexão da UNESCO, no que se refere ao patrimônio cultural, em especial, quando afirma que sua relevância não encontra amparo na manifestação cultural em si, mas reside no conjunto de habilidades e conhecimentos que se difundem com o passar do tempo, assim como no valor econômico e social dessa difusão de saberes que é atinente aos grupos sociais, sejam eles majoritários ou minoritários de um Estado (UNESCO, 2014).

Nessa concepção, o PCI se torna suscetível, pelo fato de que ele está em constante mudanças e proliferação de seus portadores, possui um fator significativo de conservação da diversidade cultural diante da crescente globalização, colaborando para a comunicação entre as culturas e promove o respeito com outros modos de vida (UNESCO, 2014).

Nesse contexto, com a intenção de mensurar esse patrimônio imaterial, a própria UNESCO realizou estudos através de seus investigadores de forma que criassem mecanismos para medição de bens culturais. Em se tratando de América Latina, o método empregado para valorizar o patrimônio cultural é efetivado através da utilização das CSC, o qual é liderado pelo CAB, organização que busca o fortalecimento dos processos de integração, constituição e desenvolvimento de um espaço cultural comum (CAB, 2009; 2015).

Atrela-se, a tudo isso, o fato de que o convênio estuda o campo cultural dos países latinos, os quais se baseiam na ideia *bourdieuniana* de campo (CAB, 2009; 2015). E na teoria concebida por Bourdieu (1989), o campo retrata um ambiente simbólico, em que as batalhas dos agentes delimitam, reconhecem, efetivam caracterizações. Trata-se do domínio simbólico. É determinada uma categorização daquilo que é pertinente, do que é compatível, do que integra ou não a um conjunto de princípios morais. No ambiente da arte, a batalha simbólica designa o que é erudito ou o que integra à indústria cultural. Estabelece, inclusive, quais princípios e ritos de exaltação às integram e como são planejados no interior de cada estrutura.

Para a avaliação de bens culturais, de acordo com o CAB (2015), são realizados estudos de impactos econômicos de forma frequente, com o propósito de avaliar a rentabilidade dos projetos de investimento ou de um determinado evento, os fluxos monetários de um setor específico da economia, e ainda, de um bem ou serviço determinado em uma área específica que pode ser desde um bairro, até o impacto total em nível global. Este tipo de impacto normalmente é analisado em termos de volume de vendas, valor agregado, riqueza, renda pessoal e emprego, sendo todos estes itens considerados medidas de bem-estar econômico gerado em uma área geográfica particular.

No que concerne as contas satélites, pode-se dizer que são instrumentos, os quais sistematizam informações sobre as atividades econômicas, relacionadas a determinados bens e serviços sobre determinadas áreas. São consideradas uma extensão do Sistema de Contas Nacionais (SCN) e sua criação tem como objetivo a expansão da capacidade de análise das Contas Nacionais.

No Brasil, existe essa sistematização para algumas áreas como por exemplo, o turismo e a saúde. O órgão encarregado de coletar, tabular e estruturar essas contas satélites é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No caso da cultura, desde o ano de 2004 que o IBGE vem avançando em uma base consistente e contínua

de informações e indicadores, mas não inclui nesse conjunto a parcela imaterial (IBGE, 2020).

Em se tratando de um PCI, essa conta satélite conteria, por exemplo, dados sobre emprego, investimentos e consumo. Isso, de certa forma, possibilita valorizar as diferenças na medida em que se possui informações acerca de um determinado grupo de atividades econômicas que integram uma determinada cultura.

Nesta perspectiva, entende-se importante indicar a relação existente entre economia e cultura que é extraordinariamente recente, o que, de certa forma, vem a despertar interesses de muitos estudiosos da área quando se trata de uma avaliação sob a perspectiva econômica. Sob esse viés está concatenada a contribuição da cultura em prol do bem-estar social, em especial, no que tange ao impacto econômico provocado, assim como pelo consumo de todo e qualquer tipo de bem e serviços inerentes.

Vecchiatti (2004), assegura que pensar na cultura como fator de desenvolvimento significa valorizar identidades individuais e coletivas, promovendo a coesão em comunidades, levando em consideração que as características da cultura podem ser um fator de crescimento em determinada região, face suas características serem a singularidade, o simbólico e o intangível. Nesse caso, diferentes agentes se envolvem com atividades e formações diversas, e, por sua vez, com resultados diferentes, entretanto, com potencial elevado em termos de desenvolvimento.

Em outro sentido, de tendência mais apreciativa e de tradição, a cultura representa um conjunto de valores, práticas comuns, atitudes, crenças, a qual é compartilhada por uma comunidade e, de certa forma, são imprescindíveis para o desempenho da economia da cultura, pois abrange eventos e atividades ligadas como música, teatro, literatura, artes visuais, cinema etc.

Uma vez realizada essa contextualização, na próxima seção, será apresentada a problemática de pesquisa, seus objetivos, assim como discorrida a sua relevância para a academia.

1.3. A problemática de pesquisa, os objetivos e a relevância para a academia

Inicia-se esta seção apresentando o problema de pesquisa, o qual foi formulado diante da contextualização trazida até aqui, como segue:

A problemática

Como se dão os impactos provocados pela Festa de Batuque para a classe trabalhadora de Porto Alegre?

Objetivo geral

O objetivo geral determinado é o seguinte: “Identificar como se dão os impactos provocados pela Festa de Batuque, para a classe trabalhadora de Porto Alegre/RS”.

Objetivos específicos

Com a intenção de perseguir o objetivo geral foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar os impactos provocados pela Festa de Batuque em Porto Alegre/RS;
- b) Averiguar o ciclo cultural da Festa de Batuque com base no modelo proposto pelo Convênio Andrés Bello, caracterizando a cadeia produtiva da Festa de Batuque;
- c) Mensurar o valor econômico da Festa de Batuque em Porto Alegre/RS, patrimônio cultural imaterial, utilizando modelos de valoração indireta praticados pelo Convênio Andrés Bello;
- d) Caracterizar um conjunto de informações culturais referente a Festa de Batuque com base no Guia Metodológico para o estabelecimento das Contas Satélites da Cultura estabelecido pelo Convênio Andrés Bello.

A Relevância

Uma vez definidos os objetivos específicos da pesquisa, importante referendar o porquê da Festa de Batuque ser considerada um PCI. Primeiramente, por apresentar características marcantes da memória social da cultura da religião e por se tratar de expressão cultural que possui um acervo de conhecimentos e técnicas,

as quais são difundidas de geração em geração. E, em um segundo momento, por estar em consonância ao defendido pela UNESCO. O que torna, então, desafiador buscar identificar como os impactos dessa manifestação ocorrem, uma vez que as definições de cultura são sempre muito amplas e abrangentes, além de divergirem bastante de uma sociedade para outra.

Nessa trilha, o patrimônio intangível foi conteúdo de discussão pela UNESCO (2003) e originou no surgimento da convenção para a sua salvaguarda, sendo que em seu artigo 2º foi estabelecida a concepção de patrimônio imaterial como sendo o conjunto de saberes tradicionais, os rituais, as festas, dentre outros. Isso forma o PCI do povo, razão pela qual a diversidade cultural é primordial para salientar as particularidades e riquezas de cada bem imaterial.

No que se refere às particularidades mencionadas pela UNESCO, pode-se citar o estabelecido por Molano (2006), a qual entende que uma de suas funções principais é a promoção da autoestima, sendo essa uma condição primordial para o desenvolvimento, seja ele pessoal ou coletivo. Afirma, inclusive, que a cultura está cada vez mais associada ao desenvolvimento, pois deixou de ser uma simples organização político-administrativa, para se tornar uma ferramenta que possui função social. A autora ainda destaca que, com o decorrer dos anos, o conceito de cultura deixou de ter um olhar puramente antropológico, para ter uma leitura transversal, a qual está relacionada com o desenvolvimento.

Diante desse relacionamento com o desenvolvimento é que se formatou a presente Tese de Doutorado em Desenvolvimento Regional a qual visualizou o território como um de seus núcleos de averiguação, o que, por si só, demonstraria sua importância e, acredita-se que a questão relevante cientificamente reside, justamente, em identificar como se dão os impactos que esse PCI provoca na classe trabalhadora. Pelo menos, outros quatro aspectos acessórios podem complementar a importância do estudo:

- a) O primeiro aspecto trata da aplicabilidade do método proposto para utilização no âmbito da América Latina que diz respeito à implantação de CSC, que segundo levantamento prévio realizado em trabalhos acadêmicos sobre a temática, nenhum foi reproduzido nessa abrangência e enfoque no Brasil. O que vem a se traduzir em uma nova experiência diante da inexistência de trabalhos nesse campo;
- b) Um segundo aspecto trata da demonstração da constituição do valor desse patrimônio intangível, visto que é decorrente da aplicabilidade de modelos utilizados

pelo CAB, que certamente irá revelar dúvidas e apresentar perspectivas de natureza singular, as quais poderão oferecer uma contribuição enriquecedora para a academia, através da identificação de informações que irão desenvolver novos conhecimentos sobre o assunto;

- c) O terceiro aspecto diz respeito às contribuições ao planejamento do desenvolvimento territorial na escala regional do RS, uma vez que as discussões trazidas por esta tese poderão influenciar a gestão territorial na tomada de decisão, com o propósito de melhorar as condições de vida do povo de terreiro;
- d) Por fim, o quarto aspecto que se traz para justificar o presente estudo, aponta como pressuposto o fato de que o Brasil é constituído por uma relevante diversidade em termos culturais e de miscigenação racial. Esses fatos propiciam a manutenção de privilégios, tendo em vista os valores pautados na hegemonia branca que produz e reproduz favorecimentos e acirra desigualdades. Neste contexto, a perspectiva intangível do patrimônio cultural revela sua importância em matéria de desenvolvimento.

Além desses aspectos acessórios trazidos, outra questão que se aponta como elemento que pode justificar a relevância social do presente estudo sobre essa cultura de matriz africana, registra-se as afirmações de Oro (1998), o qual menciona que a proliferação de terreiros, assim como a de diversos espaços religiosos populares, não acontece sem uma relação direta com a realidade social e a respectiva associação ao campo religioso. Que diante de um contexto ampliado, o RS padece as implicações de um projeto nacional de modernidade marcadamente centralizador que oportuniza o enobrecimento de poucos e o empobrecimento de muitos, intensificando as divergências sociais. Isto acarreta uma diminuição do poder aquisitivo e da qualidade de vida de grande parte da população, bem como o incremento dos problemas nas áreas que envolvem: saúde, educação, moradia, emprego, segurança, isto é, setores fundamentais na vida dos cidadãos.

Na ocasião, Oro (1998), destacava a frustração que passava o Estado para a resolução desses problemas, associando a não solução, inclusive, pelas instituições da sociedade civil, o que conduzia a população afetada na busca de alternativas resolutivas no campo religioso. Por essa razão, afirma-se que, de alguma forma, essa população possui uma visão sagrada do mundo, vinculando à religião a construção do seu universo simbólico, a demarcação da sua atuação comportamental e a resolução de suas dificuldades essenciais.

Novamente Oro (1998), declarava que na proporção em que o catolicismo ia perdendo sua eficácia e retrocedia seu poder na sociedade, a religião de matriz africana passava a ser uma das primeiras alternativas religiosas. Neste caso, os seus adeptos constataavam, basicamente, a cura de enfermidades e a satisfação das suas necessidades econômicas afetivas, fazendo com que, nesses casos, a eficácia simbólica se desse, na maioria das vezes, na impetuosidade com que se aplica a crença, no esforço da religião e nos poderes dos agentes religiosos.

Ainda sob a perspectiva da relevância social, pode-se afirmar, segundo Kliksberg (2002), que as inter-relações entre cultura e desenvolvimento são de toda ordem e envolvem diversos aspectos. Essas inter-relações são portadoras de valores em uma sociedade e recaem sobre os interesses do desenvolvimento. Nesse sentido, um dos aspectos que pode ser mencionado, diz respeito sobre a luta contra a pobreza, situação em que Kliksberg (2002) comenta ser a cultura um elemento-chave em que, para os pobres, seus valores próprios são a única coisa que possuem para esse enfrentamento. A cultura é, ainda, um fator decisivo de coesão social, pois as pessoas além de poderem se reconhecer de forma mútua, podem desenvolver uma autoestima coletiva.

Realizado o registro do problema, o objetivo geral e específicos, assim como a relevância da pesquisa, na próxima seção são apresentadas as etapas que compõem a tese.

1.4. As partes do todo

Esta última seção exhibe as partes que compõem a presente tese, estando estruturada em seis capítulos, conforme descrito a seguir. Neste primeiro capítulo, constam os aspectos introdutórios da tese, ou seja, uma breve apresentação da tese, a contextualização do tema, a problemática da pesquisa, indica, ainda, os objetivos que sulearam a construção dos textos em seus diferentes capítulos, além da relevância do tema. Por fim, revela a concepção estrutural da tese.

No capítulo segundo é realizada uma revisão da literatura que compreende a valoração do intangível e o desenvolvimento, através da demonstração dos respectivos conteúdos em sete seções. A primeira seção aborda o PCI e a sua contribuição para o desenvolvimento, enquanto a segunda seção trata da apresentação da organização internacional denominada Convênio Andrés Bello e o

seu entendimento sobre a valoração do intangível. A terceira seção traz uma discussão sobre a constituição das CSC, na medida em que, a quarta seção apresenta o guia metodológico estabelecido pelo CAB, para implementação das CSC. Na quinta seção são apresentados os modelos de valoração econômica empregados pelo CAB, ao passo que a sexta seção carrega os debates realizados sobre a mensuração do intangível e as CSC.

No capítulo terceiro é trazida à baila a temática que envolve a cultura, em especial, a herança cultural de matriz africana, cuja discussão foi realizada em cinco seções, sendo que a primeira seção debate sobre os negros no Brasil durante o período colonial aos dias atuais, seguido da segunda seção que trata da representatividade da cultura negra na cultura brasileira. Na terceira seção foi proposta uma discussão sobre o racismo epistemológico, institucional, cultural e religioso. Na sequência, discute-se na quarta seção sobre a Porto Alegre de matriz africana e é apresentado o campo afro religioso gaúcho. A quinta seção aborda sobre a Festa de Batuque em si. Por fim, na sexta seção, os caminhos metodológicos percorridos pela tese.

O quarto capítulo discute a dinâmica econômica da Festa de Batuque, fruto da coleta de dados realizada e apresentada em cinco seções, sendo que a primeira seção exhibe a cosmopercepção acerca da festa, enquanto a segunda seção discute sobre as entidades representativas dos terreiros. Na sequência é apresentada a terceira seção que retrata as percepções dos sacerdotes da religião de matriz africana em Porto Alegre, bem como traz informações sobre as unidades territoriais tradicionais (os terreiros). A quarta seção discute o comércio e a prestação de serviços envolvidos na Festa de Batuque seja ele de natureza formal e informal. Por fim, a última seção, a quinta, versa sobre as preferências dos consumidores desse patrimônio cultural.

O capítulo quinto explora a Festa de Batuque sob o viés do desenvolvimento, para isso, exterioriza o debate através de quatro seções. A primeira seção divulga os impactos provocados pela Festa de Batuque em Porto Alegre/RS. Na segunda seção é identificado o ciclo cultural dessa manifestação sob a ótica do CAB, retratando, inclusive, sua cadeia produtiva. Na terceira seção procurou-se mensurar o valor do patrimônio imaterial e, por fim, na quarta seção são propostos um conjunto de informações que auxiliaram a construir a CSC da Festa do Batuque de acordo com o preconizado pelo CAB.

Na sequência, são apresentadas no sexto capítulo, as conclusões contendo as principais considerações sobre cada capítulo desenvolvido, assim como os objetivos específicos são retomados, como forma de justificar o atendimento do objetivo geral. Além dessas observações, constam as contribuições da tese e as suas limitações. Na continuação, tem-se as Referências Bibliográficas e Apêndices.

2. A VALORAÇÃO DO INTANGÍVEL E O DESENVOLVIMENTO

O presente capítulo apresenta um conjunto teórico que suleia a forma como se tem demonstrado o valor do PCI no âmbito da América Latina, a partir dos pressupostos estabelecidos pelo CAB, sob a perspectiva do desenvolvimento.

Assim sendo, busca-se, na primeira seção, examinar questões que envolvem ações de desenvolvimento e que estejam relacionadas ao patrimônio intangível. Nesse contexto, são apresentadas informações, as quais procuram estabelecer uma relação entre o intangível e os seus reflexos para o desenvolvimento. Apresenta-se, inclusive, investigações de que o interesse sobre a temática que envolve a cultura imaterial vem aumentando nas últimas décadas e, com isso, possibilita diversas alternativas de debate.

A segunda seção debate as concepções teóricas que envolvem a valoração patrimonial conforme estabelecido pelo CAB, sendo seguido, na terceira seção, das CSC, as quais se revelam como instrumentos que possibilitam quantificar a proporção e a relevância da cultura na economia, fornecendo informações a respeito da estrutura de produção das atividades, bem como de empregos relacionadas à cultura. Além do objeto de estudo das CSC, inclusive, são realizadas discussões sobre a segmentação do seu campo cultural.

Na próxima seção, a quarta, estão contempladas argumentações referentes ao guia metodológico utilizado pelo CAB para o estabelecimento de CSC. Na quinta seção são abordados os modelos de valoração econômica utilizados pela organização intergovernamental Andrés Bello, como forma de mensurar os patrimônios culturais imateriais, sendo utilizados os modelos de preferências reveladas e declaradas. Enquanto que, na sexta seção, dirige-se às discussões realizadas na atualidade, assim como traz as experiências internacionais das CSC e como estas se portam no Brasil.

2.1. O intangível e o desenvolvimento

Pretende-se, nesta seção, contribuir para a interpretação e dar visibilidade a um patrimônio imaterial periférico no debate público, mas de relevância para a identidade e o pertencimento de uma parcela significativa da população e que se expande, inclusive, para o exterior. Nesse contexto, esta seção pretende discorrer sobre o

enfoque internacional que aborda o PCI, bem como o enfoque brasileiro referente ao tema.

A perspectiva global e histórica do PCI

No plano internacional, a concepção de PCI foi proposta pela UNESCO, organização que trata a questão como sendo um conjunto de representações de vida e tradições em que comunidades, grupos e indivíduos em todas as partes do globo terrestre, recebem de seus antepassados e transmitem seus conhecimentos auferidos a seus descendentes. A organização ainda entende que, muito embora existam tentativas de manutenção de um senso de identificação e de seguimento, este patrimônio é particularmente frágil, uma vez que se encontra em ininterruptos processos de transformação e proliferação de seus portadores (UNESCO, 2015).

Essa fragilidade encontrada nas representações de vida possui sua origem nas mudanças comportamentais que acontecem na atualidade de forma veloz, surgindo à necessidade de se obter informações sobre determinadas tradições, as quais dão condição à existência das mais variadas comunidades, grupos e indivíduos, pois estes são partes integrantes da sociedade e desempenham funções sociais importantes e legítimas. Esses patrimônios são reinventados de forma coletiva e modificados ao longo dos anos. A essa fração imaterial da herança cultural de um povo, atribui-se a designação de PCI (UNESCO, 2018).

Essa herança cultural, para muitos, em especial, as minorias étnicas, é a motivação de identidade e transportam a sua própria memória, seus valores, formas de pensar, hábitos e costumes com reflexos nas tradições orais entre outras manifestações culturais que contemplam o fundamento da vida em comunidade. Em um universo de constantes interações de natureza global, o fortalecimento das culturas populares e tradicionais sustenta a manutenção das desigualdades culturais entre as nações, etnias, comunidades, colaborando para o atingimento de um mundo diversificado (UNESCO, 2019).

Nesse contexto, encaixa-se um debate sobre a importância do acesso universal à informação como uma norma de adequação social e política do PCI, além de servir de dispositivo eficaz para o desenvolvimento regional (UNESCO, 2019).

Em termos de desenvolvimento, pode-se afirmar que se trata de uma temática que possui uma perspectiva interdisciplinar e está fundamentada em diversos campos

disciplinares como, por exemplo, a identidade e a cultura. Conhecer a identidade cultural de uma região, de um povo, de uma comunidade requer que a população tenha ao seu alcance a educação, o que permitirá o acesso dessa população a experiências e conhecimentos, com foco em propostas a serem escolhidas diante da sua identificação, uma vez que, pelo que se percebe, a valorização da identidade cultural é um instrumento substancial ao desenvolvimento.

Por outro lado, o reconhecimento internacional que trata sobre a relevância desse intangível para a humanidade, em especial, no que tange a matéria que envolve a cultura e a sua importância para o desenvolvimento das sociedades, vem sendo tratada, ao longo dos tempos, em várias convenções da UNESCO. O que contribuiu para que as políticas de desenvolvimento da Comunidade Europeia, assim como as recomendações das agências internacionais como a própria UNESCO e o Banco Mundial, tratem a cultura como um elemento indispensável para o desenvolvimento das atividades econômicas ligadas a qualidade de vida urbana (UNESCO, 2019).

Essas convenções formam um conjunto normativo que oferece um enorme leque de opções para o desenvolvimento, assim como para a aplicação de políticas nacionais voltadas para uma melhora na qualidade de vida, na gestão do patrimônio cultural, na promoção da diversidade cultural, entre outros. Nesse sentido, procura-se apresentar esse conjunto de normas conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Convenções da Unesco que envolvem a cultura

Ano	Convenção	Objeto
1952	Convenção Universal sobre Direito de Autor	Essa convenção estabelece que cada um dos Estados Partes compromete-se em tomar todas as medidas necessárias para a proteção suficiente e efetiva dos direitos autorais (ou de quaisquer outros titulares destes direitos) sobre obras literárias, científicas e artísticas, como obras musicais, dramáticas e cinematográficas e de pintura, gravura e escultura.
1954	Convenção para proteção de bens culturais em caso de conflito armado	foi o primeiro tratado internacional destinado à proteção do patrimônio cultural no contexto da guerra e que colocou de relevo o conceito de patrimônio comum levando à criação do Comitê Internacional do Escudo Azul (ICBS). Este comitê estabeleceu o símbolo do Escudo Azul para identificar os bens culturais protegidos em caso de conflito armado
1970	Convenção relativa às medidas a adotar para proibir e impedir a importação, a exportação e a transferência ilícitas da propriedade de bens culturais	Desde o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, os furtos aumentavam gradativamente, tanto em museus e em sítios arqueológicos, uma vez que colecionadores particulares e, muitas vezes as instituições oficiais, recebiam propostas para recebimento de obras de origem ilícita.
1972	Convenção do patrimônio mundial, cultural e natural	Essa convenção tem por objetivo promover a identificação, a proteção e a preservação do patrimônio cultural e natural tido como especialmente valioso para a humanidade.

2001	Convenção sobre a proteção do patrimônio cultural subaquático	Essa convenção é um instrumento dirigido a todos os territórios marítimos e tem o papel de proteção legal ao patrimônio subaquático, e proíbe a ilícita recolha de artefatos existentes no fundo do mar, bem como seu tráfico.
2003	Convenção para a salvaguarda do PCI	O objetivo principal dessa convenção é salvaguardar os usos, as representações, as expressões, os conhecimentos e as técnicas de comunidades, grupos e, em alguns casos, indivíduos que são reconhecidos como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio imaterial se pode manifestar em âmbitos tais como tradições orais, artes do espetáculo, usos sociais, ritos, atos festivos, conhecimentos e práticas que guardam relação com a natureza e o universo.
2005	Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais	Seu objetivo é garantir aos artistas, profissionais da cultura e cidadãos de todo o mundo a possibilidade de criar, produzir, difundir e desfrutar de um vasto leque de bens culturais, serviços e atividades, incluídas as próprias. Reconhece a natureza específica dos bens culturais, serviços e atividades que são veículos de identidade, de valores e de significado. Apesar dos bens culturais, serviços e atividades tenham um valor econômico notável, não são mercadorias ou bens de consumo que devam ser considerados meros objetos de comércio.
2015	Recomendação sobre Museus e Coleções	É uma recomendação que assinala a importância da proteção dos museus e coleções como elemento chave para obter um desenvolvimento sustentável, especialmente pelo papel que jogam na preservação e proteção do patrimônio, a proteção e promoção da diversidade cultural, a transmissão do conhecimento científico, o desenvolvimento da política educativa, a coesão social.

Fonte: UNESCO (2016)

Observa-se do Quadro 1, um número de oito instrumentos normativos vinculados à cultura e, não se versa de simples tratados internacionais, se está diante de ferramentas que possuem o propósito de contribuir para o desenvolvimento. Importante mencionar, que esses instrumentos normativos foram aprovados e representam uma referência no percurso da UNESCO. Pode-se perceber do quadro em questão que essas convenções, com o passar do tempo, foram ampliando o entendimento sobre patrimônio, o que permitiu a incorporação de conteúdos que possuem valores identitários, os quais não eram antes considerados.

Frisa-se o papel relevante da UNESCO ao editar esses instrumentos normativos internacionais, com o propósito de proteger ao Patrimônio Cultural Mundial, uma vez que esses dispositivos buscam mitigar os conflitos centralizados entre aquelas culturas marginais ameaçadas e os representantes portadores de visão dominante sobre o desenvolvimento.

O contexto brasileiro sobre o PCI

No contexto brasileiro, diante de uma conjuntura dilatada, Celso Furtado é reconhecido como um grande economista e integra a história do Brasil por ter proporcionado e colaborado com o debate sobre o desenvolvimento, entretanto, suas reflexões no campo da cultura ainda são pouco exploradas. Apesar de ter destinado uma parcela considerável de sua obra teórica para construir uma acepção sobre a relação da cultura e o desenvolvimento.

Assim sendo, avaliando a produção teórica de Celso Furtado, observa-se que a sua primeira grande discussão proferida sobre a vinculação da cultura e o desenvolvimento surgiu na obra “Dialética do Desenvolvimento”, do ano de 1964. Na ocasião, defendia que fossem recompostas as ligações de reciprocidade de forma a conceber a cultura como um sistema, uma vez que através do pensamento dialético a caracterização do todo não pode ser elucidada pela simples análise individualizada de suas partes (FURTADO, 1964).

Na percepção de Silva e Barros (2014), foi a partir dos meados dos anos 1970 que Furtado passou a abordar a necessidade de incorporação da dimensão cultural na teorização sobre o desenvolvimento.

Nesse contexto, é que Furtado deu início à uma série de obras em que a relação cultura e desenvolvimento passa a ser discutida e, por conseguinte, compreendida. Na obra denominada “O Mito do Desenvolvimento Econômico”, do ano de 1974, seus esclarecimentos contribuíram para a compreensão dos conceitos de modernização e de dependência cultural. Sendo que, no caso da modernização, foi explicada como sendo um processo de acolhimento de paradigmas de consumo sem que houvesse um processo de acumulação de capital, acarretando um aperfeiçoamento nas técnicas de produção. Por sua vez, a dependência cultural, ele justificava que se tratava da ambição dos países periféricos em reeditar os modos de vida, assim como os produtos consumidos e as respectivas formas de produção, não sendo consideradas exclusivamente uma questão tecnológica (FURTADO, 1974).

É nesse contexto que Furtado (1984) tratou a cultura como um dos pilares do desenvolvimento, visto que ele ampliou a noção de políticas culturais, uma vez que ele pressupunha que para possuir credibilidade, deveria contemplar uma política econômica e social que fosse capaz de assegurar o emprego, o crescimento da economia e a satisfação das necessidades básicas da população.

Ao estipular uma identificação esclarecedora da cultura e o desenvolvimento, Furtado buscava articular de forma harmoniosa os diversos integrantes do todo social, assim como a sua dinâmica. Essa concepção se constituiu como pilar para a composição de alternativas de desenvolvimento (RODRÍGUEZ, 2009).

Neste ponto, importante ir ao encontro das contribuições de Pierre Bourdieu que compreende a cultura como um espaço onde ocorrem lutas concorrenciais, a qual possui como objetivo a transformação ou conservação das relações de forças ali existentes. Bourdieu sinaliza sobre a inseparabilidade da conexão entre os “campos” e os “*habitus*” (BRANDÃO, 2010).

Para Bourdieu o “*habitus*” consiste em um saber agir compreendido pelo agente na sua inclusão em um campo estipulado. Os campos são estruturados de diversas formas e independentes entre si. São definidos por meio de uma racionalidade de funcionamento que organizam as variadas relações que nele ocorrem, estabelecendo os propósitos que devem ser alcançados para que os agentes possam fixar ou acrescerem posições concernentes a luta concorrencial existente naquele espaço (BRANDÃO, 2010).

Nesse contexto, pode-se afirmar que Festa de Batuque passa a ser compreendida como um campo, em que lutas concorrenciais acontecem. Em outras palavras, pode ser considerada como um dos antagonismos à agressão simbólica praticada pela sociedade envolvente sobre os africanos e seus descendentes, que com o final da escravidão, migraram para a capital vindos da região de charqueadas, em busca de trabalho.

Os africanos e seus descendentes foram os disseminadores do Batuque entre a classe dos operários, fazendo de Porto Alegre o centro difusor dessa cultura, a qual se revelou arrojada face a capacidade de adaptação aos novos tempos e novos espaços culturais rompendo a barreira da etnicidade, assim como resistindo ao avanço da intolerância.

E, na perspectiva de compreender quais as contribuições do PCI para o desenvolvimento, acredita-se importante mencionar, que durante muito tempo, essa concepção esteve vinculada ao crescimento econômico. Entretanto, percebeu-se que o simples crescimento não acarretava, obrigatoriamente, um progresso no bem-estar da população, razão pela qual, na percepção de Alem (2017), estudos sobre desenvolvimento iniciaram a compor outros fatores e questões em suas análises,

principalmente a partir de 1960, momento em que a cultura passou a ser um tema frequente na discussão acadêmica e política sobre o desenvolvimento.

Essas afirmações vêm ao encontro do que foi estabelecido por Valiati (2018), quando este informa que foi a partir de 1960 que a cultura passou a ser percebida de forma ampla e começou a interessar as instituições internacionais com atuação nas mais diversas áreas. É lógico que debates acerca do valor da cultura são longos e variados, mas só nas últimas décadas prevaleceu um tratamento que favorece dados econômicos.

Essa discussão referente ao valor cultural tem se avolumado nas últimas décadas e, segundo Crossick (2018), tem se originado da compreensão das deficiências de uma abordagem cujo cerne se limitasse as métricas econômicas e estatísticas. Essas deficiências, entretanto, provocam questionamentos de natureza técnica, mas, o que é ainda mais relevante, elas refletem na forma de reproduzir sobre o valor cultural, assim como de capturá-lo.

De outro modo, em períodos de mudança, é necessária a ampliação da discussão sobre o desenvolvimento para desfrutar a influência progressista concernente à cultura. Reconhecer e apoiar a diversidade cultural auxilia no combate à miserabilidade. A cultura tem uma relevância social e econômica e, diante disto, é capaz de reunir, conceber uma riqueza financeira e gerar empregos. O emprego de recursos na indústria cultural pode cooperar sim, na retomada do progresso de um país. Torna-se imperioso aproveitar o momento de baixa da economia para pensar em instrumentos mais eficazes e modernos de estímulo, incentivo e facilitação do investimento em cultura.

Uma das comprovações que pode ser trazida nesse momento é um estudo realizado pela Fundação Getúlio Vargas – FGV pleiteado pelo Ministério da Cultura – MinC, o qual apurou que para cada R\$ 1,00 investido em arte e cultura R\$ 13,00 ingressavam na economia por meio de uma movimentação de uma vasta cadeia produtiva, que refletia em renda, empregos e impostos (FGV, 2018; TRIBUNA DO NORTE, 2019).

Neste sentido, acredita-se que através da cultura se possa desenvolver temas como: melhoria das condições de vida, preservação do meio ambiente, o que se torna como uma forma de valorizar as diferenças. Mencionar que as culturas fazem parte do patrimônio da humanidade implica considerar a diversidade enquanto um valor,

extensivo a um elevado número de indivíduos, o qual deve ser cultivado e respeitado (ORTIZ, 2008).

No território brasileiro a conservação e manutenção do patrimônio cultural é coordenada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e, segundo essa autarquia federal, o PCI é frequentemente reinventado pelas comunidades em razão de seu ambiente. A integração com a natureza e a sua história, passa a criar um sentimento de identidade e continuidade, propiciando a promoção do respeito às desigualdades culturais e à criatividade humana, sendo repassado de geração a geração (IPHAN, 2018).

Em outras palavras, o IPHAN atribui ao patrimônio imaterial como sendo um conjunto de práticas, técnicas, representações, expressões e conhecimentos, assim como um conjunto com artefatos, objetos, instrumentos e locais culturais que lhes estão afetos, sendo que as comunidades identificam como fração componente de seu Patrimônio Cultural (IPHAN, 2018).

Uma das formas de preservar o patrimônio cultural é através do fortalecimento e promoção da visibilidade de referências culturais de grupos sociais em sua diversidade e multiplicidade. Trata-se de uma forma de promover a apropriação simbólica, assim como do uso do patrimônio para a sua preservação, bem como, para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país (IPHAN, 2006).

Com a intenção de fazer, de fato, com que o patrimônio imaterial seja visto como um instrumento que pode contribuir para o desenvolvimento de uma região, o IPHAN, criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) através do decreto nº 3551 do ano de 2000, com o propósito de alavancar projetos que possam identificar, salvaguardar, reconhecer e promover a perspectiva imaterial do patrimônio cultural. Entre suas orientações, sobressaem-se: (a) a promoção da inclusão social, assim como propiciar uma melhora nas formas de preservar o patrimônio cultural; (b) a promoção do bem-estar dos agentes produtores e possuidores do PCI; (c) a ampliação da participação dos grupos que criam, difundem e modificam expressões culturais de característica imaterial nos projetos de conservação, manutenção e de valorização do patrimônio; e (d) a promoção e a conservação do PCI por meio do apoio às circunstâncias materiais que viabilizam sua existência, bem como pelo aumento do acesso aos incentivos alcançados por meio dessa conservação (IPHAN, 2016, 2019).

Com vistas a avaliação do PNPI, tem-se os investimentos realizados pelo Governo no período compreendido entre 2000 e 2015, identificou-se um valor de R\$ 9.061.562,63 (nove milhões, sessenta e um mil, quinhentos e sessenta e dois reais e sessenta e três centavos). A finalidade desses valores repassados pelo programa era a contribuição para a preservação, promoção e valorização da diversidade étnica, cultural e linguística do país, assim como para a dissipação de informações sobre o patrimônio cultural imaterial brasileiro, sendo os valores distribuídos ao longo dos anos, conforme o transcrito na Tabela 4:

Tabela 4 – Valores disponibilizados pelo PNPI

nº	Ano	R\$ Disponibilizados pelo PNPI
1	2005	R\$ 630.525,74
2	2006	R\$ 512.388,33
3	2007	R\$ 847.150,61
4	2008	R\$ 581.800,15
5	2009	R\$ 1.236.742,40
6	2010	R\$ 827.079,00
7	2011	R\$ 1.021.215,40
8	2012	R\$ 1.034.666,00
9	2013	R\$ 509.995,00
10	2014	R\$ 840.000,00
11	2015	R\$ 1.020.000,00
Total		R\$ 9.061.562,63

Fonte: IPHAN – PNPI - Volumes I e II Brasília, 2016.

Da Tabela 4, pode-se extrair que a média anual de recursos investidos no período de 11 (onze) anos pelo IPHAN foi de R\$ 823.778,42, sendo que o valor mínimo investido importou em R\$ 509.995,00, no ano de 2013, enquanto o valor máximo ocorreu no ano de 2009, importando R\$ 1.236.742,40.

Nesse período, o IPHAN fomentou a realização de 75 (setenta e cinco) projetos, através da celebração de convênios, os quais tiveram como propósito a promoção, a valorização e, sobretudo, a transmissão de saberes em comunidades detentoras de bens culturais imateriais trabalhados nos projetos.

Diante da contextualização trazida nessa seção, se identifica o PCI como uma oportunidade para a prática de ações de desenvolvimento, em especial, com o propósito de geração de renda, bem-estar e melhorias diversas. Na próxima seção será apresentada a instituição Convênio Andrés Bello, assim como a sua interpretação para a valorização do PCI.

2.2. O CAB e a valoração do PCI

Esta seção tem por objetivo apresentar o CAB, assim como o entendimento que a organização possui sobre a valoração do PCI.

O CAB

Nos anos 1970 e 1980, os países latino-americanos estavam apreensivos em querer conhecer as contribuições da cultura para as economias nacionais. Várias metodologias foram projetadas com o propósito de demonstrarem essas contribuições econômicas, tanto de bens como dos serviços culturais para o desenvolvimento. Foi nesse sentido que o CAB começou a desenvolver um documento que seria uma cooperação para as métricas realizadas e praticado pelos países da região.

O CAB foi concebido como uma organização intergovernamental, com personalidade jurídica internacional, criado em 31 de janeiro de 1970, na cidade de Bogotá, na Colômbia, com o propósito de promover a integração cultural para os países da América Latina. Inicialmente, o convênio foi firmado pelos Ministros da Educação das seguintes nações: Colômbia, Bolívia, Venezuela, Chile, Equador e Peru. A integração cultural em um sentido amplo, sob a perspectiva da convenção, inclui, não apenas a identidade cultural, mas também os campos da educação, ciência e tecnologia (CAB, 2009; 2015; 2019). No tocante a sua estrutura organizacional o CAB está representado conforme Figura 1.

Figura 1 – Estrutura organizacional do CAB



Fonte: Convênio Andrés Bello (CAB, 2019-A)

A estrutura organizacional do CAB, demonstrada na Figura 1, está prevista na Resolução nº 05/90, faz referência ao tratado de organização do Convênio Andrés Bello, a qual procura integrar questões de natureza científica, tecnológica, educativa e cultural dos países da América Latina. A resolução em questão traz a Reunião de Ministros do Convênio Andrés Bello (REMECAB) que é representada pelos Ministros da Educação dos Estados Membros a qual é considerada a estrutura plenária de administração.

O Comitê Consultivo Principal (CAP), órgão auxiliar da reunião de ministros e tem como função o relato da agenda e as propostas que são originadas nos encontros, bem como avaliar periodicamente o cumprimento das decisões proferidas. Esse comitê é composto por Secretários Nacionais ou por representantes que o ministro de cada país integrante designar.

As Comissões Técnicas, por sua vez, possuem como objetivo a formulação e a avaliação de projetos nas respectivas áreas, os quais serão apresentados nas reuniões da REMECAB para aprovação, após as considerações realizadas pelo Comitê Consultivo Principal. Um especialista de cada área (educação, cultura e ciência e tecnologia), de cada estado membro, integram as Comissões Técnicas (CAB, 1990).

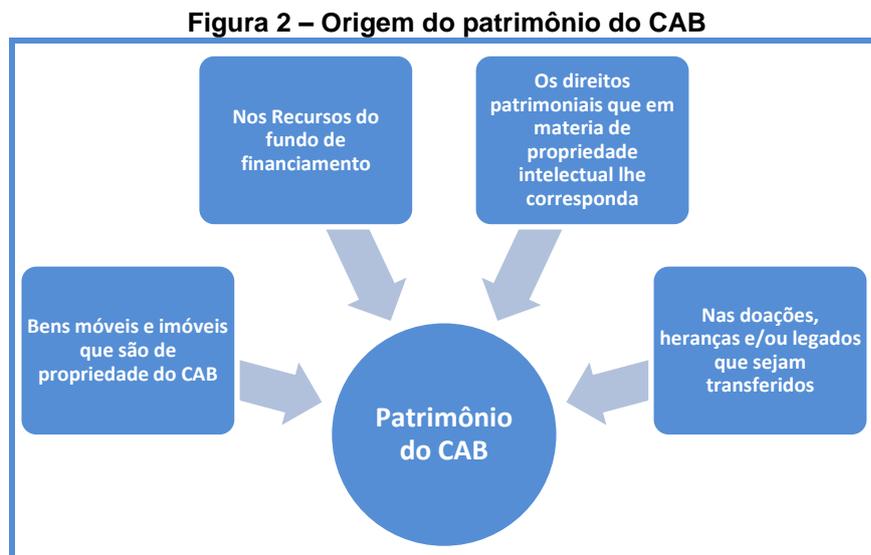
As Secretarias Nacionais são os órgãos responsáveis pela coordenação e ligação com o CAB, além de contribuir com a Secretaria Executiva para a articulação e monitoramento de todas as atividades da organização no respectivo país. As Secretarias Nacionais são compostas pelo Ministro da Educação, que é seu presidente, e pelo Secretário Nacional que é por este designado.

O órgão executivo e de administração é a Secretaria Executiva (SECAB), a qual se responsabiliza pelo correto cumprimento e demais obrigações do CAB, podendo, inclusive, concluir acordos com os estados membros, com aprovação prévia do REMECAB, sendo os órgãos executores os Institutos Internacionais Especializados. Entre os institutos especializados tem-se: (a) *Instituto Internacional de Integración – (III – CAB)*; (b) *Instituto Iberoamericano de Patrimonio Material y Cultural*; e (c) *Instituto de Transferencia de Tecnologías Apropriadas para Sectores Marginales (ITACAB)* (CAB, 1990).

Os esforços empregados pelo CAB, concentram-se na geração e fortalecimento da área de cultura de seus países membros, no desenvolvimento de metodologias de pesquisa, elaboração de estudos setoriais e espaços de análises em torno de novas

dimensões da cultura, através das quais progride nos processos de integração e construção de um espaço cultural comum na diversidade, que favoreça o desenvolvimento humano sustentável com o propósito de promover o multiculturalismo. Procura aumentar a capacidade técnica dos países membros, principalmente, em matéria de patrimônio, cultura e desenvolvimento, direitos culturais e legislação cultural, com o propósito de construir bases sólidas e permanentes. E, sobre as quais, construir verdadeiros processos de integração (CAB, 2009, 2015)

Depois de demonstrada a hierarquia organizacional do Convênio, em conformidade a Resolução nº 06, datada de 23 de agosto de 2019, procura-se demonstrar a formação do patrimônio do CAB, o qual possui como origem, o exposto na Figura 2.



Fonte: elaborado pelo autor com base na Resolução nº 06/2019 – CAB (2019)

Observa-se da Figura 2 que a composição do Patrimônio do CAB integra quatro itens. De acordo com a Resolução 06/2019 são os bens móveis e imóveis de sua propriedade, assim como os recursos recebidos do fundo de financiamento, além dos direitos patrimoniais oriundos da propriedade intelectual dos trabalhos desenvolvidos pela instituição e as doações e/ou heranças recebidas.

O CAB é mantido pelos países membros, sendo que o Brasil é um dos poucos países da América do Sul que não participa do Convênio. De acordo com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), o Brasil foi convidado a integrar a entidade, no ano de 2003, uma vez que, à época, havia estabelecido uma política internacional que tinha como prioridade o fortalecimento do Mercosul e, o CAB entendia que através da

educação, que é um dos pilares do Convênio, poderia ser uma ferramenta para que isso ocorresse. O ingresso do Brasil ocorreria se fosse feito um aporte de US\$ 1,6 milhão no fundo de financiamento da instituição com o propósito de custear ações do CAB, como por exemplo: projetos, bolsas e intercâmbios estudantis (EBC, 2003).

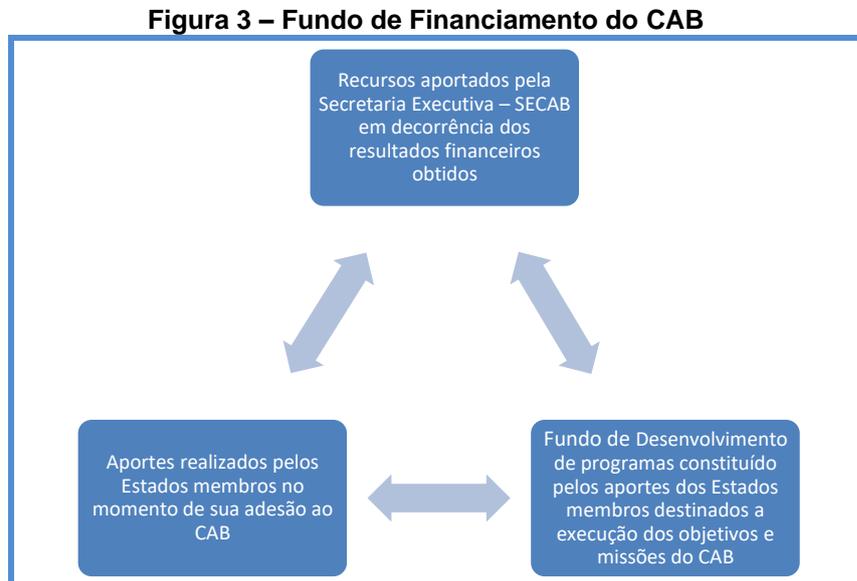
Talvez uma das razões para o desconhecimento do nome da organização no debate nacional, esteja vinculada ao fato do Brasil não fazer parte do Convênio. Entretanto, o Brasil vem realizando esforços no sentido de adaptar estudos realizados pelo CAB. Nesse contexto, pode-se registrar que desde o ano de 2004, que o Ministério da Cultura, em conjunto com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), vem avançando no processo de construção de uma estrutura substancial e constante de um conjunto de indicadores e informações relativas à cultura, oferecendo aos interessados recursos para a realização de exames mais complexos.

Para isso, o IBGE desenvolveu e publicou o Sistema de Informações e Indicadores Culturais (SIIC), o qual disponibiliza um conjunto de concepções metodológicas, em que realça a caracterização e classificação das atividades econômicas vinculadas à cultura e a sua correlação com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – (CNAE 2.0), anunciando, ainda, as peculiaridades das pesquisas empregadas como referência de informação, além de examinar os indicadores estabelecidos para o delineamento desse setor produtivo sob vários aspectos. Destaca-se o fato de que já se está na sua quarta edição e os dados apresentados trazem suas informações iniciais datadas de 2007 (IBGE-SIIC, 2019).

Outra questão relevante sobre as informações culturais brasileiras é de que o Ministério da Cultura constituiu um grupo de estudos vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com o propósito de investigar a economia da cultura, tendo como objetivo a compreensão da conjuntura contemporânea da indústria cultural, distinguindo seus limites e potencialidades.

Por outro lado, ainda que ausente do acordo coordenado pelo CAB, no ano de 2015, o Brasil promoveu, através do Ministério da Cultura, o Seminário Latino-Americano de Informações e Indicadores Culturais, por entender que as informações e indicadores culturais são primordiais para o acompanhamento, assim como para a construção de contas satélites para medir o comportamento da cultura no desenvolvimento econômico dos países (IBGE-SIIC, 2019).

No tocante ao fundo de financiamento do CAB, conforme estabelece a Resolução nº 06, datada de 23 de agosto de 2019, é constituído conforme demonstrado na Figura 3, a seguir:



Fonte: elaborado pelo autor com base na Resolução nº 06/2019 – CAB (2019)

Observa-se da Figura 3, que o financiamento do convênio se dá pelos aportes dos estados membros por ocasião da sua adesão, pelos recursos provenientes dos resultados financeiros obtidos, assim como através dos recursos oriundos dos aportes destinados a execução dos objetivos e missões do CAB.

Neste ponto, importante mencionar que a ideia de estudar o campo cultural baseia-se no fato de que se procura realizar a medição econômica das atividades humanas e produtos derivados, cuja razão de ser consiste na criação, produção, difusão, recepção/transmissão e apropriação de conteúdos simbólicos relacionados com as artes e o patrimônio cultural imaterial.

Na perspectiva que versa sobre a conservação de bens culturais, na visão do CAB, vários são os desafios existentes no campo da aplicação de conhecimentos, os que mais se destacam podem ser visualizados na Figura 4, a seguir:

Figura 4 – Desafios na busca de conhecimentos e conservação da cultura



Fonte: elaborado pelo autor com base no CAB (2015)

Entre os desafios mencionados pelo CAB e constantes na Figura 4, podem ser referidos a apropriação social do patrimônio, a preservação da destruição intencional do patrimônio e a respectiva valoração do patrimônio imaterial em um mundo globalizado, sendo que este último possui um valor que extrapola a relevância econômica, pois se relaciona a um valor ancestral, em uma combinação de sentimento e religião. O que propicia, de certa forma, que o indicador monetário auxilie na compreensão dos atores envolvidos, uma vez que possibilita entender os reflexos dos diferentes significados atribuídos ao PCI.

Não obstante, na busca de que seus resultados contribuam para um desenvolvimento equânime e sustentável dos países que o integram, o CAB ainda busca produzir unanimidades, além de possuir como atribuição a de propiciar a robustez dos procedimentos que envolvam a incorporação e a estruturação e desenvolvimento de um espaço cultural comum (CAB, 2009; 2015).

Nesse sentido, como forma de atender aos seus eixos temáticos a organização intergovernamental fixou seu marco programático, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Marco programático dos eixos temáticos

Eixo temático	Marco programático
Educação	A promoção de projetos educacionais voltados para a integração
Ciência e Tecnologia	O estímulo ao desenvolvimento de modelos científico-tecnológicos que desenvolvam criatividade
Cultura	O fomento de políticas culturais que estimulem a criatividade dos povos e atividade de salvaguarda e de defesa do patrimônio cultural.

Fonte: Adaptado pelo autor do CAB (2015)

Especificamente, no campo da cultura, o CAB (2015) considera esse eixo como um componente determinante da ideia de desenvolvimento dos países latino-americanos, impulsionado pelas considerações de natureza econômica e social, mas também pela necessidade de reivindicar autonomia e a validade do próprio pensamento. O CAB traz, de forma embrionária, a doutrina da cooperação regional, através da busca pela união dos países que o integram por intermédio da utilização das potencialidades culturais, científicas e educacionais, atendendo a acordos e a efetivação de atividades que favoreçam o desenvolvimento dos países participantes.

Atualmente, a formação do CAB está assim composta: (a) no caso da América do Sul os integrantes são a Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela; (b) na América Central os países integrantes estão assim relacionados, Cuba, México, Panamá e República Dominicana; (c) mais a Espanha. Sob a perspectiva cultural, o CAB trabalha para fortalecer o espaço cultural ibero-americano, através do desenvolvimento de metodologias de pesquisa, a elaboração de estudos setoriais e a geração de espaços de reflexão e análise sobre o patrimônio artístico e cultural (CAB, 2019-A).

Ao enfatizar a questão cultural, aponta-se os dois grandes programas desenvolvidos pelo CAB nessa área específica, a saber:

- Somos Patrimônio
- Políticas e Economias Culturais

Esses programas estão descritos no Quadro 3, com os seus respectivos projetos integrantes do eixo da cultura.

Quadro 3 – Programas que atendem ao eixo da cultura

Eixo	Programa	Níveis de desenvolvimento/Projetos
Cultura	Somos Patrimônio	Prêmio Somos Patrimônio
		Registro e Catalogação do Patrimônio Cultural
		Cartografia da Memória
	Políticas e Economias	Economia e Cultura
		Legislação e Direitos Culturais

Fonte: Adaptado pelo autor do CAB (2015)

O programa “Somos Patrimônio” busca aplicar a efetivação de políticas voltadas para a proteção e conservação do patrimônio, seja ele natural ou cultural, sustentado na percepção de que essa atividade contribui para a conservação da identidade

cultural e para a edificação e união da nação. As especificidades dos projetos integrantes do programa estão descritas no Quadro 4.

Quadro 4 – Níveis de desenvolvimento de Projetos - Programa Somos Patrimônio

Projetos	Níveis de desenvolvimento
Prêmio Somos Patrimônio	O objetivo é difundir e valorizar a noção de patrimônio através do reconhecimento de experiências que potencializem a promoção e valorização do patrimônio cultural
Registro e catalogação do Patrimônio Cultural	É atividade que se centrou na realização de Seminários sobre os desafios do registro do patrimônio cultural, sendo discutidos, pelos países membros do CAB, temas que gravitam em torno da tarefa do registro do patrimônio cultural;
Cartografia da memória	Tem por propósito promover, de forma interdisciplinar, a recuperação, a investigação e a valorização do patrimônio cultural imaterial, elegendo como eixo principal as festas tradicionais e populares.

Fonte: elaborado pelo autor com base no CAB (2009)

No caso do programa Políticas e Economias, tem por objetivo dar suporte para a performance do CAB no campo cultural, através da concepção de políticas culturais que procurem observar as carências e especificidades culturais da Ibero-América. Os projetos que integram esse programa e vêm sendo executados pelo CAB, são os seguintes:

- a) Economia e Cultura: esse projeto tem o propósito de realizar estudos voltados à criação de recursos econômicos que envolvem as atividades culturais em diferentes países, buscando contribuir no relacionamento entre economia e cultura, no tocante a construção de indicadores comparativos que possam medir quantitativa e qualitativamente os efeitos da atividade cultural, em vários setores. O projeto busca, inclusive, identificar propostas relacionadas às indústrias culturais associadas a diversas iniciativas de integração, bem como ferramentas que fortaleçam as micros, pequenas e médias empresas culturais, o sistema de crédito para o setor cultural e a possibilidade de convertê-lo em uma conta do Estado de cada país. Com isso, se espera que os resultados das atividades econômicas da cultura sejam refletidos não apenas nas estatísticas econômicas dos países, mas no Produto Interno Bruto (PIB).
- b) Legislação e Direitos Culturais: este projeto atua na seleção de toda a gama de normativas culturais dos países integrantes a contar do começo do século XX.

O entendimento do CAB sobre a valoração do PCI

Uma vez apresentado o CAB, tenciona-se descrever o seu entendimento sobre a valoração do PCI. Nessa linha, o convênio busca medir, de certa forma, os impactos que o patrimônio cultural causa na economia dos países da América Latina, o que coincide com os interesses da comunidade internacional, assim como na proposição e adoção de instrumentos de proteção do patrimônio. No caso da adoção de instrumentos de proteção, não se referindo apenas ao patrimônio imaterial, mas ao patrimônio cultural como um todo, pois segundo o convênio a dinamicidade característica das manifestações vivas torna essa atenção mais presente (CAB, 2015).

Entretanto, ao se falar em valoração do PCI, não se pode dissociar da relação existente entre cultura e economia, que segundo o CAB (2003) busca verificar a contribuição da cultura no Produto Interno Bruto (PIB), assim como investigar o desenvolvimento de ofertas e o consumo, impostos, contrato, entre outros. No entanto, a cultura não se constitui um setor para a economia, o que propicia para que as informações estatísticas e demais dados que tratam da dimensão social e econômica da indústria cultural, sejam relevantes para distinguir a sua dinâmica econômica, bem como para iniciativas do setor privado.

Nesse contexto, pode-se dizer que se acentuou nos últimos anos o interesse pela relação entre economia e cultura. Na realidade, um campo especializado da economia já concentra sua atenção nessa temática. Concede-se créditos a esse interesse a verificação de que as indústrias culturais possuem uma influência em causar reflexos na economia por meio da geração de empregos e lucros, realidade acentuada pelo processo de globalização (VALDÉS, 2003)

No entanto, o vínculo existente entre economia e cultura é, de tal maneira, tão fundamental quanto complexo e sofre constante ameaça em ser simplificado ou deturpado. É preciso que se tenha presente que o estabelecimento do conceito de cultura tem sido instrumento de discussões e de variadas imprecisões. Razão pela qual, torna-se imperativo determinar realmente o que se está atribuindo quando a pauta for cultura, ainda mais quando a virtude dessa palavra é tão intensa que é admissível e adequado empregá-la em significados diversificados (VALDÉS, 2003).

Nesse contexto, Valdés (2003) procura apresentar uma reflexão como forma de esclarecer a relação economia e cultura. Assim sendo, inicia esse processo

informando que a cultura constitui não apenas a base social e a conjuntura mais genérica da economia, entretanto, possui, a finalidade primordial do desenvolvimento, no momento em que é tida como o alargamento das escolhas de aceitação de modos de vida culturalmente estabelecidos, que coincidem às pretensões e valores das nações. Para o autor, a cultura fornece a conjuntura, os princípios, as emoções, as condutas e as competências necessárias para que os processos econômicos ocorram.

Essa maneira em abordar a relação entre cultura, economia e desenvolvimento é a consequência de um método de evolução da concepção teórica, sensibilizado pelos mais diversos e complexos experimentos históricos. Efetivamente, essas determinações conceituais desencadeiam uma relevante discussão não apenas de caráter teórico, mas inclusive, político (VALDÉS, 2003).

Na percepção de Barnet (2003), a cultura tem seu início com o homem como ser social e precede qualquer ideia projetada, ou seja transcende uma nação, um povo. O que remete para que uma política cultural seja coerente com a realidade, em especial, que essa política seja aplicável a jovens que vivem em uma situação única e, portanto, precisam da definição de sua identidade como escudo. No caso da América Latina, região em que a cultura é aberta e flexível. A força motriz de uma política cultural adequada e lógica está na correta formulação do conceito de cultura.

A cultura sendo considerada como tradição, passa a ser tratada como uma consequência de um processo de identidade psicossocial não destituído de rupturas. E, se encaminha a frente de qualquer estabelecimento prematuro. A frustração obtida no campo da cultura por um gestor, corresponde a frustração em geral no campo da política, posto que o desenvolvimento de uma comunidade se mensura por suas conquistas culturais e não em função da manifestação eloquente de quem governa, que em muitos casos é populista e demagógica (BARNET, 2003)

Por outro lado, o CAB, através do projeto economia e cultura, em conjunto com os países membros, busca contribuir no campo da relação entre economia e cultura com a apresentação de um conjunto de indicadores, os quais buscam medir de forma quantitativa e qualitativa os efeitos da atividade cultural, em diversos setores. Além de buscar estudar as repercussões sociais que a cultura provoca em um território (CAB, 2003).

O projeto possui como objetivo a divulgação e a dispersão de informações, as quais foram coletadas como forma de serem utilizadas por gestores de políticas

públicas, assim como por produtores e atores culturais dos quais os setores foram analisados. Os métodos empregados podem ser replicados em outros setores das indústrias culturais e possibilitam a concepção de novos pontos de vistas (CAB, 2003).

Esses indicadores poderão ser utilizados pelos demais países e buscam refletir a relevante contribuição da cultura na dinâmica comercial, bem como sobre seu papel de instrumento de desenvolvimento social e econômico através do olhar do patrimônio cultural. Observa-se que a cultura ocupa um lugar de destaque na construção de identidade em um mundo globalizado (CAB, 2003).

Por exemplo, o Chile reconheceu a cultura como fator estratégico para o desenvolvimento, bem como a considerou como uma ferramenta que possibilita uma evolução no processo de integração econômica regional na América Latina. Foram desenvolvidas iniciativas destinadas a promoção de atividades culturais em suas mais variadas dimensões e manifestações, considerando suas vinculações com o social (CAB, 2003).

Com o propósito de evoluir na perspectiva de posicionar a cultura como um vetor do desenvolvimento que seja capaz de atender aos processos econômicos, assim como aqueles cujos valores envolvidos são identidades e dimensões simbólicas. As linhas de ação no Chile tiveram dois vieses, sendo que o primeiro, teve a concentração para a discussão sobre a elaboração de indicadores culturais para o desenvolvimento e, o segundo, na compreensão da relação entre cultura e economia, através da geração de indicadores econômicos da atividade do setor cultural (CAB, 2003).

Por outro lado, para a medição dos impactos do PCI, ou seja, em demonstrar o valor da contribuição da cultura para a economia de um país, foi elaborado um guia metodológico, e, segundo o CAB é entendido que os benefícios gerados contribuem para um desenvolvimento equitativo, sustentável e democrático dos países membros (CAB, 2004; 2015).

É certo que, distante do seu valor simbólico e de sua intangibilidade, todo e qualquer PCI é concebido por várias atividades econômicas, as quais possuem cadeias produtivas próprias e impactam a economia de uma região, de um país. A necessidade de entender a sua dinâmica e seus resultados são imprescindíveis, quer na economia, quer na sociedade. Isso tudo, servindo não apenas para o desenvolvimento de uma região, mas, inclusive, como instrumento para a tomada de decisão por parte de gestores públicos, com o propósito de valorizar a natureza estratégica do setor.

De uma outra forma, pode-se mencionar que várias são as questões discutidas que dizem respeito ao patrimônio cultural e, a afirmação de que o valor monetário é apenas uma parcela do valor econômico da cultura, uma vez que este último contempla, ainda, o valor simbólico, social, estético e o religioso (THROSBY, 2011; CAB, 2015-A).

Observa-se, igualmente, que o trabalho desenvolvido pelo CAB busca, basicamente, colher informações, as quais serão utilizadas na formulação de políticas culturais apropriadas, de forma que os países se conscientizem da relevância da cultura, assim como o de reconhecer o impacto que essa provoca em uma região.

Diante dos primeiros avanços significativos para a proposição de uma discussão acadêmica e política na América Latina sobre os efeitos que as manifestações culturais causam em uma região e seus reflexos nos empregos, na balança de pagamentos, na tributação, assim como no PIB, no ano de 2005, o CAB decidiu concentrar seus esforços na criação de CSC nos seus países membros. Essa concepção foi realizada como estratégia para verificar o impacto da produção e comercialização de bens e serviços culturais na estrutura econômica das nações (CAB, 2015).

Uma vez realizada uma apresentação sobre a organização CAB e o respectivo entendimento que possui acerca da valoração do patrimônio imaterial é apresentado, na sequência, o guia metodológico desenvolvido pelo Convênio para a efetivação das CSC nos países da América Latina.

2.3. O SCN e as CSC

Nesta seção é proposta uma discussão sobre o SCN e as CSC onde é apresentada a sua origem, as suas características, o objeto de estudo das CSC e, por fim, a segmentação do campo cultural.

O SCN

De acordo com Hallak Neto e Forte (2016), foram vários os autores que contribuíram, de alguma maneira, para a estimação da renda nacional, assim como para a formulação e composição do SCN. A primeira versão do Manual de Contas Nacionais, publicado pela ONU no ano de 1947, baseou-se em muitas proposições

de diversos autores, as quais levaram em consideração modelos econômicos e metodologias de cálculos com referência em dados estatísticos que serviram para a sua fundamentação. A partir de então, outras quatro versões do manual foram publicadas, as quais procuraram retratar os progressos ocorridos nas investigações, assim como nos sistemas estatísticos, inclusive diante das mudanças ocorridas na economia, além das verificadas na sociedade com o decorrer do tempo.

Com a publicação da primeira versão do Manual de Contas Nacionais pela ONU, as cobranças aos países membros tornaram-se maiores, no que respeitava ao aprimoramento referente a mensuração dos agregados econômicos. Foi a partir desse manual que a organização das informações econômicas foi se consolidando, sob a forma de um sistema de contas nacionais, como um projeto prioritário no âmbito dos organismos internacionais, os quais passaram a buscar a padronização e uniformização dos conceitos, assim como das estruturas de apresentação das informações econômicas (HALLAK NETO e FORTE, 2016).

Atualmente, o SCN busca seguir as recomendações internacionais constantes no manual *System of National Accounts 2008* (SNA 2008), o qual contempla um conjunto de informações sobre a geração, distribuição e uso da renda no país, além de propiciar o fornecimento de informações sobre a acumulação de ativos não financeiros, patrimônio financeiro e, inclusive, relações entre a economia nacional e o resto do mundo (IBGE, 2019).

É de competência do IBGE a publicação e divulgação dos resultados da série, a qual procura mostrar os fluxos de oferta e demanda dos bens e serviços além da geração de renda e emprego em cada atividade econômica, oferecendo uma visão do conjunto da economia, descrevendo, para cada setor institucional, seus fenômenos essenciais - produção, consumo, acumulação e patrimônio – e suas interpelações. A classificação das atividades do SCN é elaborada com base na Classificação Nacional de Atividades Econômicas - CNAE 2.0 (IBGE. 2019).

De acordo com o IBGE (2018) a dinâmica da economia obriga que se mantenha permanente discussão, em fóruns específicos, entre os diversos Institutos de Estatística e Bancos Centrais compiladores de Contas Nacionais, em conjunto com organismos internacionais, com vistas a atualizar ou expandir as metodologias de tal forma que reflitam as modificações ocorridas na economia e na sociedade. A partir dessas discussões, originam-se as revisões conceituais e metodológicas internacionais, as quais devem ser adotadas oportunamente nos SCN dos países.

O propósito do SCN é mostrar, de forma minudente, as atividades econômicas que prosperam em uma economia estabelecida, assim como apresentar as relações entre os variados agentes que interagem nos mercados, oportunizando uma compreensão minuciosa e aprimorada, de maneira a atender as diversidades em termos de necessidades (IBGE, 2014).

Esse sistema contempla um conjunto lógico e interligado de contas econômicas, assim como saldos e quadros baseados em conceitos, definições, classificações e normas contábeis internacionais devidamente convencionadas. Dentre os usufrutuários do SCN se encontram desenvolvedores de políticas macroeconômicas, investigadores e pesquisadores da área, além de gestores dos setores público e privado, os meios de comunicação e o público em geral (IBGE, 2014).

É através dos resultados do SCN que os interessados podem estudar apropriadamente as consequências das políticas públicas nos diferentes setores da economia, além de propiciar a elaboração com mais retidão os modelos que buscam prognosticar o desempenho vindouro da economia, o que é fundamental para a elaboração do planejamento nas mais variadas áreas. A estimação do grau de desenvolvimento econômico, assim como da taxa de crescimento da economia são conhecimentos relevantes e derivados do sistema. Além dessas informações ele fornece esclarecimentos sobre a evolução do consumo, do volume de investimentos, da poupança, do endividamento e do patrimônio dos agentes (IBGE, 2014).

Por sua natureza o SCN promove também a integração das estatísticas econômicas e conexas em um sistema que tem por base conceitos e métodos econômicos e estatísticos homogêneos, de tal forma que faculta a realização de análises comparativas e históricas tanto no plano nacional quanto internacional (IBGE, 2014).

O surgimento das CSC

Por serem consideradas uma extensão do SCN as contas satélites permitem a elaboração de análises sobre o perfil e a evolução de um determinado setor de forma comparável ao total da economia, medido pelas Contas Nacionais. A conta satélite surgiu paralelamente à formação e constituição do SCN, por solicitação do governo francês, ocasião em que carecia de informações mais pormenorizadas de determinados setores que não estavam contempladas no sistema que estava em

formação. Vários foram os obstáculos observados, em especial, o fato de que cada setor deveria ser investigado de forma individualizada, o que demandaria um sistema excessivamente minucioso (ANDRADE, 2009).

De uma forma geral, a conta satélite é um instrumento de estimação de um setor da economia estabelecido, a qual tem como base para a sua constituição, as Contas Nacionais, uma vez que os dados extraídos e analisados pertencem a essa conta. De uma outra forma, a conta satélite pode ser interpretada como uma conta análoga de um setor específico da economia, que flanqueia e obtém informações da conta principal de um país, no caso, a conta nacional (ANDRADE, 2009; SOUZA e MENDES FILHO, 2014).

No caso da América Latina, seu surgimento é atribuído aos anos 1990, quando países como Colômbia, Venezuela e Peru começaram a pensar em estudar o setor cultural. A utilização desse modelo se traduziu em uma ferramenta importante para avaliar a dimensão econômica e o impacto social da cultura para o desenvolvimento. A ferramenta contribui para analisar a evolução da economia da cultura, fortalecendo as estatísticas nacionais e serve como fonte para avaliação de políticas públicas (CAB, 2015-A).

De acordo com a *System of National Accounts – SNA 1993* as contas satélites permitem: (a) o fornecimento de informações adicionais sobre questões sociais específicas; (b) cobertura estendida de custos e benefícios das atividades humanas; (c) o uso de conceitos complementares e estruturas contábeis, com o propósito de introduzir, se necessário, dimensões da estrutura conceitual das contas nacionais; (d) análise mais aprofundada dos dados coletados através do uso de indicadores e agregados adequados; (e) associação das fontes de informações físicas e de análise ao sistema de contabilidade monetária (SNA, 1993).

Através da publicação das regras destinadas ao SCN divulgados pela ONU em 1993, adotado pela maioria dos países com o propósito de medir suas economias é que surgiu o conceito de conta satélite e, no caso da cultura, se resume em um sistema de medição econômica de atividades, bens e serviços do setor cultural, ou também pode ser considerada como um instrumento destinado a mensurar e qualificar a importância da cultura para a economia (UNESCO, 2008).

Com o objetivo de promover o investimento na produção de informações estatísticas confiáveis e precisas sobre a cultura, por intermédio do Instituto de Estatística – UIS da UNESCO, foi divulgado uma versão do marco de referência, o

Framework for Cultural Statistics (FCS), visto que os países careciam de informações que possibilitassem quantificar de forma clara e precisa o impacto e a importância das políticas e dos programas culturais (UNESCO, 2009).

A UNESCO (2012) estabeleceu, ainda, que uma das características importantes da CSC seria a capacidade que possui em sistematizar um número elevado de dados estatísticos, com características sociais, demográficas, econômicas, financeiras e culturais, sendo que sua utilização não possui, única e exclusivamente, o propósito específico de medir a contribuição econômica da cultura, mas possibilita uma análise dos fenômenos culturais em um aspecto abrangente.

Não muito diferente do entendimento brasileiro sobre o tema, o qual foi defendido pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que trata as Contas Satélites como uma ampliação do SCN, informando, ainda, que permitem a elaboração de análises sobre o perfil e a evolução de um determinado campo de maneira análoga à totalidade da economia, mensurado pelas Contas Nacionais. Na mesma linha o Ministério da Cultura (2018) informa de que estas Contas Satélites foram criadas com o propósito de expandir a capacidade de análise das Contas Nacionais sobre determinadas áreas, através da sistematização de informações referente atividades econômicas relacionadas aos bens e serviços de uma determinada área, como emprego, investimentos e consumo de bens e serviços (IBGE, 2019).

O CAB (2015) defende que as CSC possuem como objetivo o de destacar o que já está implantado no sistema existente de Contas Nacionais, atribuindo à cultura o que está disperso no sistema, alocando recursos como forma de melhorar a medição correspondente. No caso das análises das CSC o CAB avalia os seguintes aspectos dos seus países membros: (a) Contas de produção de atividades produtivas características; (b) Balanços de uso de suprimentos de produtos específicos (característicos e relacionados); (c) Estrutura do setor produtivo e emprego em atividades produtivas características; e (d) Despesa nacional em cultura (visão ampliada, além do uso de bens e serviços específicos) classificada por financiador/beneficiário.

Com a construção dessas CSC, o convênio entendia dispor de um instrumento capaz de entender a dinamicidade econômica da cultura, ou seja, entender como esses ativos circulam na sociedade, como as trocas econômicas ocorrem. Associa-se a isso, o fato de disporem de informações sobre as características dos mercados que

possuem os bens e serviços deste setor, assim como sobre os efeitos macroeconômicos e microeconômicos de sua expansão (CAB, 2015).

Nesse contexto, em um de seus estudos, no ano de 2014, aplicados na Colômbia, o Convênio incorporou a participação direta da sociedade como uma instância final que reconhece e estabelece os valores que possuem o patrimônio imaterial, fazendo deste, parte de sua história e de desenvolvimento. Restou entendida a importância da sua proteção e conservação para o futuro, sendo considerada uma linha de investigação que traduz um avanço para o processo de integração das políticas de sustentabilidade econômica, ambiental e social, as quais tratam sobre o patrimônio cultural (CAB, 2015-A).

Características das CSC

Nesse ponto, interessante esclarecer que, em diversos países, os setores da economia buscavam mobilizar a criação de instrumentos que possibilitassem medir a cultura, a fim de atingir campos até então inexplorados, com o propósito de auxiliar no processo de transformação social.

Para a CEPAL (2014), as nações estão cientes do grande potencial dos ativos culturais para a realização do seu desenvolvimento. O que despertou um novo debate sobre a função das atividades culturais nas economias nacionais. Esse debate gerou vasta multiplicação de conceitos, o que suscitou discussões sobre a necessidade de inclusão de outros segmentos que passaram a ser relevantes na economia dos países, como moda, design ou arquitetura. Na atualidade, esta abordagem é utilizada de forma ampla por diversos países e agências de cooperação, como a UNCTAD. Outras abordagens contribuíram para a limitação de atividades culturais ao considerarem aspectos ligados a questão que envolve a tecnologia da informação (interatividade, redes, mídia), como forma de adaptarem-se aos novos ambientes da sociedade da cibercultura.

Em conformidade as disposições manifestadas pelo Ministério da Cultura (Brasil, 2018), a utilização das CSC é fundamental para o conhecimento da estrutura produtiva e da dinâmica do setor. Inclui-se nesse estudo a identificação do financiamento, correlações com o restante da economia e destinação dos bens e serviços culturais produzidos. Alia-se, a isso, a possibilidade que a CSC promove no reconhecimento da formulação e implementação de políticas públicas, com vistas a

elevação da eficiência na aplicação dos recursos e uma razoável distribuição de bens e serviços culturais a artistas, produtores e população.

De outra forma, apropriado referir que o IBGE já apresentou estudos que tratam de contas satélites, entretanto eles versam sobre a área da saúde e do turismo, assim como está providenciando a elaboração de uma conta satélite da conta da água. No tocante à conta de cultura, poucas iniciativas foram concretizadas, tendo por base as tentativas internacionais e o Sistema de Informações e Indicadores Culturais-SIIC do IBGE, sem mencionar os debates oriundos das reuniões do grupo executivo do Centro de Estudos Internacionais sobre o Governo (CEGOV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (CEGOV, 2015).

Desde o ano de 1997 que o Brasil está em busca desse sistema através da empregabilidade da estrutura do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E, em conformidade ao estabelecido pelo Ministério da Cultura está sendo desenvolvida uma metodologia própria para coletar dados sobre a cultura, em parceria com o IBGE. Para tanto, é proposto o desenvolvimento de uma CSC mediante a realização de reunião de profissionais e acadêmicos. Por outro lado, o desenvolvimento encontra-se em fase preliminar, muito embora tenha ocorrido um levantamento inicial. As investigações que ocorrem sobre as questões de natureza cultural no Brasil não são recentes, no que concerne a produção de estatísticas culturais. Entretanto, ainda são ínfimas, instáveis e não estruturadas, diante da existência de um sistema nacional de estatística, muito embora existam estudos, são poucas as informações que se referem à matéria (LINS, 2018).

Ainda para a Lins (2018), no caso do Brasil, a classificação de atividades econômicas adotadas pelo Sistema Estatístico Nacional e nos cadastros e demais registros da administração pública baseiam-se na CNAE 2.0, a qual abriga, de certa forma, uma comparabilidade com a *International Standard Industrial Classification* (ISIC), Rev. 4, o que possibilita asseverar uma equiparação internacional das estatísticas produzidas no País.

Por outro lado, na visão do CAB (2015), essa sistematização vem sendo aplicada nos últimos anos em países como a Argentina, Chile, Costa Rica, Colômbia, Espanha, México e Uruguai, os quais já possuem alguns resultados com base nesse método. Por seu turno, Bolívia, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá, Paraguai, Peru e República Dominicana estão estruturando as suas estatísticas

culturais básicas, implantando seus planos de trabalho e realizando os seus primeiros cálculos, como forma de oferecerem informações econômicas sobre o tema.

Em outra perspectiva, na visão da Cepal (2014), nos últimos anos, a crescente importância econômica do setor cultural levou ao desenvolvimento de diversos sistemas para sua mensuração. Como consequência, essa proliferação de estudos baseados em uma visão econômica da cultura tem sido observada, os quais ressaltam a relevância deste setor como motor de desenvolvimento e gerador de riqueza. No entanto, a falta de uniformidade entre os sistemas de medição impossibilita a realização de comparações entre os estudos.

Para o CEGOV/UFRGS, a partir das informações dos manuais referenciais da UNESCO do ano de 2009 e do Convênio Andrés Bello dos anos de 2009 e 2015, muitos países latino-americanos conseguiram criar suas respectivas CSC e deu-se início a divulgação dos primeiros resultados da participação das atividades do setor cultural, consideradas nas metodologias desses estudos citados, como por exemplo: (a) as atividades características (criação literária, criação musical, criação teatral, artes cênicas, editorial, artes plásticas, artes visuais, desenho, música, audiovisual, jogos, patrimônio natural, patrimônio material, formação cultural, e patrimônio imaterial); (b) outras atividades de produção de bens de equipamento e suporte; (c) os produtos culturais, interdependentes, inclusive aqueles produtos que servem como insumos para a produção dos produtos característicos, e aqueles que possuem bom desempenho na intermediação do consumo final (CEGOV, 2015).

De tudo exposto, a CSC nada mais é do que um conjunto de informações evidenciadas, contínuas e comparáveis, tendo como base o SCN. A sua operacionalização tem como princípio geral realizar um delineamento funcional do campo cultural, com sustentação em uma metodologia que observa a totalidade das expressões e que permita uma valoração econômica de seus produtos e atividades, incluindo o contexto socioeconômico em que se apresentam.

Esta metodologia proposta pelo CAB (2015) propõe uma bateria de indicadores que permitem comparar resultados entre países os quais podem ser:

- (a) O valor de agregação cultural de cada setor cultural;
- (b) Seu peso no PIB;
- (c) Empregos gerados em cada setor cultural;
- (d) Seu peso no emprego total da nação;
- (e) Os gastos culturais nacionais de cada setor e da cultura em geral.

O objetivo dessas medições é entender o papel econômico da cultura e, com base nos seus resultados, aperfeiçoar a apresentação e a efetivação de políticas públicas, orientar os gastos públicos e privados e aprimorar as condições das diversas áreas do desenvolvimento cultural. Esta é a razão pela qual, vários países da região tomaram a iniciativa de trilharem juntos na criação de sistemas estatísticos comparáveis para medir a cultura.

No entendimento do CAB (2009; 2015), a estrutura central do SCN contempla, inclusive, a medição econômica da produção informal e ilegal, uma vez que ambos geram produção, valor agregado e consumo. Dentro do campo cultural, a informalidade e a ilegalidade são ocorrências que criam uma quantidade significativa de fluxos econômicos os quais devem ser incluídos dentro das tabelas das CSC. O que vem ao encontro de Lins (2017) quando afirma que a CSC pretendida por vários países, consiste na aplicação da metodologia das contas nacionais, considerando as atividades culturais reconhecidas por uma classificação que represente a economia formal e a informal.

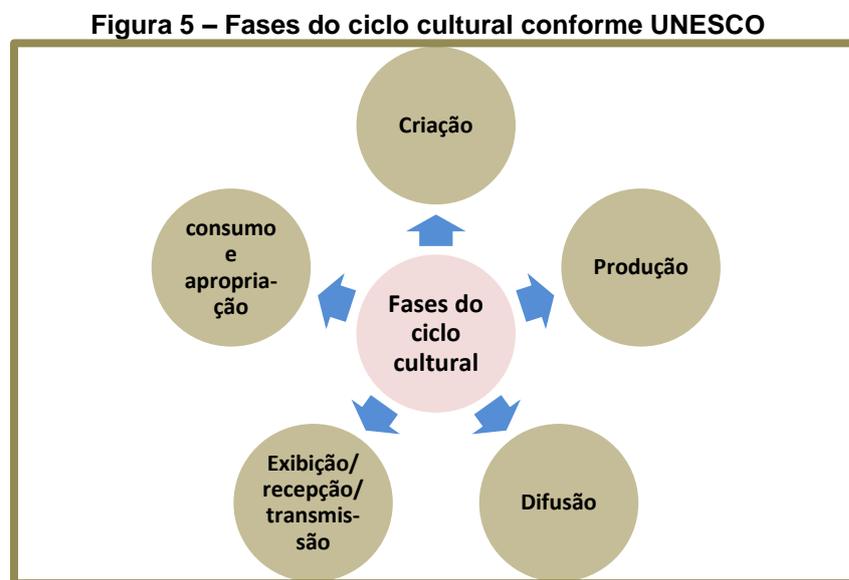
Depreende-se do discutido até aqui que as CSC podem ser consideradas como um sistema de informações econômicas, as quais levam em conta a análise da circulação de bens e serviços pertencentes a setores culturais de uma perspectiva econômica, bem como sobre o estudo dos processos pelos quais esses produtos aparecem.

Para Valiati (2018), na atualidade, a dinâmica de aferir a área econômica que envolve a cultura é indispensável em qualquer sociedade. Entretanto, observa que os procedimentos adotados na extração de informações de uma realidade definida não são tão simples. Não se refere, exclusivamente, ao fato de produzir comprovantes estatísticos imprecisos, mas sim em função de que em toda estimativa está presente uma manifestação sobre uma determinada realidade. Nesse sentido, entende que deve existir um roteiro a fim de propiciar uma expressão que gere informações.

Nesse contexto, por trás de cada notícia gerada, seja ela estatística e/ou quantitativa, encontra-se um revestimento alicerçado através de um conjunto de ideias a respeito das atividades econômicas observadas e, em razão disso, predeterminações que acabam por estabelecer o assunto estudado e suas relações. Nesse exercício de medição econômica, a área cultural apresenta alguns desafios buscando, constantemente, dar sentido nas estratégias de mensuração que possa concatenar economia, cultura e desenvolvimento (VALIATI, 2013).

O objeto de estudo das CSC

Na visão do CAB (2009; 2015), o objeto de estudo das CSC foi definido com base na noção de campo de Bourdieu, são as atividades humanas e suas manifestações, as quais possuem um sistema de relações instituído por diversos agentes sociais, diretamente ligados à arte. O que vem ao encontro do proposto pela UNESCO, a qual define como um sistema de informação financeira que mostra a dimensão econômica das atividades e produtos culturais durante cinco fases do ciclo cultural, as quais podem ser observadas na representação constante na Figura 5, a seguir:



Fonte: Adaptado de CAB (2015) e UNESCO (2009)

Para um melhor entendimento sobre as fases do ciclo cultural, conforme Figura 5, passa-se a realizar descrição de cada fase em consonância a concepção da UNESCO (2009):

- Criação:
fase que se refere a invenção, exploração e concepção dos conteúdos que constituem a matéria prima das indústrias culturais, como exemplo, tem-se: textos, som, esboço, arte;
- Produção:
fase que inclui a reunião de todos os elementos (suprimentos, equipamentos, profissionais) necessários para a realização (materialização) de expressões culturais, como por exemplo: programas de tv, livros, gravações de música.

- **Difusão:**
essa fase busca tornar pública as expressões culturais, geralmente reproduzidas industrial ou maciçamente, como por exemplo: transporte e vendas no atacado e no varejo, exibição de filmes, distribuição de um show ao vivo.
- **Promoção:**
também chamada de exposição, refere-se a atividades destinadas ao público para facilitar a compreensão de uma obra ou dos meios mercadológicos empregados para elevar o público, como por exemplo, tem-se: documentação de um trabalho, publicidade na mídia, análise de mercado.
- **Consumo:**
fase que faz referência ao acesso do público a produtos culturais e à participação em experiências culturais, incluindo práticas amadoras, como por exemplo: ler um livro, dançar, ouvir rádio, visitar uma galeria de arte.

Uma vez apresentada as descrições de cada fase do ciclo cultural de acordo com a UNESCO, no Quadro 5, a seguir, a descrição dos ciclos de acordo com o CAB.

Quadro 5 – Descrição dos Ciclos Culturais de acordo com o CAB

Ciclo	Descrição
Criação	Atividade cultural através das quais artistas, conseguem capturar um suporte físico ou digital de suas ideias e expressões simbólicas para gerar um trabalho ou enriquecer uma manifestação existente relacionada às artes e a herança. A criação não se atém a um momento específico do ciclo cultural, mas está presente tanto no momento da ativação inicial do ciclo para gerar o trabalho, como durante todo o processo para transformá-lo em obras derivadas, protegidos por direitos autorais. Essa etapa possui um papel fundamental para ativar todos os outros processos produtivos compatíveis com o ciclo cultural. Está presente em todas as etapas do ciclo.
Produção	Esta etapa corresponde às ações de atividade cultural através das quais as matérias-primas são transformadas em produtos, sob a forma de mercadorias ou serviço, que pode ou não estar disponível para o mercado. Os produtos derivados deste estágio podem ser serviços ou produtos culturais característicos ou relacionados.
Difusão	Este estágio de disseminação do ciclo cultural refere-se à divulgação de produtos culturais característicos e relacionados que são encontrados em meios físicos e/ou virtuais, podendo ser disponibilizados aos consumidores e expositores através de várias plataformas de comunicação e divulgação.
Exibição	Nesta etapa do ciclo cultural, diversas ações acontecem relacionadas com a transferência de conteúdos simbólicos para que possam ser vistos em um determinado lugar. Eles fazem parte das atividades culturais relativas à transmissão de conteúdo de áudio, de conteúdo de vídeo, além dos serviços de projeção de filmes cinematográficos, entre outros. Destaca-se que entre as particularidades desta etapa do ciclo cultural existe um aumento crescente do uso de espaços não convencionais para exibição e transmissão ao público do conteúdo simbólico.
Consumo	Esta última etapa do ciclo cultural, ao contrário das etapas anteriores, está associada às próprias práticas culturais. As práticas culturais relacionadas ao consumo, para fins das Contas Satélite de Cultura, são importantes para se chegar ao total dos gastos, e, por conseguinte, a estimativa da renda gerada pelo consumo de conteúdo simbólico de cada um dos setores é calculada.

Fonte: Adaptado de CAB (2015)

Ao descrever os estágios de conteúdos simbólicos relacionados às artes e ao patrimônio, percebe-se que as atividades humanas que estão dentro dos limites da produção permitem um melhor entendimento sobre os primeiros quatro estágios do ciclo cultural, enquanto a última etapa, correspondente ao consumo, nada mais é do que a apropriação da cultura em si. Tendo em mente essa particularidade, vale lembrar que as práticas culturais estão fora da fronteira produção, pois ao tocar um instrumento, cantar uma música, não se está gerando um ciclo de produção.

A análise decorrente desse conjunto de informações é primordial para o entendimento da estrutura produtiva, assim como entender a dinâmica do setor, contemplando suas inter-relações com o resto da economia e destinação dos bens e serviços produzidos com vistas ao aumento da eficiência na aplicação dos recursos públicos e à melhor distribuição do PCI à população.

A segmentação do campo cultural

A segmentação do campo cultural para a medição econômica proposta pelo CAB (2009; 2015) é realizada através do estabelecimento de setores culturais, muito embora existam diferentes conteúdos simbólicos das artes e do patrimônio e estes possuam estruturas de produção, circuitos de difusão e formas de transmissão que variam largamente, dependendo da língua e do tipo de expressão artística as quais se referem. As práticas desta metodologia recomendam a inclusão de setores culturais que compartilham características culturais e econômicas comuns.

Essa segmentação foi desenvolvida ao longo dos anos de 2013 a 2015, através de um processo de consulta aos técnicos das CSC dos países da região ibero-americana e a análise do comitê de atualização desta metodologia, conforme Quadro 6.

Quadro 6 - Setores e subsetores que compõem o campo cultural

nº	Setor	Subsetor
1	Criação e Direitos de autor	Literário, Musical, Teatral
2	Desenho	Arquitetônico, Industrial, Gráfico, Têxtil, Moda, Joias, Publicidade e WEB
3	Jogos e Brinquedos	Jogos e brinquedos
4	Artes Cênicas e Espetáculos Artísticos	Teatro, Dança e outras formas de artes performáticas (circo, narração, etc.)
5	Artes Visuais	Fotografia e Artes gráficas e Ilustração
6	Musica	Apresentação musicais ao vivo, edição de musica e produção fonográfica
7	Audio Visual e Radio	Filme e video, Rádio, Televisão, Jogos Online, Videogames
8	Livros e Publicações	Livros, Publicações Periódicas, Bibliotecas
9	Educação Cultural	Formal e informal
10	Patrimônio Material	Museus, Arquivos históricos culturais, centros históricos, antiguidades
11	Patrimônio Imaterial	Festas tradicionais, Cozinhas tradicionais, Artesanato, Idiomas

Fonte: Elaborado pelo autor com base no CAB (2015)

De acordo com o CAB (2015), e conforme se pode observar através do Quadro 6, a segmentação do campo cultural estipula onze setores culturais, e estes, por sua vez, são subdivididos em subconjuntos chamados de subsetores. Cada subsetor dentro dos onze setores, corresponde a uma agregação pontual baseada nas características culturais e econômicas. Essas características correspondem às formas de expressão que dão origem às obras, partindo, por exemplo, da linguagem criativa em que se expressam, do tipo de agentes culturais que a influenciam, que podem ser cantores, designers ou escultores, entre outros, e o principal propósito cultural desses conteúdos simbólicos que é a transmissão de conhecimento.

Procura-se então, neste ponto, direcionar a atenção para o setor 11, constante no Quadro 6, denominado de Patrimônio Imaterial, o qual se manifesta nos seguintes campos: (a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; (b) expressões artísticas; (c) práticas sociais, rituais e atos festivos; (d) conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo; (e) técnicas artesanais tradicionais.

Destaque para o fato de que os campos mencionados estão diretamente vinculados ao objeto de estudo da presente tese. Nesse contexto, procura-se discorrer sobre as manifestações populares, as quais, segundo Trigueiro (2005), estão enquadradas as festas, as danças, a culinária, a arte, o artesanato, entre outras manifestações, as quais outrora pertenciam exclusivamente aos seus protagonistas. Em um mundo globalizado, o interesse por essas culturas tradicionais tem origem nos mais variados grupos organizacionais, sejam eles os de turismo, os midiáticos, de entretenimento, organismos do ramo alimentício, de bebidas e tantas outras instituições de caráter sociais, culturais e econômicos.

Na visão de Trigueiro (2005), o ser humano celebra, há centenas de anos, suas datas comemorativas, sejam elas sagradas, profanas e de agradecimento, assim como os seus ritos de passagem. Na atualidade, as práticas adotadas passaram por uma metamorfose cultural e religiosa e que, de certa forma, estariam integradas aos calendários de tradição religiosa e celebrativa. Entretanto, cabe destacar que no passado essas celebrações eram realizadas naturalmente pelos grupos locais (protagonistas) e que agora são compartilhadas com outros grandes grupos, como forma de atender à nova ordem econômica de um mundo globalizado, de produção e consumo de bens materiais e imateriais.

Salienta-se, aqui, o fato de não se tratar de uma prática recente, mas que busca trazer em termos de inovação a modificação na metodologia de produção, assim como no mercado de consumo e na velocidade de distribuição desses bens culturais.

Trigueiro (2005), ainda destaca que essas manifestações culturais populares, na atualidade, atraem diversos grupos de interesse, sendo que para o grupo de protagonistas as manifestações possuem um significado lúdico, mítico e religioso, ao passo que para agentes externos possui um interesse, preferencialmente, econômico, o que faz com que as festas se tornem produtos de consumo de escala global. Por outro lado, é de interesse, inclusive, de alguns pequenos comerciantes temporários, sejam eles desempregados ou subempregados, como forma de obtenção de alguma renda e conseguirem reorganizar a economia familiar por algum tempo.

Na mesma linha que Trigueiro, Mallarino et al (2004) afirmam que em manifestações culturais populares estão sempre em jogo interesses grupais, conexos ou desconexos uns aos outros, que exigem do manifestante uma certa perspicácia para não pôr em risco o acontecimento pela exteriorização de inconformidades inerentes à manifestação. Destaca-se, ainda, o fato de que cada evento é conduzido por uma pessoa seja ela física ou jurídica, a qual irá representar o grupo, bem como coordenar as demandas pertinentes para a estruturação do evento.

Outra questão apontada pelo CAB, diz respeito ao posicionamento de Mallarino et al. (2004), os quais entendem que as manifestações populares são consideradas concepções simbólicas, nas quais são demonstradas as convicções religiosas, as lendas, as construções de vida e de universo quimérico coletivo. Para os autores essas festividades, assim como os rituais estão relacionados, seja nas fases do ciclo de vida individual, assim como na econômica, na ação política e na religiosidade.

Essas manifestações são transmitidas oralmente e sua origem desaparece com o passar dos anos.

A celebração coletiva cria um hiato particular no tempo e no espaço, possibilita aos participantes criar temporariamente uma realidade paralela, onde tudo parece possível. O comportamento permitido em uma festa não segue necessariamente a conduta cotidiana do indivíduo, sendo decodificado e aceito pelos demais participantes naquele momento.

O que destaca a festa é o participante e o que lhe concede durabilidade é a hospitalidade e generosidade recebida. Todas as festividades públicas possibilitam trocas sociais, econômicas e políticas, que posteriormente podem se converter em relações sociais ou comerciais duradouras e contribuem, assim, para o prestígio e o capital social do festeiro. Em celebrações imemoriais, tanto divindades como humanos, cantam, dançam e comem. A preparação da próxima festa inicia quando se encerra a celebração atual e, para alguns celebrantes, a organização e a coordenação de festas pode se transformar em uma profissão (MALLARINO et al., 2004).

Outra questão importante em registrar é a percepção do CAB (2015) quando menciona que os produtos culturais integrantes desse setor, em especial, não estariam contemplados no SCN dos países, o que inviabilizaria a identificação através das nomenclaturas de seus produtos. Entretanto, a estimativa de seus efeitos econômicos deve ser realizada pelos países através da medição dos gastos públicos e privados efetuados, indicando, pontualmente, os empregos gerados.

De acordo com a proposta efetuada pelo CAB, cada país cria cenários de segmentação em consonância as suas necessidades, expectativas e disponibilidades de informações, podendo, inclusive, adicionar alguns setores, como por exemplo, esportes e, até mesmo, algumas práticas culturais e eventos relacionados com o campo religioso, o que em certos países, faz parte da afirmação de identidade cultural. No entanto, com o propósito de identificar um cenário comum que permita comparação internacional e nacional, a proposta de segmentação do campo cultural, para fins de constituição da CSC, deve especificar o que foi adotado, bem como informar os setores que foram incluídos como forma de comparabilidade (CAB, 2009).

Por outro lado, na opinião do CAB (2015) são nove os objetivos para os quais as Contas Satélite Culturais são preparadas: (a) caracterizar o campo cultural, do ponto de vista econômico, estabelecendo suas fronteiras, limites e sistemática; (b) identificar produtos culturais, as atividades que os geram, determinando sua

usabilidade econômica, e os métodos de produção, troca e consumo; (c) definir os gastos com cultura e avaliá-los em consonância aos seus objetivos, natureza e beneficiários; (d) fornecer subsídios sobre a oferta e demanda de produtos culturais, incorporando informações de natureza monetária e não monetária; (e) determinar os fluxos de comércio exterior de produtos culturais; (f) identificar indicadores monetários e não monetários importantes para a elucidação das variáveis econômicas determinadas na medição do campo cultural; (g) promover a geração de estatísticas básicas para o fortalecimento das métricas do setor cultural, do ponto de vista econômico; (h) promover a inclusão de cálculos econômicos relacionados à cultura dentro do quadro central das Contas Nacionais; (i) servir como base de informação para a caracterização, acompanhamento e apreciação de políticas públicas, sob o enfoque cultural do ponto de vista econômico.

Nesse contexto, a criação da CSC manifesta-se como um dispositivo que procura contemplar a contribuição da cultura à economia de um país, e, somente através desse instrumento é possível identificar as potencialidades e fragilidades das mais variadas atividades culturais, assim como as ofertas e demandas de seus produtos.

O agrupamento das atividades culturais no Brasil é realizado, única e exclusivamente através dos códigos de atividades econômicas previstos na Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE, versão 2.0. Decerto que para a realização de qualquer pesquisa estimativa da importância do setor de cultura para a economia, primeiramente, se deve traduzir a definição de cultura na forma de atividades representativas economicamente, as quais integram a classificação de atividades adotadas pelo Sistema Estatístico Nacional (LINS, 2018).

Experiências internacionais de mensuração das CSC

Atualmente, a América Latina posiciona-se como a principal região para o desenvolvimento de CSC, graças aos múltiplos esforços de interação entre os países e organizações de cooperação regional. Esses esforços consolidaram os sistemas informacionais da cultura, alocando significativos recursos, tanto financeiros como humanos, para prover o sistema com informações estatísticas. Nesse sentido, o Guia Metodológico do CAB para a aplicação da CSC representa uma ferramenta que

responde às necessidades da população, das instituições culturais e institutos nacionais de estatística (CAB, 2015).

Nesse contexto, técnicos das CSC dos países da região, assim como organizações internacionais como, por exemplo, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL), Instituto de Estatística da UNESCO (UIS), e Organização dos Estados Americanos (OEA), desenvolveram um aprendizado em torno da metodologia. O reflexo dessa ação representou um esforço para orientar as autoridades dos países e instituições responsáveis pelos sistemas de contas nacionais, no tocante às condições mínimas e ações recomendadas a serem adotadas antes de se iniciar o processo de estabelecimento da CSC.

O que vem ao encontro do estabelecido pela CEPAL (2014) ao afirmar que muitas agências internacionais, organizações não governamentais e associações, procuraram sistematizar informações culturais e de apoio aos países através de diferentes mecanismos para a criação de sistemas estatísticos e promover a investigação e o desenvolvimento no domínio da cultura.

Um marco relevante no estabelecimento e na operacionalização de uma CSC, na visão do CEGOV (2013), são as experiências latino-americanas sobre o tema. Dentre elas, ressalta-se a proposição consolidada pela Colômbia, através do Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE). Esse projeto adotado pela Colômbia foi realizado com a cooperação do CAB.

Entre os exemplos de CSC implantadas com o propósito de medir a cultura e seu impacto na economia são de países como, Argentina, Colômbia e muitos outros, os quais desenvolveram um sistema de informação estatística cultural, além de vários outros instrumentos de medição como: anuários de cultura e lazer; pesquisas de consumo e participação cultural; mapas de cultura, entre outros.

Cita-se, aqui, alguns casos de países que implantaram as CSC e algumas das informações que se destacaram no conjunto de observações constatadas.

a) O caso da Colômbia

A Colômbia foi um dos primeiros países da América Latina a confeccionar a CSC, O governo colombiano estimou a contribuição da atividade cultural na economia. No

tocante a comparação com os demais países da região, a Colômbia apresenta um setor cultural relativamente desenvolvido (CEGOV, 2016; CAB, 2020).

Para construir sua CSC a Colômbia efetuou um cruzamento entre as áreas culturais e suas funções (aquelas pertencentes ao ciclo cultural – criação, produção, distribuição, difusão e comercialização dos produtos culturais). Nessa fase, as atividades e produtos foram organizados através da *International Standard Industrial Classification of All Economic Activities* (ISIC Rev. 3), e das contas nacionais. Os coeficientes técnicos foram mensurados com o propósito de separar atividades entre culturais e não culturais (CEGOV, 2016; CAB, 2020)

O Departamento Administrativo Nacional de Estatísticas (DANE) mensurou os indicadores culturais, contemplando informações sobre a oferta, a produção, o consumo intermediário, o consumo final, assim como as exportações de bens culturais. O setor cultural considerou em seu escopo as seguintes atividades: edição, transmissão de rádio, publicidade, fotografia, investigação e desenvolvimento cultural, rádio e televisão, produção de cinema, serviços artísticos, museus, educação artística e serviços governamentais vinculados a atividades culturais (CEGOV, 2016; CAB, 2020).

No período correspondente entre 2000-2010 a contribuição do setor cultural para a economia foi de 1,8% do PIB. Na ocasião foram estimados: a produção, o consumo intermediário, o valor adicionado, o consumo final, o quadro oferta-utilização, o emprego e indicadores não monetários do setor cultural. Foram estabelecidos vários indicadores para o período, a CSC não contemplou todos os setores estabelecidos pelo CAB. Entretanto, a conta pode ser comparada com outros países da região, servindo de insumo para a tomada de decisões das políticas públicas locais (CEGOV, 2016; CAB, 2020)

Os principais obstáculos na construção da CSC na Colômbia foram as nomenclaturas desagregadas de forma escassa, aliado aos dados dispersos e o reduzido número de informações fidedignas. Os meios utilizados para circundar esses obstáculos foram os coeficientes técnicos para a desagregação setorial, os quais eram limitados, o que prejudicava os resultados das estimações. Afora isso, faltavam informações das atividades formais, o que limitava a qualidade dos resultados encontrados (CEGOV, 2016; CAB, 2020).

Por outro lado, as CSC da Colômbia, de acordo com o Ministério da Cultura do país, são consideradas como uma extensão do SCN a qual tem a finalidade de ampliar

a análise de uma área de interesse específico, assim como o conceito é discutido no Brasil.

No ano de 2018, em se tratando de cultura, uma informação obtida junto as CSC da Colômbia apontaram, com relação ao número de profissionais ocupados na cultura um crescimento em relação ao ano anterior de 4,10%, o que se justificou pelo aumento do setor de artes e patrimônio na ordem de 4,6% (DANE, 2019).

b) O caso do Chile

O Chile é outro país da América Latina que empregou esforços para a construção da CSC. No tocante as atividades culturais, encontram-se espalhadas em diversos setores, integrando a área de serviços, manufatura, comércio e hotéis. No ano de 2005 o governo chileno mensurou os dados concernentes à cultura para os setores de livros, música e audiovisual, sendo que no ano de 2007 foram inseridos os setores de teatro, dança, artes visuais e fotografias. Essa união de esforços propiciou que as CSC de 2011 demonstrasse a evolução econômica do setor cultural chileno no período compreendido entre 2007 e 2010 (CEGOV, 2016; CAB, 2020)

Para a formulação da CSC chilena foi utilizada a ISIC Rev. 3, como forma de estabelecer o escopo do trabalho e colaborar na classificação dos produtos. O conteúdo da CSC comporta unicamente os setores culturais e criativos. No tocante aos subsetores inseridos foram contemplados os seguintes: audiovisual, televisão, artes cênicas (dança, teatro e circo), artes visuais, fotografia, artesanato, livros, música, radio, programação e desenho gráfico, educação cultural, arquitetura, desenho, publicidade e patrimônio (arquivos, bibliotecas e museus) (CEGOV, 2016; CAB, 2020)

A contribuição cultural ao PIB, no ano de 2005 era de 1,3%, enquanto no ano de 2007 o setor cultural representava 1,55% do PIB em 2007, sendo de 1,61 % no ano de 2008, passando para 1,58% no ano de 2009, de acordo com o *Consejo Nacional de la Cultura y las Artes*, (CNCA, 2011).

c) O caso da Argentina

No período compreendido entre 2004 e 2011, a Argentina realizou uma estimativa da CSC de forma parcial. Foram construídos indicadores referentes à produção, consumo intermediário, valor adicionado, empregos gerados e indicadores não monetários. Nesse estudo desenvolvido, não constam informações referentes aos subsetores que integram a atividade cultural. Como forma de mensurar o setor, a Argentina utilizou-se de uma nomenclatura de produtos compatíveis com a aplicada nas Contas Nacionais, afastando-se das nomenclaturas da ISIC Rev. 3, recomendadas pelo CAB.

A CSC da Argentina utiliza o Classificador Nacional de Atividades Econômicas (ClaNAE 2004) com o propósito de selecionar produtos e setores culturais, cuja nomenclatura é utilizada pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INDEC). Com vistas a harmonização dos resultados da CSC, com as recomendações fornecidas pelo CAB, houve a compatibilização entre ClaNAE e a ISIC Rev. 3.

d) O caso da Costa Rica

De acordo com o Ministério da Cultura e Juventude da Costa Rica, a CSC é caracterizada como sendo um sistema de informação denominado de satélite do Sistema de Contas Nacionais, a qual permite identificar a contribuição da cultura para a economia da Costa Rica. O Ministério entende que as contribuições mais valiosas da cultura não podem ser medidas quantitativamente, mas as CSC geram indicadores que possibilitam conhecer características importantes como: PIB Cultural, emprego, demanda, despesas e financiamento, importação e exportação (MCJCR, 2019).

A Costa Rica iniciou a construção das CSC no ano de 2011. A proposta de sua formulação possui como objetivos a revelação dos impactos que as atividades culturais refletem na economia do país, assim como o emprego de um procedimento que propiciasse uma harmonia das estatísticas tanto regionalmente, como internacionalmente. Buscou seguir a proposta metodológica defendida pelo CAB, sendo que, para isso, passou por cinco etapas na construção da CSC, a saber:

- identificação dos agentes que formam o setor;
- coleta da informação monetária;
- organização e análise das informações;

- construção dos indicadores;
- a divulgação dos resultados.

Diferentemente ao determinado pelo CAB, a Costa Rica acresceu na CSC a atividade de publicidade como um setor independente, não sendo incorporado como um consumo intermediário das atividades editorial e audiovisual. Usou a ISIC Rev. 3 para a nomenclatura dos produtos para delimitar o escopo do projeto.

No ano de 2013 foram gerados os primeiros resultados, os quais contemplaram estatísticas referente ao PIB cultural, produção, consumo intermediário, consumo final, gastos, exportações, importações, emprego, financiamento, além de indicadores não monetários.

e) *O caso do México*

Segundo o *Instituto Nacional de Estadística y Geografía* – INEGI (2019), com a difusão dos resultados foi possível identificar o aporte do setor da cultura na economia, mediante a medição dos fluxos gerados pelas atividades econômicas associada com as práticas culturais. A primeira vez que foi gerada no país a CSC foi no ano de 2016.

De acordo com o INEGI, no ano de 2018, a principal contribuição da medição do setor de cultura foi a quantificação do PIB gerado pelas atividades culturais integrantes desse setor. A cultura registrou um PIB que representou 3,2% do PIB do México. Outro dado importante mencionado nas CSC do México foi de que as atividades culturais geraram um total de 1.395.669 postos de trabalho, o que representa um percentual de 3,2% ao correspondente ao total do país, e um incremento de 0,5%, se comparado com o ano anterior.

f) *O caso da Espanha*

A Espanha iniciou suas medições referente aos impactos das atividades culturais na economia no ano de 2007. A CSC da Espanha contempla os seguintes subsectores: patrimônio, livros e imprensa, artes plásticas, arquivos e bibliotecas, artes cênicas, e audiovisual e multimídia. Algumas atividades interdisciplinares que não podem ser decompostas em cultural e não cultural foram incluídas devido ao reduzido volume de informações.

Como forma de medir o impacto da cultura na economia foi adicionado à análise do setor de informática e publicidade como atividade cultural. Conforme estabelecido pelo CAB, para cada uma das atividades, analisaram-se as seguintes etapas do processo: criação, produção, fabricação, difusão e distribuição, atividades educativas, atividades auxiliares, e promoção e regulação. Foi-se em busca da mensuração do consumo final, o consumo intermediário, o valor agregado a preços básicos, a formação bruta de capital fixo, o emprego, as exportações líquidas e indicadores não monetários.

A Espanha possui uma disponibilidade de informações culturais confiáveis, o que permite a medição do impacto da atividade cultural na economia. Entretanto, a carência de informações que permitam a desagregações e a dificuldade na delimitação do setor cultural limitam estimações detalhadas do setor cultural.

As CSC espanholas são consideradas uma operação estatística, tendo uma periodicidade anual e o seu objetivo é proporcionar um sistema de informações econômicas que possibilite estimar o impacto da cultura na economia do país. De acordo com o *Anuario de Estadísticas Culturales* publicado no ano de 2019, o PIB da cultura espanhola foi 2,4% em relação ao PIB total do País (AEC, 2019).

g) O Caso da Finlândia

A experiência finlandesa na formulação da CSC teve seu início no ano de 2007 e as atividades culturais que foram consideradas foram aquelas definidas pelo SCN, foram empregadas a ISIC Rev. 3 como nomenclatura oficial com o propósito de auxiliar na seleção dos setores culturais. Essa CSC contempla os seguintes setores: artístico, teatro e concertos, museus, arquivos e bibliotecas, negócios de arte, produção e distribuição de livros, diários, periódicos, fabricação e distribuição de instrumentos musicais, produção e distribuição de filmes, gravações, desenho industrial e arquitetônico, rádio e televisão, jogos, fotografia, publicidade, parque de diversão, fabricação e venda de produtos eletrônicos, esportes, educação cultural, eventos culturais, e administração cultural.

Foram excluídas as estimações de alguns setores relevantes diante da limitação de dados, como por exemplo: arquitetura e construção, trabalhos de arte originais, artesanato, brinquedos, organizações religiosas, dentre outros. Nesse sentido, a CSC

da Finlândia contempla apenas aquelas atividades que sejam factíveis a sua mensuração. Essa limitação tende a ser corrigida em estimações futuras.

2.4. O guia metodológico para o estabelecimento das CSC

De acordo com a UNESCO (2012), não existe um manual que trate das CSC em nível global, pois o seu desenvolvimento depende das circunstâncias nacionais. Entretanto, a organização destaca o primeiro guia metodológico desenvolvido pelo CAB para utilização pelos países da América Latina.

A origem desse primeiro guia decorre do fato que países latino-americanos queriam conhecer as contribuições da cultura para as economias nacionais. Diversas metodologias foram projetadas com o fim específico de demonstração dos benefícios do PCI para o desenvolvimento econômico. Foi nesse sentido que o CAB começou a progredir na elaboração de um documento que viria a ser um instrumento de cooperação entre países da região para a realização dessas métricas. Esse documento foi publicado em 2009 sob o título de *“Cuentas Satélites de Cultura, el Manual metodológico para su implementación em Latinoamérica”* (CAB, 2009).

É nesse contexto que esta seção aborda a amplitude do guia metodológico. É certo que a concepção e efetivação de um parâmetro comum para a medição econômica da cultura, constituiu-se em um dos principais desafios identificados pelos pesquisadores, técnicos dos ministérios da cultura e escritórios de estatísticas nacionais da Ibero-América no início do século XXI.

Foi nessa conjuntura que o manual metodológico desenvolvido procurou indicar as etapas necessárias para a constituição de uma conta satélite. O guia oferece uma definição do campo cultural, delimitando os setores e subsetores que o configuram, bem como apresenta os produtos e atividades culturais características. Além disso, descreve sobre os agentes da produção do campo cultural, seus processos, inclusive estabelece o valor agregado da cultura, sem desconsiderar a importância de olhar os efeitos indiretos e induzidos sobre as demais atividades econômicas (CAB, 2009).

O manual traz, ainda, tabelas que auxiliam a identificar, no aspecto da produção, a conta produtiva dos setores culturais, da cultura em geral, dos estabelecimentos, e da matriz de recursos e a respectiva destinação dos produtos culturais. Pelo lado da demanda, a análise do emprego, dos gastos e do financiamento dos gastos no campo cultural (CAB, 2009).

O objetivo desse método tem como princípio basilar o estabelecimento de linhas de ação, categorias históricas e localizações referenciais, que permitam prospectar, monitorar e avaliar projetos futuros que apoiem atividades culturais que acrescentem o alcance à cultura, de forma a demonstrar sua importância. No tocante ao aspecto econômico, seu intuito é o de identificar instrumentos de incentivo público e privado, dimensionar e avaliar a equipe laboral, abordando questões como diversidade que envolvam a oferta e procura de seus itens (CAB, 2015).

As informações econômicas que a metodologia oferece, estão descritas na Figura 6, a seguir:



Fonte: Elaborado pelo autor adaptado do CAB (2009; 2015)

A publicação do manual metodológico que fixou diretrizes para o estabelecimento de Contas Satélite de Cultura na América Latina foi coordenada e financiada pelo BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, a AECID - Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e com a organização do CAB. Alcançou um elevado nível de aceitação pelos países da América Latina, tornando-se um ponto de referência obrigatório quando o assunto é valor econômico da cultura na região. Com o propósito de continuar progredindo no desenvolvimento da metodologia, em 2013, o CAB atualizou seus procedimentos realizando ajustes, de forma que nesse novo instrumento fossem contemplados alguns exemplos de aplicação da experiência dos países, algumas recomendações de políticas públicas, de maneira a evitar solução de continuidade (CAB, 2015-A).

O instrumento atualizado tem como público-alvo dois agentes. O primeiro compreende os gerentes e atores culturais da sociedade civil e do Estado, interessados em analisar as inter-relações de suas políticas e ações com os agregados culturais e a esfera econômica geral. O segundo é formado por analistas de instituições macroeconômicas e pesquisadores responsáveis pelas dimensões econômicas da cultura, em particular, aqueles que constroem e usam as Contas Nacionais (CAB, 2015).

O guia metodológico remodelado possui uma estrutura organizada em blocos temáticos conforme demonstrado no Quadro 7, a seguir:

Quadro 7 – Organização do guia metodológico do CAB

Bloco	Descrição
I-Aspectos conceituais e metodológicos das Contas Satélite da Cultura	Oferecem conceitos básicos para entender como a pesquisa aborda a relação entre cultura e economia, além de fornecer informações sobre os principais tratamentos realizados para a medição econômica da cultura nos últimos 15 anos e coloca o leitor diante das particularidades e do alcance das Contas Satélite da Cultura, com base em outras propostas de medição metodológica. Apresenta inclusive os conceitos básicos das CSC, seus objetivos, sua delimitação e sua segmentação.
II. Ferramentas para caracterização e cálculo de contas de setores culturais	Como novidade, esta edição da Metodologia oferece informações específicas para a medição e análise dos diferentes setores culturais identificados no campo cultural. Observa-se a caracterização, a sistemática e as ferramentas para calcular as contas correspondentes.
III. Instrumentos para a efetivação das Contas Satélite de Cultura	São fornecidas recomendações úteis para iniciar processos de medição através das seções: "Ações mínimas recomendadas para a concepção das CSC" e "Folha roteiro para o estabelecimento e cálculo de uma CSC", como forma de realização dessas dinâmicas de medição, além de possuir dez recomendações derivadas da expertise dos países da região, o que facilitará a identificação das principais ações.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no CAB (2015)

O guia adota o modelo do ciclo cultural proposto pelo Marco de Estatísticas Culturais da UNESCO, para definir com precisão quais atividades culturais devem ser consideradas por cada setor do campo cultural (CAB, 2015).

De acordo com a UNESCO, o ciclo cultural orbita ao redor de cinco fases, que nada mais são do que processos necessários para que se possa produzir, difundir e aperfeiçoar expressões culturais, além de propiciar a obtenção, utilização e compreensão da manifestação em si. Algumas fases podem se fundir, estarem ausentes ou até mesmo ter maior relevância do que outras dependendo da natureza de cada manifestação cultural (UNESCO, 2009).

2.5. O valor econômico de um PCI e os modelos de valoração

Quando se trata de avaliar economicamente o patrimônio cultural, independentemente de estar se referindo a bens ou manifestações culturais, sua valoração se dá através da atribuição do valor de uso (VU) e o valor de não uso (VNU) (CAB, 2015-A).

Segundo Marques e Comune (1995) os modelos de valoração são muito empregados para aplicação na avaliação de recursos ambientais sendo denominado de Valor Econômico de um Recurso Ambiental – VERA, que é representado por $VERA = VU$ (Valor de Uso) + VNU (Valor de Não Uso). Assim como o PCI, os recursos ambientais não são mercadorias, compreendem ativos fundamentais à preservação do patrimônio cultural, da mesma forma como o meio ambiente. A perspectiva que envolve a valoração propicia uma melhor compreensão do quão relevante é entender o valor que o meio ambiente possui para a conservação das espécies na terra, assim como o valor do PCI para a sua sustentabilidade.

Nesse contexto, o CAB (2015-A) defende que somente com a soma do valor de uso e o valor de não uso é possível a obtenção do valor econômico total de um bem ou manifestação. Para o CAB (2015), o VU de um bem cultural considera o impacto dos fluxos e causas econômicas do consumo derivada de seu uso, assim como os benefícios diretos de usuários para utilizar as instalações ou serviços pertencentes a um bem ou manifestação. Nessa mesma linha, Marques e Comune (1995) afirmam que este é subdividido em valor de uso direto, valor de uso indireto e valor de opção, o qual se refere ao valor que os usuários atribuem ao bem para uso direto e/ou indireto no futuro.

No caso do VNU, o CAB (2015) considera as avaliações abstratas sobre o patrimônio, a saber: o valor opcional, o valor da existência e o valor legado, isto é, a avaliação intrínseca de um bem ou manifestação. Na opinião de Marques e Comune (1995) o valor de não uso que também é denominado de valor de existência, diz respeito à um valor que está desagregado do uso do bem apesar de possuir uma ligação com as pessoas, mesmo que estas não representem uso atual ou futuro para ninguém.

No Quadro 8 são apresentadas as avaliações abstratas realizadas sobre o patrimônio:

Quadro 8 – Valor de não uso de bens ou manifestação patrimonial

Valor	Descrição
Valor Opcional	É um valor de uso futuro do patrimônio, quer dizer que valorizar a permanência da propriedade apenas por ter a opção de consumir no futuro;
Valor de Existência	Refere-se ao fato de que um indivíduo pode se beneficiar do recurso através da crença da continuidade de sua existência, mesmo sem ser beneficiado para isso;
Valor Legado	Refere-se ao conceito de tomar responsabilidade de preservar a herança intacta por gerações futuras.

Fonte: adaptado de CAB (2015-A)

Observa-se da descrição constante no Quadro 8 que o valor de não uso é um valor intrínseco, um valor de herança e que, na opinião de Barcelos (2014), ele é mensurado pela disposição que as pessoas possuem em pagar pela conservação de bem estipulado, como forma de que novas gerações possam ter acesso.

Valor econômico de um bem

Muito embora possa existir uma relação muito tênue entre as expressões valor e preço, o conceito de valor é alvo de investigação por várias áreas do conhecimento e todas buscam determinar valor a algo que não possui valor de mercado. Nesse contexto, o valor não se trata de apenas uma representatividade do custo de produção de um produto qualquer. Na realidade, ele procura expressar a importância imputada pelo consumidor, que leva diversos aspectos em consideração, sejam eles de natureza cultural, social, religiosa, entre outros.

É através de uma simples equação que se torna possível visualizar a concepção do valor econômico de patrimônio. No presente caso o valor econômico total (VET) é fruto do somatório do VU mais o VNU. O VU é obtido da soma entre o valor de uso direto (VUD), mais o valor de uso indireto (VUIr), acrescido do valor de uso induzido (VUIz), conforme equação 1.

$$VET = (VUD + VUIr + VUIz) + VNU \quad (1)$$

Ao se observar a fórmula acima, percebe-se que para se calcular o valor de uso se faz necessário medir três tipos de impactos: direto, indireto e induzido. Esses impactos procuram traduzir as repercussões e benefícios que o uso de certo bem ou

manifestação provoca na economia e seu emprego a nível nacional, regional ou local. Além disso, podem ser medidos outros tipos de impactos como sociais, fiscais e ambientais do objeto de análise.

Nesse sentido, pode-se discutir aqui que esses impactos econômicos são úteis para as administrações públicas enquanto permitem ter informações quantitativas e qualitativas sobre os impactos na produção, emprego e meio ambiente, o que possibilita a tomada de decisões de investimento (CAB, 2015-A). Da mesma forma, permite atrair financiamento e patrocínio do setor privado ou de entidades internacionais de cooperação e a geração de oportunidades de negócio.

Os impactos decorrentes do uso de um bem ou manifestação cultural contribuem economicamente para a contabilização cultural de uma nação, conforme demonstrado no Quadro 9.

Quadro 9 – Fontes de impacto econômico

Fontes	Descrição
Impacto direto	Corresponde aos gastos com bens e serviços associados do setor estudado e outras medidas como salários e empregos do setor.
Impacto indireto	Consiste no impacto econômico que ocorre na cadeia de suprimentos da indústria a qual o bem pertence, isto é, são medidas as transações comerciais referentes aos negócios que acontecem no cotidiano, em especial, os resultados das compras e fornecimentos de bens e serviços que a integram.
Impacto Induzido	Reflete a produção e o emprego gerado graças ao consumo feito por funcionários diretos e indiretos da indústria, ou seja, como ela aumenta a renda pessoal em resposta aos efeitos diretos e indiretos.

Fonte: adaptado de CAB (2015-A)

Decerto que os impactos indiretos e induzidos estão associados ao que normalmente é chamado de efeitos multiplicadores, o que indica que o efeito econômico total pode ser muito maior que o obtido somente no impacto direto (CAB, 2015-A).

Ainda na visão do CAB (2004; 2015-A), na economia sempre haverá impactos diretos e indiretos, porém, o impacto líquido a nível total de atividade econômica em uma determinada área, pode ou não aumentar devido aos efeitos multiplicadores. Isso depende tanto da definição da área de estudo, como da capacidade da área em proporcionar trabalhadores adicionais e recursos de capital ou trazê-los de outros lugares. Os multiplicadores típicos são os de produto, emprego, renda e transações. Por exemplo, os de produto medem o incremento total em pesos do produto das

empresas por cada peso de demanda final adicional de um setor econômico. Os de emprego se referem ao incremento total dos empregos na economia por cada novo emprego criado em um setor específico.

Os modelos de valoração

Assim sendo, o CAB (2015-A) afirma que para a valoração de um bem ou manifestação cultural existem, basicamente, duas categorias de modelos. Essas metodologias de avaliação econômica do patrimônio quantificam, tanto o valor de mercado como o valor estendido do bem ou manifestação. A partir de dados reais do mercado, se existir, ou por meio da constituição de mercados hipotéticos em que se valora a percepção do público em relação ao bem ou um conjunto de atributos a ele associados.

Os métodos de valoração do patrimônio utilizados pelo CAB são decorrentes de informações do mercado e do não mercado. O método oriundo de informações do mercado, apresenta os modelos de preferências reveladas e, o oriundo do não mercado, apresenta os modelos de preferências declaradas. Esses métodos permitem avaliar monetariamente a cultura (CAB, 2015-A).

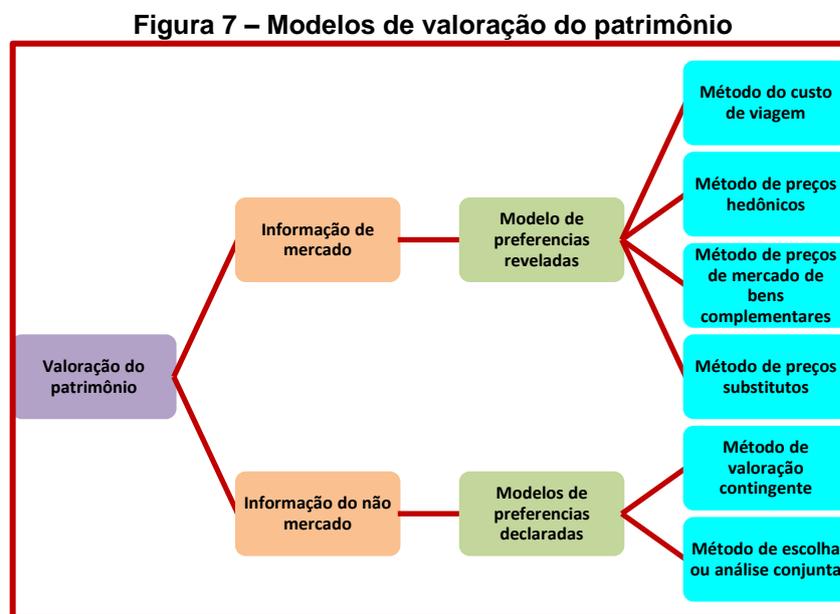
Entretanto, verificam-se deficiências nessas metodologias as quais incluem dois aspectos: (a) essas metodologias foram inicialmente desenvolvidas para a medição do patrimônio ambiental, mas de certa forma, diante da similaridade existente entre os ativos são utilizadas como instrumento para mensurar os *heritage assets* (GUIA, 2008); e (b) desconhece-se no campo teórico um tratamento prático que estabeleça qual a metodologia mais apropriada para monetizar os *heritage assets*, e nesse sentido, essas são utilizadas (MARQUES & FREIRE, 2014).

Nesse sentido, para a realização da valoração econômica de usos e não usos de um bem ou manifestação, emprega-se os métodos de valoração econômica ambiental. Na opinião de Pearce (1993) os principais métodos utilizados na valoração de recursos ambientais são: método de valoração contingente; método do custo de viagem; método de preços hedônicos; método da produtividade marginal e métodos de mercado de bens substitutos (custo de reposição, custos evitados e custos de controle).

Pearce (1993) menciona que muito embora esses métodos apresentem resultados, quase sempre divergentes, todos baseiam-se em um mesmo pilar, a

racionalidade econômica. As pessoas fazem suas escolhas a partir de suas observações, ocasião em que buscam maximizar o bem-estar limitadas pelas restrições orçamentárias. O autor esclarece que não se trata de modificar um bem ambiental em um produto com preço de mercado, mas sim mensurar as preferências dos indivíduos sobre as alterações em seu ambiente.

Os modelos oferecidos pelo CAB (2015) para avaliação de um PCI não diferem muito do que menciona Pearce para a realização de uma avaliação ambiental, e pela similaridade de ativos são usadas as mesmas métricas, conforme pode ser visualizado na Figura 7.



Fonte: Adaptado de CAB (2015-A)

Os modelos de preferências reveladas são construídos com os dados reais do mercado. Eles provêm diretamente dos bens ou manifestações imateriais que interessa valorizar, ou de mercados relacionados com os quais se podem valorar indiretamente. Em outras palavras esses modelos envolvem a procura de pistas, são considerados como o estudo do comportamento do indivíduo.

Por sua vez, os modelos de preferências declaradas são aqueles que utilizam o comportamento julgado que o indivíduo vai ter, segundo a situação que lhe é transmitida, isto é, se baseiam nas preferências dos consumidores ou usuários, se utilizando de mecanismos que retratam escolhas por meio de técnicas de questionários. São simulados cenários hipotéticos e realizadas deduções de valor.

Do exposto sobre os métodos, o CAB (2015-A) afirma serem os mais tradicionais para avaliação de *heritage assets*, o método de avaliação contingente e o de valoração de custos de viagem, razão pela qual, no presente trabalho, serão utilizados esses dois métodos, primeiro por estar em consonância a outros trabalhos de valoração de bens intangíveis e segundo, por entender que seriam os mais adequados, razão pela qual os outros métodos foram descartados.

I. Método do Custo de Viagem - MCV

De acordo com o CAB (2015) é o método que reconhece a existência de um custo de deslocamento para a obtenção ou ingresso em um local patrimonial, muito embora, na maioria das vezes, o custo para acesso seja zero, isto é, gratuito. Associa-se a esse custo os gastos adicionais para a visita, como por exemplo: hotéis, comidas etc., inclusive, a disposição das pessoas em pagar para ter acesso a certo evento ou bem. De uma forma geral, se entende que quanto mais próximo se reside do local do evento que se quer valorar, maior será o número de visitas a manifestação cultural.

Para Pacheco (2011) é a metodologia que tem por base a teoria da procura por parte do consumidor, na qual consiste que o custo de oportunidade é um fator predominante. Enquanto para Guia (2008), é a metodologia que procura avaliar o consumidor, através da observação de seus comportamentos e medição da privação de rendimentos alternativos que estariam vinculados a variável tempo e o custo de oportunidade que foi perdido.

Foi nesse contexto que se adotou o MCV, pelo fato de que estima uma demanda por atividades associadas, de forma complementar ao uso do bem em si, e no presente caso, a manifestação cultural denominada Festa de Batuque. E, nesse caso, a curva de demanda destas atividades é construída com base nos custos de viagem à manifestação e, teoricamente, o custo de viagem corresponderá, assim, o custo para visitar à manifestação.

Entretanto, resta compreendido que, quanto mais longe da Festa de Batuque residirem os participantes, menos uso do bem é esperado, uma vez que tende aumentar o custo de viagem para a visitação. Em contrapartida, no caso daqueles que residem próximos ao local da manifestação, entende-se que mais uso farão, na medida em que o custo de viagem será menor.

A lógica por de trás do método, parte do pressuposto que quando um recurso é desfrutado para atividades recreativas, produz um fluxo de serviço dimensionável para os indivíduos, na medida em que cada visita ao local em questão envolve uma transação implícita, a qual consiste no estabelecimento do custo de viajar para o local da manifestação ser considerado o preço que se paga para utilização dos serviços (BORGER, 2000).

De certa forma, o método do custo de viagem, não considera custos de opção e de existência, uma vez que capta apenas os valores associados ao uso direto e indireto associado a visita. É uma metodologia de valoração econômica bem antiga, e que inclui o transporte, o tempo de viagem, a taxa de entrada e outros gastos como o desembolso necessário para usufruir o bem (MOTTA, 1997).

Essencialmente, o MCV busca através da aplicação de questionários junto a pessoas que frequentam a manifestação estudada, coletar dados, como forma de determinar uma equação que relacione a quantidade de visitação às variáveis custo de viagem, tempo, entre outras, as quais possam explicar a visita ao patrimônio cultural. Os dados são coletados através da aplicabilidade de indagações à uma amostra da população no local de visitação (MAIA e ROMEIRO, 2008).

Para Motta (1997), esses questionários devem ser realizados em vários períodos do ano, evitando-se, assim, um viés sazonal na amostragem. Uma vez com os dados disponíveis, estima-se a curva de demanda por visitas recreativas comparando as variáveis socioeconômicas e os custos médios de deslocamentos.

II. Método de Valoração Contingente - MVC

O MVC, juntamente com o MCV são os métodos mais utilizados na avaliação do patrimônio cultural, muito embora a aplicabilidade de ambos, teve sua origem em estudos sobre a economia ambiental e referente ao bem-estar.

Na visão de Borger (2000) o método possui grandes vantagens, em especial, a flexibilidade. É possível a sua aplicação em uma variedade de questões de natureza ambiental, permitindo sua adaptabilidade para bens e serviços intangíveis.

O MVC é uma metodologia de fácil aplicabilidade, uma vez que consiste na empregabilidade de pesquisas amostrais, a qual procura revelar, em forma pecuniária, as predileções dos participantes, de forma individualizada, em consonância aos bens que não são negociados no mercado. Diante da inexistência de um mercado real é

criado um mercado fictício mediante averiguação junto aos consumidores, bem como aos potenciais consumidores, momento em que são inquiridos sobre qual valor pagariam por determinado bem ou serviço se tivessem que comprá-lo (MOTTA, 1997).

Neste sentido, procura-se simular possibilidades, as quais devem possuir características mais próximas possíveis da realidade, como forma de que as predileções evidenciadas nas consultas possam espelhar as decisões que os agentes assumiriam, no caso de ocorrer um mercado para o bem caracterizado na hipótese construída (MOTTA, 1997).

De certa forma, pode-se dizer que essas preferências expressas em valores monetários, afirmam o quanto os respondentes concordariam pagar para assegurar um progresso em seu bem-estar ou o quanto se propõem a aceitar em contrapartida pela perda do bem-estar.

A utilização por essa metodologia tem crescido ao longo dos tempos, pelo fato de que é a única técnica capaz de captar o valor de existência. Porém, existem críticas quanto a sua utilização, na medida em que as pessoas que participam do questionário possam não entender ou até mesmo desconhecerem determinados valores culturais e/ou ambientais de um determinado bem, sendo que algumas parcelas das práticas culturais podem não ser consideradas, quando da avaliação como geradoras de valor, entretanto, essas parcelas podem ser significativas para a existência de outras funcionalidades que possibilitam o uso percebido (MOTTA, 1997; BORGER, 2000).

Acredita-se, com isso, de que se os respondentes forem capazes de compreender a questão formulada na pesquisa, no tocante a indução em revelarem a verdadeira Disposição a Pagar (DAP) ou Disposição a Aceitar (DAA), pode-se dizer que o método é ideal, possibilitando a obtenção do valor de não-uso ou o valor de existência. O não entendimento pode propiciar uma divergência entre a preferência revelada na pesquisa e a preferência verdadeira.

Algumas referências sobre a valoração do PCI

Especificamente, sobre a mensuração do patrimônio cultural, nas últimas décadas, tem se produzido um conjunto relevante de trabalhos científicos que versam sobre o tema. Esse conjunto de trabalhos bibliográficos auxiliam a responder os aspectos e dimensões que vêm sendo evidenciadas em épocas e lugares diversos,

como as teses de doutorado, as dissertações de mestrado, além de publicações em periódicos.

Alguns dos estudos sobre a cultura imaterial que versam sobre a valoração do patrimônio cultural, convergem para a investigação no tocante à mensuração do intangível por intermédio do MCV (GUIA; 2008; MAIA e ROMEIRO, 2008; ANGELO e CARVALHO, 2007; STAMPE, TOCHETTO e FLORISSI, 2008). Constata-se, inclusive, em outros estudos, que para a valoração de bens culturais foi utilizado o MVC (CURVINA, 2015; HERRERO, SANZ e DEVESA, 2011; NOONAN, 2002; KING, 2003). Com base nessas informações, procurou-se inventariar alguns trabalhos que aplicaram os métodos MCV e MVC, conforme Quadro 10, a seguir:

Quadro 10 – Inventário de trabalhos que aplicaram os métodos MCV e/ou MVC

Ano	Autores	Ideia Central do Trabalho
2000	Font	O presente trabalho procurou ilustrar a aplicação do método, considerando a demanda turística e benefícios de um conjunto de áreas naturais protegidas em Mallorca.
2004	Silva e Lima	O Trabalho identificou o valor médio da DAP anual de R\$ 23.946.380,00 para o Parque Ambiental Chico Mendes.
2007	Ângelo e Carvalho	O trabalho buscou propor um valor recreativo ao Rio Araguaia, na região de Aruanã, e constituiu-se em 17 bilhões ao ano.
2008	Maia e Romeiro	O trabalho buscou investigar a confiabilidade do MCV e sua aplicabilidade ao Parque Nacional da Serra Geral.
2008	Abreu et al.	O trabalho buscou atribuir valor atribuído à Praia da Avenida, em Maceió/AL, e demais recursos por ela disponibilizados.
2008	Guia	O presente trabalho buscou avaliar os bens da cidade de Tomar, obtendo os seguintes valores: Convento de Cristo (€ 32,73), Sinagoga (€ 32,08) e o Museu de Fósforos (€ 310,55).
2008	Fleming e Cook	O trabalho buscou calcular o valor recreativo da <i>Fraser Island</i> e <i>Lake McKenzie</i> para visitantes residentes na Austrália.
2008	Stampe et al.	Os autores buscavam com o trabalho propor um valor para a feira do Livro de Porto Alegre e o valor encontrado foi de R\$ 11 milhões e 900 mil reais.
2010	Barbosa Filho et al.	O trabalho buscou identificar o valor atribuído a melhoria ambiental dos igarapés da bacia do Educandos no montante de R\$ 46.325.074,92.
2011	Bem e Giacomini	O trabalho visava identificar o valor que são atribuídos pelos agentes econômicos de Canoas/RS aos bens e serviços culturais.
2011	Hernández e Madrazo	O trabalho buscava investigar quais os benefícios decorrentes dos bens culturais da mostra de arte religiosa da exposição intitulada <i>Kyrios</i> , na Espanha.
2013	Freire et al.	O trabalho encontrou o valor de R\$ 4.873,67 por visitante como forma de valorar os bens ambientais de Cavalcante/GO.
2012	Marques	O trabalho em questão buscou aplicar as variações Individual, Zonal e Híbrida, para a Catedral, Torre de TV e Praça dos Três Poderes em Brasília.
2013	Hiluy e Souza	O trabalho buscou encontrar um valor por meio do método Open-ended, sendo o montante de R\$ 297.278.249,6 para o Teatro Amazonas e o valor de R\$ 218.966.325,2 para o Largo de São Sebastião.
2015	Marques e Freire	O Trabalho procurou encontrar um valor para a Catedral Metropolitana de Brasília por meio de uma variação híbrida do método.

2015	Curvina	O Trabalho identificou a DAP pela Festa do Divino em Pirenópolis pelos métodos MVC e MCV. Os valores apurados forma de R\$ 22.248,91 pelo MCV e de R\$ 31,17 pelo MVC.
2016	Carvalho Júnior, Marques e Freire	O trabalho buscava identificar os valores individuais pelo MCV e MVC para a visita ao Memorial Darcy Ribeiro de Brasília e os valores forma de R\$ 5,05 pelo MCV e de R\$ 4,07 MVC.

Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

Dentro dos estudos, acima considerados, referentes a valoração do intangível, ressalta-se a contribuição da dissertação de mestrado de trabalho de Vinicius Mascarenhas Guerra Curvina (2015), a qual procurou mensurar o valor da Festa do Divino, evento cultural de Pirenópolis – GO, utilizando o MVC e o MCV. Associa-se a esse estudo, o trabalho desenvolvido por Christopher Maughan e Franco Bianchin, da Universidade de Montfort, Leicester, que tratava do impacto econômico e social dos eventos culturais do Leste da Inglaterra, no ano de 2004.

Sob outra perspectiva, pode-se mencionar, inclusive, outros trabalhos capitaneados pelo CAB que, através de seu manual metodológico, procuram facilitar o processo de mensuração do patrimônio imaterial, como forma de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da região, através da análise da contribuição real e potencial da cultura. Como por exemplo, podem ser citados os seguintes estudos realizados:

a) *A valoração da área de conservação do parque floresta natural de El Cañoncillo:*

Estudo realizado em 2011. A floresta natural de *El Cañoncillo*, no Peru, tem importância socioeconômica e ecológica pois, fornece bens e serviços além de apresentar características que o tornam um local acessível e atraente para visitantes. Nesse estudo, para fins de valoração do parque, foi utilizado o método dos custos de viagem, com base nas informações obtidas junto aos visitantes do parque e na aplicação de pesquisas durante cinco dias. Foi observado nesse estudo que quanto maior o custo de viagem: menos visitas; quanto maior a renda: mais visitas; e quanto mais educação: mais visitas (CAB, 2015-A).

b) *O impacto econômico do Torneio Internacional de Joropo:*

estudo realizado em 2013. Considerado o evento mais importante do folclore dos *Llanos, Villavicencio*, Colômbia, sendo composto por dois elementos fundamentais da cultura local: dança e música. Somente a organização do torneio injeta US\$ 790

milhões na economia de *Villavicencio* e gera 350 empregos temporários, relacionados ao impacto direto. Por outro lado, o impacto indireto do torneio na economia da cidade, gerado pelas despesas do torneio participantes de outros municípios, é muito importante e está estimado em cerca de US\$ 6.900 milhões (CAB, 2015-A).

2.6. Debates realizados sobre a temática

Nesta seção, o objetivo se resume na revelação de contribuições estabelecidas e que, foram julgadas pertinentes e suficientes, para proporcionar uma breve discussão, a qual tem a finalidade de retratar um panorama acerca da criação científica que trata da mensuração do patrimônio cultural imaterial.

Primeiramente, importante ressaltar que diversos estudos significativos sobre a religião de matriz africana no RS foram publicados. Verificou-se uma extensa lista de trabalhos com abordagens das mais variadas, como por exemplo, na área da sociologia, antropologia, pedagogia, teologia, geografia, história, entre outros. Contudo, apesar da existência dessa extensa bibliografia relacionada a religião de matriz africana, não se vislumbrou trabalhos quanto a abordagens socioeconômicas.

Diante do escopo do presente trabalho, associado aos limites temporais para sua conclusão, não se torna possível apresentar as diferentes concepções dos autores referenciados nos estudos verificados. A escolha realizada para este item foi de se proceder uma investigação menos interpretativa, sendo registrado apenas algumas considerações julgadas convenientes para o presente contexto, visto que o intuito supremo desta seção, reside em estimar os principais autores, entender por onde trilham as pesquisas sobre o Batuque, bem como identificar as respectivas lentes de análise.

A produção internacional acerca do Batuque

Deste ponto em diante, então, apresenta-se um breve panorama sobre a produção bibliográfica internacional constatada sobre o Batuque. Destaque para o fato de que a busca se deu através da leitura de artigos científicos, dissertações de mestrados e teses de doutorados. Tem-se alguns autores expoentes que tratam da

temática em solo uruguaio e argentino, fruto da migração dessa cultura para esses países da bacia platina.

No caso uruguaio, que foi o primeiro país a receber essa cultura nos anos 1950, tem-se os trabalhos do antropólogo Renzo Wifredo Pi Hugarte, considerado o pai da antropologia no Uruguai. Observou-se que os seus trabalhos são citados, tanto por autores uruguaio, como argentinos e brasileiros. No caso do trabalho de Victoria Sotelo, socióloga, mestre em sociologia e doutoranda em sociologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da República Uruguaia, a qual publicou artigo no congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), em 2015. A autora busca, nesse documentos, explorar o fenômeno crescente da expansão dos cultos de matriz africana no Uruguai e a sua relação com a pobreza, neste trabalho a socióloga utiliza o referencial de Renzo Pi Hugarte.

No tocante a autores argentinos, vislumbrou-se o trabalho do antropólogo Alejandro Frigério, pesquisador independente do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*, vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação Produtiva da Argentina. A sua obra busca focar no processo de circulação de bens culturais entre países do Cone Sul, em especial na expansão das religiões de matriz africana gaúcha, refletindo sobre as consequências da transnacionalização de práticas culturais populares para os seus participantes.

Frigério, em sua obra “Re-africanização em diásporas religiosas secundárias: construindo uma religião mundial” do ano de 2004, assim como na obra “A transnacionalização como fluxo religioso na fronteira e como campo social: Umbanda e Batuque na Argentina” do ano de 2013, comenta sobre o desenvolvimento relevante na história das religiões de matriz africana e a sua expansão, seja através da extrapolação das barreiras étnicas e nacionais, não ficando confinadas às áreas em que tiveram seu surgimento.

Tanto no trabalho da Socióloga uruguaia Victoria Sotelo, como naqueles que levam a assinatura do antropólogo Alejandro Frigério, que versam sobre a temática do Batuque, referenciam algumas das obras de Renzo Pi Hugarte, entre eles foram mencionadas as seguintes: Cultos de possessão no Uruguai (1998), Transnacionalização da religião no cone-sul: Caso do Uruguai (1997), Umbanda, Quimbanda e Batuque: mudanças recentes na cultura do Uruguai (1995), Estudos sobre religião no Uruguai (1993), Religiões afro-brasileiras no Uruguai (1993).

De acordo com Sotelo (2015) e Frigério (2004, 2013), Renzo Pi Hugarte, em suas obras, procura explicar o fenômeno de crescimento desses cultos de matriz africana no Uruguai, denominados por ele como cultos de possessão, fazendo uma associação de que esse acontecimento é em decorrência das mudanças na estrutura socioeconômica daquele país que provocaram a baixa do poder aquisitivo das classes populares, o que facilitou a conversão à essa crença, visto que seu sistema de valor e práticas sinalizam para soluções individuais de retorno imediato, associado ao efeito purificador de seus rituais.

Uma questão importante de reportar nesta etapa do trabalho é sobre “As Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina”, as quais são promovidas pela Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). A XX Jornada teve o seu tema geral como “Religiões na América-Latina: Horizontes e Novos Desafios” ocorreram no período compreendido entre 30/06 a 03/07/2020, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Um dos grupos de trabalhos procurou estudar as religiões afro-latino-americanas, levando em questão aspectos como: a transnacionalização, a estigmatização, Identidades e rituais.

Esse grupo de trabalho foi coordenado por Dilaine Soares Sampaio, Professora Adjunta do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, mais o argentino Alejandro Frigério, professor no mestrado de Antropologia Social e Programa Político da FLASCO (Faculdade da América Latina de Ciências Sociais) na Argentina, além do Professor Ari Pedro Oro, titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com experiência na área de antropologia, ênfase em antropologia da religião e que atua, principalmente, com os seguintes temas: pentecostalismo, religiões afro-brasileiras, religião e política e transnacionalização religiosa.

Esse grupo de trabalho procurou reunir diversos pesquisadores da América Latina, com o propósito de demonstrar elos, vinculações e permutas, examinando a real situação das religiões afro-latino-americanas no continente, enfatizando um de seus principais movimentos, a translocalização e a transnacionalização. Foi observado, inclusive, não apenas os deslocamentos de suas diferentes variantes a locais diferentes daqueles em que se originaram, assim como o cruzamento de fronteiras entre países, determinando campos sociais transnacionais que unem a América Latina, Europa, Estados Unidos e África.

Esse grupo também buscou acolher trabalhos que tratassem da memória das religiões afro-latino-americanas, suas interfaces, assim como suas variadas identificações religiosas, a sua visibilidade, presença no espaço público, e os diversos meios de comunicação. Pode-se observar entre os autores recorrentes referenciados nessa XX Jornada foram: Argyriadis e Huet (2008), Bahia (2015), De La Torre (2009), Frigério (2013), Frigério e Oro (2005; 1991; 1998), Sampaio (2014; 2016; 2018).

A produção nacional

Sob a perspectiva nacional relativamente a temática, destaque para o volume de produção do antropólogo Ari Pedro Oro, podendo ser citadas as obras *O atual campo afro-religioso gaúcho* (2012); *Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. Estudos Afro-Asiáticos* (2002); *Religião e política nas eleições 2000 em Porto Alegre* (2001); *Axé Mercosul: As Religiões Afro-brasileiras nos Países do Prata* (1999) e *As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul Debates do NER* (2008).

Em suas obras Ari Pedro Oro menciona os trabalhos de Hugarte, assim como os de Frigério, e deste último, um destaque para as seguintes produções: *“La invasión de las sectas: el debate sobre los nuevos movimientos religiosos en lo medios de comunicación en Argentina”* (1993), *“Política y drama en el trance de posesión”* (1995), *“El rol de la “escuela uruguaya” en la expansión de las religiones afrobrasileñas en Argentina”* (1998), *“Estableciendo puentes: Articulación de significados y acomodación social en movimientos religiosos en el Cono Sur”* (1998)

Outros autores nacionais que em seus trabalhos promovem uma discussão sobre a temática, pode-se mencionar os trabalhos do antropólogo Norton Figueiredo Correa, sendo importante destacar, pelo menos, duas obras sobre o tema: (a) *“O Batuque do Rio Grande do Sul antropologia de uma religião afro-rio-grandense”* (2006); e (b) *“A comida é a base da religião: a culinária ritual no Batuque do Rio Grande do Sul”* (2017).

Na obra *“O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense”* que é resultado de sua dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual são descritos os conhecimentos religiosos auferidos sobre rituais praticados em dois terreiros porto-alegrenses. Esse trabalho foi resultado de anos de pesquisas junto aos templos, período em que

conquistou a confiança de sacerdotes e sacerdotisas. A obra retrata uma discussão sobre as nações batuqueiras existentes no RS, assim como a origem do Batuque no estado. Apresenta, inclusive, um debate sobre a visão de mundo do povo de terreiro.

Na obra “A comida é a base da religião: a culinária ritual no Batuque do Rio Grande do Sul”, artigo científico que procura fazer uma discussão sobre a comida ritual da religião de matriz africana no RS, invocando que a religião conserva fielmente as raízes originais. Entretanto, afirma que com o decorrer dos anos, a culinária incorporou elementos de outras etnias povoadoras do RS. Por outro lado, importante registrar que o artigo busca deixar claro que, praticamente, em todo ritual realizado no Batuque, a culinária está presente, razão pela qual os templos possuem um espaço específico destinado a preparação dos alimentos ritualísticos.

No tocante as referências para essa obra, o autor recorreu as seguintes produções: Correa (2006) “O Batuque do Rio Grande do Sul: antropologia de uma religião afro-rio-grandense”; Douglas (1976) “Pureza e Perigo”, Lima (1977) “A família de santo nos Candomblés Jejê-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intergrupais”

Entre outros autores que podem ser mencionados que tratam sobre o tema, expõem-se Vasconcelos e Silva (2019), os quais apontam para as pesquisas de Roger Bastide como sendo um conjunto de trabalhos que buscou, de uma forma interdisciplinar, entender a concepção das religiões africanas no Brasil, a partir da interpretação do próprio negro, sendo que em muitos momentos dedicou seus estudos para apresentar o sincretismo afrocatólico no país.

Muitos outros trabalhos poderiam ser consignados nesta seção, tendo em vista um grande volume de pesquisas e informações que foram observados sobre o Batuque. Entretanto, assinala-se que esse universo de trabalhos verificados foram concebidos sob a regência de uma lente de pesquisa voltada para a sociologia e a antropologia, entre outras, diferentemente da proposta na presente tese que possui um olhar socioeconômico, o que por si só, justifica a realização deste trabalho.

3. A HERANÇA CULTURAL DE MATRIZ AFRICANA

Ao ponderar sobre identidade cultural, Hall (2003) estabeleceu o ponto de vista acerca do acontecimento em que os valores culturais são preservados como componentes que permeiam às mudanças realizadas pelas migrações territoriais. O autor ainda acredita que as culturas são soluções e se constituem em meio às diásporas, manifestando-se como uma contribuição para a reconstituição de seus hábitos e costumes. Essa averiguação indica que as culturas não são inalteradas. Isso oferece às tradições um material sincrético, em que se pode constatar a agregação de outros valores culturais e a manutenção de particularidades associadas às matrizes étnico-raciais.

Nesse sentido, o presente capítulo tratará sobre a formação da personalidade cultural afro-brasileira levando em consideração a cultura negra no período colonial e pós-colonial através de questões direcionadoras que envolvem sua introdução nas discussões dos Estudos Culturais. Por outro lado, visa também observar o racismo epistemológico, institucional, cultural e religioso, o campo de atuação afro-religioso no RS, a caracterização da Festa de Batuque em Porto Alegre, assim como a contextualização do local de estudo. A vinculação do patrimônio imaterial de matriz africana ao desenvolvimento. E, por fim, são mostrados os caminhos metodológicos percorridos pela tese.

3.1. Os negros no Brasil: do período colonial até os dias atuais

Esta seção remete, em seu início, tristemente, para um passado relativamente distante e que, de certa forma, parece não estar relacionado diretamente ao tema em estudo, entretanto, não se pode, contudo, renunciá-lo. Existe a necessidade de reconstrução de um conjunto de informações e demais conhecimentos que possam caracterizar a formação cultural brasileira, pois se trata de mais de três séculos de atividade colonizadora que constituem a história do Brasil.

A inserção dos africanos em solo brasileiro

Muitas das narrativas existentes sobre os negros em território brasileiro está ligada ao período de escravidão, culminando com a abolição, sendo os africanos e

seus descendentes apontados, sempre, na condição de escravizado e não de escravizado. Outro fato que é atribuído ao negro, nesse período escravagista, é o de responsável pelo trabalho pesado e nunca como o de gerador de riqueza, isto é, tornou-se reconhecido como aquela mão de obra “escrava” necessária para preencher as carências dos postos de trabalhos, em decorrência da vacância pela não utilização dos indígenas no emprego nas grandes fazendas. Por outro lado, a análise que é realizada sobre a sua participação efetiva sobre sua trajetória histórica é muito superficial.

Das leituras realizadas, constatou-se que esse processo de escravidão em território brasileiro foi introduzido pela coroa portuguesa logo após o descobrimento do Brasil, com apoio da igreja e dos latifundiários, tendo o seu término no ano de 1888, com a instituição da Lei Áurea. Essa sistemática de trabalho vigente, à época, consistia na realização de tarefas em regime forçado, sendo que as liberdades individuais inexistiam. O africano passava a ser um objeto, tendo impedido o exercício de suas vontades e desejos.

Nesse contexto, o debate que se propõe nessa seção, tem seu início através da chegada dos africanos em solo brasileiro e que, de acordo com Nina Rodrigues (2008), afirma ser de difícil precisão, uma vez que o comércio de escravizados africanos na Europa foi instituído quase meio século antes do descobrimento. O autor ainda declarou ser a escravidão negra contemporânea à colonização do Brasil, restringindo-se nos primeiros períodos aos serviços domésticos.

Por outro lado, Nina Rodrigues (2008) defendia que o tráfico havia se intensificado, aproximadamente, 50 anos após o descobrimento, diante da escassez de mão de obra para as lavouras e, posteriormente, nas minas. Tudo isso em função da ausência de índios para o trabalho, os quais sucumbiam ou ficavam sob a proteção dos jesuítas.

O que, de certa forma, é coerente com a informação de Freyre (2003), quando destaca que a sociedade brasileira se organizou econômica e civilmente a partir do ano de 1532, tornando-se uma comunidade agrária na sua estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio e negro na sua composição. Na visão do Portal Brasil (2017), essa organização econômica propiciou, como consequência, a intervenção da cultura negra à cultura brasileira, incorporando-se das mais diversas formas, traduzindo-se no marco inicial dessa integração motivado pelo processo de colonização, fazendo com que os reflexos de diversas práticas africanas

fossem cristalinos. As ações decorrentes desses hábitos se deram através de reações derivadas, quer do exercício da religião, da culinária, da dança e da música, até mesmo da própria linguagem incorporada ao vocabulário brasileiro.

Entretanto, ao período denominado de colonial, Ligiéro (1993) afirmou que se caracterizou pelo menosprezo dos colonizadores brancos aos negros, espalhando-os à sorte dos leilões, fossem eles homens, mulheres e crianças negras. A partir daí, inexistiam famílias, casais e comunidades negras.

Na linha do menosprezo aplicado pelos colonizadores aos negros, Munanga (1986) critica muito as falsas justificativas empregadas durante o período colonial para comprovar a superioridade branca frente ao negro, conforme alguns argumentos utilizados, como por exemplo:

- (a) ser branco foi assumido como condição humana e o de ser negro carecia de uma explicação científica e a primeira tentativa de pensar o negro foi a de um branco degenerado, caso de doença ou de desvio à norma;
- (b) outra argumentação foi buscada na natureza do solo, na sua alimentação, no ar e na água africana; e
- (c) outra explicação tem origem na religião surgida do mito camítico entre os hebraicos, em que se defende ser o negro descendente de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por ter lhe desrespeitado quando o encontrou embriagado.

Diante dessa conjuntura de violência a que o negro foi submetido, quer pela relação de força dominante/dominado, quer pela diferença entre colonizador e colonizado, a qual era interpretada em termos de superioridade e inferioridade, o patrimônio cultural imaterial continuou sendo repassado de modo oral, de geração em geração, como uma forma de resistência não violenta com o propósito de preservação de seus usos e costumes (MUNANGA, 1986).

Nessa linha de raciocínio apontada por Munanga, essa lógica de abuso e violência empregada ao negro se dava por intermédio de longas e exaustivas jornadas de trabalho, a qual determinava uma circunstância de vida intensa, o que contribuía para reduzir, drasticamente, o tempo de vida dos africanos escravizados. Na mesma medida em que aplicavam castigos físicos como instrumentos de dominação (SOUSA, 2016).

Ainda Sousa (2016) comenta que a mão de obra negra foi largamente utilizada na medida em que outras atividades agrícolas começaram a ganhar espaço na economia brasileira, o que ocorreu entre os séculos XVI e XIX.

Por outro lado, restou caracterizada a imputação de abusos e violências praticadas contra a população negra, para o autor coube o registro de que esses fatores contribuíram para a formulação de diversas estratégias de resistências à escravidão, assim como a preservação de sua cultura.

Em contrapartida, quando se faz referência sobre a superficialidade com que é conduzida a trajetória histórica dos negros africanos escravizados trazidos ao Brasil, quer se referendar de que são poucas as vertentes que discutem a matéria. A massificação desse debate propiciaria um novo pensar, tornando o escravizado um agente da história, abandonando, de vez, a marca de um ser passivo, rebelde e agressivo.

As marcas das privações impostas aos africanos em território brasileiro

Diante de uma análise histórica dos negros em território brasileiro, constata-se indicativos da relação branco x negro importantes para o debate da invisibilidade do negro no Brasil. Primeiramente, recorre-se a chegada do negro em terras brasileiras, vindo forçado a desembarcar em terras desconhecidas, sendo obrigado a exercer atividades laborativas na condição de escravizado.

Não bastasse essa retirada forçada de sua terra natal, foram transportados em navios negreiros, amontoados, famintos e doentes. Ao desembarcarem foram separados de seus familiares, expostos à humilhação, coagidos pela ameaça constante do chicote, do tronco e das correntes. Crê-se, disso tudo, tratar de uma postura atroz.

Nesse contexto, na visão de Silva (2011), as privações impostas aos africanos e seus descendentes provocaram uma marca na sociedade brasileira em decorrência da desigualdade social, tendo sua origem sincrética e híbrida o princípio da sua formação, especialmente, por se tratar de um processo com as condições que foram aplicadas no Brasil. Nesse espaço colonial, negros escravizados e indígenas tiveram suas manifestações religiosas e culturais desrespeitadas e desacreditadas, provocando um desequilíbrio social.

Outro aspecto que se considera importante debater, diz respeito ao registrado por Barbosa e Almeida (2016), os quais mencionam que até o nome para os africanos recém-chegados ao Brasil possuía um significado que ia além de uma identidade pessoal. Para os autores, o nome era o que construía uma identidade para o indivíduo,

podendo revelar circunstâncias que estariam ligadas desde o seu nascimento e que, em alguns casos, poderia significar também a posição de uma pessoa na ordem familiar, social, religiosa.

Nessa perspectiva, os negros foram obrigados, inclusive, a deixar para traz toda sua cultura e religiosidade, sendo batizados pela igreja católica e recebendo nomes portugueses. Houve a necessidade de aprendizado de uma nova língua, assim como a obrigatoriedade em seguir a religião oficial da colônia. Aos poucos iam se familiarizando com a religião que não lhes pertencia.

Esse conjunto de privações provocaram nos africanos e seus descendentes um sentimento que os levou a nutrir uma resistência cultural, a qual, de certa forma, contribuiu para a manutenção desse patrimônio intangível que só ocorreu pelo fato de que os negros, como defende Gilroy (2002), em nenhum momento foram apenas músculos, porque trouxeram consigo suas tradições e essas deveriam ser preservadas, pois era a única forma encontrada de manter seu vínculo com o local de origem.

Nesse cenário, Geledés (2012) comunga do mesmo entendimento, na medida em que comenta, o fato como os negros foram trazidos para o Brasil na condição de seres escravizados, pois não eram constituídos apenas dos seus corpos físicos, trouxeram em sua bagagem, seus seres sociais e culturais. Em outras palavras, quando aqui chegaram trouxeram suas concepções de mundo, diferentes religiosidades, noções de organização social, formas de lidar com outro, enfim, sua cultura.

Além de perderem a liberdade, tiveram que lidar com a imposição de uma religião estranha para eles, a religião católica. Associam-se as características naturais do território brasileiro serem diferentes da África, tanto em termos de clima, como de vegetação. Adiciona-se, ainda, a própria forma de organização social. Entretanto, a fórmula encontrada para a adequação à sociedade colonial e católica predominante foi através do sincretismo (FERRETI, 1995; MUNANGA, 1986).

Essa ideia do sincretismo propiciou que essa herança cultural pudesse ser protegida e repassada de geração em geração de forma oral, ao longo dos anos, o que se encara como uma das tantas formas de resistência para manter e preservar as suas tradições, costumes e práticas.

O contingente de africanos e seus descendentes no período colonial

Decorridos quase quatro séculos de importação de negros africanos trazidos pelos navios portugueses como escravizados ao Brasil durante o período colonial e na iminência da independência, a população brasileira era assim constituída:

Tabela 5 – População Brasileira no período colonial

Ano	Branco	Índios	Libertos	Escravizados	Total
1798	1.010.000	250.000	406.000	1.584.000	3.250.000
1818	1.043.000	259.000	585.000	1.930.000	3.817.000

Fonte: adaptado de Nina Rodrigues (2008)

Observa-se na Tabela 5 que a raça negra (negros escravizados e libertos) no ano de 1798 representava 61,23% da população brasileira, enquanto a raça branca 31,07% e, os indígenas com 7,69%. No ano de 1818 os negros possuíam 65,89% da população brasileira, sendo que os brancos eram representados por 27,33% e, os indígenas com 6,78%.

Para Nina Rodrigues (2008), a raça negra, nessa época, além de predominar numericamente em relação a índios e brancos, preparava-se, diluída na miscigenação, para a ascendência que lhe caberia na direção do futuro povo. Esse período colonial brasileiro provocou sinais, que até os dias de hoje se pode constatar os vestígios de um passado violento.

De acordo com Speroni (2018) o tráfico de negros trouxe para o Brasil, entre 1531 e 1855, cerca de quatro milhões de negros, conforme pode ser verificado na Tabela 6.

Tabela 6 - Tráfico de escravizados no período colonial brasileiro

Período	Nº de africanos
1531 - 1600	50.000
1601 - 1700	560.000
1700- 1800	1.680.100
1801 - 1855	1.719.300
Total	4.009.400

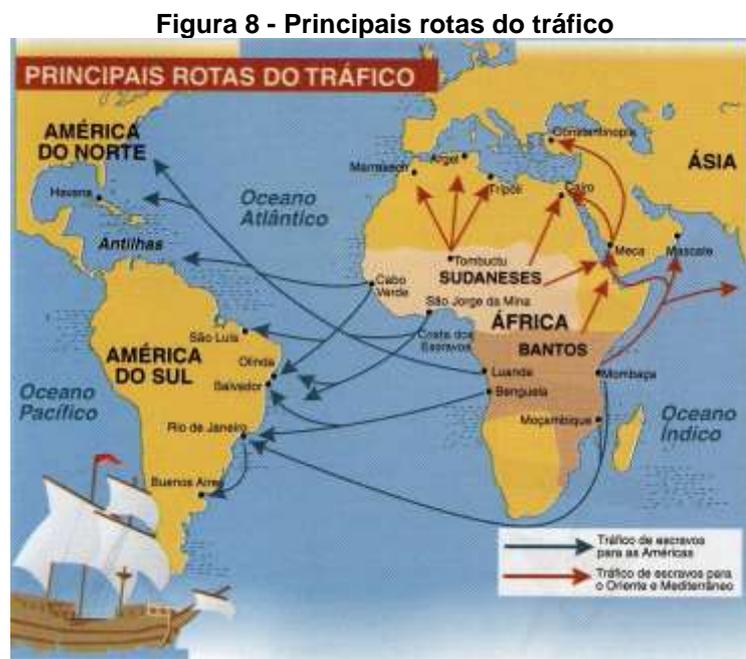
Fonte: Speroni (2018)

Então, após mais de três séculos em ter recebido mais de quatro milhões de africanos como escravizados, o Brasil, no ano de 1888, aboliu a escravatura. Muito embora inexistisse qualquer configuração que impusesse uma segregação após a

abolição, os negros libertos, em decorrência do sistema econômico vigente, encontravam-se à margem deste. Alia-se a isso, o início do estímulo fornecido pelo governo brasileiro, a começar na segunda metade do século XIX, ao processo de imigração europeia, com o propósito cristalino de “branquear” o povo brasileiro (NINA RODRIGUES, 2008).

Para Speroni (2018), os números apresentados na Tabela 6 são estimados, visto que em seu entendimento os verdadeiros números jamais serão conhecidos.

Na Figura 8, as principais rotas do tráfico negroiro.



Fonte: (Beier, 2016, p. 1)

Observa-se da Figura 8 que as rotas eram situadas em diferentes posições geográficas, o que fez com que povos das regiões que hoje compreendem os povos da Nigéria, Costa do Marfim, Sudão, Costa do Ouro, bem como os povos Angola, Benguela, Cabinda, integrantes da região do Congo, entre tantos outros que possuem sua presença registrada na história brasileira.

O resgate histórico-cultural a partir da lei 10.639/2003

Diante das narrativas desta seção trazidas até aqui, observa-se que desde o período colonial este é um país de exclusão para uns e de privilégios a outros. Os negros, em especial, são os que mais sofreram e ainda sofrem com a exclusão, fruto

de uma dinâmica social que leva em consideração, lamentavelmente, a raça ou cor. Diante disso, resta aos negros a ausência de oportunidades, devido a negação à educação, à saúde, à religiosidade e ao trabalho, entre outros, o que os leva à uma condição de inferioridade.

Historicamente, as desigualdades verificadas entre negros e brancos eram impostas por força do distanciamento socioeconômico e político, o qual se acreditava cessar com a abolição. Em contrapartida, a realidade da sociedade brasileira contemporânea ainda é essa e, vem apresentado ao longo de sua evolução mecanismos de segregação e discriminação. Por outro lado, esses mecanismos de discriminação fazem parte do dia a dia da educação brasileira que, desde os primórdios, trabalha com uma perspectiva histórica onde os brancos são os verdadeiros senhores construtores da sociedade brasileira (SILVA e TOBIAS, 2016).

Partindo desse pressuposto e, considerando as lutas das últimas décadas pela busca da igualdade racial, assim como a persistência do Movimento Negro, entre outras Organizações Não Governamentais que ingressam as fileiras dos apoiadores dessa causa que, nos dias de hoje, é assegurada aos alunos do ensino fundamental e médio a obrigatoriedade do ensino de história da cultura Afro-brasileira e Africana conforme os termos constantes na Lei nº 10639/2003. Essa ação veio dar um novo rumo às diretrizes e bases da educação do país (ARAUJO e GIUGLIANI, 2014).

Por certo, a sanção da lei 10.639/03 teve sua essência na promoção da garantia de uma educação que respeite e valorize a multiplicidade cultural, étnico e racial presentes no país, refletindo, de modo direto, em prol do acesso e permanência dos negros nos espaços formais de educação, assim como no combate as práticas discriminatórias e racistas que cercam esse povo, tanto dentro, como fora da escola.

Trata-se, aqui, de um desafio engendrado pela legislação, como forma de propiciar a desconstrução da perspectiva equivocada que foi reproduzida ao longo dos anos em relação à história do continente africano e seus descendentes. Pode-se afirmar que por séculos esse povo, assim como o seu continente, foram estigmatizados de forma pejorativa por uma classe dominante autodenominada superior. É certo que, todo povo tem sua história e essa é transformada com o decorrer dos tempos, e a política pública em questão, tenta encetar a sua reescrita de forma desmistificada de um povo que sofreu, e ainda sofre, injustiças que estão afetas, única e exclusivamente, à cor de sua pele (GELÉDES, 2017).

Por outro lado, as Diretrizes Curriculares Nacionais (CDNs) para educação das relações étnico-raciais foram aprovadas em 2004 pelo Conselho Nacional de Educação e homologada pelo Ministério da Educação. Essas diretrizes estabeleceram três princípios básicos para o ensino: (a) consciência política e histórica da diversidade; (b) fortalecimento de identidades e de direitos; e (c) ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Para tanto, os princípios foram fragmentados em várias outras ações, as quais devem ser observadas pelas instituições privadas e públicas de ensino fundamental e médio, como forma de atendimento ao estabelecido na legislação (MEC, 2004).

Denota-se, da leitura feita ao instrumento normativo de que o objetivo precípua da legislação foi o de propiciar um resgate sobre a contribuição desses povos nas mais diversas áreas, a social, a econômica e a política, concernentes à história Brasileira.

Muitos são os organismos que divulgam indicadores socioeconômicos que revelam as desigualdades entre brancos e negros no Brasil em várias dimensões que apontam o negro sempre submetido às piores condições. Algumas dessas dimensões ao longo do tempo se mostram modestas em termos de redução das desigualdades e, de certa forma, lentas em sua caminhada (JACCOUD, 2009).

Mesmo decorridos 132 anos da abolição, suas consequências estão presentes em nossa sociedade. Um dos legados é o contingente de afrodescendentes que atingiu 76 milhões de pessoas no Censo de 2000, representando, na ocasião, 45% da população total, sendo que em algumas regiões essa proporcionalidade tangencia a casa dos quase 70%. A população de negros no Brasil é a segunda maior população negra do mundo, apenas a Nigéria ultrapassa esse número (CEPAL, 2004).

Importante ressaltar a nossa Carta Magna, datada de 1988, onde está previsto, preambularmente, o pressuposto garantidor aos cidadãos de:

“...assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça, como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social...” (BRASIL, 1988, p. 1).

Configurando-se, assim, em um instrumento legítimo de expressão de desejos de liberdade, de emancipação, de consagração, das pretensões por uma justiça

social, bem como de proteção da autoestima humana e das batalhas pela democracia de toda a nação brasileira.

Nessa linha, surgiu a Lei nº 10639/2003 que, através da inserção do Artigo 26-A, determinou aos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares que devem prover, obrigatoriamente, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, sendo que o conteúdo programático deverá incluir o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

Na tentativa de que as disposições constantes nessa lei restassem entendidas, a Secretaria Estadual de Educação do Paraná, emitiu parecer referente o objetivo de tal dispositivo, e informa que o propósito é o atendimento das muitas demandas da população afrodescendente, sob a ótica das políticas de ações que procuram reparar, reconhecer e valorizar a sua história, cultura e identidade. Uma política originada nas dimensões históricas, sociais e antropológicas cuja gênese está ligada à realidade brasileira, bem como tem a finalidade de combater o racismo, a discriminação, que de certa forma, atinge principalmente os negros (SEE, 2005).

Nessa linha, esse parecer vem ao encontro do estabelecido por Sechhi (2000), quando afirma que uma política pública é elaborada com o propósito de solucionar um problema, tratando-se de uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público, o qual é considerado coletivamente relevante, possuindo dois elementos fundamentais: (I) a Intencionalidade Pública e (II) a resposta a um problema público.

Ainda Sechhi (2000), afirma que uma política é pública, quando o problema que a motiva é relevante para a coletividade e enfrentado por uma pluralidade de atores públicos, entre os quais o Estado, os partidos políticos, a sociedade civil organizada e os movimentos sociais; todos esses atores têm papel central, já que existem com a finalidade de elaborar políticas para a transformação da sociedade. Apesar de o Estado deter o monopólio do uso da força e controlar boa parte das ações sociais, hoje é impossível construir políticas sem a interface com a pluralidade de sujeitos e grupos organizados, o que permite executar iniciativas mais estruturais, mais estratégicas e de maior alcance.

Destaca-se o fato de que essas políticas são uma resposta do Estado às necessidades do coletivo, objetivando a redução das desigualdades sociais, através da adoção de ações e programas, sendo estruturado de forma sequencial.

3.2. A religião de matriz africana e a representatividade na cultura brasileira

Nesta seção, será abordada a questão que envolve a representatividade da cultura africana na cultura brasileira. Assim sendo, para discorrer sobre a temática, importante ressaltar sobre o pertencimento originário dos negros vindos da África na condição de escravizados.

A origem cultural negra brasileira

Conforme se constata da Figura 11, constante na seção 3.1, os africanos que aportaram no Brasil, provinham das mais variadas regiões do continente africano, o que implica deduzir que possuíam diferentes culturas. Essa diversidade cultural contribuiu, na concepção de Ferreira (2009), para a formação da cultura brasileira e foi de vital importância, tanto na constituição física do povo quanto na composição do que viria a ser cultura. Diga-se de passagem, que isso contempla diversas dimensões.

A diversidade cultural das etnias africanas que aqui chegaram era imensa. Cada grupo de escravizados trazidos transportavam consigo uma prática cultural particularizada, em conformidade a região de procedência, sendo obrigado ao chegar no Brasil a se adaptar, se reinventar para manterem vivas as raízes de seu povo. Uma realidade absolutamente discrepante em relação a que vivia.

Essas culturas, segundo Pereira (1983), estavam divididas em três grandes grupos: culturas sudanesas, culturas bantus e culturas negro-maometanas. E, de certa forma, com o decorrer dos anos, os traços dessas heranças culturais se relacionaram entre si. Assim como entre elementos culturais de outras procedências, construindo uma espécie de dimensão ou marca específica do que se compreende, do que se acredita e se dissipa como cultura nacional.

Nessa mesma linha, Ferreira (2009) resalta que a cultura africana também incorpora traços europeus e indígenas, sendo presumível afirmar que esse grande intercâmbio cultural perpassa regiões, para transformar em uma cultura única, a cultura brasileira. O que vai ao encontro do que o próprio governo brasileiro afirma de que a cultura afro-brasileira é o resultado também das influências dos portugueses e indígenas, que se manifestam na música, religião e culinária (PORTAL BRASIL, 2018).

Desses conjuntos de características herdadas, deu-se a reciprocidade cultural, formando a cultura afro-brasileira, sendo impossível, em todas as perspectivas da sociedade brasileira, dissociar a cultura brasileira da africana, assim como da indígena e, até mesmo, da europeia. Isso faz do Brasil um país de ampla miscigenação cultural e racial, considerada uma das mais ricas culturas mundiais e que, na visão de Silva (2014), a cultura negra inspirou a cultura brasileira nas mais variadas dimensões, pois é integrante desta.

Nesse contexto, Moura (1983) destaca que a parcela do negro foi substantiva e significativa no desenvolvimento da cultura brasileira. Afirma ainda que essa parcela contributiva não foi periférica, assim como não se trata de uma cultura inferior, não sendo, também, folclórica. Informa, inclusive, que a cultura negra, ainda nos dias de hoje se mostra, assim como na época da escravidão, como uma cultura de relutância.

Na percepção de Souza (2018), foram necessários séculos para que as contribuições culturais de matriz africana tivessem o devido reconhecimento e valorização, uma vez que toda e qualquer discussão que tratasse da necessidade dessa análise, o assunto era avaliado sob uma ótica segregatória entre negros e brancos, visto que o entendimento conduzia para uma análise em termos raciais.

É certo que o Brasil herdou fragmentos consideráveis da cultura negra, a qual procurou, ao longo dos anos, manter os seus valores culturais, assim como as suas tradições preservadas, sendo adaptadas diante à comunhão com outros ambientes culturais. A ampliação dos relacionamentos sociais dos diversos povos que aportaram em solo brasileiro propiciou um espaço híbrido culturalmente. O resultado dessas interações sociais direcionou novos caminhos, delineou particularidades e ressignificou a história, fazendo com que a cultura de origem africana contribuísse para a formação da sociedade brasileira.

Essa contribuição fez com que suas características se fizessem presentes em inúmeras práticas populares, incluindo as crenças de matriz africana.

A religiosidade como instrumento de manutenção da herança cultural

A religiosidade foi a forma que o escravizado encontrou de manter viva a sua cultura, suas raízes, suas tradições, sendo considerada como um modelo de resistência. Em locais separados por etnias, eram realizados cânticos que refletiam a saudade de suas terras e seus Deuses (VERGER, 1981).

Nesse contexto, a religiosidade praticada pelo escravizado, mencionada por Verger, assim como nos dias de hoje, é fator contributivo para conflitos em diversos lugares do globo terrestre. Ao ser considerada como um sistema de significação, na maioria das vezes possuem como símbolos aspectos naturais, como o sol, terra, água, entre outros, e envolvem ritos que incorporam orações, danças, cânticos, podendo a ser consideradas bens imateriais das suas comunidades.

Em se tratando de um instrumento de resistência, no entendimento de Silva (2014), gradativamente os negros foram percebendo que os seus senhores demonstravam interesse em saber o que falavam, assim como se deu início ao questionamento sobre o que eles cantavam. Surgiu, então, a necessidade de se ter uma explicação, a qual veio com o auxílio da religião dominante, isto é, com os santos do catolicismo.

Na opinião de Verger (1981) se resumia na necessidade de apresentar justificativas de seus cantos, sendo declarado de que se tratava de uma louvação, nas suas línguas aos santos do paraíso. Na realidade, o que estava sendo executado era o pedido de ajuda e de proteção aos seus Deuses.

Importante mencionar que os africanos, durante o período colonial brasileiro, idealizaram para que as diversas religiões tradicionais integrantes das diferentes etnias fossem absorvendo elementos da religião católica, assim como dos cultos indígenas, o que permitiu a implantação da religião de matriz africana em solo brasileiro (ROMÃO, 2018).

Outra questão relevante para o entendimento do conteúdo sincrético religioso adotado pelos escravizados estão refletidos nas palavras de Bhabha (1998), que ao mencionar sobre a transmissão da cultura no período pós-colonial, faz a seguinte alegação:

“Cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional quanto tradutória. Ela é transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, seja como ‘meia passagem’ da escravidão e servidão, ou a ‘viagem para fora’ da missão civilizatória, a acomodação maciça da migração do Terceiro Mundo para o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, ou o trânsito de refugiados econômicos e políticos dentro e fora do Terceiro Mundo. Cultura é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais de tecnologias ‘globais’ de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo (BHABHA, 1998, p. 241).

Para Romão (2018), o sincretismo afro-brasileiro como uma concepção cultural se refere a uma estratégia de sobrevivência transnacional, assim como é considerado translacional, visto que sua complexidade compreende as mais variadas áreas e envolvem rituais religiosos, conteúdos históricos, práticas sociais como substratos culturais.

Assim, para Bastide (1971), o processo de inventividade das religiões africanas em terras brasileiras, pressupõe que as diversas etnias e seus conjuntos de saberes e conhecimentos ancestrais e religiosos convergem e divergem entre si. Essa concepção é, acima de tudo, afro-brasileira, isto é, em sua matriz é africana e na linha de uma continuidade histórica é brasileira. O que revela que valores convencionais das etnias foram partilhados e se ajustaram, sendo considerada uma estratégia para desenvolver meios de se adaptar ao novo mundo.

Importante mencionar que muitas são as manifestações culturais de matriz africana que testemunham o nosso dia a dia, entretanto, torna-se relevante citar que os rituais e costumes africanos eram proibidos no século XIX, pois se entendia que essas manifestações não faziam parte do universo cultural europeu, sem representar sua prosperidade. Somente a partir do século XX é que teve início o aceite e celebração dessas culturas como expressões artísticas genuinamente nacionais e integram, na atualidade, o calendário nacional, influenciando quotidianamente a todos os brasileiros (PORTAL BRASIL 2018).

Nesse sentido, as outras culturas de matriz africana assim como as afro-brasileiras foram perseguidas e, em certos momentos, até proibidas. Entretanto, pode-se dizer que há muito tempo que essas foram incorporadas a cultura brasileira.

Por outro lado, Prandi (2003) entende que as religiões praticadas nos terreiros integram uma diversidade de crenças, sendo que algumas trazem em seu bojo o caráter local, enquanto outras demonstram o caráter universal da religião, podendo ser encontradas em todo território brasileiro, assim como em outros países, tais como Uruguai e Argentina. Entretanto, percebe que esse conjunto é minoritário no universo das religiões do Brasil. Apesar da pequena quantidade de seguidores, as religiões de matriz africana possuem uma grande visibilidade e inúmeros dos símbolos da identidade brasileira, bem como do Brasil, assim como práticas culturais significativas são oriundas destas religiões. O autor ainda defende que a religião afro-brasileira, virou cultura.

Para Vieira (2017), de forma bastante relevante, as religiões brasileiras de matrizes africanas asseguram experiência religiosa, valiosa em termos de símbolos e significações, narrativa embasada em processos que representam os métodos formativos da religião que são, efetivamente, a transmissão dos saberes de cada grupo. Ao se aproximar do universo religioso de matriz africana, é importante ponderar sobre as mais diferentes identidades étnicas que se conservaram e se mantêm conservadas, com suas formas de toque, danças, gestualidade, como também formas específicas de reverenciar o sagrado.

Diante do até aqui exposto, e conforme Prandi (2005) os povos africanos inspiraram e inspiram de maneira significativa na formação do país, não só em relação ao arranjo étnico como na conformação cultural: língua, culinária, música, estética e valores sociais.

A cultura imaterial e a formação da identidade do povo de terreiro

Em outra perspectiva, no entendimento de Hall (1997) todos esses sistemas de crenças morais e religiosas contribuem para a constituição do conteúdo fundamental os quais compõem um conjunto diferenciado de significados, isto é, Cultura. Ao se referir à cultura é necessário buscar a interpretação adequada sobre a questão.

Por esse motivo, a matéria que envolve a identidade permeia diversos debates na teoria social, no qual o pressuposto predominante é que identidades antiquadas estão em decadência, muito embora em um certo período tenham mantido uma determinada estabilização, propiciando novos contornos em termos de identidades e, fundamentalmente, dividindo o indivíduo moderno, visto que se encontrava em uma posição de elemento consolidado, sendo nominado com um período apontado como crise da identidade (HALL, 2006).

São nessas crises de identidade que acontecem as transformações, mudam-se estruturas fundamentais da sociedade moderna, ocasionando desarmonias em diretrizes conjunturais que previamente sustentavam as pessoas em um universo social duradouro, uma vez que a identidade é formada com o decorrer do tempo, mediante métodos involuntários, não sendo algo inato (HALL, 2006).

Verifica-se, entretanto, a identidade como um processo em edificação, erguendo-se, não em função de sua plenitude, a qual está dentro dos indivíduos, mas de uma falta de integralidade que é finalizada a partir do seu exterior, através das

formas como se idealiza ser visto pelos outros. Assim sendo, se prossegue na busca pela identidade e a construção de histórias de vidas, as quais ornamentam as diversas etapas das personalidades em uma individualidade, uma vez que se busca resgatar esse arbítrio contemplado na integralidade (HALL, 2006).

Na percepção de Geertz (2008), cultura é a transmissão de significados expressos de forma simbólica e que geram comunicação entre os sujeitos. Esses elementos têm uma característica que é a perpetuação. Ainda para o autor é possível afirmar que a cultura indica uma referência em termos de interpretações transmitidas ao longo dos tempos, reproduzida por símbolos, sendo um sistema de convicções herdadas, demonstrada em formato figurado, através das quais as pessoas se comunicam, eternizam e exteriorizam conhecimento e atividades em relação à vida. Expande o conceito de *ethos*, argumentando se tratar de uma reunião de atribuições e razões que levam o homem a religião. Os símbolos sagrados operam para condensar o *ethos* de um povo (cor, caráter, qualidade de sua vida, estilo e disposições morais e estéticos).

Nesse sentido, as perspectivas com relação a cultura e identidade, colaboram para modernas representações da identidade cultural, achem-se elas mantidas com o decorrer do tempo ou que venham a ser constituídas a contar de novos conjuntos de identificação, sendo que integrá-las, é o elemento diferenciador nessas perspectivas de identificação cultural.

Partindo da premissa que é através dos símbolos, assim como dos signos que se depreende as indiferenças e segregações das pessoas em uma determinada cultura, fragmentando-se em determinados grupos culturais que dispõem de uma qualidade mínima de coesão, sendo que mediante um processo de análise percebe-se que detêm uma parcela maior do que realmente aparentam possuir, visto que a avaliação antropológica constitui uma compreensão do que ocorre, não sendo suficiente a concepção de elementos de representações perfeitos, uma vez que sua realidade gera incertezas (GEERTZ, 2008).

Em frente a esse entendimento, dirige-se ao cerne do que se pretende compreender, exceto ao deparar-se com uma admiração daquilo que é bem apresentado de uma estipulada cultura, com encantos peculiares, diverso do que se recomenda, propiciando expor o real significado dos enredos incorporados nessa cultura (GEERTZ, 2008).

Isto posto, a partir desse instante, as pessoas se tornam o núcleo de sua cultura, de suas particularidades e, especificamente, com referência a geração de símbolos que os diferenciem, de outras etnias ou coletividade, posicionando-as em um lugar secundário e/ou elevado. Nesse sentido, quando se vai em direção da avaliação do processo constitutivo da significação, a aproximação acontece alicerçada na expertise de seus membros, uma vez que se procura evitar a produção de debates distantes que não representem os conjuntos culturais (GEERTZ, 2008).

Assim sendo, a construção da identidade trata-se de um processo dinâmico, construído pelo mundo simbólico, onde o sujeito organiza suas experiências pessoais, estabelecendo assim suas referências de mundo, suas crenças, ideias sobre si e sobre o outro. É fato que a religião modela a identidade de um determinado grupo social e simultaneamente a sua alteridade em relação a outros grupos (OLIVEIRA 2004).

Ainda na percepção de Oliveira (2004), ao se dialogar sobre religião, está se debatendo sobre valores que transpõem vida, história, cultura e faz com que se encontre de um modo determinado, optando por um jeito especial de contemplar e dar um significado a nossa vida. Nesse sentido, os emblemas, símbolos e figuras criados através da religião são relevantes para a estruturação da concepção das identidades religiosas, e cooperam tanto com o grupo religioso de uma comunidade, quanto com as relações sociais e históricas que são determinadas com o decorrer do tempo.

Apoiando-se em Hall (2006), é possível admitir que uma fração relevante da população simpatize com muitas das manifestações que constituem traços que formam a identidade do povo brasileiro. De certa forma, essas manifestações evidenciam a riqueza e a beleza, presentes em nossa diversidade cultural, que se originam dos hábitos e costumes ancestrais dos africanos que chegaram ao Brasil na condição de escravizados.

Hoje, esses traços culturais são conservados pelos terreiros de Batuque, os quais são compostos por pessoas integrantes de todas as classes sociais, os quais protegem as expressões, influenciam e integram a cultura brasileira.

Portanto, a identidade cultural traz as particularidades que uma pessoa ou um grupo de pessoas outorga a si, pelo fato de sentir-se integrante de uma determinada cultura. Nesse intercâmbio cultural entre os sujeitos, na qual a sociedade está imersa, destaca-se a importância da identidade enquanto narrativa (CANCLINI, 1995; BHABHA, 1998; MARTÍN-BARBERO, 2010).

Nesse contexto, as manifestações da cultura de matriz africana atraem uma série de adeptos, assim como qualquer outra cultura. As ligações desses aos hábitos e costumes se resumem na presença a eventos. Na visão de Spinola (2012), no caso específico da cultura religiosa de matriz africana, alguns desses vínculos são realizados por pessoas que não possuem qualquer ligação anterior com o ambiente onde a cultura se manifesta. Entretanto, ao considerarem satisfatória a intervenção de qualquer ritual da religião em seu benefício, a tendência é de que assumam maiores compromissos.

3.3. O racismo epistemológico, institucional, cultural e religioso

Inicia-se essa seção afirmando que os primeiros sinais de racismo surgiram com a vinda do negro escravizado ao Brasil, visto que era obrigado a abandonar a sua religião de origem e aderir a religião predominante em solo brasileiro.

Raça, uma edificação social que produz e reproduz desigualdade e racismo

De acordo com Munanga (2003), a etimologia da palavra raça tem sua origem do italiano *razza*, o qual provém do latim *ratio*, cujo significado é de sorte, espécie e categoria. A primeira utilização da palavra raça foi empregada em Botânica e Zoologia, para categorizar as espécies de vegetais e animais. Entretanto, no campo semântico da palavra raça teve várias significações, entre elas, passou a designar descendência ou linhagem. Uma outra empregabilidade da palavra teve o papel de classificar a diversidade humana através de grupos diferentes.

Essa ideia de diversidade humana, de certa forma, procurava categorizar as raças com base em uma hipótese pseudocientífica, denominada de raciologia, a qual possuía um argumento doutrinário, uma vez que sua preocupação era a de legitimar os esquemas de dominação racial, o qual apregoava uma concepção de superioridade entre as raças, sem uma explicação científica que justificasse as razões da variabilidade humana (MUNANGA, 2003).

Em termos de qualquer classificação que se faça, é necessário determinar alguns critérios objetivos que serão empregados para a operacionalização da categorização. No caso das raças, a cor da pele foi o critério determinante para realização da sua separação, razão pela qual, a espécie humana restou dividida em

três raças, as quais permanecem até os dias de hoje no imaginário coletivo: raça branca, amarela e negra. Entretanto, o que se observa no conceito de raça na atualidade, está relacionado a ideologia e não a biologia, pois no campo de suas significações o conceito é determinado em função da disposição global social, assim como das relações de poder que a regem (MUNANGA, 2003).

Por questões ideológicas, a abordagem do racismo se dá a partir da raça. Parte-se do pressuposto que o racista acredita na existência de raças hierarquizadas em que, determinados grupos sociais possuem características culturais, religiosas, entre outras, certamente inferiores ao conjunto que ele pertence. Essa predisposição promove a crença de que as particularidades morais e intelectuais de um determinado grupo, são efeitos consistentes de seus traços físicos ou biológicos (MUNANGA, 2003).

No caso do Brasil, na opinião de Ribeiro (2020) o racismo se estruturou com o processo de escravização, associada a falta de inclusão dos negros. Tudo isso mediante a utilização de mecanismos legais, os quais contribuíram para distanciar os negros de alcançarem sua autonomia social. Como exemplo menciona a vedação imposta aos negros à educação contida na Constituição Federal de 1824, assim como a instituição da lei de 1850, conhecida como a Lei das Terras, a qual estabelecia que o acesso a terras ocorreria mediante o processo de compra e venda, o que inviabilizava que qualquer pessoa escravizada estivesse habilitada a dispor de propriedade, entre outras tantas legislações da época.

Até mesmo com a formalidade do final da escravidão, os negros passaram por um processo de criminalização, em especial os homens, os quais eram alvos de diversas leis, entre elas a de vadiagem, a qual estabelecia que pessoas sem ocupação deveriam ser presas. Outra questão eram as mulheres negras, as quais foram encaminhadas ao trabalho doméstico, legado que permanece até atualidade (RIBEIRO, 2020).

Diante da contextualização trazida até aqui, pode-se afirmar que esse racismo enraizado em nossa sociedade é um delineamento da discriminação mediante o emprego de condutas que se transformam em desigualdades à população negra. Nesse contexto, pode-se dizer que não engloba exclusivamente a discriminação em si, mas inclui as relações políticas, econômicas e sociais que se traduzem em desvantagens ao negro.

Os vestígios da discriminação cultural e religiosa

De forma preliminar, entende-se pertinente registrar sobre o início da era cristã, período em que seus seguidores eram perseguidos e mortos. Por seu turno, a própria Igreja Católica, por ocasião de sua supremacia, no período conhecido como Santa Inquisição, também perseguiu os hereges. Nesse contexto de racismo religioso, pode-se dizer que a sua gênese tem origem em uma circunstância histórica e está baseada em um sentimento de ódio movido aos hebreus, sendo que a sua perseguição ocorreu em muitos momentos, podendo ser citado a que foi praticada pelo Império Romano que consumou na diáspora do povo hebreu, da mesma forma como na Idade Média, face as diferenças entre judeus e católicos.

Nesse contexto, Acioly e Araújo (2016) afirmam que durante o período colonial apenas o fato de o negro chegar em terras brasileiras que os indícios de racismo religioso já eram confirmados, visto que eram batizados de forma obrigatória como condição de salvação da alma, bem como a necessidade de obediência às doutrinas religiosas de seus superiores.

Aos escravizados e seus descendentes restavam a conversão, o sincretismo, a fé silenciosa, a celebração de cultos religiosos longe da casa-grande, dos capitães-do-mato, da polícia. Liberdade ou pelo menos algum traço de liberdade só mesmo nos quilombos. E dessa dinâmica de resistência e reconstrução resultaram heranças, memórias, tradições, todas mantidas e transmitidas através de saberes, crenças, cultos, liturgias.

Nessa lógica, a própria ONU comenta que desde a chegada ao Brasil, as religiões cuja raiz fosse africana foram centro de perseguições por revelarem a sua fé. Ainda nos dias de hoje, os episódios de racismo religioso integram o dia a dia do brasileiro.

Contrariamente, nesse mesmo período, ao colono branco europeu, na perspectiva de Prado Jr (1932), as benesses eram das mais variadas possíveis ao pisarem no solo da Colônia, uma vez que passariam a ocupar uma posição de destaque na sociedade, sendo que lhes competiam as funções sejam elas de dirigentes ou de grandes proprietários rurais. Esses colonos provinham das mais variadas localidades da Europa, sendo que muitos deles eram considerados resíduos humanos das lutas político-religiosas.

Percebe-se, que desde o período colonial que o Brasil privilegia uns e exclui outros. Os negros, em especial, são os que mais sofreram com a exclusão, fruto de uma dinâmica social que levava em consideração, lamentavelmente, a raça ou cor. Com isso, infelizmente, restaram aos negros à ausência de oportunidades, devido à negação à educação, saúde, religiosidade, trabalho, entre outros, o que os remete a uma condição de inferioridade.

Essa negação à prática e manutenção de suas crenças religiosas, é o que se denomina de racismo religioso. Muito embora essas vedações impostas aos escravizados e seus descendentes datam do período colonial, época em que as perseguições eram intensas, assim como as classificações pejorativas às religiões de matriz africanas, mas ainda assim, na atualidade se constata atitudes intolerantes aos seus seguidores.

Essas atitudes compreendem desde ofensas pessoais, assim como ofensas contra os cultos. Algumas dessas ações, em suas características mais intensas ocasionam a violência.

Para legitimar essa narrativa, procura-se enfatizar a questão que trata da instauração pela Defensoria Pública do estado do RS de um expediente administrativo para apurar situação de racismo religioso praticado à “um espaço de manutenção e reprodução do modo de vida, cultura e fé de uma comunidade” que, segundo a Defensoria Pública, informa ser comum denúncias por violações a tranquilidade e a paz em casos que abrangem o desempenho de suas celebrações, o que não se verifica com a mesma intensidade com referência a outras religiões cristãs, conforme depoimento do defensor público Andrey Régys de Melo, dirigente do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul (MARTINS, 2020).

Em se tratando de Brasil, existe um canal de comunicações que recebe denúncias de intolerância religiosa e providencia os encaminhamentos aos órgãos competentes. Trata-se do “Disque 100”. As vítimas de crimes ocasionados por questões de natureza religiosa podem realizar a denúncia, informando os abusos, discriminação e demais atos sofridos em consequência da religião.

No período compreendido entre 2015 e 2017, segundo publicação realizada no sítio mundo educação uol, a cada 15 horas era realizada uma denúncia de racismo religioso. Nesse relato constava que 33,9% das ocorrências se deram dentro dos templos, 25% dos agressores foram identificados como homens brancos e 25% das

denúncias foram realizadas por adeptos das religiões de matriz africana (PORFÍRIO, 2019).

As desigualdades na atualidade

Então, as desigualdades verificadas no período colonial são diferentes das apuradas nos dias de hoje, uma vez que as batalhas atuais são outras. Pode-se resumir a batalhas atuais à duas razões. A primeira razão passa pela discriminação empregada a religião de afrodescendentes pelo simples fato de ser de matriz africana, a qual está associada ao racismo. E, uma segunda razão pode-se trazer os movimentos neopentecostais, em que são empregadas imaginações preconceituosas, como forma de depreciar e incitar a perseguição aos praticantes das crenças cuja raiz seja de origem africana.

Nessa perspectiva, Silva (2007) comenta que os conflitos enfrentados na atualidade, de certa forma, são expressivos, pois sucedem os constantes ataques recebidos pelas religiões afro-brasileiras daquelas denominadas neopentecostais, as quais procuram qualificar a primeira como uma liturgia que cultua ao demônio, além de conferirem aos negros, o título de feiticeiros. Mesmo com as frequentes hostilidades suportadas em razão do racismo religioso, as religiões cuja essência possua raiz africana têm gerado alternativas para expressão e manifestação no contexto da cidade, por meio de distintas esferas sociais, nos espaços designados para suas práticas religiosas, o que têm causado reflexões e estudos não só no meio acadêmico como também em âmbitos públicos e privados

Apesar das tentativas de mitigação dos casos de racismo, a sua aplicabilidade tem se mostrado contumaz na seara religiosa, especialmente no que tange às religiões predominantemente de raiz africana, pois várias são as práticas exteriorizadas de intolerância, transpassando pela violência física, violência verbal, psicológica, entre outras. Nesse sentido, muitos são os indivíduos que não se contentam em simplesmente escolher e seguir uma religião que julga ser correta, pois existe a necessidade de agressão, seja por meio de palavras ou gestos a seguidores ou fiéis de outros credos (GELEDÉS, 2018).

Figura 9 – Imagem do racismo religioso



Fonte: (Petrin, 2020, p. 1)

Na Figura 9, um dos retratos do racismo religioso, mostrando uma das formas de sua existência. Suas formas de exteriorização podem ser de diversas formas, passando de atitudes preconceituosas, por ofensas à liberdade de expressão da fé, até mesmo as manifestações de força contra minorias religiosas. De todo modo, as muitas práticas de racismo religioso demonstram falta de respeito às diferenças e às liberdades individuais e que, devido à ausência de conhecimento e de informação, podem levar a atos de racismo religioso, de perseguição e de violência.

Para Santos (2019) assim como o racismo, a intolerância religiosa não é uma questão que precisa ser avaliada apenas pelas vítimas. O racismo religioso é uma indagação social, política, econômica e religiosa e necessita ser discutida em todas as instâncias.

Essas desigualdades verificadas, vem sendo impostas por força do distanciamento socioeconômico e político empregado no passado, o que se acreditava ter seu fim com a abolição. Em contrapartida, a realidade da sociedade brasileira contemporânea ainda é essa, e vem apresentado ao longo de sua evolução mecanismos de segregação e discriminação.

Por fim, esses procedimentos discriminatórios integram o dia a dia da população brasileira, visto que desde a chegada do negro no Brasil, são atribuídos apenas aos brancos a construção da sociedade brasileira. (GELÉDES, 2012).

As proteções legais para a prática da fé

Por outro lado, para Falcão e Santana (2012), o termo intolerância indica se tratar de tudo aquilo que não é tolerável. Nessa perspectiva, ser intolerante, é não aceitar, suportar, permitir, consentir ou respeitar opiniões diversas, assim como as crenças de outrem. Na contramão da intolerância, cabe destacar o que está estabelecido na Carta Magna brasileira, em especial no seu artigo 5º, o qual contempla uma relação de direitos considerados fundamentais para que o ser humano possa viver com o mínimo de dignidade.

O Brasil é um país laico, e não tem, conseqüentemente, uma religião oficial, mas, apesar da liberdade religiosa garantida por lei, a intolerância religiosa ainda é presente na sociedade brasileira. A Constituição Federal abriga a liberdade religiosa de maneira nítida e inequívoca, entretanto, o fenômeno da violência e intolerância religiosa ainda se revela, num desafio ao convívio numa sociedade plural, e, uma barreira para a efetivação plena da independência religiosa no Brasil.

Apesar da violência e da perseguição recebida pelas religiões de base africana, a liberdade religiosa está assegurada no Art. 5º, inciso VI, da CF, o qual estabelece que: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” (BRASIL, 1998, p. 17).

Da análise desse dispositivo, percebe-se que ele tem por objetivo proteger a liberdade de crença, desde que a exteriorização de sua crença não colida ao direito de outrem. Vale registrar que, dada à relevância da liberdade religiosa no ordenamento jurídico brasileiro, esta questão foi ressaltada ao status de cláusula pétrea, razão pela qual a mesma só poderá ser alterada com a instituição de uma nova constituição.

Sendo assim, práticas intolerantes contra seguidores ou entidades religiosas, caracterizam-se, antes de qualquer outro fato, inobservância ao preceito constitucional e à dignidade do ser humano. Entretanto, apesar de garantir a liberdade

religiosa, a Constituição também prevê algumas limitações, como no caso da prevista no inciso VIII, do Art. 5º (BRASIL, 1988, 17):

“Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos impostas e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.”

Este dispositivo, também constituído como direito fundamental, visa garantir determinadas situações como proibir a criação de privilégios em favor de determinada crença religiosa, o que violaria os princípios constitucionais da igualdade e da legalidade.

Por fim, importante destacar a questão que envolve a miscigenação, pois se trata de um fato verdadeiro em nossa sociedade na visão de Fonseca (2011), muito embora o povo brasileiro seja considerado um povo miscigenado cultural e racialmente, o preconceito racial existe de forma velada, dando a ideia de que seus membros convivem com as diferenças sem quaisquer tipos de problemas. O autor ainda revela que a crueldade gerada pelo processo de escravidão reflete-se na atualidade, por acreditar que o menosprezo praticado ao negro decorre das diferenças que foram construídas ao longo dos anos.

3.4. A Porto Alegre de matriz africana e o campo de atuação afro-religioso

A presente seção procura trazer informações sobre a cidade de Porto Alegre, assim como o campo de atuação afro-religioso predominante na região. Nesse sentido, inicia-se o diálogo trazendo dados sobre o local onde o estudo foi realizado, a capital do Rio Grande do Sul e, de acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, do ano de 2010, contava com 1.409.351 moradores, cabendo a ela, segundo o próprio instituto, o conceito de metrópole.

Entretanto, antes de detalhar o espaço geográfico onde o estudo ocorreu, importante mencionar sobre os negros escravizados que ao serem separados e distanciados pelo território brasileiro, inclusive no RS, foram criando raízes e desenvolvendo meios alternativos para adaptarem-se a realidade do momento em que

viviam, o que, de certa forma, contribuiu de modo considerável, em todos os aspectos, para a constituição e do desenvolvimento da sociedade riograndense.

Assim sendo, a contextualização constante nas seções anteriores deste capítulo que, discutem as relações raciais, assim como debate sobre a presença de diferentes origens culturais africanas em território brasileiro, tem-se elementos suficientes para falar da história do Batuque em Porto Alegre.

A origem do Batuque em Porto Alegre

O Batuque é uma religião que traz em sua essência as raízes de povos africanos. Entretanto, para entender sua origem em território brasileiro, é necessário compreender os acontecimentos que ocorreram durante o período escravagista, o qual acabou por mesclar uma variedade de culturas africanas em um imenso território político, diverso e complexo.

Por outro lado, Corrêa (2006) expõe um panorama muito amplo das origens do Batuque, abordando algumas formas de tentar remontar suas raízes. O que fica claro em seu texto é que a religião de matriz africana gaúcha é uma hibridação de diversos ritos africanos, muito semelhantes, que se fundiram no Rio Grande do Sul.

Com o início da escravização no RS, a qual começou com a chegada dos primeiros negros antes de 1737, por volta dos séculos XVIII – XIX, data oficial de ocupação do estado, com a fundação do forte Jesus-Maria-José, na Barra do Rio Grande, onde atualmente é a cidade de Rio Grande, sendo utilizada, inicialmente, para a solidificação da mão de obra escrava (ORO, 2002; LEISTNER, 2014).

Pode-se dizer que se trata de um dos fatores que contribuiu para que essa cultura de matriz africana, denominada de Batuque, se inserisse no RS através da região sul, sendo que nessa região se acumulou a maior parcela do contingente de africanos escravizados que ali chegavam para o desempenho de atividades nas charqueadas, cujo ápice ocorreu no final do século XVIII.

É nesse contexto que surge uma das possíveis razões para as particularidades desta tendência africanista ser encontrada na região sul e é defendida por Oro (1999), quando argumenta que os negros escravizados enviados para o RS procediam de forma direta da África, não sendo encaminhados de outros estados brasileiros. O que contribuiu para o não relacionamento destes com outras nações e seus ritos, possibilitando a evolução de um ritual mais específico. Em outras palavras, Oro (2002)

comenta que essa inserção não associa a nenhum personagem, mas sim às etnias africanas que o constituíram enquanto local de relutância metafórica à escravidão.

A outra possibilidade apontada para o aparecimento do Batuque no RS é apresentada também por Oro (2002), quando relata de que essa cultura poderia ter vindo para esta região através de uma africana escravizada, provinda de Recife.

No entanto, no entendimento de Correa (2006), o desenvolvimento do Batuque, teve seu início em terras gaúchas na primeira metade do século XIX, ocasião em que os primeiros terreiros surgiram na região das charqueadas, mais especificamente nas cidades de Pelotas e Rio Grande, sendo que no caso de Porto Alegre, as primeiras constatações de casas de religiões de matriz africana apontam para a segunda metade do século XIX, por força da dispersão de negros escravizados e negros alforriados para a capital.

Por outro lado, no que respeita a sua estruturação, segundo Oro (2002), existe a necessidade de um levantamento investigativo mais aprofundado, para identificar se ela ocorreu paralelamente ou posteriormente à estruturação do Candomblé na Bahia, uma vez que as informações apontam para o surgimento, desse último, no ano de 1830. Enquanto Correa (2006) sinaliza que os primeiros Terreiros de Batuque surgiram na região de charqueadas entre os anos de 1833 e 1859.

No tocante ao período que compreendia a segunda metade do século XIX, o maior contingente de negros na cidade de Porto Alegre, estava localizado nos arrabaldes, locais esses denominados de “Colônia Africana” e “Bacia”, atuais bairros Bonfim, Mont Serrat e Rio Branco, e no Areal da Baronesa, hoje Bairro Cidade Baixa. Essa concentração é decorrente do período pós-abolição, assim como as áreas mencionadas serem de baixa valorização, as quais foram ocupadas pelos negros recém-emancipados (ORO, 2002).

Fica claro que esse excesso de contingente de negros se originou do crescimento da capital ao final do século XIX, tendo Porto Alegre se tornado um mercado consumidor de mão-de-obra, o que propiciou para que o Batuque migrasse para a capital, na medida em que os escravizados e negros livres se deslocavam em busca de emprego. Na atualidade, Porto Alegre e a sua região metropolitana possui o maior número de Terreiros de Batuque no estado, tendo se expandido para Uruguai e Argentina, além de alguns estados como, Santa Catarina e Paraná.

A região de estudo

Porto Alegre teve sua fundação na data de 26 de março de 1772, através da criação da Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais, sendo depois alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre. A contar do ano de 1824, começou a acolher imigrante do mundo todo, em especial, italianos, espanhóis, alemães, poloneses, judeus, entre outros (IBGE, 2019).

Tornou-se cidade, depois capital da Província e, na sequência, capital do Estado do Rio Grande do Sul. A trajetória de freguesia à vila e cidade e, na contemporaneidade de cidade à metrópole nacional e cidade global gama, mostra a inserção de Porto Alegre em um mapa globalizado (IBGE, 2019).

Porto Alegre está localizada na região sul do país e possui na contemporaneidade uma área de 496,686 Km², espaço geográfico diversificado com morros e baixadas e um grande lago, o Guaíba. É a sede da maior concentração urbana da região Sul e a quinta mais populosa do Brasil, abrigando mais de 1,4 milhões de habitantes (IBGE, 2017)

De acordo com o IBGE no ano de 2017, o salário médio mensal era de 4,1 salários mínimos, sendo que a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 53.5%. No tocante ao seu território e ambiente 93% dos domicílios possuíam esgotamento sanitário adequado, assim como 82.7% dos domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 69.4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada. A densidade demográfica é de 2.837,53 habitantes por km², o PIB per capita referente ao ano de 2017 era de R\$ 49.740,90 (quarenta e nove mil. Setecentos e quarenta reais e noventa centavos) (IBGE, 2019).

De acordo com a Secretaria Municipal de Turismo, Porto Alegre possui uma cultura diversificada apontada como multicultural, com atividades em diversas áreas com projeção nacional, dispendo de uma tradição folclórica íntegra e um relevante patrimônio histórico disposto em prédios centenários, além de museus. Por esse motivo, a questão multicultural se refere a um sistema de diversas expressões, de variadas aparências, origens étnicas e religiosas que possibilita fazer de Porto Alegre um espaço inusitado em que os contrastes e as divergências são bem acolhidos e sempre bem-vindos (SMTUR, 2017).

Na Figura 10, apresenta-se o mapa do estado do RS, sinalizando a localização da cidade de Porto Alegre, bem como permite observar a distância entre os locais de

origem do Batuque, a região das charqueadas, cidade de Rio Grande e Pelotas, para a capital gaúcha.

Figura 10 – Mapa do Estado do RS localizando a cidade de Porto Alegre



Fonte: (Pacievitch, 2020, p. 1)

Por outro lado, a população porto-alegrense constatada nos últimos três censos realizados pelo IBGE, bem como a parcela dessa população que se autodeclara pertencente à religião de matriz africana é apresentada na Tabela 7.

Tabela 7 – População porto-alegrense integrante da religião de matriz africana

Descrição	Ano		
	1991	2000	2010
População	1.263.403	1.360.590	1.409.351
Auto declaração de pertencimento	32.735	33.890	94.570
%	2,59%	2,49%	6,71%

Fonte: Censo Demográfico do IBGE – 2010

Da Tabela 7 constata-se que a população porto-alegrense cresceu 11,55% em 20 anos, ao passo que o número daqueles que se autodeclaravam pertencentes à religião de matriz africana cresceu, no mesmo período, 188,90%. A representatividade percentual entre os que se autodeclaravam pertencentes em relação à população total aumentou 159,07% de 1991 a 2010.

Não obstante os dados registrados pelo IBGE, importante registrar um fato mencionado por Oro (2008), quando cita que os números do Censo Demográfico

podem estar depreciados se for levado em consideração outras pesquisas realizadas, pelo menos em 50% da fidedignidade demográfica dessas religiões. Uma vez que é muito comum, atualmente, seus seguidores se intitulem católicos, diante do caráter sincrético de que esta crença se reveste, assim como dos atributos históricos os quais se constituíram no Brasil.

Em outro ponto de vista, o aumento de 188,90% no total de adeptos em 2010 poderia ser justificado, pelo que estabelece Prandi (2003), através de duas prováveis possibilidades. A primeira, pelo aumento efetivo do número de seguidores, enquanto a segunda, pelo fato de que a parcela equivalente a antigos fiéis que começaram a se autodeclarar participantes em função do aumento da liberdade de crença.

Agora, em um exame mais detalhado, Oro (2012) aponta que seriam quatro as razões do maior número de adeptos da religião de matriz africana:

- (a) A primeira diz respeito ao fato de que a diversidade religiosa está implantada no RS há muito tempo;
- (b) A segunda aponta que há no RS uma prática de afirmação social das escolhas individuais que constituem identidades e contradições, nos campos da política, esportes e das ideologias.
- (c) A terceira estabelece que as religiões estejam menos estigmatizadas, o que facilita a participação das pessoas; e
- (d) E, por fim, a quarta, quando o autor menciona que a lembrança consagrada que vige neste meio religioso propõe que vem de algum tempo a integração de indivíduos pertencentes a outros segmentos étnicos.

O campo afro-religioso gaúcho: suas formas rituais e formatos associativos

No tocante ao campo afro-religioso do RS, na visão de Oro (2012, p. 563), “as religiões de matriz africana tornaram-se universais, multiétnicas, transclassistas e transnacionais”. Destaca-se, entretanto, o fato de que quando implantadas no RS eram consideradas étnicas em sua essência. Porém, a memória histórica que subsiste no meio religioso propõe que vem de longa data a inserção de indivíduos não negros, pertencentes a outros segmentos étnicos, quer como clientes, simpatizantes e membros, inclusive como agentes e líderes religiosos.

Esse texto de Oro, é ratificado pelas disposições de Morais (2012) quando esclarece que as religiões afrodescendentes há muito deixaram de ser restritas a um

grupo étnico, pois com o propósito inicial de preservar o patrimônio étnico cultural negro, foi sendo aberta à conversão de qualquer pessoa, tornando-se universal. Essa configuração, ainda para Morais (2012), possibilita que o diverso venha se tornar um bem comum de forma que venha ser preservada.

Na esteira da transnacionalidade, tem-se a manifestação de Frigério (2013), antropólogo argentino que afirma que o Batuque, religião de matriz africana originário no Rio Grande do Sul, chegou na Argentina nos anos 1960, por intermédio de adeptos argentinos que foram iniciados em Porto Alegre ou em Montevideu/Uruguai, país que a religião está presente desde os anos 1950. Nos anos 1970 o crescimento da religião de matriz africana na Argentina foi lento, entretanto, na década de 1980, o crescimento foi vertiginoso com o retorno da democracia. Para se ter uma ideia, no final dos anos 1980, eram aproximadamente 5000 templos listados no cadastro do Registro Nacional de Cultos da Argentina, destaque para o fato de que se tratava de apenas uma pequena parcela do total existente.

Assim como Sotelo (2010) explica, o desenvolvimento dos cultos de matriz africana no Uruguai, denominados naquele país de cultos de possessão, é um fenômeno que data da década de 1950 e que tem seu crescimento de forma ininterrupta em décadas posteriores.

Por outro lado, importante trazer a percepção de Oro (2008) sobre as três formas rituais afro-gaúchas: O Batuque, a Umbanda e a Linha cruzada. O Batuque é considerado a expressão mais africana desse complexo religioso. A umbanda representa o lado mais brasileiro do complexo religioso, uma vez que diz respeito à uma religião que tem sua origem no Brasil, produto de um relevante sincretismo com o espiritismo kardecista, perspectivas religiosas indígenas e africanas, além do catolicismo popular. Por fim, a Linha cruzada, cultua o universo das outras duas modalidades.

O que vem ao encontro do estabelecido por Correa (2006), o qual menciona se tratar de uma tríade de religiões afro-gaúchas e discute o batuque como a tendência religiosa que compreende um maior número de características da cultura africana, ao passo que a Umbanda se trata de uma religião de origem brasileira, a qual desenvolveu uma combinação da cultura afro e a indígena. Por último, registra a linha cruzada, a qual pode ser compreendida através de duas formas: a primeira por contemplar elementos religiosos da Umbanda e do Batuque, enquanto a segunda por cultivar as entidades denominadas Exus e Pomba giras.

Uma vez percorrido sobre as formas rituais afro-gaúchas, passa-se a comentar sobre os formatos associativos encontrados no campo afro-religioso do RS, segundo o proferido por Leistner (2013), baseados em conteúdo weberiano, sendo três as tipologias básicas:

- (a) Esta primeira tipologia diz respeito às primeiras federações que surgiram no estado, possuem caráter burocrático, operam orientando à unificação e à ordenação de hábitos e costumes religiosos cujos conflitos endógenos careciam de mediação. Além destas atribuições, as federações tradicionais surgiram com o propósito de proporcionar uma maior unicidade organizacional e teológica, assim como promover uma representação política;
- (b) A segunda tipologia surge como uma categoria de modelo associativo combativo em decorrência dos conflitos determinados com a sociedade, especialmente no que diz respeito à polêmica que envolve a sacralização. Empreendem proposições de reconhecimento identitário, além de proporem um resgate teológico, com vistas a apartar problemas de suposições de incompatibilidade ecológica, o que contribui, potencialmente, para um modelo social negativo dos rituais da religião afro-brasileira;
- (c) Por fim, a terceira via é discutida por Leistner (2013) como sendo as entidades de caráter político, em que as iniciativas de legitimação se concentram na probabilidade concreta de preenchimento de espaços nos procedimentos de edificação e efetivação de políticas públicas direcionadas aos fragmentos étnico-religiosos e minoritários. Seus líderes apresentam concretos caminhos políticos, tanto no que se refere a partidos políticos como a movimentos comunitários e sociais. Buscam, constantemente, a inserção e representatividade nas políticas públicas voltadas a atender às populações marginalizadas.

De certa forma, essas entidades associativas podem ser consideradas como jurisdições em que são realizadas políticas internas e externas à religião, as quais surgiram nos anos 1970, com o propósito de realizarem o trabalho de fiscalização anteriormente realizado pela polícia e servindo de órgão mediador entre as casas de religião e a sociedade, atuando em nome dos terreiros e de forma idêntica determinando algumas regulamentações. No caso da Federação das Religiões Afro-brasileiras - AFROBRÁS, sua responsabilidade limita-se no fornecimento de certificados (alvarás), os quais comprovam a filiação e que serve de instrumento de legitimação para garantir a legalidade do funcionamento do terreiro, inclui também

como atribuição, estimular a igualdade teológica, a igualdade organizacional e a representação social (LEISTNER, 2009).

Na atualidade, muitas são as associações africanistas que são centradas em premissas burocráticas, entretanto a evolução dessas organizações é determinada por uma intensa personificação, apesar de que seus documentos constitutivos indiquem a necessidade de realizar escolhas periódicas, sendo que a condução dos cargos ocorre de forma vitalícia. Todas as federações expedem certificados aos seus filiados e a sua sobrevivência se dá em função da arrecadação dessas taxas e anuidades. Alguns dos principais serviços prestados pelas entidades associativas como, por exemplo, se enquadram os serviços de apoio jurídico e o de intermediação de registros em cartórios. (LEISTNER, 2009).

Para finalizar, importante registrar a informação trazida por Oro (2001), quando afirma que, no campo africanista do RS, um mapeamento exato da totalidade de federações/associações representativas dos terreiros é bastante complexo face à multiplicidade de entidades existentes. E, tudo isso, em decorrência da escassa disseminação de informações sobre essas entidades, as quais se encontram ausentes das mídias digitais o que facilitaria uma busca por informações.

Uma vez apresentado o espaço geográfico onde o estudo ocorre, assim como o campo afro-religioso, na próxima seção são incorporadas informações acerca da manifestação de matriz africana que é considerada um bem de referência do PCI da sociedade gaúcha, a qual reconhece e estabelece interesses e valores que esta possui, seja como parte de sua história, assim como de desenvolvimento.

3.5. A contextualização da Festa de Batuque

O Batuque é uma expressão que concentra um maior conjunto de símbolos de origem africana dentro do complexo religioso afro-gaúcho, pois a linguagem litúrgica é iorubana. Os símbolos empregados são pertencentes dos costumes africanos, sendo que as entidades cultuadas são os orixás e há um reconhecimento às nações africanas (ORO, 2008).

Na mesma linha, Wolff (2011) explica que, o Batuque gaúcho possui ritos próprios que o distinguem de todos os outros cerimoniais de matriz africana. É dividido em raízes, sendo que a liturgia praticada é próxima entre eles e as divindades

cultuadas são praticamente as mesmas, assim como seus procedimentos sendo quase idênticos.

Importante mencionar neste ponto que, o presente estudo não se trata de uma investigação teológica, tampouco antropológica, mas torna-se importante citar alguns aspectos que transcorrem em uma Festa de Batuque, mesmo que de forma superficial, para que se possa melhor compreender o teor da pesquisa realizada. Nesse sentido, faz-se necessário referir algumas particularidades dessa manifestação cultural, mesmo que de forma breve.

Assim sendo, nesta seção, pretende-se apresentar um pouco sobre as características de cada nação batuqueira no RS, traçar um breve panorama sobre os Orixás reverenciados nas Festas de Batuque para que se possa melhor compreender suas essências e fundamentos, posteriormente esboçar as características da Festa de Batuque, e, por fim, procura-se esclarecer as contribuições dessa manifestação para o desenvolvimento.

3.5.1. As nações batuqueiras no RS

Neste tópico, para iniciar um debate sobre as nações batuqueiras no RS, importante lembrar que o Continente Africano possui imensas extensões territoriais e cada região, na época do Brasil Colônia, apresentava seu reino e cultuava suas divindades de formas distintas e, ao serem extraídos violentamente de suas terras, foram espalhados pelo mundo afora, compondo um conjunto de tradições, a qual deu origem a diversas vertentes religiosas, assim como em determinadas localidades que aportaram, impuseram sua própria cultura.

Foi nesse contexto que, de forma compulsória, fortaleceram a fé em suas crenças, como forma de reproduzir por meio da memória e da transmissão oral a sua cultura, uma vez que foram destituídos de seus territórios, de suas propriedades, vindo a ser escravizados. Acreditavam que essa seria a única forma de manterem vivas as suas tradições, associado ao fato de criarem esperança em obterem um futuro melhor.

Uma vez realizada as considerações iniciais deste tópico, informa-se que o Batuque no RS se divide em nações e, conforme Oro (2002) e Correa (2006), as que se formaram no Rio Grande do Sul foram Jejê, Nagô, Ijexá, Oyó e Cabinda. Para Speroni (2018), além das nações mencionadas por Oro e Correa, destaca ainda a denominada Moçambique, como nação de Batuque que aqui no RS se desenvolveu.

Nessa circunstância, importante ressaltar que os nomes das nações existentes no estado são oriundos das denominações recebidas pelos negros nas feitorias, uma vez que estes, provenientes de diversas localidades do continente africano, eram reunidos nesses locais para serem divididos por força de suas aptidões, o que permite inferir que talvez algumas dessas denominações não sejam condizentes com a real procedência.

Por outro lado, Tadvald (2016) esclarece que em consonância aos registros etnográficos coletados e disponíveis, não existe um absolutismo no que diz respeito aos lados no Batuque. Entretanto, defende que se trata das mesmas nações, anteriormente citadas por Oro e Correa. A seguir, no quadro 11, são apresentadas, no entendimento de Speroni (2018), algumas características de cada nação:

Quadro 11 – Características das Nações/Lados

Nação	Características
Oyó	Algumas das características da nação Oyó está na ordem com que as rezas são cantadas, onde se toca primeiro para os orixás masculinos e, posteriormente para os femininos;
Jejê	É identificada pelo rápido toque dos tambores. Uma característica desta nação é a dança Jejê, praticada na grande roda em que os participantes executam a mesma coreografia. Apesar da nação Jejê estar quase extinta como uma nação exclusiva, todas as demais nações ainda executam seus cânticos;
Ijexá	Nação com maior número de casas e filhos. A Orixá Oxum é a rainha da nação;
Nagô	Hoje essa nação está praticamente extinta, considerada a origem do culto no RS. Uma característica desta nação é o local onde se homenageia os mortos (balé), sendo que em todas as nações ocorrem nos fundos do terreno, para os Nagô ocorre na frente da casa;
Cabinda	Nação de origem Bantu ⁷ onde originalmente se fala o Kimbundu ⁸ . O processo de iniciação nessa nação se inicia pelo cemitério. Uma outra característica particular dessa nação é o número mítico de alguns dos orixás;
Moçambique	Nação pouco conhecida e descrita por Correia (2006) e que se baseou em relato de um único Pai de Santo, ocasião em que expôs algumas das particularidades dessa nação. As dificuldades verificadas para esta nação se dão pela falta de conhecimentos dos tamboreiros, outra característica desta nação é com relação às comidas oferecidas nas obrigações, devendo essas serem preparadas com muitas raízes.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Speroni (2018)

Contudo, Tadvald (2016) afirma que com o falecimento dos mais antigos, as nações começaram a se agrupar, o que propiciou uma mescla entre as nações originárias do RS, ocorrendo o surgimento de novos lados, como por exemplo, o Jejê-

⁷ O termo Bantu não se refere especificamente a um grupo étnico ou a uma língua específica, mas a um conjunto de mais de 400 grupos étnicos que falam as línguas bantus (mais de 650 línguas bantus, línguas nigeriano-congolesas) que vivem entre os Camarões e a Somália; na África Central, na África Oriental e na África Austral. (Bantus: povo da África Central, Leste, Austral. Disponível em: <https://www.hauniversity.org/pt/Bantu.shtml>. Acesso em 28-10-2019)

⁸ O kimbundu é a língua da região de Luanda, Catete, Malanje e as áreas de fronteira no Norte (Dembo - variante crioula kimbundu/kikongo) e no Centro (Kuanza Sul - variante crioula kimbundu/umbundo). É falada por mais de um milhão e meio de pessoas. Faz parte da grande família de línguas africanas a que a partir do século passado os europeus convencionaram chamar **Bantu**.

Ijexá e o Oyó-Jejê. Outro fato importante de mencionar sobre as nações do Batuque, diz respeito às tradições cultuadas na atualidade, as quais não são exatamente idênticas a forma ritual praticada em África, visto que as práticas são repercussões de um processo prolongado de adaptação e ressignificação.

3.5.2. Um breve panorama sobre os Orixás cultuados no Batuque do RS

O universo místico do Batuque traduz-se na reverência de seus adeptos aos Orixás. Esse culto transpôs o oceano sendo trazido no coração dos povos que foram escravizados, plantando fortes raízes em terras brasileiras, preservando ritos milenares, sendo que vários desses ritos foram comuns em muitos e distintos credos.

Na Figura 11, a seguir, a ilustração de alguns Orixás do Batuque gaúcho.

Figura 11 - Tela “Os Orixás”



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges⁹

Os Orixás cultuados no Batuque do RS para Oro (2012) são essencialmente doze (12), a saber: Bará; Ogum; Iansã; Xangô; Odé; Otim; Obá; Ossanha; Xapanã; Oxum; Iemanjá; Oxalá. Essa estrutura sequencial em que se acham organizados é denominada de *orumalé*, a qual varia de nação para nação. A cada um dos Orixás são designadas certas particularidades representativas como por exemplo, cores,

⁹ As ilustrações constantes nesta seção são da Artista Plástica Cláudia Krindges, a qual iniciou sua carreira como estilista no ramo da indústria têxtil. Vários de seus trabalhos foram publicados em diversas reportagens jornalísticas, recebendo, inclusive, destaque na Revista Manequim da Editora Abril. A incursão ao africanismo ocorreu após o recebimento de uma encomenda cujo tema era os Orixás, ocorrendo um encantamento pelas cores e formas, assim como pela energia africana. Atualmente, dedica seu tempo ao aprofundamento dos estudos da mitologia africana, assim como à aplicação do que aprende nas telas de tamanho variado. Em seus trabalhos procura reproduzir a figura humana, contrastando com as cores fortes e vibrantes do povo africano. Hoje suas obras podem ser encontradas nas principais casas africanistas do Rio Grande do Sul, assim como do restante do Brasil. Países como Estados Unidos, Portugal, África do Sul e China também são portadores de seus trabalhos.

números místicos, comidas específicas, além de símbolos decorrentes das crenças existentes no hábito religioso. Destaca-se o fato de que entre os Orixás não existe uma hierarquia, ou seja, um não é mais importante do que o outro, na realidade eles simplesmente se complementam entre si, cada um com suas funções determinadas dentro do credo.

Esses Orixás, na percepção de Ligiéro (1993), carregam consigo as características do local que habitam e controlam, ou seja, a natureza. Alia-se a ideia da dualidade *Orun/Aiyê*, onde tudo que existe no *Orun*¹⁰, igualmente, há no *Aiyê*¹¹, de modo que os Orixás (seres divinos) traduzem características dos humanos (seres mortais), interligando a natureza (oceanos, rios, florestas, minérios etc.) com as pretensões humanas (amor, guerra, saúde, doença). Ainda o autor, afirma que o culto aos Orixás possui uma ligação muito tênue aos elementos fundamentais da natureza (água, terra, fogo e ar), pois é através dessas forças em harmonia que se dispõem de uma elevada energia capaz de auxiliar os fiéis nos percalços do caminho em busca pela espiritualidade. Para Ligiéro (1993) a associação dos Orixás aos elementos fundamentais se dá da seguinte forma: (a) No caso do ar: Orixá Oxalá; (b) Na associação com a água: os Orixás Obá, Oxum e Iemanjá; (c) No caso do fogo: os Orixás Xangô e Iansã; (d) No caso do elemento terra: os Orixás Bará, Ogum, Ossanha, Odé, Otim e Xapanã.

Somente com a apropriação dessa mitologia de tradição religiosa africana é que se pode compreender seus ritos, práticas e festividades. Como todo e qualquer sistema religioso, ou seja, os rituais são fundamentados pela mitologia, assim como orienta a atuação dos seguidores submetidos a esse sistema. O desconhecimento dessa cultura contribui para o preconceito junto aos seus adeptos (GÓIS, 2013). Uma das razões para o sancionamento da Lei nº10639/03, a qual foi discutida em um tópico específico na seção 3.1, desta tese. Nesse sentido, o propósito desta subseção consiste em realizar uma breve descrição sobre os Orixás cultuados nas Festas de Batuque, baseando-se em trabalhos de Prandi (2001), Correia (2006) e da AFOBRÁS (2019), como forma de que se possa melhor compreender algumas das suas características, além de apresentar ilustrações para cada um deles.

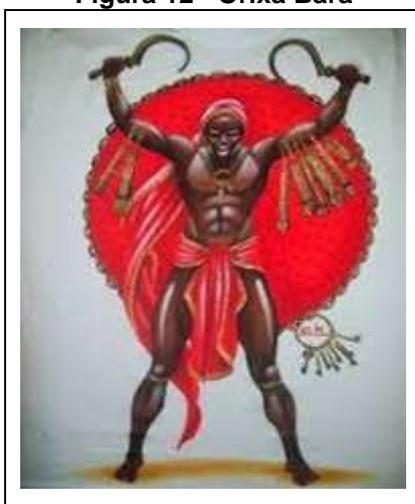
¹⁰ Orun - Na mitologia iorubana, compartimento do universo onde moram as divindades (Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, LOPES, Nei. 4ª ed. 2011).

¹¹ Aiyê - Designa o mundo dos vivos que existe num espaço oposto ao Orun (Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, LOPES, Nei. 4ª ed. 2011).

Bará

O Orixá Bará é considerado o mensageiro, aquela divindade que faz a conexão do plano material com o plano espiritual, uma vez que é considerado o intermediário entre homens e divindades, por ser dono dos caminhos e das encruzilhadas, simboliza o movimento. Orixá dinâmico e jovial. Orixá que possui a chave de tudo, o que tranca e destranca os caminhos, tem o privilégio de receber primeiramente as obrigações, nada começa sem saudar Bará. Na Figura 12, uma ilustração do Orixá Bará.

Figura 12 - Orixá Bará



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No Quadro 12, outras características do Orixá Bará.

Quadro 12 – Outras características do Orixá Bará

Símbolo	Chave, foice, corrente de ferro
Cor	Vermelho
Colar	Corrente de ferro
Saudação	Alupô
Números	03 e 07 (múltiplos de 07)
Qualidade de Bará	Lodê, Agelú, Lanã, Adague
Animal de estimação	Rato

Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O Dia da semana de Bará é a segunda-feira, a parte do corpo que rege é o esqueleto, pênis, pâncreas, uretra, urina, sangue. As frutas dedicadas a esse Orixá são a manga, ameixa vermelha, butiá, maracujá e a cana-de-açúcar. Os doces são os de caramelo, mel, brigadeiro e bombons. As ervas são o fumo brabo, dinheiro em penca, arruda macho, alevante, guiné, orô, arnica, cipó-mil-homens, carqueja e canela; sendo que o dia do ano dedicado ao Bará Agelú, Lanã e Adague é 13 junho, exceto o Bará Lodê que tem o seu dia em 29 de junho.

Ogum

É o Orixá das guerras, das armas de corte e bélicas, protetor dos militares em geral, ferreiros e agricultores. Orixá de demanda e é representado sempre empunhando sua espada, protetor dos trabalhadores, também é considerado o dono das ferramentas de trabalho, domina tudo aquilo que é forjado através do aço e o ferro. Protege a entrada dos templos e casas. É considerado um Orixá cruel, impiedoso e severo, mas que sabe ser ao mesmo tempo compreensível, dócil e amável quando é cultuado com fé. Sua ilustração consta da Figura 13.

Figura 13 - Orixá Ogum



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No quadro a seguir outras de suas características:

Quadro 13 – Outras características do Orixá Ogum

Símbolo	Espada, lança, martelo, bigorna, alicate, faca e ferraduras
Cor	Vermelho e verde
Colar	Vermelho e verde
Saudação	Ogúnhê
Números	07 e 14 (múltiplos de 07)
Qualidade de Ogum	Avagã, Onira, Adiolá, Olobeté
Animal de estimação	Cobra e cavalo

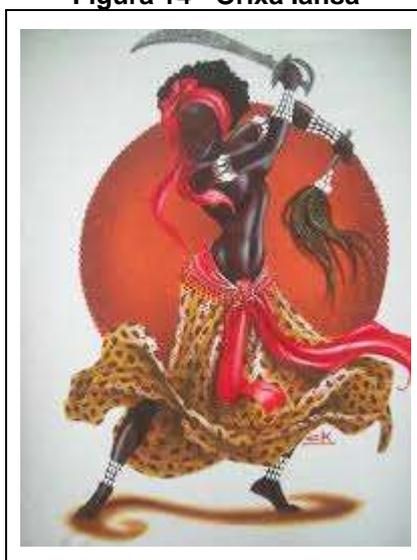
Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O dia da semana é a quinta-feira, as partes do corpo que rege são o esqueleto (ossos das coxas), costela e dentes. As frutas desse Orixá são a laranja, marmelo e a cana-de-açúcar, os doces são o marmelo e os demais doces de frutas. As ervas consideradas a este Orixá são a espada de São Jorge, a lança de Ogum, o inhame, a arruda e o eucalipto, sendo o seu dia do ano 23 de abril.

lansã

Orixá dos ventos, dos raios e tempestades, do fogo, mas também dona das paixões, dona dos movimentos. Orixá linda, sensual, radiante e guerreira, mas ao mesmo tempo irrequieta, autoritária, de temperamento muito forte, dominador e impetuoso. É considerada guia dos espíritos (*eguns*), e como orientadora dos espíritos, carrega o *eruexin*, instrumento feito com rabo de cavalo, cuja finalidade é impor respeito perante os espíritos. Na Figura 14, a ilustração da Orixá lansã.

Figura 14 - Orixá lansã



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No quadro a seguir mais um pouco de suas características:

Quadro 14 – Outras características do Orixá lansã

Símbolo	Espada, taça, raio e aliança
Cor	Vermelho e branco
Colar	Vermelho e branco
Saudação	Eparreio
Números	07 e seus múltiplos de 07
Qualidade de lansã	lansã, Oiá, Dirã
Animal de estimação	Barata

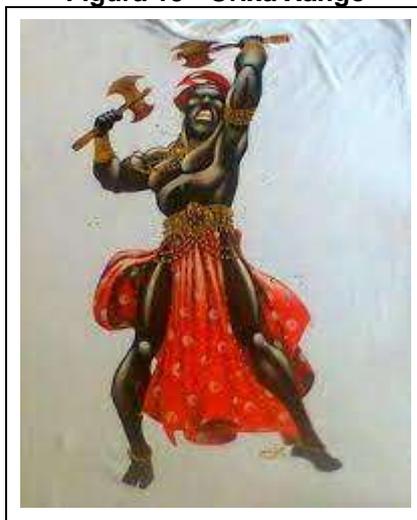
Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O seu dia da semana é a terça-feira, suas frutas são a maçã e a pitanga. As ervas consideradas para lansã são a espada de Santa Bárbara, a arruda e a folha de pitangueira. A parte do corpo que lansã rege é o esqueleto (ossos da cintura), o sistema digestivo e a vagina, e o seu dia do ano é 04 de dezembro.

Xangô

Orixá bravo, poderoso, que se irrita facilmente, senhor do trovão, do fogo, conhecido também como patrono da justiça, decide sobre o bem e o mal, sendo temido e respeitado, é viril e violento, porém, justiceiro. Costuma-se dizer que Xangô castiga os mentirosos, os ladrões e malfeitores. Seu símbolo principal é a machada de dois gumes e a balança, símbolo da justiça. Tudo que se refere a estudos, demandas judiciais, ao direito, contratos, documentos trancados, pertence a Xangô.

Figura 15 - Orixá Xangô



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

Na sequência, Quadro 15 com algumas das características do Orixá Xangô.

Quadro 15 – Outras características do Orixá Xangô

Símbolo	Machado, livro, pilão, gamela e balança
Cor	Vermelho e branco
Colar	Vermelho e branco
Saudação	Kaô Kabiecile
Números	06 e 12 e seus múltiplos de 06
Qualidade de Xangô	Aganjú, Agodô e Ibeiji
Animal de estimação	Leão

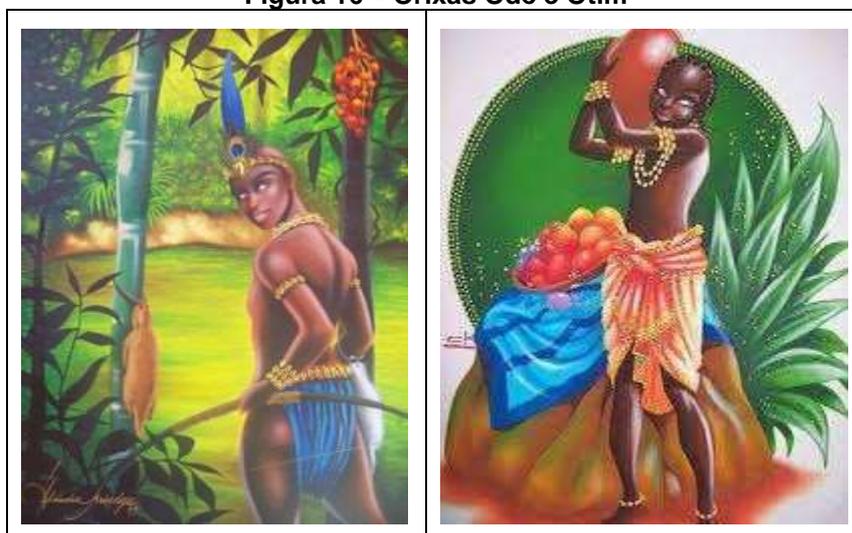
Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O seu dia da semana é terça-feira, suas frutas são a banana, morango, pêssego e a ameixa branca. A parte do corpo que o Orixá Xangô rege é o esqueleto (ossos da cintura escapular), peito, língua e esôfago. Suas ervas são o inhame, arruda e o gervão. Seus doces são a marmelada e o doce de banana. O dia do ano *em que se homenageia* é 27 de setembro (Xangô Ibeiji), 29 de setembro (Xangô Aganjú) e 30 de setembro (Xangô Agodô).

Odé/Otim

Orixás da caça, portanto, os protetores dos caçadores e da fartura, possuem como ferramentas o arco e a flecha, o bodoque e demais ferramentas de caça, além do cântaro, sendo seu reino as matas e as florestas. Odé (masculino) e Otim (feminino) são inseparáveis, sendo que suas principais características são consideradas a astúcia, rapidez, sabedoria e a forma ardilosa utilizada para faturar sua caça. Orixás que regem, inclusive, às lavouras, os plantios permitindo boas colheitas são os provedores da nossa alimentação. Na Figura 16 a ilustração dos Orixás Odé e Otim.

Figura 16 – Orixás Odé e Otim



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No quadro 16, algumas de suas características.

Quadro 16 – Outras características dos Orixás Odé e Otim

Símbolo	Arco, flecha e cântaro
Cor	Azul marinho e branco; preto e branco
Colar	Azul marinho e branco; preto e branco
Saudação	Oke arô Okebambo
Números	07 ou 14
Animal de estimação	Animais selvagens

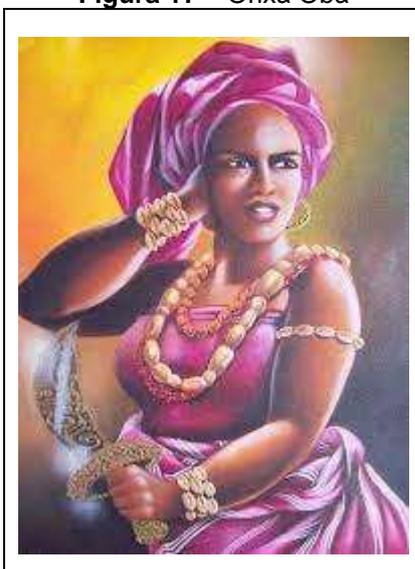
Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O dia da semana destinado a esses Orixás é a sexta-feira, suas ervas são as folhas de araçá e o butiá, sendo seu doce a cocadinha e o mel. Suas frutas são a uva preta, butiá e o araçá. A parte do corpo que Odé/Otim regem é o esqueleto (ossos do tórax), pulmão e garganta e o seu dia no ano é comemorado em 20 de janeiro.

Obá

Orixá patrocinador de conflitos, embora feminina, é temida, forte, enérgica, sábia, madura e realista, ligada às demandas. Orixá regente das enchentes, cheias dos rios e inundações. Comanda as decepções amorosas, ciúmes assim como a incapacidade do ser humano possuir aquilo que ama e deseja. Orixá referendada como mais forte que muitos dos Orixás masculinos. Orixá que age sobre a raiva, solidão, sentimento de abandono e a depressão. A ilustração da Orixá Obá consta na Figura 17.

Figura 17 – Orixá Obá



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No Quadro 17, outras das características do Orixá Obá.

Quadro 17 - Outras características do Orixá Obá

Símbolo	Facão, navalha, roda, timão
Cor	Rosa
Colar	Rosa
Saudação	Exó
Números	07
Animal de estimação	Rã

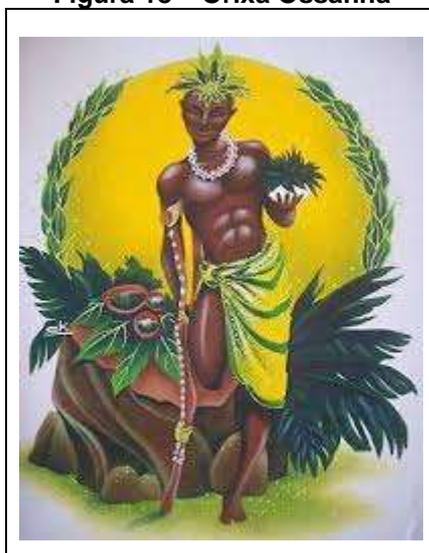
Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O dia da semana destinado à Obá é Quarta-feira, a parte do corpo que rege são as orelhas, o aparelho auditivo e o apêndice, seu doce é o de Abacaxi, a sua erva é a arruda e as suas frutas são a romã e o abacaxi. Seu dia comemorativo é 25 de novembro.

Ossanha

É o Orixá das plantas medicinais e litúrgicas, exercendo seu poder sobre as plantas e folhas matérias-primas do miero (ervas específicas maceradas com água), imprescindível nos rituais do Batuque. Por exercer o poder sobre as plantas e folhas desempenha o papel de curar todas as doenças. As pessoas que possuem deficiência física, em especial, nas pernas e nos pés, ou que não possuem uma das pernas, estão, quase sempre, ligadas de alguma forma a Ossanha. Na Figura 18, ilustração do Orixá Ossanha.

Figura 18 – Orixá Ossanha



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No Quadro 18, outras características vinculadas ao Orixá Ossanha.

Quadro 18 – Outras características do Orixá Ossanha

Símbolo	Coqueiro, muleta, bisturi, cágado e folha
Cor	Verde e amarelo
Colar	Verde e amarelo
Saudação	Êu-êu
Números	07 ou 14
Animal de estimação	Cágado e formiga

Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

Seu dia da semana é a segunda-feira, suas ervas são o orô, pitangueira, arruda, eucalipto cheiroso. O seu doce é o de figo. A parte do corpo que Ossanha rege é o esqueleto (Ossos dos Pés e das Pernas), nervos e músculos, pés e pernas. Sua fruta é o abacate e o figo e o seu dia do ano é 25 de abril.

Xapanã

Orixá Xapanã que também é conhecido como Obaluaiê ou Omulu é o regente das pestes, da varíola, das moléstias contagiosas, também é considerado o médico do espírito e da matéria. É o rei das profundezas da terra, cobre o seu rosto com fibra de ráfia, também conhecida como palha da costa, uma vez que na lenda está proibido de desvendar seu rosto para os homens diante da deformação ocasionada pela doença de pele auferida. Na Figura 19, ilustração do Orixá Xapanã.

Figura 19 – Orixá Xapanã



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No quadro a seguir outras características vinculadas a esse Orixá.

Quadro 19 – Outras características do Orixá Xapanã

Símbolo	Xaxará, vassoura e cachimbo
Cor	Preto com vermelho, lilás, bordô, grená ou rosa
Colar	Preto com vermelho, lilás, bordô, grená ou rosa
Saudação	Abáo
Números	07
Qualidade de Xapanã	Sapatá, Jubeteí, Belujá
Animal de estimação	Cachorro e Mosca

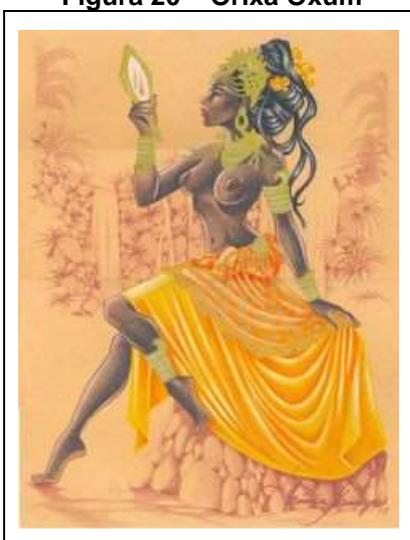
Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

Seu dia da semana é a quarta-feira. A parte do corpo que Xapanã rege é a pele, ânus e a bexiga. Sua fruta é a uva preta e o amendoim. Seu dia do ano é 17 de dezembro. O seu doce é o de abacaxi e a sua erva é a Arruda.

Oxum

Oxum é sinônimo de beleza e meiguice, considerada Orixá responsável pelas cachoeiras, das águas doces e do ouro, responde pela prosperidade, riqueza, gosta de flores, perfumes, colares, joias, brincos de ouro e tudo que se relacione com a vaidade. É Oxum que controla a fecundidade, ou seja, o desenvolvimento da criança mesmo ainda no ventre materno. Responsável por tudo aquilo que estiver ligado com a sensualidade. Ela é o amor puro, aquele que dura toda a vida, real, maduro, sincero, calmo e romântico. Na Figura 20, uma ilustração do Orixá Oxum.

Figura 20 – Orixá Oxum



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No Quadro 20, outras características vinculadas a esse Orixá

Quadro 20 – Outras características do Orixá Oxum

Símbolo	Adornos de ouro, Leque, espelho, peixe
Cor	Amarelo, amarelo e branco
Colar	Amarelo
Saudação	Ora le leo
Números	08, 16 e 32
Qualidade de Oxum	Docô, Demum, Pandá, Olobá, Ibeiji
Animal de estimação	Aranha

Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

Seu dia da semana é o sábado. A parte do corpo que Oxum rege é o aparelho reprodutor feminino, seio, coração, útero e ovários. As suas ervas são a folhas da fortuna, dinheirinho em penca, folha de laranjeira e manjeriço. Seus doces são o quindim, pudim, ambrosia, bolos e torta. As suas frutas são o mamão, melão e a manga. O seu dia do ano é 08 de dezembro.

lemanjá

É a dona do mar, considerada a mãe de todos os Orixás, protetora da família, dos pensamentos, do raciocínio e da inteligência. É a Orixá deusa das pérolas, quem ampara a cabeça dos recém-nascidos e os entrega ao seu regente a partir da adolescência. Possui um papel bem relevante, pois é a divindade que cuida dos lares. Protetora dos pescadores é quem propicia sorte nas pescarias, também comanda os seres aquáticos e provê a população com alimentos oriundos de seu reino. Na Figura 21, uma ilustração da Orixá lemanjá.

Figura 21 – Orixá lemanjá



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No quadro a seguir algumas outras características do Orixá lemanjá:

Quadro 21 – Outras características do Orixá lemanjá

Símbolo	Adornos de prata, âncora, barco, peixe, concha e remo,
Cor	Azul, azul e branco
Colar	Azul
Saudação	Ômio-Odo
Números	08, 16 e 32
Qualidade de lemanjá	Boci, Bomi, Nanã-Borocum
Animal de estimação	Peixe

Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

Seu dia da semana é a sexta-feira. A parte do corpo que lemanjá rege é a cabeça, vesícula, pelos, esqueleto (ossos dos braços). Suas frutas são a melancia, pera, cocô. O doce é a cocada e o doce de coco. Suas ervas são o manjeriçã roxo, arnica, onda do mar e alfazema. Seu dia do ano é 02 de fevereiro.

Oxalá

Oxalá é o Orixá da paz, união, da compreensão, amizade e fraternidade entre os povos da terra e do cosmos. É o pai da brancura, razão pela qual é considerada a cor que simboliza a paz e a transparência. Oxalá é o responsável pelo equilíbrio das coisas, para manter-se suavemente estabilizada em posição de espera ou definição, dependendo da situação, estabelecendo um acordo para a circunstância. É também considerado o Orixá que determina o fim pacífico da vida, momento de desligamento espiritual do material. Na Figura 22, ilustração do Orixá Oxalá.

Figura 22 – Orixá Oxalá



Fonte: ilustração criada por Cláudia Krindges

No quadro a seguir algumas outras características do Orixá Oxalá.

Quadro 22 – Outras características do Orixá Oxalá

Símbolo	Bastão, olho, pomba, caramujo, cajado e sol
Cor	Branco
Colar	Branco
Saudação	Epaô - Epa Babá
Números	08, 16 e 32
Qualidades de Oxalá	Bokun, Dakun, Olokun, Jobokun, Oromilaia
Animal de estimação	ebí e pomba branca

Fonte: Afrobrás (2019) Speroni (2018)

O dia da semana é quarta-feira para o Oxalá Bokun e domingo para os demais. A parte do corpo que rege são os olhos, cérebro, esqueleto (ossos do crânio). Sua fruta é a uva branca e o damasco, sendo seus doces o merengue, manjar e o doce de ameixa. As suas ervas são o orô, mamoeiro, manjerição e a erva de bugre, seu dia do ano é 25 de dezembro.

Foram apresentados, então, os doze orixás cultuados na Festa de Batuque, bem como algumas de suas características e simbologias, sendo que as descrições feitas foram realizadas de forma genérica, uma vez que cada Orixá possui muitas especificidades que fazem com que se desdobrem em várias qualidades, como se pode observar nos quadros demonstrativos referentes à cada Orixá.

3.6. Os caminhos metodológicos percorridos

O debate apresentado na pesquisa envolve o conjunto metodológico desenvolvido pelo CAB, o qual aperfeiçoou uma ferramenta para implementação na América Latina. Essa ferramenta contempla uma gama de informações, tendo por objetivo a valoração da atividade econômica de um determinado setor cultural, a qual será utilizada para mensurar a Festa do Batuque, diante de sua dinamicidade regional.

A lógica da ferramenta consiste na criação de indicadores monetários e não monetários de determinado setor da cultura, os quais apresentam o agrupamento de algumas transações sob a ótica da avaliação dos efeitos econômicos gerados pela criação, produção, difusão, recepção, transmissão, consumo, preservação, gestão e apropriação de conteúdos simbólicos referentes ao PCI.

No que se refere aos aspectos metodológicos, esta seção propõe-se, doravante, desenhar o roteiro das etapas metodológicas percorridas e levadas a efeito, com a finalidade de atingimento dos objetivos mencionados no Capítulo 1, Seção 1.3, como forma de assegurar a clareza e demonstração das escolhas realizadas durante o percurso, o que permitirá a replicação do estudo, no caso de situações análogas.

Nesse contexto, apresenta-se Marconi e Lakatos (2007), os quais entendem que o método é entendido como um grupo de atividades ordenadas e lógicas que possibilitam o alcance dos objetivos, concebendo uma trilha a ser seguida, identificando erros e contribuindo para as decisões do pesquisador. Nesse sentido, são apresentadas as técnicas que foram utilizadas como forma de viabilizar a concepção desta pesquisa.

Abordagem

Por conseguinte, a abordagem adotada na presente pesquisa é quanti-qualitativa e, conforme a ideia de Gerhardt e Silveira (2009), se preocupa tanto com a

representatividade numérica, quanto a investigação do entendimento de um determinado grupo social.

Neste caso específico, a abordagem qualitativa foi utilizada para entender as particularidades de como a Festa de Batuque, PCI, afeta o desenvolvimento e, no caso da abordagem quantitativa, foi utilizado instrumentos de análise de dados que se baseou em variáveis expressas de forma numérica, na busca de padrões estatísticos para atender os objetivos do trabalho, sendo que esses fundamentos lógicos que caracterizaram a abordagem quantitativa (MALHOTRA, 2012).

Classificação da pesquisa

No que tange a classificação da pesquisa, conforme Vergara (2010) há dois critérios básicos utilizados, quanto aos fins e quanto aos meios. A autora define que no critério quanto aos fins, devem ser salientados os propósitos e objetivos da pesquisa. Já o critério quanto aos meios serão os recursos utilizados para atingir os fins.

Assim sendo, quanto aos fins, a presente pesquisa foi descritiva e de acordo com Vergara (2010), a pesquisa descritiva procura expor características de uma população definida ou de um fenômeno determinado. Pode também estabelecer relacionamentos entre variáveis de forma que possa definir a sua natureza. Serve de base para explicação dos fenômenos que descreve. No presente estudo caracteriza-se como descritiva pelo fato de que se procurou identificar e quantificar as variáveis que permitirão o estabelecer um perfil dos participantes da Festa de Batuque em Porto Alegre/RS.

No que se refere aos meios na percepção de Vergara (2010), a presente pesquisa foi classificada como pesquisa de campo, tendo uma pequena contribuição de uma pesquisa documental e bibliográfica, mas que segundo a autora, esses tipos não são mutuamente excludentes.

É uma pesquisa de campo uma vez que aplicou entrevistas e questionários aos principais agentes da Festa de Batuque e, de acordo com Vergara (2010), é um tipo de investigação realizada no local onde ocorre o fenômeno ou, em outras palavras, que dispõe de ingredientes para elucidá-lo.

Trata-se, também, de uma pesquisa documental, uma vez que consistiu na busca de informações junto às entidades associativas que promovem a unidade

organizacional e teológica em Porto Alegre/RS, com objetivo de acessar documentos institucionais que contribuíram para esclarecer conceitos e demais fatos sobre a temática. Alia-se a isso a busca por uma atualização do número total de casas/terreiros que existem e sua respectiva localização. Para Lakatos e Marconi (2007) e Oliveira et al, (2003), a pesquisa documental nos indica que as informações deverão estar contidas estritamente em documentos denominado fontes primárias.

Assim como, trata-se de uma pesquisa que possui o caráter bibliográfico, visto que se utilizou, inclusive, de livros, artigos de revistas e de jornais sobre o tema e, segundo Vergara (2010), apresenta um estudo sistematizado elaborado, baseado em material divulgado em livros, jornais, revistas, internet, ou seja, acessível ao público em geral.

Delimitação espacial da pesquisa

Adentrando na temática deste estudo, do ponto de vista espacial, dados preliminares foram extraídos dos últimos censos demográficos disponibilizados pelo IBGE, constatou-se que o estado brasileiro possuidor do maior número de adeptos assim como o detentor do maior conjunto de terreiros é o RS. Neste ponto, se vai ao encontro de Oro (2008), que informa existirem no RS mais de 30.000 terreiros, sendo na região metropolitana a localização da maior concentração de casas de religiões de matriz africana, as quais possuem maior longevidade e, por sua vez, maiores números de indivíduos que se declaram pertencentes a essas.

Nesse contexto, partiu-se do pressuposto que Porto Alegre ocupa um posicionamento de destaque entre os municípios que integram a região metropolitana, tanto no que diz respeito à cultura como a economia regional. Assim sendo, a presente pesquisa buscou identificar como se dão os impactos que o patrimônio intangível provoca em Porto Alegre.

Delimitação temporal da pesquisa

No tocante ao aspecto temporal foi considerado, para fins de cálculos, o período de 12 meses (um ano), sendo utilizado como lente de avaliação o ano de 2019. A coleta dos dados ocorreu no período compreendido entre dezembro de 2019 a dezembro de 2020.

Universo e seleção dos sujeitos

Assume-se que a estratégia adotada foi a combinação de questionários e entrevistas aplicados aos agentes que integram essa manifestação, sendo uma entrevista aplicada aos sacerdotes, uma outra entrevista aplicada aos representantes das federações associativas dos terreiros, um questionário aplicado aos consumidores da cultura de matriz africana. Seguido de uma entrevista realizada junto aos comerciantes que possuem relacionamento exclusivo com a cultura de matriz africana (responsáveis por floras e aviários), assim como uma entrevista aplicada aos tamboreiros, costureiras, artesãos e publicitários.

O universo da pesquisa foi determinado em função do relacionamento direto que os sujeitos possuem com a Festa de Batuque. Essa mescla de sujeitos está descrita no Quadro 23.

Quadro 23 – Descrição da amostra coletada

Item	Quant.	Sujeito	Instrumento
1	5	Entidades associativas representativas dos terreiros	Entrevista
2	34	Sacerdotes religiosos	Entrevista
3	404	Fiéis – consumidores da cultura de matriz africana	Questionário
4	2	Aviários	Entrevista
5	5	Floras	Entrevista
6	3	Tamboreiros	Entrevista
7	1	Costureira	Entrevista
8	1	Artesão	Entrevista
9	1	Publicidade	Entrevista

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

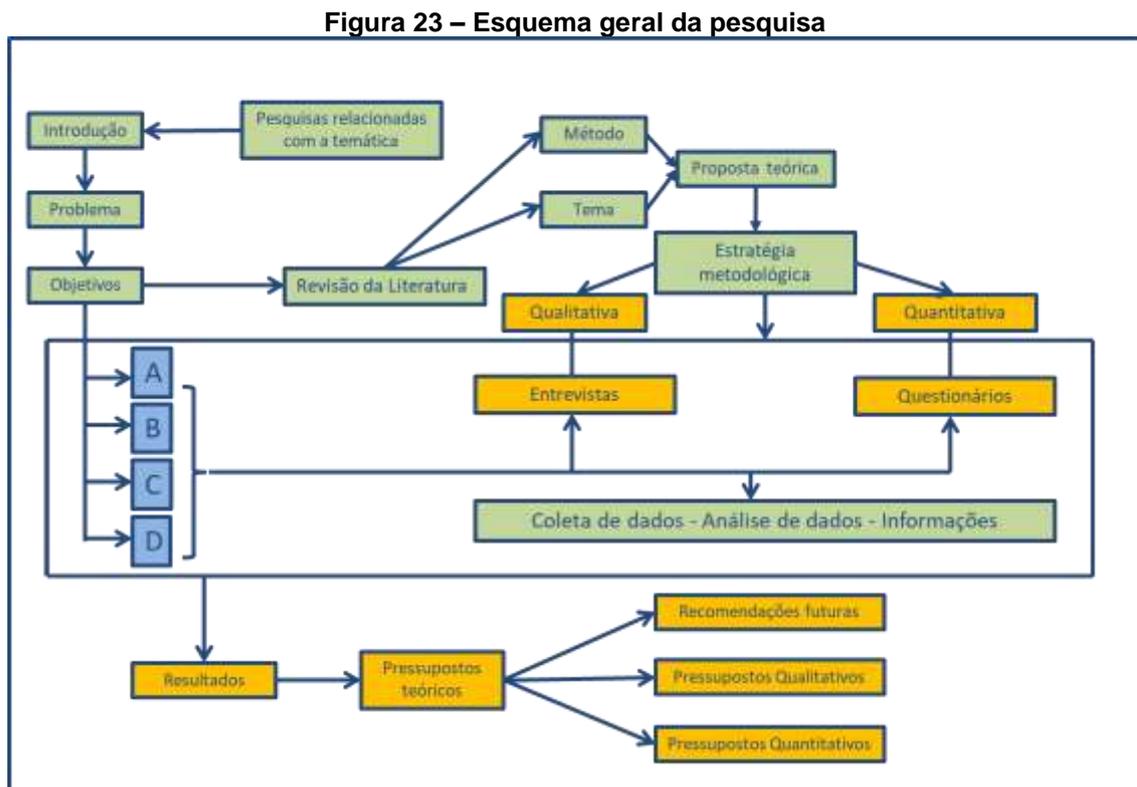
Por questões que envolveram tempo e acessibilidade, as entrevistas/questionários se limitaram aos quantitativos constantes no quadro retro, por se entender que as respostas refletiriam a realidade e estariam em consonância com as restrições definidas na pesquisa. Quanto as definições que levaram em consideração o tamanho da amostra, encontram-se descritas no Capítulo 4, que trata da coleta de dados.

Estrutura da pesquisa

Diante dos objetivos propostos e seu caráter quanti-qualitativo, a pesquisa foi estruturada em duas fases distintas. A primeira fase compreendeu a utilização de ferramentas e instrumentos qualitativos enquanto a segunda fase utilizou ferramentas

quantitativas, sendo que esses instrumentos foram julgados suficientes para responder aos objetivos da pesquisa.

Dessa forma, na Figura 23, procura-se representar o esquema geral da pesquisa, o qual tem como propósito a investigação da realidade vivida pelo povo de terreiro, como forma de verificar como essa manifestação cultural provoca impactos na capital do RS.



Fonte: elaborado pelo autor adaptado de Begnis, H. S.M. (2007)

Uma vez apresentado o esquema geral da pesquisa, informa-se que para a resolução dos objetivos específicos as etapas qualitativa e quantitativa seguiram o seguinte roteiro:

Etapa qualitativa

A etapa qualitativa da pesquisa foi desenvolvida a partir da pesquisa de campo, conforme manifestação obtida junto aos sacerdotes da religião de matriz africana, responsáveis pelos terreiros. Essa etapa teve por objetivo aprofundar a base empírica de modo a possibilitar encontrar respostas aos objetivos estabelecidos e foi realizada através da aplicação de uma entrevista (Apêndice 1).

Para essa etapa qualitativa também foram desenvolvidas entrevistas estruturadas aos representantes das entidades associativas (Apêndice 2), assim como aos representantes dos estabelecimentos comerciais – floristas e aviários (Apêndice 3) que vendem materiais e demais objetos para a prática do culto de matriz africana. Uma outra entrevista foi desenvolvida e aplicada aos tamboreiros (Apêndice 4), adicionalmente, uma nova entrevista foi destinada à costureira, profissional que confecciona as roupas que os participantes usam em dias de festas (Apêndice 5), assim como uma pesquisa destinada ao artesão (Apêndice 6) e, por fim, uma última entrevista destinada ao profissional da publicidade (Apêndice 7).

Inicialmente, essas entrevistas seriam realizadas de forma direta, isto é, através de uma visita pessoal do pesquisador, sendo que a escolha dos respondentes seria procedida em função da conveniência e acessibilidade. Entretanto, por força da necessidade de se cumprir o estabelecido pela Organização Mundial da Saúde – OMS, em termos de distanciamento social, optou-se por realizar essas entrevistas da seguinte forma: (a) aos Sacerdotes foi elaborado um formulário no *google forms* e encaminhado o link gerado por intermédio do *whatsapp*; (b) os outros entrevistados mediante questionamentos realizados via *whatsapp* e *e-mails*. Os entrevistados foram selecionados da seguinte forma:

- Sacerdotes:

Foram selecionados três sacerdotes conhecidos do pesquisador e solicitado que preenchessem o formulário constante no link que receberam, via *google forms* e, após, replicassem a outros sacerdotes de sua relação, ocasião em que se obteve o número de 34 respondentes;

- Entidades associativas:

Primeiramente, foram identificadas as entidades representativas das casas de religião de matriz africana e, ato contínuo, enviado e-mail contendo o roteiro da entrevista para que os seus representantes respondessem. Não foi logrado êxito na obtenção de respostas aos e-mails enviados, procurou-se, então, realizar contato telefônico e, após muita insistência, só assim, se obteve o retorno de apenas 5 instituições;

- Estabelecimentos comerciais:

Foram selecionados os estabelecimentos que atendem as necessidades da religião de matriz africana e desde que estivessem devidamente registrados junto a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio de Porto Alegre – SMIC. Da mesma foram como as entidades associativas representativas dos terreiros, foram realizados contatos via e-mail, sendo que não se obteve o sucesso esperado, inclusive, foram realizadas muitas ligações telefônicas infrutíferas, momento em que foram realizados contatos com algumas pessoas conhecidas dos proprietários dos estabelecimentos escolhidos (floras e aviários), para que intercedessem em prol da realização do preenchimento das entrevistas enviadas. Somente assim foi possível o recebimento de duas respostas de aviários e de cinco de floras.

- Tamboreiros:

Foram selecionados tamboreiros conhecidos do pesquisador e, para a obtenção de respostas, foi encaminhado o roteiro da entrevista via *whatsapp*;

- Costureiras:

A seleção foi em função da acessibilidade, sendo escolhida uma profissional de conhecimento do pesquisador. A obtenção de respostas desse profissional que confecciona *axós* para festas de religião de matriz africana, se deu através do envio do roteiro de entrevista via *whatsapp*.

- Artesãos

Esse profissional foi selecionado, dentre os vários que existem, mediante indicação da costureira entrevistada, a qual retransmitiu ao artesão respondente o roteiro de entrevista por *whatsapp*, sendo que a resposta teve o mesmo procedimento, porém inverso.

- Publicitários

A seleção desse profissional partiu da indicação da costureira entrevistada, assim como no caso do profissional artesão, o roteiro de entrevista foi enviado via *whatsapp*, assim como o recebimento da resposta.

Importante mencionar que a entrevista é uma forma de comunicação entre duas pessoas ou mais, sendo que a pessoa ou pessoas que questionam se dirigem ao entrevistado com um certo grau de estruturação previamente definido. Sobre a entrevista semiestruturada, Gerhardt e Silveira (2009), relatam que o pesquisador organiza um roteiro de perguntas, um conjunto de questões sobre o assunto que será abordado.

A entrevista semiestruturada permite que o entrevistado fale mais livremente sobre o assunto (LAKATOS e MARCONI, 2007). Os autores ainda citam algumas vantagens sobre a utilização da entrevista, como por exemplo, ter maior flexibilidade nas perguntas, podendo ser essas reformuladas conforme o seu andamento. Porém, alertam também para as limitações, cuidados que se deve ter na condução da entrevista, como uma situação de o entrevistado não compreender claramente a pergunta gerando uma falsa interpretação por parte do entrevistador.

A entrevista, por sua vez, é, em suma, uma conversa formal em que se tem por objetivo obter informações acerca de um dado tema, a fim de buscar conhecimentos para encontrar os resultados esperados pela pesquisa (LAKATOS e MARCONI, 2007).

Neste estudo, a entrevista realizada aos sacerdotes foi adaptada, passando a ser fechada, por não se ter a oportunidade de realizar a visita de forma pessoal, o que não permitiu um maior aprofundamento, tampouco não houve a possibilidade de inserção de novas perguntas ao longo do período de sua aplicação, diante do contexto caótico em que a população mundial vinha sendo submetida, em virtude da pandemia do novo coronavírus.

Aos demais entrevistados, quando da aplicação do roteiro de entrevista, não houve a flexibilidade que Lakatos e Marconi comentam, uma vez que não foi possível a realização ajustes e reformulações, visto que não foi realizada pessoalmente.

Tratamento e análise dos dados qualitativos

Por fim, conforme Vergara (2010), o tratamento de dados consiste em demonstrar como os dados coletados foram tratados, justificando por que o tratamento escolhido é o ideal para o propósito do trabalho. A análise dos dados obtidos foi feita pela análise por triangulação de métodos, visto que estes foram compilados em uma única base

de dados para além de facilitar a assimilação do pesquisador, propor uma maneira de alinhar os resultados rumo ao objetivo.

A triangulação de métodos, segundo Minayo (2010 APUD MARCONDES E BRISOLA, 2014, p. 203) refere-se a “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista [...] visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação”. Marcondes e Brisola (2014, p. 203), no que se refere à coleta dos dados, apontam que “a triangulação permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo informacional em torno de seu objeto de pesquisa”.

Desta forma, utilizou-se a segmentação em duas etapas proposta por Marcondes e Brisola (2014) sendo a primeira a organização e tratamento dos dados obtidos pelos métodos de coleta e a segunda que ocorre em três etapas, sendo elas:

- (a) análise dos dados empíricos – dados coletados pelos instrumentos de coleta;
- (b) diálogo com os autores presentes no referencial teórico e
- (c) análise de conjuntura ou análise de um contexto mais amplo.

A partir destas ferramentas propostas pelas autoras que tratam da análise triangular e pelas necessidades existentes na abordagem desta pesquisa construiu-se um modelo de análise demonstrado no Quadro 24, a seguir.

Quadro 24 – Estrutura da análise dos dados

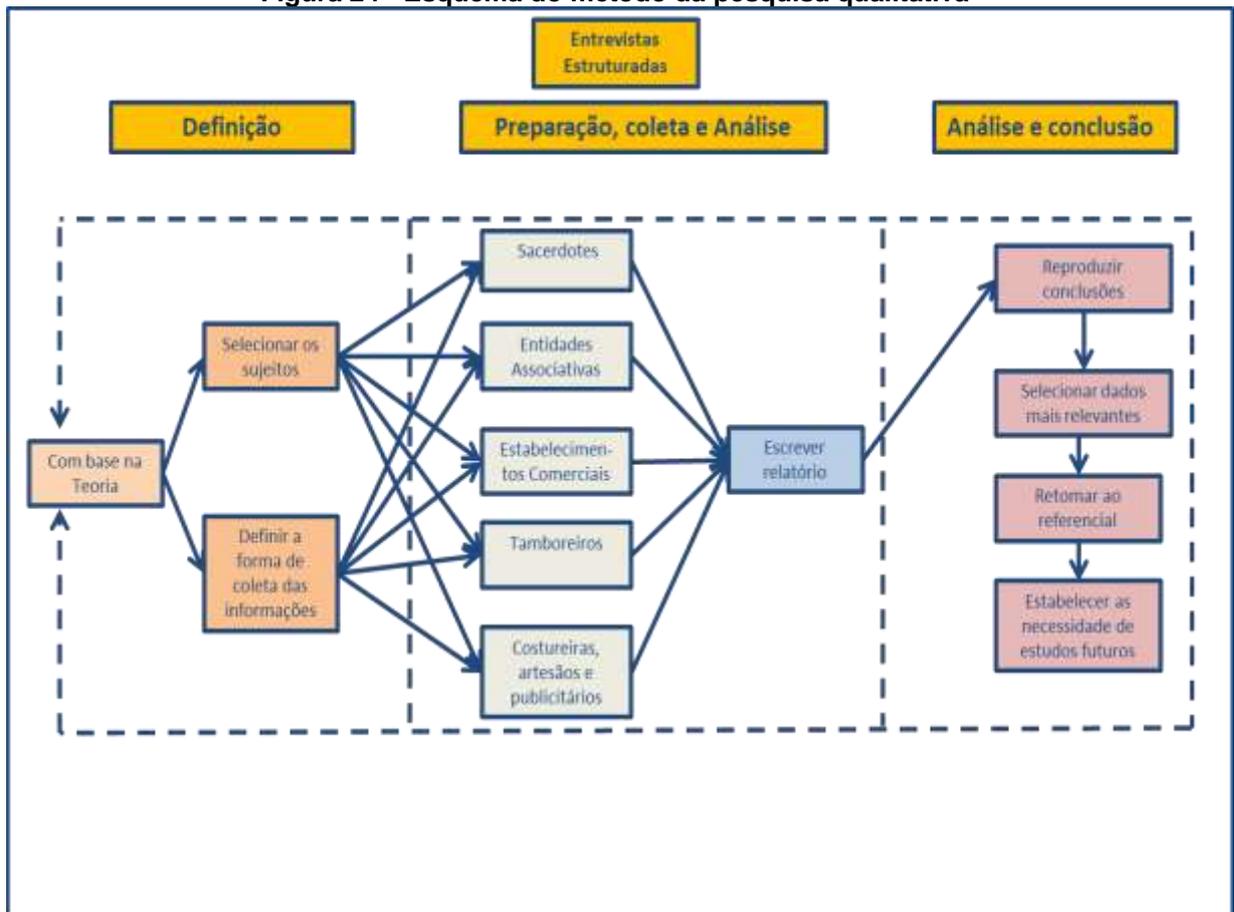
Etapa 1	Coleta dos dados (realização de pesquisa documental; elaboração de entrevistas);
Etapa 2	Extração dos dados coletados para um banco de dados como forma de prepará-lo para uma melhor transformação em informações;
Etapa 3	Segmentação dos dados coletados em eixos temáticos;
Etapa 4	Leitura sistemática dos dados segmentados;
Etapa 5	Seleção dos dados mais relevantes para a abordagem na pesquisa;
Etapa 6	Retomada do referencial teórico e das leituras anteriores;
Etapa 7	Visualização dos dados coletados dentro do contexto vivenciado;

Fonte: elaborado pelo autor

Assinala-se, por fim, que a análise se deu conforme a listagem existente no Quadro 24 e a escolha por estes passos ocorreu a partir da identificação das necessidades da presente tese, assim como de seus objetivos.

Na sequência, na Figura 24, apresenta-se o esquema do método empregado para a pesquisa qualitativa.

Figura 24 - Esquema do método da pesquisa qualitativa



Fonte: elaborado pelo autor adaptado de Begnis, H. S.M. (2007)

Desta forma, a partir da exposição dos aspectos metodológicos de natureza qualitativa empregada para viabilizar a pesquisa, encerra-se esta etapa, a fim de que se inicie a descrição da etapa quantitativa adotada.

Etapa quantitativa

Aplicou-se um questionário aos frequentadores dos terreiros (Apêndice 9), a proposição inicial era de que fosse realizado de forma presencial, mas em função das condições sanitárias que impediam a aproximação social, resolveu-se implementar os questionamentos de forma virtual, através da utilização do *google forms*.

O questionário foi elaborado e teve como base outras investigações que buscavam valorizar bens ambientais realizadas e teve como objetivo precípuo a instrumentalização das informações necessárias para o processo de valoração socioeconômica da Festa de Batuque em Porto Alegre, em linha com outros estudos efetuados (GUIA, 2008; FONSECA, 2008).

O critério de escolha dos respondentes levou em consideração o tipo de amostragem denominada de bola de neve, que para Malhotra (2012), consiste na escolha de um grupo inicial de entrevistados, os quais, após terem respondido os questionamentos foram instruídos para que identificassem outros consumidores da cultura de matriz africana e encaminhassem o link para a obtenção de novas respostas. Os respondentes subsequentes são selecionados com base nessas referências, o que ocorre em forma de ondas.

A finalidade do questionário foi a operacionalização das informações coletadas para o processamento da valoração econômica pelo Método de Custo de Viagem e, para tal, conectado a outros estudos (FONSECA, 2008; GUIA, 2008), as variáveis foram constituídas e organizadas conforme Quadro 25.

Quadro 25 - Caracterização dos custos de viagem

Variável	Justificativa
Bairro/Cidade	Variável que possibilita computar a distância do local de origem até o local do evento e operacionalizar os custos de deslocamento do participante.
Viagem acompanhado	Variável que busca distribuir prováveis custos com transportes no deslocamento, além de atenuar outros gastos no deslocamento.
Quantidade de horas destinada a festa (antes, durante e depois)	Variável que apresenta dados para que se possa calcular o custo de oportunidade do indivíduo, assim como calcular a média dos custos diários.
Meio de transporte	Variável que busca identificar os meios de transportes utilizados pelos participantes para o seu deslocamento até o evento, podendo haver combinação de modais
Gasto diário	Variável que auxilia na composição do modelo de custo individual por estimativa, entre alimentação, hospedagem entre outros.

Fonte: elaborado pelo autor

Ainda, com o propósito de instrumentalizar as informações para o processo de valoração econômica por meio do custo de viagem, identificando o perfil socioeconômico do participante da manifestação cultural, foram utilizadas variáveis que caracterizam as métricas para esse método, as quais já foram utilizadas em vários trabalhos de mensuração econômica (GUIA, 2008; FONSECA, 2008; PACHECO, 2011; LOPES, 2014).

Entre as variáveis, foram utilizadas aquelas que identificam esse perfil socioeconômico, acrescida da variável felicidade a qual permite medir o nível de bem-estar. Como forma de verificar se estas promovem efeitos positivos na valoração da

herança cultural, além da variável que permite medir a disposição dos participantes em pagar pela festa (CURVINA, 2015).

As variáveis socioeconômicas escolhidas para compor esse modelo foram: Gênero (GEN), Renda Mensal (REN), Faixa Etária (FET), Grau de Instrução (INS) e a variável de Bem-estar, a Felicidade (FEL). A variável GEN é binária e representa o sexo dos respondentes, sendo determinado 1 (um) para as mulheres e 0 (zero) para os homens. Muito embora não aparente um motivo pelo qual induza uma discrepância entre resultados pelo gênero, muitas pesquisas apontam que há uma maior participação de mulheres em atividades artísticas e culturais ao passo que os homens participam mais em eventos que estão relacionados com atividades físicas (FONSECA, 2008; LOPES, 2014).

A variável felicidade foi considerada através da utilização de uma escala *likert* determinada de 1 a 5, em que o 5 é o maior nível de felicidade. Para a obtenção de proposta a essa variável foi realizada a seguinte pergunta: *Como avalia a sua felicidade por participar de uma Festa de Batuque?* Parte-se do pressuposto que a felicidade dos participantes da festa se intensifica ou se deprecia diante do benefício marginal do bem usufruído. Nesse sentido, acredita-se que esta variável proporcione resultados diretos na valoração desse patrimônio cultural.

No que diz respeito à variável renda, acredita-se que ela possui uma tendência de seu sinal ser positivo em relação à taxa de visitação, assim como pela predisposição a pagar pela manifestação em si. A pergunta foi formulada de forma aberta sendo indagada a renda do participante. Para utilização dessa variável no modelo econométrico foram estruturadas as faixas de renda, atribuindo-se um valor fixo para cada faixa, o qual levou em consideração as médias entre os limites estabelecidos, conforme Tabela 8.

Tabela 8 - Renda Mensal

Renda Mensal			
SM	R\$		Valor Considerado
até 2	até R\$ 2.078,00	R\$	1.039,00
de 2 a 4	de R\$ 2.078,01 a R\$ 4.156,00	R\$	3.117,00
de 4 a 6	de R\$ 4.156,01 a R\$ 6.234,00	R\$	5.195,00
de 6 a 8	de R\$ 6.234,01 a R\$ 8.312,00	R\$	7.273,00
de 8 a 10	de R\$ 8.312,01 a R\$ 10.390,00	R\$	9.351,00
acima de 10	a partir de R\$ 10.390,01	R\$	10.390,00

Fonte: elaborado pelo autor

No que tange a variável renda, na concepção de Fonseca (2008) e Marques (2012) quanto maior for a renda maior será a disposição para participar e visitar bens culturais.

Agora, tratando da variável Faixa Etária o modelo econométrico espera entender se as pessoas que não possuem uma situação não muito ativa, no mercado de trabalho, dispõem de uma tendência maior para participar da manifestação, assim como o fator tempo pode impor limitações físicas diante da dificuldade de deslocamento. Esse entendimento parte do pressuposto de que, na percepção de Fonseca (2008) e Marques (2012) quanto maior a idade, maior será a propensão a participar de bens culturais, assim como uma maior disponibilidade temporal. Os dados serão plotados por sete escalões etários, conforme Tabela 9.

Tabela 9 – Faixa Etária

Faixa Etária	Valor considerado
11 a 20 anos	1
21 a 30 anos	2
31 a 40 anos	3
41 a 50 anos	4
51 a 60 anos	5
61 a 70 anos	6
acima de 71 anos	7

Fonte: elaborado pelo autor

Por fim, conforme pesquisas da área, existe uma relação entre um maior nível de escolaridade e atração por manifestações culturais (FONSECA, 2008; GUIA, 2008; MARQUES, 2012). Nesse sentido, acredita-se que a variável Grau de Instrução terá seu valor positivo, uma vez que quanto maior a educação formal, maior deve ser a inclinação para manifestações culturais, dessa forma foi elaborada a Tabela 10.

Tabela 10 – Grau de Instrução

Grau de Instrução	Valor considerado
Fundamental Incompleto	0
Fundamental Completo	1
Médio Incompleto	2
Médio Completo	3
Superior Incompleto	4
Superior Completo	5
Pós-Graduação - Especialização	6
Pós-Graduação - Mestrado	7
Pós-Graduação - Doutorado	8
Pós-Doutorado	9

Fonte: elaborado pelo autor

Por outro lado, muito embora esta etapa da pesquisa seja preponderantemente quantitativa, visto que a ferramenta de análise de dados, assim como as variáveis são expressas numericamente, com o propósito de encontrar padrões estatísticos para atendimento dos objetivos do projeto, este trabalho não deixa de ter delineamentos qualitativos. Uma vez que as variáveis e o entendimento de seus resultados apresentam uma ligação dinâmica no âmbito territorial, os quais não podem ser interpretados única e exclusivamente através de números.

Outras características socioeconômicas foram utilizadas no questionário, ainda que não participem do processo de valoração serão utilizadas para auxiliar a tradução dos resultados encontrados, sendo elas:

- (a) Estado Civil: para verificar se o estado civil tende a criar menos propensão à participação da manifestação cultural;
- (b) Nação: esta característica tem a finalidade de entender entre os participantes a nação batuqueira predominante;
- (c) Raça: através desta característica se procurará identificar se a Festa de Batuque é realmente multiétnica e que na atualidade ultrapassou a abrangência de apenas uma única etnia.

No tocante a pergunta sobre a frequência de vezes nas festividades durante o ano foi utilizada para a quantificação da variável dependente do modelo econométrico do método dos custos de viagem. Essa variável mostra-se como a taxa de visitação a determinado local em outros estudos realizados (ORTIZ, MOTTA e FERRAZ, 2000; LOPES, 2014).

Agora, com o propósito de ser medida a disposição a pagar foi constituída a questão como segue: “Qual a sua disposição de pagar pela Festa de Batuque?”

De tudo exposto, a fórmula geral proposta para Valoração da Festa de Batuque (VFB), contempla a média entre os métodos de valoração denominados: Método de Custo de Viagem (MCV) e o Método de Valoração Contingente (MVC). Para tanto, será realizada uma média dos valores encontrados em cada método, conforme equação 2.

$$VFB = (MCV + MVC) / 2 \quad (2)$$

A ideia de realização da média entre os métodos é destacada pelo fato de que estes modelos tendem a capturar valores divergentes frente as suas concepções e alternativas de cenários. Enquanto o MCV inclina-se no registro do valor de uso, o MVC dirige-se a captar o valor de não uso, através do registro do valor de opção e o de existência.

a. Método do custo de viagem

A decomposição da fórmula geral deu-se através da análise da parcela que faz referência ao custo de viagem. Para se estimar os custos de viagem foi necessário recorrer a levantamentos do traslado entre o local de origem até o local onde ocorre o evento, o que determina os custos de acordo com a distância, o meio de transporte, alimentação, entre outros fatores.

Diante da abordagem individual que se empregou na adoção do MCV o cálculo do custo de viagem individual (CV_i) procurou levar em consideração os custos dispendidos pelo participante da manifestação cultural, no presente caso a Festa de Batuque. Nesse sentido, foram considerados os custos que o participante tem com o deslocamento (CD_i), o custo de oportunidade (CO_i) e a estadia (EST_i), conforme equação 3.

$$CV_i = CD_i + CO_i + EST_i \quad (3)$$

O custo do deslocamento (CD), demonstrado na equação 4, foi obtido pela multiplicação da distância percorrida em Km (DKm) pelo custo do Km (CKm), em consonância ao transporte utilizado, seja carro, ônibus, van, entre outros. No caso do respondente se deslocar com mais pessoas, o valor gasto a ser considerado foi distribuído pelo número de pessoas ocupantes do veículo (NPV). Essa divisão fez-se

necessária com o propósito de afastar uma superestimação dos valores apropriados. No caso de não ocorrer a divisão das despesas de deslocamento entre os ocupantes do veículo, não ocorre a repartição. Após, será multiplicado pelo número de Festas de Batuque (N) que o participante vai por ano. Nas circunstâncias em que houver combinação de transportes, foi acrescido o valor dispendido, com base na tarifa praticada no modal (TPM) utilizado.

$$CD_i = \frac{[(DKm \times CKm)] \times N}{NPV} + TPM \quad (4)$$

No caso do custo de oportunidade (CO_i), para Fonseca (2008), esta variável indica o valor das possibilidades que os participantes do evento renunciam quando estão fruindo do bem. Nesse sentido, estabeleceu-se um rendimento diário individual (REN_{di}) obtido através da divisão da renda do entrevistado por 30 dias do mês. Como o tempo gasto na festa acontece em algumas horas de determinados dias, divide-se o (REN_{di}) pelo período de 24 horas. Após, multiplicou-se esse resultado pelo tempo em horas de deslocamento mais o período que o participante permaneceu na festa (TEM_i).

Por outro lado, Motta (1997), esclarece que o CO não mensura diretamente a manifestação cultural, mas a opção do uso alternativo do participante. Estudos de (MALTA e COSTA, 2012; LOPES, 2014) apontam o custo de oportunidade como sendo um terço da renda (REN_{di}). Nesse sentido, a fórmula do CO está estabelecida na equação 5.

$$CO_i = \frac{[(REN_{di}/24) \times TEM_i]}{3} \quad (5)$$

Por fim, a estadia (EST_i) são os gastos excedentes que foram realizados para ir à Festa de Batuque, como por exemplo, manicure, pedicure, cabelereiro etc. Em outras palavras, esses gastos são considerados como gastos adicionais (GA_i), conforme se observa na equação 6.

$$EST_i = GA_i \quad (6)$$

O modelo básico proposto para o MCV acompanha a abordagem individual e tem por base o cálculo da demanda de bens e serviços, procura ainda relacionar a taxa de visitação, que nada mais é do que a quantidade de vezes na Festa de Batuque (V_i), com variáveis socioeconômicas tais como: REN_i (Renda Mensal), GEN_i (Gênero), FET_i (Faixa Etária), INS_i (Grau de Instrução) e FEL_i (Felicidade). A estrutura do modelo está alicerçada por cálculos de regressão linear múltipla. Inicialmente, pretendia-se aplicar a técnica de Regressão de Poisson, mas após análise dos dados da variável dependente frequência foi percebido que não seguia uma distribuição de Poisson, razão pela qual se optou pela utilização da Regressão Logística Binária e está representada pela equação:

$$V_i = \beta_0 + \beta_1 REN_i + \beta_2 GEN_i + \beta_3 FET_i + \beta_4 INS_i + \beta_5 FEL_i + \varepsilon \quad (7)$$

Na sequência, será apresentada a formulação da metodologia de valoração contingente.

b. Método de Valoração Contingente

A proposição de utilização do MVC visa identificar a disponibilização dos respondentes em desembolsar como uma forma de pagamento em espécie para participar da Festa de Batuque, por se tratar de uma manifestação que ocorre em toda a cidade. Esse método tem por objetivo estabelecer ao entrevistado o entendimento de que o valor a ser pago pelo evento tem o propósito de exercer a função de ingresso para poder se beneficiar da Festa de Batuque, em outras palavras, a sua disposição a pagar (DAP).

O valor a ser obtido da disposição a pagar total (DAPT), segundo Motta (1997), pode ser estimado através da disposição a pagar média (DAPM_i), a qual foi multiplicada pela estimativa da proporção populacional disposta a pagar uma certa quantia "i" correspondente DAPM_i. A estimativa da proporção populacional é obtida através da divisão do número de entrevistados dispostos a pagar (n_i) pelo número total de pessoas entrevistadas (N), o seu resultado multiplicado pela população (X), conforme equação 8.

$$DAPT = \sum_{i=1}^Y DAPM_i (n_i / N) X \quad (8)$$

Considerou-se como população o quantitativo estimado na pesquisa como pertencentes às religiões de matriz africana.

A proposta inicial previa a aplicação de um questionário, no contexto da DAP, na modalidade open-ended e, na sequência, o referendo, mas diante da impossibilidade de aplicação de uma nova pergunta a metodologia referendo não foi realizada. Na modalidade open-ended constou no questionário a questão: “*Qual a disposição do respondente a pagar pela Festa de Batuque?*”.

Esse tipo de questão leva a uma diversidade de lances produzidos, sendo que o valor estimado pela disposição a pagar deve ser realizado pela média aritmética (MOTTA, 1997). O formato *open-ended*, envolve a formação de *outliers* o que traz uma preocupação para essa técnica, diante do provável oferecimento de lances elevados por parte dos participantes, os quais podem distorcer os intervalos da amostra. Por outro lado, importante ressaltar que a estruturação inicial ao questionamento para descobrir o valor da DAP, seria realizada de forma presencial, mas em função do período obrigatório de distanciamento social recomendado pelos órgãos da saúde, o interrogatório foi adaptado e foi oferecido um leque de opções em termos de valores para que os participantes respondessem, conforme segue:

Tabela 11 – Disposição à Pagar

Classe
não pagariam entrada
até R\$ 50,00
de R\$ 50,01 a R\$ 100,00
de R\$ 100,01 a R\$ 150,00
de R\$ 150,01 a R\$ 200,00
de R\$ 200,01 a R\$ 250,00
de R\$ 250,01 a R\$ 300,00
de R\$ 300,01 a R\$ 350,00
de R\$ 350,01 a R\$ 400,00
de R\$ 400,01 a R\$ 450,00
de R\$ 450,01 a R\$ 500,00
acima de R\$ 500,01
Total

Fonte: elaborado pelo autor

Com relação aos Respondentes que optaram pelo valor zero, foram excluídos da proposta. Por fim, após tabulados os dados, foi realizada a regressão com o propósito de verificar o grau de influência das variáveis independentes na formação do valor econômico da DAP.

Algumas pesquisas que contêm a análise da DAP por modelos de regressão empregam o modelo econométrico *logit* em equações cuja variável dependente assume valores binários (PACHECO, 2011; OLIVEIRA, 2014).

Foi adotado para a variável dependente DAP, o valor 1, para valores encontrados que sejam iguais ou superiores à média, e o valor 0, para valores inferiores à média. Por assumir valores fora da faixa de intervalo entre 0-1 e valores do coeficiente de determinação baixos, o modelo econométrico *logit* foi usado (GUJARATI e PORTER, 2011), representado pela equação 9.

$$L_i DAP = \beta_0 + \beta_1 REN_i + \beta_2 GEN_i + \beta_3 FET_i + \beta_4 INS_i + \beta_5 FEL_i + \varepsilon \quad (9)$$

Acredita-se que com a regressão poderá se atestar a validade do modelo, a explicação das variáveis baseadas no seu nível de significância e a análise do R². Quanto aos sinais esperados para as variáveis independentes no método DAP serão todos positivos, assim como discutido em outros trabalhos (CURVINA, 2015).

Importante mencionar que na entrevista realizada junto aos responsáveis pelos terreiros foi verificado quais serviços são contratados e quais bens são adquiridos para a realização de uma Festa de Batuque. A ideia dessa identificação de gasto geral de acordo com as informações fornecidas pelos sacerdotes tem o propósito de verificar a coerência dos valores informados, assim como traçar um comparativo com os valores encontrados nos dois modelos. A obtenção desse montante foi obtida mediante a multiplicação do valor médio gasto pelos sacerdotes para a realização de uma Festa de Batuque, multiplicado pelo número médio de festas realizadas por cada casa e seu resultado multiplicado pelo total de terreiros de Porto Alegre.

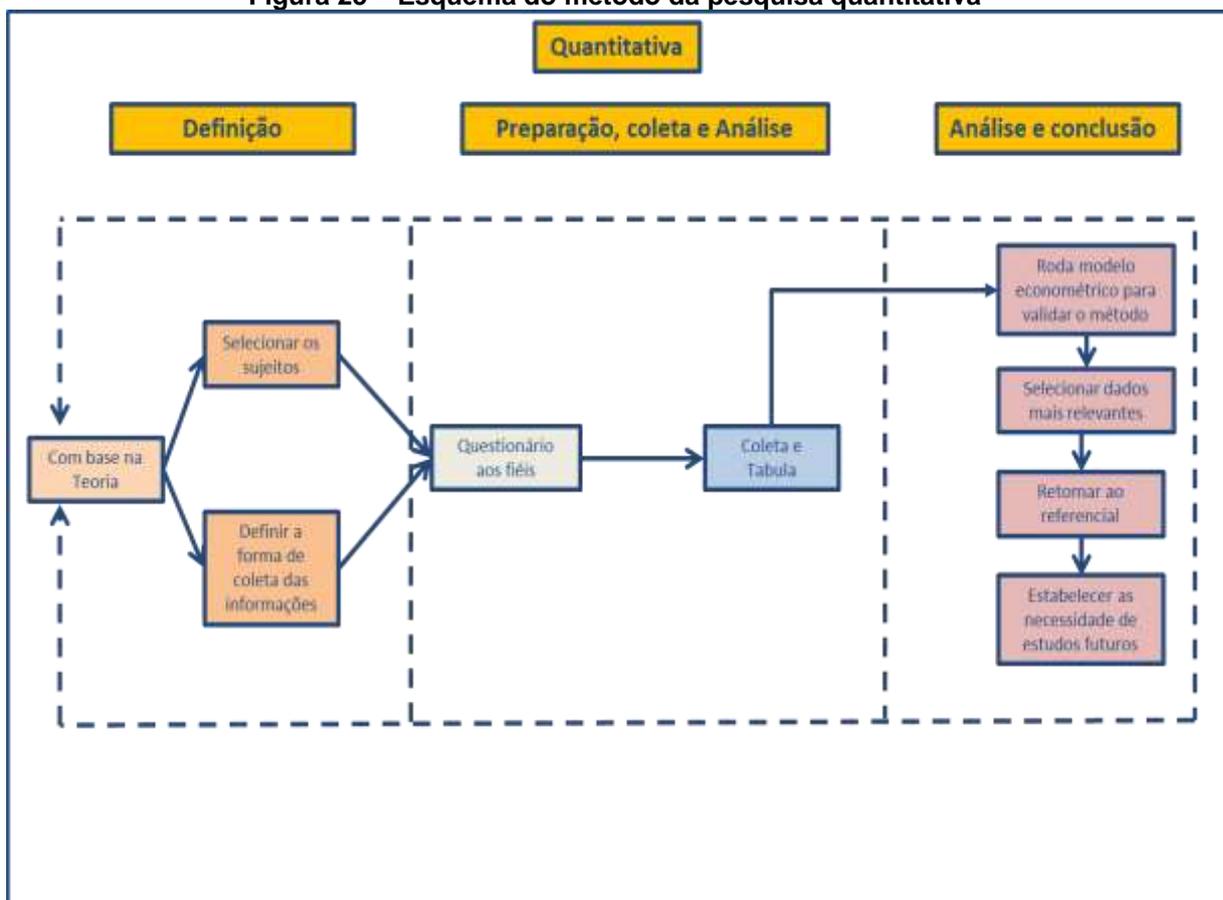
Nesse contexto, pode-se afirmar o discutido por Spínola (2006), quando comenta que do ponto de vista econômico, os cultos afrodescendentes possuem como característica marcante o fato de que constituem uma prática em que a demanda de seus participantes exige um volume considerável de recursos. Visto que um elemento presente nas festividades inclui uma extensa lista de gêneros alimentícios, artesanatos, entre outros, seja nas práticas desenvolvidas com maior ou menor regularidade por seus membros de forma individual ou coletiva.

Tratamento e análise dos dados quantitativos

Conforme Vergara (2010), o tratamento de dados consiste em demonstrar como foram tratados o que foi coletado, justificando por que o tratamento escolhido é o ideal para o propósito do trabalho. Os dados foram tratados através da adoção de alguns procedimentos estatísticos, utilizando métodos como regressão, estatística descritiva, distribuição de frequência, assim como, através de procedimentos não estatísticos, ou seja, codificando os dados coletados, apresentando-os de forma estruturada e, posteriormente, analisando-os.

Na sequência é apresentada o esquema utilizado para a realização da pesquisa quantitativa.

Figura 25 – Esquema do método da pesquisa quantitativa



Fonte: elaborado pelo autor adaptado de Begnis, H. S.M. (2007)

A Figura 25 apresenta o esquema utilizado na pesquisa para a realização da etapa quantitativa, como forma de identificar os impactos provocados pela Festa de Batuque em Porto Alegre. Para isso, primeiramente foram definidos os sujeitos e definidas a forma de coleta de dados. Com base nessas definições foi elaborado o

instrumento de coleta e encaminhado ao público alvo. Com as respostas disponíveis foi possível tabular os dados e rodar o modelo econométrico para validação dos métodos empregados, permitindo selecionar os dados mais relevantes, propiciando a realização de um encadeamento dos resultados encontrados com a teoria, e, por fim, permitindo o estabelecimento de recomendações para estudos futuros.

4. A DINÂMICA ECONÔMICA DA FESTA DE BATUQUE

O presente capítulo teve por objetivo a caracterização da Festa de Batuque, através do levantamento das práticas que são realizadas, com o propósito de identificar sua dinamicidade na economia. Além de reconhecer os grupos de atores que integram o campo cultural da manifestação, bem como suas ações e iniciativas, procurando constatar as influências de caráter socioeconômico que provocam no território porto-alegrense.

Nesse sentido, a ideia central reside na compreensão desse fenômeno, isto é, inteirar-se sobre a realidade da Festa de Batuque por intermédio do conhecimento das vivências de seus atores. Evidentemente, que diante da exiguidade de tempo e de recursos financeiros, torna-se impossível conhecer a realidade da totalidade dos agentes integrantes desse campo cultural. Entretanto, diante dessas limitações, foram selecionados apenas um conjunto de experiências, as quais demonstram, a partir de evidências empíricas, um determinado acontecimento no respectivo território.

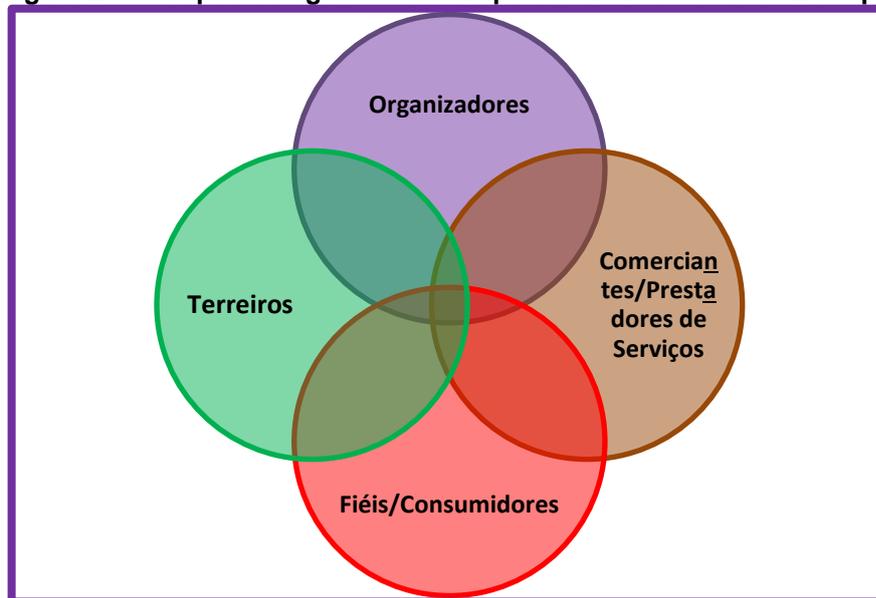
Assim sendo, o presente capítulo está dividido em seis seções, sendo que a primeira seção apresenta o campo social da Festa de Batuque e os seus agentes, a segunda seção aborda sobre a cosmo percepção do PCI, ou seja, a caracterização da Festa de Batuque, trazendo algumas peculiaridades que acontece antes, durante e depois do evento, bem como as demais seções detalham as características e as práticas de cada grupo de agentes que interage com a celebração.

4.1. O campo social da Festa de Batuque e os seus agentes

Diante do interesse do pesquisador em entender sobre a cultura religiosa de matriz africana na capital do estado do RS, esta seção foi direcionada a revelar o campo cultural da Festa de Batuque, assim como se preocupou em identificar os agentes associados a essa manifestação. Com base nos dados da pesquisa foi possível agrupá-los em quatro grandes grupos de atores que coparticipam de idênticos significados culturais. Os grupos estão assim denominados: (a) Organizadores (entidades representativas dos terreiros); (b) Terreiros (unidades produtivas de bens de consumo imediato e de prestação de serviços); (c) Comerciantes/prestadores de serviços; e (d) Fiéis/consumidores.

A Figura 26 procura retratar a inter-relação entre os grupos de agentes que integram esse mercado.

Figura 26 – Grupos de agentes do campo cultural da Festa de Batuque



Fonte: elaborado pelo autor

Conforme levantamento realizado no campo, identificou-se que o comportamento de cada grupo contribui para a constituição de um mercado em torno dessa cultura. O primeiro grupo denominado, no presente trabalho, de organizadores, contorna entidades representativas das religiões de raiz africana, sem fins lucrativos, as quais assumem o papel de protetoras dos adeptos das religiões de matriz africana em Porto Alegre, dando guarida às atividades do segundo grupo, agindo como um instrumento de intermediação entre as casas de religião e a sociedade, respondendo pelos terreiros, da mesma forma que impõe algumas regulamentações.

O segundo grupo, por sua vez, contempla os terreiros, os quais podem ser considerados como unidades produtivas de bens de consumo imediato e de prestação de serviços, são os órgãos guardiões da cultura de matriz africana, que agem, levando em consideração o conjunto de saberes transmitido de forma oral, de geração a geração, observando as regulamentações provenientes do primeiro, contribuindo para a sustentabilidade do terceiro grupo.

Quanto ao terceiro grupo, ele compõe-se de pessoas físicas e/ou jurídicas que exploram atividades comerciais e prestam serviços, de natureza formal e informal, ligados à cultura religiosa de matriz africana obtendo o seu sustento. Por fim, o quarto grupo contempla aquele conjunto de pessoas que legitima as ações do segundo

grupo, reconhecendo-os como verdadeiros guardiões da cultura de matriz africana, legitimando as ações do primeiro grupo, assim como assegura a sustentabilidade econômica do terceiro grupo.

Observa-se, neste caso, que o campo cultural da Festa de Batuque é organizado através da praticidade das relações entre os agentes, os quais determinam a maneira como as interações acontecem. De acordo com Bourdieu (1998), o que caracteriza um campo cultural são as suas conformações, as batalhas travadas entre os agentes que o integram, assim como a composição de interesses conflitantes.

É nessa perspectiva que pode se afirmar que um campo faz parte do espaço social, em que ocorrem relações de esforços, assim como de disputas e possuem um propósito específico que é o de sua conservação ou transformação, sendo concebidas estratégias e estabelecidas conciliações, diante dos interesses intrínsecos que são determinados (BOURDIEU, 1998).

Nessa linha, Bourdieu (1998) afirma ser o campo um local de relacionamentos objetivos que disputam pela soberania de bens característicos. Todo campo possui uma relevância que é peculiar a todos os agentes. Essa relevância está conectada à realidade e organização do respectivo campo, vinculado às mais variadas formas de capital, as quais irão estabelecer e apresentar as posições sociais.

Os relacionamentos objetivos são decorrentes das posições ocupadas na disposição dos recursos, sejam eles econômico, simbólico, cultural ou social, identificados como fidedignos. que faz com que os agentes estejam dispostos em consonância aos pesos concedidos aos variados tipos de recursos (BOURDIEU, 2007).

Bourdieu (2007) considera esses recursos como: (a) econômico: o dinheiro, bens e a riqueza material; (b) simbólico: honra e prestígio; (c) cultural: o conhecimento, as habilidades e as informações; e (d) social: seria as redes de contatos e os acessos sociais. Esses recursos identificam maneiras diferentes de poder, sendo que esses recursos são frutos do trabalho acumulado na forma de matéria, requerendo tempo para a sua aquisição.

Diante dessa contribuição teórica e acompanhando os princípios *bourdieunianos*, pode-se afirmar que os agentes detentores de um maior volume de capital, seja ele econômico, simbólico, cultural ou social, possuem uma maior capacitação para interferir no campo e, conseqüentemente, instituir um determinado caminho às ações dos demais agentes. É dessa forma que é constituído o campo

social através da disposição dos agentes em função do volume de capital que detém em um determinado momento, retratando o seu posicionamento no campo.

Nessa linha, indo ao encontro da teoria bourdieuniana, cada classe de posição dentro do campo social condiz a uma classe de *habitus*, o que implica afirmar que agentes com posicionamentos semelhantes possuem a propensão a terem o mesmo *habitus*. E, de acordo com o conceito formulado por Bourdieu, o *habitus* é a forma de ser ou de agir de um determinado agente, em outras palavras, é um conjunto de arranjos (formas de pensar, sentir e fazer) que conduzem a atuação de determinadas formas e circunstâncias, o qual está vinculado com suas práticas e os seus bens.

A forma como os agentes estão dispostos dentro do campo é flexível e são conquistadas pela interiorização das organizações sociais, além de transportarem a história individual e coletiva, as quais estão internalizadas de forma que sua existência é desconsiderada. Nesse sentido, a dinâmica de um campo localiza-se na disposição de sua estrutura, assim como nas diferentes forças que estão em disputa dentro dele (Bourdieu, 2004).

É certo que os agentes usam de estratégias, as quais podem ser de perpetuação ou subversão das regras do jogo, o que impacta em transformações dos pressupostos de poder que organizam um campo, em um determinado momento, e que orientam suas ações diante de um conjunto de percepções que foram incorporados pelos agentes diante da organização social.

4.2. Uma cosmopercepção acerca da Festa de Batuque

Nesse momento, sem querer apresentar debates extenuantes sobre a Festa de Batuque, pretende-se introduzir informações que permitam compreender a sua estrutura, assim como apresentar a forma como os eventos se desenrolam nos terreiros porto-alegrenses para reverenciarem os Orixás, os tipos de celebrações e os rituais praticados em cada uma delas, independente de lado/nação.

Entretanto, destaca-se que as informações transcritas a seguir, relativas aos rituais religiosos que acontecem nas Festas de Batuque provém do conjunto de saberes, conhecimentos e técnicas acumulados pelo autor no percurso de mais de 30 anos de convivência direta com essa cultura religiosa, cuja transmissão foi recebida de modo oral, de geração em geração, achando-se os conteúdos característicos

empregados adequados ao praticado nas casas de Batuque do RS e, até mesmo, por serem de domínio público.

Fala-se aqui em cosmopercepção em razão de que a assimilação dessa herança cultural de matriz africana só ocorre mediante a utilização de uma combinação de sentidos. Em outras palavras, o aprendizado se dá através, não apenas das janelas do mundo (visão), mas existe a necessidade de recebimento de práticas na forma oral (audição), assim como durante o aprendizado dos costumes de matriz africana é necessário o colocar a “mão na massa”, isto é, preparar os alimentos que serão servidos às divindades e até mesmo aos visitantes, sem contar a forma com que os cumprimentos ocorrem (tato), a degustação dos alimentos preparados (paladar) e, por fim, existem outros momentos do aprendizado que é necessário o olfato para identificar determinados ingredientes que fazem parte da tradição, como exemplo, pode-se citar o conhecer uma determinada erva pelo seu odor.

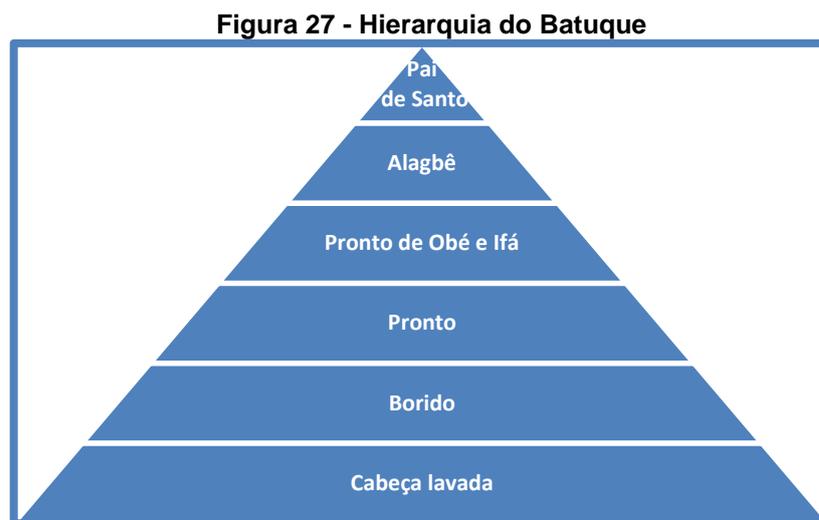
Em contrapartida, a expressão cosmovisão, na compreensão da teóloga alemã Rehbein (1985), é entendida como tudo aquilo que busca dar uma explicação ao ser humano, em um determinado espaço, a respeito de tudo que existe, sobre a sua gênese, natureza e propriedades. Entretanto, para a filósofa nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí, em sua obra *The invention of women: making an African sense of western gender discourses* (1997), comenta que o emprego de forma universal do conceito “cosmovisão” existe baseado em uma perspectiva eurocêntrica, uma vez que esta prioriza a visão em oposição aos outros sentidos. Nesse contexto, deu ênfase na expressão “cosmopercepção” por acreditar se tratar de uma maneira mais inclusiva de se caracterizar a concepção de mundo por grupos culturais de origem africana.

Nascimento (2019) vai ao encontro do estabelecido por Oyèrónké Oyèwùmí quando afirma que para a sociedade iorubana, a oralidade é essencial na edificação do saber, na produção do conhecimento, assim como na estruturação das suas relações. As tradições orais repassadas de geração em geração reproduzem as fontes relevantes de conhecimento que instituem a cosmopercepção.

Nesse contexto, as etapas desta seção foram segmentadas com o propósito de demonstrar alguns aspectos concernentes as Festas de Batuque, sendo que, inicialmente, se exhibe a hierarquia do Batuque, sendo que na sequência são discutidas os tipos de celebrações que ocorrem, sejam em datas fixas como as de datas móveis. O tópico seguinte faz uma exposição dos rituais que são necessários e realizados, seja antes ou após, assim como a Festa de Batuque em si.

A hierarquia do Batuque

Inicia-se este tópico, informando que nos terreiros de batuque não existe uma divisão de cargos, entretanto há uma hierarquia que deve ser seguida, conforme se observa na Figura 27.



Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com a figura retro, procura-se esclarecer, brevemente, essa hierarquia funcional de um terreiro. Enceta-se a explicação pelo termo constante na base da pirâmide:

- a) Cabeça lavada – consiste na lavagem da cabeça com ervas, sendo denominado de ritual do *amací*¹². É o primeiro passo da vida religiosa. Trata-se de uma espécie de iniciação que o adepto se submete, tendo por finalidade o fortalecimento da ligação da pessoa com o seu orixá protetor;
- b) Borido – é aquele indivíduo que realizou o ritual do *aribibó*¹³ ou do *bori*¹⁴ que pode ser de aves ou o de meio quatro-pé;
- c) Pronto – é aquela pessoa que realizou o bori de quatro-pé;

¹² Amací - Também chamado de miero é a realização da lavagem da cabeça do iniciado preparadas com as ervas do Orixá protetor dessa pessoa, as quais são maceradas e misturadas com água

¹³ Aribibó – ritual religioso feito exclusivamente com um casal de pombos da cor determinada para o orixá protetor do iniciado, sendo que esses pombos serão sacralizados. Esse ritual é realizado após a obrigação (ritual) do amací/miero.

¹⁴ Bori – é a associação da palavra iorubana Bó, que significa “oferenda”, com a palavra orí, que significa “cabeça”. Na ótica interpretativa do ritual, pode-se dizer que se trata da verdadeira iniciação sem a qual ninguém pode avançar na religião e chegar ao sacerdócio.

- d) Pronto de *obé* e *ifá* – refere-se ao filho de santo que pretende se tornar um futuro Pai de Santo. É necessário um ritual em que são preparados além do *obé* (faca) e *ifá* (búzios), as ferramentas (elementos místicos representativos) de cada Orixá. Esses instrumentos serão utilizados quando esse filho tiver seu terreiro montado;
- e) Alagbê – é aquela pessoa, também denominada de tamboreiro, que é responsável pelos toques rituais e o canto dos oríns (rezas) que são realizadas para saudação aos Orixás.
- f) Babalaorixá ou lalorixá – denominado de Pai ou Mãe de Santo, é o sacerdote da casa de religião e responsável por todos os filhos do terreiro.

Uma vez posta a hierarquia funcional praticada no Batuque, comenta-se, a partir deste ponto, sobre as formas como as festividades acontecem nos terreiros e, inicia-se a argumentação informando que, da mesma maneira como são distribuídos convites para participação em qualquer evento social profano, no Batuque ocorre a mesma coisa, pois são convidadas outras casas de religião, fiéis, simpatizantes e demais interessados.

As cerimônias comemorativas dentro da liturgia celebram diferentes aspectos do Batuque. Pode se mencionar que realizam comemorações com datas móveis, sendo estas acomodadas em períodos mais propícios aos Pais e Mães de Santo, assim como com datas fixas.

As celebrações com datas fixas no Batuque

No tocante as celebrações com datas fixas, as quais, em tese, ocorrem uma única vez ao ano em cada terreiro, menciona-se algumas dessas celebrações: (a) Limpeza de fim de ano; e (b) Quaresma e o ritual de guerra.

- Troca e limpeza de fim de ano:

No Batuque existe a crença de que cada ano é consagrado a um Orixá, uma vez que cada dia da semana corresponde a uma determinada Divindade. A determinação de qual Orixá irá reger coincide com o dia da semana que cai o primeiro dia do próximo ano, e nessa transição de ano, o Orixá do ano que finda dá passagem para o Orixá que assume o novo ano. Nessa celebração é realizada uma limpeza no terreiro, nos

filhos de santo e demais simpatizantes, além de serem servidas oferendas a todos os Orixás.

Nesse ritual são entregues as chamadas “seguranças” (fios de lã nas cores do Orixá do novo ano e dos que regem o terreiro), sendo que estas são amarrados nos tornozelos ou pulsos dos filhos de santo e simpatizantes e, em alguns casos, preferem usar em lugares não vistos por terceiros, como forma de não serem identificados como adeptos da crença. Estas seguranças são trocadas ao final do próximo ano.

- Quaresma e o Ritual da Guerra

Ritualística que foi sincretizada em função do calendário cristão. No período da quaresma, a grande maioria dos terreiros entram em recesso e, algumas casas, realizam na Sexta-Feira Santa, outras no Sábado de Aleluia, o ritual que consiste na ida dos filhos de santo ao terreiro, em jejum, ocasião em que é realizado o lava-pés pelo Pai de Santo em seus filhos. Posteriormente é realizado um almoço comunitário, sendo que nesse almoço, preferencialmente um filho de Oxalá, oferece ao demais o pão e o vinho. À noite, inicia-se o processo de limpeza dos símbolos místicos de cada filho do terreiro, chamado de Ritual do *Mi Osé*¹⁵.

Finaliza-se esse ritual com a invocação dos Orixás para a realização do ritual da guerra, sendo que sua significação é uma recriação simbólica em que as divindades lutam com o propósito de auxiliarem Jesus Cristo que estava sendo açoitado ao carregar a cruz, ritual esse que se reveste de um grande sincretismo.

Uma vez apresentadas as celebrações com datas fixas que ocorrem nas casas de religião de matriz africana, passam-se a comentar sobre as festividades que são realizadas em datas móveis.

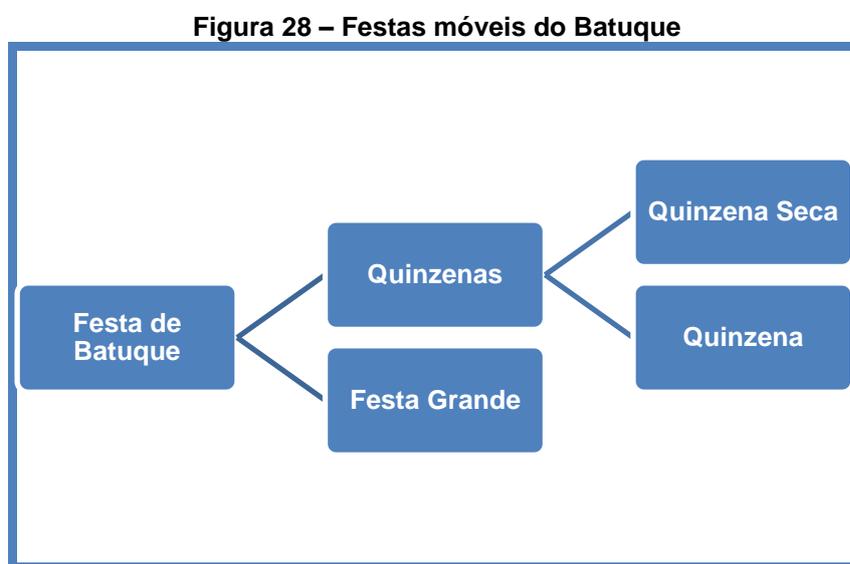
Celebrações de Batuque com datas móveis

Para as Festas de Batuque realizadas com datas móveis, as quais são o objeto de análise da presente tese, estima-se, em média, que cada terreiro realize 2,4 Festas de Batuque/ano, em Porto Alegre, conforme dados extraídos da Tabela 20, constante no item 4.4, e cálculos demonstrativos constantes no Apêndice 9.

¹⁵ O Ritual do Mi Osé significa a limpeza do assentamento do Orixá e sua finalidade é fazer com que o devoto mantenha contato com a energia que é emanada, o que é feito sempre antes de se realizar uma oferenda.

Foi constatado um gasto médio por festa na ordem de R\$ 9.125,00 (nove mil, cento e vinte e cinco reais), totalizando um gasto anual, por terreiro, na razão de R\$ 21.900,00 (vinte e um mil e novecentos reais). E, para a realização desses eventos são necessárias aquisições de uma série de produtos de natureza animal, vegetal e mineral, além da contratação de um conjunto de serviços, os quais são informados de forma detalhada na seção 4.4.

Esses eventos envolvem todos os filhos da casa e são momentos, não só de adoração às divindades, mas de confraternização entre os participantes. As festas móveis que ocorrem nos terreiros estão representadas pela Figura 28.



Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com a figura retro, no que diz respeito às Quinzenas, pode-se afirmar que é uma das tipologias das Festas de Batuque e se apresenta de duas formas, a primeira é denominada de Quinzena Seca, também chamada de *ebó seco*¹⁶, ocorre com o propósito de se agradar aos Orixás, devendo, obrigatoriamente, existir o toque de tambor. Associa-se o termo “seca”, pelo fato de que nesse tipo de evento não são sacralizadas aves, pela impossibilidade momentânea desse ato pelas mais variadas razões, quer pela carência de recursos financeiros para aquisição dos animais que seriam sacralizados, quer pela circunstância de que se deseja oferecer aos Orixás apenas a festa.

¹⁶ Ebó seco é a obrigação realizada em homenagem aos Orixás sem que ocorra a imolação de aves. Ebó tem o significado de oferenda.

Sua duração é menor que as demais tipologias e nessa celebração são oferecidos aos Orixás e aos presentes doces, frutas, bolos, *amalá*¹⁷, canjicas, refrigerantes e sucos.

Por outro lado, a Quinzena em si, também denominada de *ebó com aves*¹⁸, é a cerimônia em que são imoladas aves em oferecimento aos Orixás. Na noite que antecede a festa é realizado o “serão ou corte”, nome dado ao ritual em que as aves oferecidas aos Orixás são sacralizadas. Nessa ocasião participam apenas o chefe do terreiro e os filhos da casa, sendo que no dia seguinte a carne dos animais imolados é preparada e, posteriormente, servida aos presentes.

Diferencia-se da Quinzena Seca em termos de duração, uma vez que é de até três (03) dias, dependendo da quantidade de aves que serão sacralizadas, assim como da quantidade de filhos de santo de cada terreiro, diante da necessidade de uma preparação ritualística que é devida para a realização de toda culinária a ser servida aos Orixás e aos demais participantes.

De acordo com os dados obtidos na pesquisa, os valores médios encontrados para realização de uma Quinzena, seja ela seca ou não, foi de R\$ 5.166,67 (Cinco mil, cento e sessenta e seis reais com sessenta e sete centavos). Os desdobramentos para justificar esse resultado estão descritos na seção 4.4, assim como no Apêndice 10.

No tocante a Festa Grande, em um passado recente, sua duração era de até trinta e dois (32) dias, entretanto, diante dos mais variados envolvimento profissionais que muitos dos adeptos dessa herança cultural possuem, inclusive dos Pais de Santo, que além de se dedicarem à religião, muitos desempenham atividades profissionais nas mais diversas áreas, houve a necessidade de adaptação do tempo dedicado a esse evento, sendo que na atualidade muitos terreiros, praticam-na em um período de, no máximo, dezesseis (16) dias.

Essa celebração, além da diferença nos rituais praticados em relação aos que ocorrem na quinzena, processa-se, geralmente, em dois momentos, ou seja, são duas noites de festas que acontecem, habitualmente, em dois sábados. O valor médio encontrado para a realização de cada evento que integra a Festa Grande foi de R\$

¹⁷ Amalá comida do Orixá Xangô preparada com carne de peito bovino, mostarda e pirão com farinha de mandioca.

¹⁸ Ebó com aves é a obrigação realizada em homenagem aos Orixás em que ocorre a imolação de aves.

13.083,33 (treze mil, oitenta e três reais e trinta e três centavos). Quanto ao número médio de participantes, por festa, independente da sua tipologia, observou-se um número total de 135 participantes, o que também está detalhado na seção 4.4, bem como demonstrado no Apêndice 10.

Os valores informados, os quais são dispendidos pelos templos para a realização de uma Festa de Batuque, destina-se fazer frente à realização de todos os rituais que acontecem nas celebrações, assim como envolvem todos os preparativos necessários para a elaboração das comidas sagradas servidas durante as solenidades, tanto aos Orixás como aos participantes.

Na relação de gastos para realização de uma Festa de Batuque estão contemplados diversos estabelecimentos comerciais, entre os quais se destacam: floricultura, fruteira, supermercados, floras, casas de produtos para festas e aviários. Quanto aos insumos utilizados entre os mais significativos para um evento religioso, podem ser citados os seguintes produtos: frutas, refrigerantes, verduras, flores, doces, animais (aves e quadrúpedes).

Por outro lado, destaca-se que, independentemente de nação e do tipo de festa, os preparativos possuem seu início bem antes da data em que se homenageiam os Orixás, sendo necessária a realização de determinados rituais preparatórios ao evento, assim como deve ser avaliada a possibilidade de sua concretização. Registra-se, inclusive, o fato de que, durante a festa, os rituais praticados são diferentes e acontecem de acordo com os preparativos adotados.

Neste contexto, importante destacar a questão que envolve a territorialidade para a comunidade de terreiro, visto que o espaço territorial é constituído de várias dependências, cada uma com uma função. Esses terreiros investigados, também denominados de Ilê, Casa de Nação ou apenas Casa de Religião, possuem uma divisão voltada para o culto constituída de cozinha, salão e quarto de santo¹⁹. A cozinha é o local em que são preparadas as comidas sagradas a serem ofertadas, isto é, local de preparo dos Axés. O espaço destinado a cozinha da religião é consideravelmente maior ao de uma residência comum. Já no caso do salão é o espaço onde são realizadas as cerimônias públicas (festas).

¹⁹ Quarto de santo também denominado de Peji ou Pejê, local onde estão assentados o conjunto de Orixás do dono do terreiro e dos seus filhos de santos. Local sagrado e considerado o mais importante da Casa de Religião, pois nele são guardados os objetos sagrados, depositadas oferendas e trabalhos, e em prateleiras cobertas por cortinas, os segredos dos assentamentos de cada um dos Orixás.

No caso do quarto de santo estão assentados os “Orixás de casa”, sendo considerado o território incontestável do batuque, local onde são sacralizados os animais oferecidos aos Orixás e realizadas a maioria das cerimônias religiosas.

Em geral, nos terreiros, no mínimo, uma vez por ano são realizadas quinzenas em homenagens aos Orixás. As festas grandes em algumas casas, conforme o número de filhos de santo, ocorre anualmente e em outras ocorrem de quatro em quatro anos. A data em que é realizada a Festa de Batuque em cada casa coincide, geralmente, com a data comemorativa do Orixá protetor do dono do terreiro, por vezes, corresponde à data de iniciação de um determinado filho da casa.

Rituais que antecedem as Festas de Batuque

E, para um melhor entendimento das Festas de Batuque, importante mencionar que são necessárias as realizações de determinados rituais (obrigações), os quais ocorrem antes, durante e após o evento. Dentre os rituais que precedem as festas, são mencionados alguns: Serão ou corte; Preparação dos alimentos; Preparação do Terreiro para a solenidade.

- Serão ou corte

É a mais pura preservação da cultura de matriz africana em si, pois na medida em que se oferta certos sacrifícios de animais aos Orixás está se alimentando o seu povo com a carne do sagrado. Os animais imolados são aves (galos, galinhas, patos, angolistas, marrecos, pombos) e quadrúpedes (cabra, cabritos, leitão, leitoa, cágado, ovelha e carneiro).

Nesse ritual, para a sua realização, existe a necessidade de aquisição dos animais que serão sacralizados e, os estabelecimentos comerciais devidamente regularizados que negociam esses produtos são poucos, conforme pode ser observado na lista constante no Apêndice 14, obtida junto a secretaria Municipal de Indústria e Comércio de Porto Alegre.

- A preparação de alimentos

Diversas ritualísticas são realizadas na cozinha para preparação da culinária de matriz africana a qual é destinada aos Orixás e convidados durante a festa. Essa preparação não tem a conotação do ato de exclusivamente fazer comida, mas sim, pela forma zelosa e caprichosa com que os pratos são elaborados, para que possuam o melhor sabor e apresentação possíveis, sendo oferecidos aos Orixás e aos presentes.

É preparado também os mercados, que nada mais são do que as embalagens em que são disponibilizadas as comidas que são ofertadas às visitas e, que tem em sua simbologia representada pela distribuição e a extensão do axé da prosperidade, fraternidade e fartura a todos os lares.

A ilustração constante na Figura 29 retrata algumas imagens de comidas oferecidas aos presentes, as quais são submetidas, quando do seu preparo, a um ritual, uma vez que antes de serem servidas aos visitantes são oferecidos aos Orixás.

Figura 29 – Mostra de alguns pratos oferecidos aos convidados



Fonte: Fotos gentilmente cedidas pelo Babalorixá Gelson de Bará Lanã

Essa mostra de alguns pratos foi extraída por ocasião da festa realizada em homenagem à Orixá Obá no dia 11/10/2020, no templo do Pai Gelson do Bará Lanã.

Quanto aos custos de manutenção de uma Festa de Batuque, Correa menciona:

Conquanto seja uma religião de pobres, o ritual do batuque tem alto custo de manutenção, justamente pela necessidade de sacrificar muitos animais e confeccionar dezenas de pratos rituais. Nas cidades gaúchas, há um mercado de animais destinados especialmente à religião, sendo comum estabelecimentos colocarem placas como “vendem-se bichos para a religião”. Os comerciantes do ramo, que conhecem bem tais detalhes, cobram alto preço por esses animais, acima do valor normal do quilo. Um sacerdote, assim, tem de fazer muita economia ao longo do ano para poder promover as solenidades rituais de seu templo. (CORREA, 2017, pág., 2))

Para Correa (2017), o alimento é considerado o bem simbólico fundamental para que os participantes da liturgia de matriz africana ofereçam aos Orixás, pois atua como fator mediador das relações entre o mundo dos homens e o sobrenatural. Essa culinária conta com diversos ingredientes de origem animal, vegetal e mineral. Adianta, ainda, que a preparação das comidas possui uma responsabilidade elevada, e na maioria dos terreiros possui uma cozinheira, quase sempre, de idade avançada.

- A preparação do terreiro para a solenidade

Consiste na arrumação do local para melhor receber os convidados, sem contar na decoração do Quarto de Santo com flores, perfumes, comidas (local mais sagrado do terreiro, onde são realizados os rituais de sacralização).

Figura 30 – Quarto de Santo organizado para uma festa



Fonte: Foto gentilmente cedida pelo Babalorixá Gelson de Bará Lanã

Na Figura 30, uma mostra do Quarto de Santo já arrumado do Terreiro do Sacerdote Pai Gelson de Bará Lanã, por ocasião da festa realizada em homenagem à Orixá Bará em 11/10/2020.

A Festa de Batuque em si

A dinâmica da festa tem seu início através da recepção realizada pelo Sacerdote aos seus convidados, após profere a invocação aos orixás saudando-os, realizando pedidos de paz, saúde e prosperidade aos presentes. Imediatamente inicia o toque do *adjá*²⁰ e solicita ao Alagbê, que é acompanhado de outra pessoa que fica responsável pelo toque do *agê*²¹, entoe as cantigas iorubanas (Oríns) destinadas a cada Orixá ao som do tambor, começando sempre, pelo Orixá Bará.

Na Figura 31, abaixo, uma mostra dos instrumentos usados nos Batuques.

Figura 31 – Alguns instrumentos utilizados na Festa de Batuque



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Existe, então, a formação de uma roda, a qual participa os filhos de santo e os convidados pertencentes a outros terreiros, dançando em sentido anti-horário. Durante a festividade ocorrem algumas pausas nos toques, coordenada pelo Alagbê, que também é tido como autoridade na festividade, para que os participantes possam desfrutar da comida, descansarem, bem como irem ao banheiro.

²⁰ Adjá – sineta ritual cuja finalidade é invocar os orixás e reverenciá-los, além de acompanhar o toque do tambor.

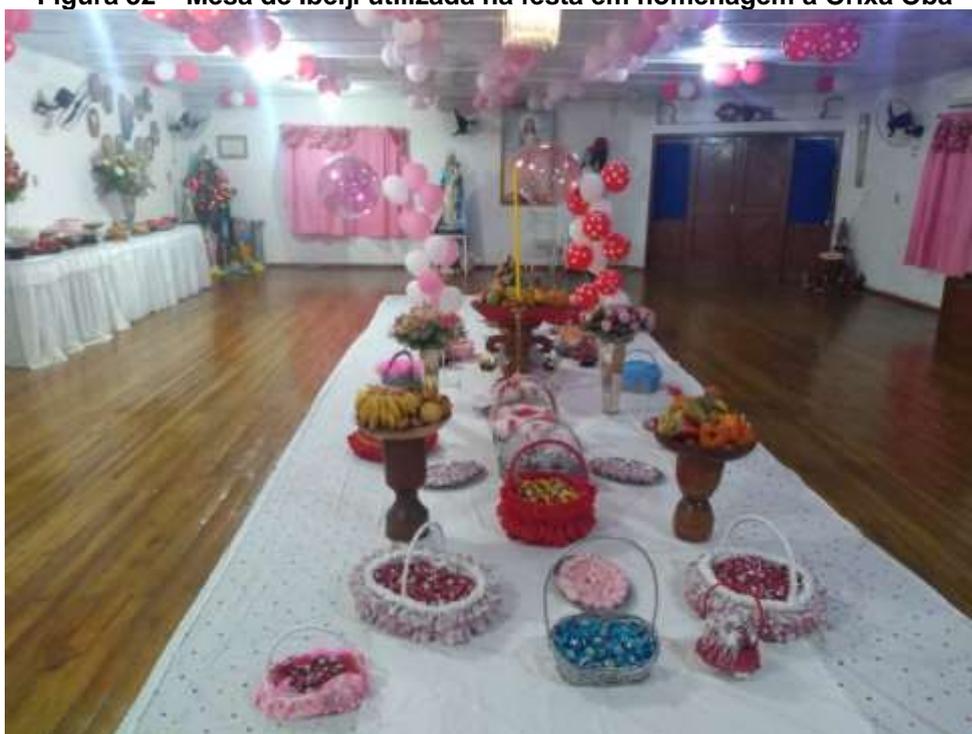
²¹ Agê - que é uma categoria de chocalho preparado com porongo com missangas na sua parte externa.

Quanto aos rituais que ocorrem durante a festividade, podem ser citados a mesa de prontos; axé da balança, axé do ecó, axé do aforiba, entre outros, sendo destacados, no presente trabalho, os seguintes: mesa de Ibeiji e axé dos presentes.

- Mesa de Ibeiji

Conhecida também como mesa de inocentes, trata-se de um ritual realizado sempre que ocorre uma festa grande e voltado unicamente às crianças, participam crianças até 12 anos de idade, assim como mulheres grávidas. São servidos doces em geral, canjicas, canjas, frutas, *amalá*, bolos e são distribuídos presentes. O número mínimo de crianças são seis (06), podendo ser também em seus múltiplos (12, 24, 36).

Figura 32 – Mesa de Ibeiji utilizada na festa em homenagem à Orixá Obá



Fonte: Foto gentilmente cedida pelo Pai Gelson de Bará Lanã por ocasião do evento de 11/10/2020.

A imagem retratada na Figura 32 revela a Mesa de Ibeiji sendo preparada para a sua realização. A foto foi extraída no dia 11/10/2020, por ocasião da festa ocorrida em homenagem à Orixá Obá e apronte de filhos.

- Axé dos Presentes

Neste momento da festividade é oferecido aos Orixás que estão aniversariando ou aos sacerdotes, presentes, sendo comuns o oferecimento de flores, perfumes, joias etc.

O ritual pós-festa

Uma vez percorrido sobre os momentos que acontecem antes e durante as Festas de Batuque (Quinzena ou Festa Grande), pretende-se apontar sobre o instante posterior a solenidade, o qual se pode mencionar o ritual do passeio, que é aquela obrigação em que o iniciado ou aquele filho, por ocasião do seu aprontamento, visita alguns locais de grande significação para a família batuqueira porto-alegrense, que é a Igreja do Rosário, o Mercado Público e o Rio Guaíba. Após cumprir essas etapas, o iniciado visita um terreiro de algum conhecido que esteve na festa para saudar os Orixás daquele terreiro e, lá depositar alguns dos objetos comprados quando da visita realizada no mercado público.

Após a realização do “passeio”, um grupo de filhos de santo da casa, onde ocorreu o evento, se encarrega de organizar a limpeza dos ambientes do terreiro, sendo que em alguns templos essa atividade é contratada. Nos casos em que os terreiros possuem os espaços denominados de cozinha e salão compartilhados com os demais cômodos da casa do sacerdote, a limpeza se inicia logo após o término da Festa de Batuque.

Após essas considerações sobre o momento pós festa, encerra-se esse tópico, não com a pretensão de se ter esgotado as discussões sobre as qualidades da Festa de Batuque, mas a intenção era tão somente a de demonstrar alguns aspectos peculiares desse PCI, para poder fazer frente à pesquisa proposta. Entretanto, argumentar sobre essa herança negra porto-alegrense, mesmo que de forma concisa, implica legitimar que negros e negras possuíram e possuem um papel considerável no desenvolvimento econômico, cultural e social neste território.

4.3. As entidades representativas das religiões de matriz africana

Nesta seção, procura-se apresentar os atores que exercem o papel de órgãos reguladores da abertura e funcionamento dos terreiros, legitimando e autenticando a competência dos sacerdotes dessa cultura perante os órgãos públicos. Exercem, inclusive, as funções de mandatários participantes na execução de políticas públicas voltadas para atender aos interesses do povo de terreiro.

Entretanto, importante mencionar que a identificação da totalidade dessas instituições, tornou-se complexa diante da inexistência de informações suficientes sobre elas. O conhecimento da existência da grande maioria das instituições citadas neste tópico, só foi possível mediante a leitura de uma nota oficial de repúdio ao Projeto de Lei nº 21/2015, a qual previa vetar um dispositivo legal que assegura aos povos e comunidades tradicionais de matriz africana o direito à alimentação tradicional, cujo processo se dá por meio de um rito de sacralização, a qual foi assinada por vários organismos e, dentre eles, constavam as organizações associativas representativas do Povo de Terreiro do estado do RS, que a seguir vão nominadas:²²

- AFROBRÁS - Federação das Religiões Afro-Brasileiras
- AFRORITO - Federação Africana Mensageiros de Oxalá
- CEUCAB - Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do RS
- FAUERS - Federação Afro-Umbandista do Rio Grande do Sul
- FUNDAÇÃO MOAB CALDAS
- AFROES – Associação Afro-Umbandista de Esteio e do RS
- CONFURBRAS – Conselho Superior das Federações da Umbanda e Religiões Afro-Brasileiras do Estado do RS
- FORÇA AFRO – Associação de Apoio as Casas de Religião de Matriz Africana.
- CEDRAB - Congregação em Defesa das Religiões Afro-Brasileiras do RS

Além das associações acima descritas foram mencionados durante a pesquisa de campo, as seguintes associações:

²² Publicada no blog do Prof. Dr. Hendrix Silveira, Babalorixá Hendrix de Oxalá, disponível em <http://orumilaia.blogspot.com/2015/03/nota-oficial-das-instituicoes.html>, consultado em 04/04/2020.

- AFRO ORDEM– Federação Afro-Ordem
- AFROCONESUL - Conselho Federativo dos Cultos Afro-Umbandistas no Cone Sul
- FEBRAI – Federação Espiritualista Brasileira

Diante da extensa lista mencionada, observa-se uma fragmentação de entidades representativas dos terreiros atuando no RS e, na mesma linha que Oro (2012), se acredita que essa multiplicidade de organismos decorre do fato de que a grande maioria dessas instituições não se beneficia dos modernos meios digitais para realização de sua divulgação o que, se existisse, certamente facilitaria uma provável busca.

De posse da nominata contendo um número de 12 (doze) instituições, iniciaram-se os trabalhos para a obtenção de endereços, telefones, e-mails e demais contatos que levassem até as mesmas, com o intuito de promover as entrevistas necessárias para a consecução de dados para a efetivação da pesquisa. Esse processo teve seu início nos primeiros dias do mês de dezembro de 2019 e, após muitas insistências o consentimento para a realização da primeira entrevista ocorreu no final do mesmo mês, ocorrendo no dia 27 de dezembro de 2019, junto ao Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do RS - CEUCAB²³, situado na rua Sofia Veloso, 162, Bairro Cidade Baixa em Porto Alegre.

Na ocasião, foi buscado primeiramente identificar qual o objetivo de existência do CEUCAB e nas palavras do entrevistado, Pai Clóvis de Xangô, foi informado que o objetivo estatutário é o de:

Resgatar e manter a autoestima do associado praticante afro-umbandista gaúcho ao instituir o seu memorial histórico, registrando a sua cultura ancestral preservada pela oralidade. Condensar nossos saberes básicos em livro sagrado, aglutinando e respeitando as diversas origens e vertentes da religiosidade afro-umbandista gaúcha.(PAI CLÓVIS DE XANGO, 2019)

O CEUCAB foi fundada em 07 de junho de 1953 e, um os serviços predominantemente prestados aos seus sócios é o de apoio jurídico, assim como a mediação de registros em cartórios, além do acompanhamento das atividades atinentes à trajetória religiosa, como no caso das comprovações de aprontes ou de

²³ Em entrevista concedida pelo Pai Clóvis de Xangô, presidente do CEUCAB- Conselho Estadual da Umbanda e dos Cultos Afro-Brasileiros do RS, em 27 de dezembro de 2019.

entregas de axés de obé e ifá. A instituição se mantém através da arrecadação de anuidades e taxas de seus associados.

A segunda instituição entrevistada foi a AFROBRÁS – Federação das Religiões Afro-Brasileiras, com sede à Rua Uruguai, 91, conjunto 304, Centro, Porto Alegre, a qual teve seu início no dia 05 de outubro do ano de 1973, com a denominação de Conselho Nacional de Umbanda e foi constituída com o propósito de instituir uma entidade que representasse os interesses das religiões de matriz africana.

A instituição buscava dar mais liberdade para os terreiros e garantir por meios próprios o direito aos cultos após o horário estabelecido pela Lei do Silêncio. Os terreiros pra realizarem as suas festividades deveriam retirar uma licença especial junto à Delegacia de Polícia²⁴.

De acordo com o relato do entrevistado, no ano de 1985, a entidade teve sua primeira mudança na nomenclatura, passando a ser chamada de Conselho da Religião Afro-Brasileira do Rio Grande do Sul e mais tarde a receber o nome que utiliza até os dias de hoje. Nessa época assumiu como presidente da entidade o Sr. Jorge Verardi (Pai Jorge Verardi de Xangô) que comandou a instituição até o seu falecimento, no ano de 2020, assumindo em seu lugar o Sr. José Antonio Salvador.

Em consonância ao disposto em seu *site*, a atuação da AFROBRÁS está diluída na história e nas conquistas do povo de santo, que herdou a força da religiosidade e da cultura negra em nosso país e, a sua manutenção se dá, através da cobrança de anuidades e demais taxas cobradas dos terreiros registrados (AFROBRÁS, 2020).

Outra instituição que atua no RS é a FAUERS – Federação Afro-Ubandista Espiritualista do Rio Grande do Sul, instituição sem fins lucrativos, fundada em 15/09/2009, sendo seu Presidente o Sr. Everton Duarte Alfonsin²⁵.

Segundo o entrevistado Alfonsin (2020) a instituição procura orientar seus associados sobre procedimentos religiosos e auxiliá-los na regularização de suas atividades. O objetivo estatutário da entidade é de “unir, reunir, agregar e multiplicar a religião com ela é, em sua origem e oralidade”. E, nesta perspectiva comenta:

²⁴ Entrevista concedida por Luan Meneses Pedroso, Assessor Técnico da AFROBRÁS - Federação das Religiões Afro-Brasileiras, em 22/03/2020.

²⁵ Entrevista concedida por Everton Duarte Alfonsin, por e-mail, em 23/03/2020.

“Neste sentido são realizadas reuniões mensais, ocasião em que são discutidos assuntos que envolvem ações sociais, denúncias que são recebidas dos terreiros quanto a questão que envolve intolerância religiosa, assim como avaliações de pedidos de filiação (ALFONSIN, 2020)”.

De acordo com o entrevistado a instituição não cobra mensalidade de seus filiados. Na sequência, o entrevistado Alfonsin (2020) tem a percepção de que os rituais de celebração de religião de matriz africana contribuem para a economia de uma região gerando emprego e renda. No tocante a projetos sociais em que a entidade participa o entrevistado mencionou que a associação capitaneia alguns projetos e estes visam:

“Reduzir a vulnerabilidade e os fatores de exclusão social do povo de terreiro; promover a valorização cultural; qualificar adolescentes e jovens para a cidadania e para o trabalho; garantir a segurança alimentar e nutricional de jovens, adultos e idosos; incentivar os cuidados básicos de atenção à saúde e a prevenção das doenças (ALFONSIN, 2020);”

Outra federação consultada foi a FEBRAI – Federação Espiritualista Brasileira, criada a partir do dinamismo de seus membros que buscavam a valorização e preservação das religiosidades de matriz africana no Brasil, se comprometendo com os valores de cidadania e da livre consciência e participação, garantias do estado democrático de direito, lutando pelo respeito e visibilidade dos cultos afro-brasileiros e pelo respeito às tradições religiosas, que se fundam no principal legado ancestral, parte vital da cultura negra²⁶.

Dentre as associações que foram consultadas, a FEBRAI é a mais nova, surgiu no ano de 2015, mas possui um número considerável de terreiros filiados, sua abrangência é no âmbito nacional.

Todos os respondentes foram unânimes ao afirmarem que a celebração da festa da religião de matriz africana, contribui para a geração de emprego e renda em uma região. No que diz respeito aos atores que interagem com o evento mencionaram diversos estabelecimentos mercantis que se relacionam, sendo citados os seguintes: floristas, aviários, supermercados, floriculturas, fábrica de velas, jornais, casas de tecidos e aviamentos. Além de uma vasta relação de profissionais que mantêm um vínculo laboral de natureza informal com os terreiros, sendo eles: faxineiras,

²⁶ Entrevista concedida por Gustavo Maracci, por telefone, em 20/03/2020.

decoradores, cabelereiros, manicures, costureiras, seguranças, tamboreiros (Alagbês), fotógrafos, e confeitadeiras.

Importante mencionar que os entrevistados dos organismos associativos manifestaram que uma pequena parcela dos seus membros é que mantém as contribuições anuais atualizadas, assim como informaram que as ferramentas computacionais que dispõem não possuem filtros de pesquisa nos parâmetros desejados o que impossibilitou o fornecimento do número preciso de terreiros, assim como detalhar as respectivas nações, exceto a FAUERS que não cobra anuidades e informou de forma detalhada as informações solicitadas.

Das associações entrevistadas até aqui, observa-se que possuem características classificadas na primeira tipologia definida por Leistner (2013), a qual menciona que são entidades que desempenham um papel burocrático, emitindo certificados, prestando serviços de apoio jurídico e cobrando anuidades.

Agora, neste ponto, traz-se a CEDRAB - Congregação em Defesa das Religiões Afro-Brasileiras, instituição que iniciou suas atividades no ano de 2002 com a fim específico de pleitear o reconhecimento do patrimônio cultural negro no RS, assim como promover a defesa dos cultos de matriz africana dos ataques realizados por igrejas neopentecostais.

Importante ressaltar que a CEDRAB nasceu com a incumbência de fazer o enfrentamento do processo de Intolerância Religiosa da época e defender o Povo de Terreiro, por entenderem que as federações anteriormente mencionadas não eram representativas e sim burocráticas e inertes quando o assunto dizia respeito a intolerância sofrida pelos frequentadores dos cultos de matriz africana. O que vem ao encontro do preconizado por Silva (2007) que comenta que através de diversas esferas sociais são propostos estudos e reflexões os quais geram alternativas para expressão e manifestação no tocante as frequentes hostilidades suportadas pelo povo de terreiro.

A atuação da CEDRAB fez com que as Federações se desacomodassem e começassem a dialogar mais com seus federados. Na atualidade a CEDRAB existe de direito, mas não de fato, com a morte de sua presidente e uma das idealizadoras da congregação Mãe Norinha de Oxalá em 06/05/2018, seus membros entenderam que as suas necessidades poderiam ser suportadas pelo estado face a criação do Conselho do Povo de Terreiro do Estado do Rio Grande do Sul de acordo com o Decreto 51587/2014.

De acordo com Bábà Dibá de Yemonjá²⁷ “a finalidade da CEDRAB não era arrecadatória, entretanto, havia a necessidade de que seus membros contribuíssem com uma taxa com a expectativa de custear os gastos decorrentes de sua atuação.” Uma das suas áreas de atuação era a orientação aos seus membros e adeptos em relação ao zelo e pelo meio ambiente, bem como prestando auxílio jurídico para os terreiros filiados que sofressem algum tipo de discriminação.

Por outro lado, a CEDRAB procurava enfatizar, entre seus membros, de que o terreiro é o espaço em que a educação, saúde e vida são valorizadas. Local onde ocorre o resgate da língua, da identidade, das tradições e da ancestralidade, devendo o seu responsável (Babalorixá/lalorixá) acolher, aconselhar, proteger, socorrer toda e qualquer pessoa que lá se dirigem. Na visão da CEDRAB esse é um dos principais papéis sociais que um terreiro deve possuir.

Na percepção do campo de atuação da CEDRAB percebe-se que se enquadra na segunda tipologia de associação defendida por Leistner (2013) que trata daquele tipo de modelo associativo combativo quer através do trabalho em busca de um resgate de sua identidade, quer no resgate teológico para sustentar pressupostos de inconformidades ligadas ao meio ambiente.

As demais instituições listadas no início desta seção foram procuradas, após muitas investigações para a obtenção de endereços eletrônicos e número de telefones. Mediante algumas tentativas de envio de mensagens eletrônicas, não se obteve retorno aos contatos realizados, entendeu-se, então, que não quiseram participar da entrevista, sendo elas: AFROCONESUL, AFRORITO, Fundação Moab Caldas, AFROORDEM, AFROES, CONFURBRAS e FORÇA AFRO.

Importante mencionar, neste ponto, a criação pelo governo estadual do Conselho Povo de Terreiro do Estado do Rio Grande do Sul – CPTERS, que conforme Decreto Estadual nº 51587/2014 estabeleceu em seu artigo 1º que a sua finalidade é:

“...desenvolver ações, estudos, propor medidas e políticas públicas voltadas para o conjunto das comunidades do povo de terreiro do Estado, caracterizando-se como um instrumento de reparação civilizatória, na busca da equidade econômica, política e cultural e da eliminação das discriminações.” (RIO GRANDE DO SUL, DECRETO 51587/2015)

²⁷ Bábà Dibá de Yemonjá, um dos fundadores da CEDRAB e atual Presidente do Conselho do Povo de Terreiro do Estado do RS em entrevista realizada via whatsapp, em 05-04-2020.

O estado do Rio Grande do Sul foi o pioneiro na constituição de um conselho voltado para atender os direitos sociais para o povo de terreiro. Previamente a criação do CPTERS o estado do RS instituiu, no ano de 2013, através do Decreto 50.112, o Comitê Estadual do Povo de Terreiro, o qual possuía a incumbência de realizar um diagnóstico e análise das condições vividas pelo povo de terreiro. Para a realização desse levantamento foi efetuada a Primeira Conferência do Povo de Terreiro, a qual propiciou a ocorrência de uma grande discussão que mobilizou mais de 5.000 terreiros de todo Estado, de acordo com relato do Sacerdote Bábá Dibá de Yemonjá.

Nessa Conferência foram propostas cerca de 90 resoluções as quais foram agrupadas em quatro eixos temáticos, os quais são as diretrizes de atuação do CPTERS: (a) Direitos Humanos; (b) Marco legal, racismo e intolerância religiosa; (c) Desenvolvimento sustentável e comunidade tradicional; e (d) Organização social, política e educação.

Uma vez discorrido sobre as federações que representam os terreiros, no próximo tópico, será discutido sobre a robustez das fontes para determinação do número de casas de religião de matriz africana.

4.3.1. Discussões acerca da robustez das fontes

Neste tópico, pretende-se esclarecer a robustez das fontes utilizadas para estimação do número de casas de religião de matriz africana em Porto Alegre. Preliminarmente, importante registrar que são várias as informações e origens quanto ao estabelecimento do número de casas de religião de matriz africana na capital gaúcha. Razão pela qual se entende pertinente tratar esse assunto em um tópico específico, como forma de justificar os números utilizados no presente trabalho.

O primeiro registro que se traz é o efetuado pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria da Cultura que elaborou o primeiro censo das casas de religiões de matriz africana, no período compreendido entre 2006 a 2008, tendo identificado um número total de terreiros na ordem de 1028.

Enquanto que o segundo registro apontado é oriundo da sinalização efetuada por Oro (2008), o qual informa existir em Porto Alegre, aproximadamente, 3000 casas de religião de matriz africana. O terceiro apontamento surge das informações obtidas junto as entidades representativas dos terreiros gaúchos. Destaca-se aqui que se

constatou a existência de 12 entidades, sendo que apenas quatro entidades se manifestaram, as quais anunciaram:

- a) No tocante as casas filiadas junto ao CEUCAB, o entrevistado esclarece:

“...giram em torno de 2.000 centros religiosos de matriz africana no âmbito do estado do RS e no tocante a Porto Alegre esse número é de aproximadamente 800 unidades.” (PAI CLÓVIS DE XANGÔ, 2019)

Por outro lado, essa não precisão do número de sócios, assim como a não possibilidade de identificação das nações que integram o grupo de filiados é originária da não existência de filtros junto aos dados armazenados no sistema computacional da entidade que permitiria uma extração de relatórios contendo essas informações. Foi solicitado acesso aos dados para tentar se chegar a um número exato de terreiros por nação, mas não foi permitido, sendo invocado, inclusive, o atendimento a Lei Geral de Proteção aos Dados-LGPD;

- b) No caso da Afrobrás, Conforme informação extraída junto ao site da AFROBRÁS essa entidade possui filiais em países vizinhos como Uruguai e Argentina, devidamente registradas nos órgãos competentes desses países. Atualmente a AFROBRÁS conta com mais de 22.000 registros em seu quadro de associados.

Ainda de acordo com a AFROBRÁS, o entrevistado Sr. Luan Meneses Pedroso, em 22/03/2020, procurou repassar uma estimativa moderada, em termos quantitativos, informando que somente em Porto Alegre, existiria um número aproximado de 5.000 registros de casas, mas que, aproximadamente, apenas 800 casas mantém suas contribuições anuais em dia. Comenta, inclusive, que por força da não existência de uma manutenção do seu sistema computacional não é possível identificar a quantidade exata de casas, assim como de quais nações predominam na capital dos gaúchos;

- c) A terceira federação investigada, a FAUERS, através de seu Presidente, Sr. Everton Duarte Alfonsin, informa que atualmente a federação possui 4325 casas de nação filiadas no âmbito do estado do RS, sendo que destas 2334 localizam-se na cidade de Porto Alegre, conforme descrito na Tabela 12.

Tabela 12 – Casas de nação em Porto Alegre filiadas à Fauers

Nação	Quantidade
Cabinda	325
Ijexá	208
jejê	359
Jejê/Ijexá	1.125
Nagô	118
Nagô/Ijexá	19
Oyó	125
Outras	55
Total	2.334

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

- d) O Presidente da Febrai, Sr. Gustavo Dilelio de Lima Maracci (Pai Gustavo D'Songo), afirma que a instituição possui mais de 1000 terreiros cadastrados, sendo que em Porto Alegre conta com um número de aproximadamente 300 templos religiosos de matriz africana filiados e sua manutenção se dá pela cobrança de uma anuidade dos seus sócios.

Do levantamento efetuado junto as federações respondentes, observa-se um número estimado superior a 8.000 (oito mil) casas, conforme Tabela 13, a seguir:

Tabela 13 – Quantidade de casas de matriz africana em Porto Alegre

Entidade	nº casas filiadas
CEUCAB	800
AFROBRÀS	5.000
FAUERS	2.334
FEBRAI	300
Total	8.434

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Um quarto registro foi encontrado, através de uma publicação no Jornal Nação Z, datada de 01/11/2017, que apresentava uma entrevista do Vereador Suplente de Porto Alegre, Bábá Dibá de Yemonjá, ao assumir a vereança por afastamento do titular:

Bábá Dibá lembrou ainda que uma de suas propostas como vereador tratará justamente da possibilidade de haver a concessão de um alvará específico para os terreiros. Conforme explicou, muitas vezes as sedes dessas atividades religiosas são casinhas com paredes de compensado, em terrenos de ocupação, onde também não há

certificado de propriedade. “Por isso não temos nem ‘habite-se’”, lamentou. “Temos de criar um alvará específico. Porto Alegre tem mais de 15 mil terreiros, é uma população expressiva”, afirmou. “Nesse mandato de três dias vou mostrar para nosso povo que é possível estar aqui (BÂBÁ DIBÁ DE YEMONJÁ, NAÇÃO Z, pg. 1, 2017).

Por se intitular a maior federação representativa de casas religiosas de matriz africana no Brasil, além de ser a instituição que forneceu a informação do maior número de terreiros registrados em Porto Alegre, buscou-se, novamente, contato com a AFROBRÁS no mês de dezembro de 2020, na pessoa do atual presidente, Sr. José Antonio Salvador, com o propósito de verificar se haveria uma divergência na primeira informação obtida em março de 2020, no tocante ao número de casas em Porto Alegre e, em resposta, alega que:

“...referente ao número de casas de religião existentes em Porto Alegre/RS, temos a informar que: hoje, temos uma estimativa de mais de 10.000 casas de religião em Porto Alegre/RS. Com relação ao levantamento do IBGE, temos a dizer que: não podemos nos basear pelo IBGE, pois, historicamente a grande maioria dos praticantes não respondem a pesquisa conforme a realidade, optando por dizerem que são católicos. O número de templo religiosos tem crescido, exponencialmente, devido ao grande número de adeptos que estão atingindo a condição de abrir esses templos. Bem como, a necessidade destes novos Babalorixás, lalorixás e ou Dirigentes Espirituais registrarem tais templos, dando uma identidade e reconhecimento público de suas condições de líderes religiosos” (JOSE ÁNTONIO SALVADOR, PRESIDENTE DA AFROBRÁS, EM RESPOSTA A PERGUNTA FORMULADA POR E-MAIL EM 09/12/2020).

Com relação aos números divulgados através do censo realizado pela Secretaria da Cultura Municipal, entende-se que presumivelmente eram subestimados, uma vez que estaria presente a questão cultural, partindo do pressuposto que os respondentes se ocultavam à sombra da fé católica, sem contar a questão temporal que envolve o número apresentado. Oro (2008) já atribuía essa depreciação numérica em razão da peculiaridades memoriais que foram concebidas no Brasil. O que provavelmente deve ter sido alterado em função do tempo e de uma maior liberdade de crença.

Nessa esteira, o Presidente da AFROBRÁS menciona sobre o fato:

“...historicamente a grande maioria dos praticantes não respondem a pesquisa conforme a realidade, optando por dizerem que são católicos.” (JOSE ÁNTONIO SALVADOR, PRESIDENTE DA AFROBRÁS, EM RESPOSTA A PERGUNTA FORMULADA POR E-MAIL EM 09/12/2020).

Quanto aos números apresentados por Oro (2008), acredita-se estarem um pouco defasados em função do hiato temporal constatado, sem contar que, desde então, processou-se um incremento de fiéis e, de acordo com o presidente da Afrobrás, Sr. Salvador (2020, p. 1), “O número de templo religiosos tem crescido, exponencialmente”.

No tocante aos números apresentados pela AFROBRÁS, possivelmente estejam sobrestimados, visto que a entidade representativa integra a dialética da batalha política em busca da visibilidade sobrepesando o número de terreiros que representa. Acredita-se que com essa sobrestimação, além da entidade buscar a prospecção de novos filiados, está atrás da sua perenidade, uma vez que os gastos da instituição são cobertos com recursos obtidos através das arrecadações anuais.

Na mesma linha, os números apresentados por Bábá Dibá de Yemonjá estão, provavelmente, superestimados, na medida em que faz parte de uma causa político-partidária.

Diante das informações levantadas quanto a totalidade de terreiros em Porto Alegre oscilarem entre 1.000 e 15.000, pretende-se, então, para o presente trabalho, considerar três estimativas:

- (a) uma estimativa de caráter conservador;
- (b) uma outra estimativa de caráter moderado; e
- (c) uma terceira estimativa considerada de caráter arrojado.

Os critérios estabelecidos para determinar as estimativas estão descritos, a seguir:

Quadro 26 – Critérios para determinação das estimativas

Estimativa	Descrição
Conservadora	<p>A estimativa de caráter conservador, levou em consideração as observações encontradas e que foram julgadas subestimadas e defasadas, uma vez que os dados apresentados correspondem ao ano de 2008. Foram constatadas duas observações com essa tendência, a primeira diz respeito as informações constantes no censo das casas de matriz africana efetuado pela Secretaria Municipal da Cultura entre os anos de 2006 e 2008, o qual apontou para um número de 1.028 casas de religião de matriz africana.</p> <p>A segunda, ancora-se em publicação do antropólogo Ari Pedro Oro, do ano de 2008, o qual estabeleceu um número total de casas na ordem de 3.000 unidades, a qual se acredita que também esteja subestimada e defasada em função do hiato temporal constatado. Entretanto, a estimativa conservadora a ser utilizada neste trabalho, considerou o valor de 3.000 unidades, sendo desconsiderado, para esse caso, a adoção de uma média entre os dois números verificados, uma vez que se assim fosse feito, o número de adeptos porto-alegrenses seria menor daquele verificado no censo de 2010.</p>

Moderada	<p>Para esta estimativa, procurou-se expressar uma certa razoabilidade entre os números levantados, razão pela qual, essa pressuposição considerou a totalidade dos números apurados junto as entidades associativas que representam as casas de religião de matriz africana, conforme demonstrado na tabela 13. Assim sendo, para essa estimativa será utilizado o número arredondado de 8.000 terreiros.</p> <p>Como forma de legitimar o número apontado para esta opção escolhida, procurou-se comparar essa estimativa determinada com base nas informações das associações representativas das casas de religião de matriz africana, com a média verificada entre o menor número de terreiros identificados e o maior número encontrado durante a pesquisa. O resultado verificado foi de 8.000 unidades, razão pela qual, acredita-se que não se tenha cometido exageros, por isso, considerada uma estimativa moderada.</p> <p>Outra forma de validar o presente número estabelecido como adequado foi a realização de uma média entre todas os quantitativos estimados encontrados durante a pesquisa, o qual apontou para um número muito próximo dos 8.000 terreiros.</p>
Arrojada	<p>Esta estimativa denominada de arrojada, é uma pressuposição ampliada do número de casas de religião de matriz africana em Porto Alegre. Para se chegar a essa estimativa, buscou-se, primeiramente, identificar as observações julgadas superestimadas. Uma vez identificadas que as informações que pertenciam a essa categoria foram aquelas registradas pelo presidente da Afrobrás e as declarações do então vereador Bábá Dibá de Yemonjá, foi realizada uma média aritmética, cujo resultado apontou para uma estimativa arrojada na ordem de 12.500 terreiros.</p> <p>Essa estimativa alargada considerou as anotações do presidente da Afrobrás que afirma do grande crescimento exponencial de casas de religião de matriz africana em Porto Alegre.</p> <p>Outra argumentação que pode ser alicerçada para a existência dessa estimativa, diz respeito ao fato de que, se entre as entidades associativas representativas dos terreiros que participaram da pesquisa houve a declaração da existência de 8.000 templos, e os respondentes possuem uma representatividade de 1/3 do total das entidades representativas. É certo que, se atingida a totalidade das associações o número apurado seria maior. Alia-se a essa questão o fato de que entre os Sacerdotes entrevistados, conforme consta na seção 4.4, transcrito na Tabela 19, 50% dos respondentes afirmam não serem filiados à nenhuma associação. Do exposto, acredita-se, então, na possibilidade de ocorrência dessa concepção de cenário intrépido.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

Uma vez apresentados os critérios que foram considerados para estabelecer as estimativas trabalhadas nesta tese, importante registrar, neste ponto, algumas ponderações acerca do quantitativo de casas de matriz africana existentes em Buenos Aires, Argentina, que segundo Frigério (2013), menciona não ser possível fornecer um número exato de templos, mas que eles se encontram por toda Buenos Aires. Segundo estimativa de alguns participantes daquele país seria um número em torno de 3.000 a 4.000 templos, o que para Alejandro Frigério não seria exagerado.

A concepção de se trazer os números de terreiros argentinos em Buenos Aires não tem o propósito de comparação daquela metrópole com Porto Alegre, até por que de acordo com o censo argentino de 2010 a população daquela capital era de 14.322.087, no caso da capital dos gaúchos era de 1.409.087.

A intenção é de apenas registrar que, para uma religião que não é oriunda daquela localidade, que ingressou naquele país há apenas, aproximadamente, 50 anos, o número de templos é considerável. Acredita-se, com isso, não se tratar de uma distorção nenhuma das estimativas estabelecidas no presente trabalho.

4.4. Os sacerdotes e as unidades territoriais tradicionais de matriz africana

Nesta seção será apresentada a coleta realizada junto ao segundo grupo de atores que integram as Festas de Batuque em Porto Alegre, os sacerdotes. Os representantes das unidades territoriais tradicionais de matriz africana, denominadas de terreiros de nação, são também conhecidos como Pais e Mães de Santo, os quais podem ser considerados como conservadores da cultura de matriz africana, por terem absorvido um conjunto de saberes e técnicas que foram recebidos de forma oral, sendo repassado de geração a geração.

Por outro lado, para a realização da coleta de dados entre os sacerdotes, utilizou-se uma amostra não probabilística por conveniência, situação em que os respondentes foram escolhidos pela facilidade de acesso, assim como a disponibilidade em fazer parte da amostra em um determinado intervalo de tempo.

Inicialmente, pretendia-se visitar cinco casas e aplicar a entrevista aos responsáveis pelos terreiros, mas por força do isolamento social que se esteve submetido quando do período da coleta, em virtude da pandemia determinada pela rápida propagação do Corona Vírus -19 (COVID-19), foi necessária uma adaptação ao processo de coleta. Nesse contexto, foi elaborado um formulário via “*Google Forms*” e encaminhado o link gerado para aqueles que seriam questionados de forma presencial, via whatsapp. Diante da possibilidade de se obter uma amostra maior, solicitou-se aos cinco sacerdotes identificados previamente para que preenchessem o questionário e reenviassem o link para outros responsáveis de terreiros de suas relações, como forma de se alcançar um número maior de respondentes.

O questionário utilizado consta do Apêndice 1, sendo sua aplicação do período compreendido entre 15 e 21 de abril de 2020. Obteve-se 37 respostas, sendo excluídas sete observações, quatro por referirem-se a Pais e Mães de Santos que não possuíam seus terreiros localizados em Porto Alegre e outras três por estarem repetidas.

No Apêndice 9, consta a relação de terreiros que participaram da pesquisa, contendo a data de fundação de cada centro, seus respectivos responsáveis e quantidade de filhos de santo. Para sua apresentação, procurou-se ordenar os dados coletados por data de fundação.

Diante dessa organização, como forma de facilitar a análise, posteriormente, foi realizada uma separação dos terreiros em três grandes grupos, por data de fundação. O primeiro grupo compreende aqueles templos em que a data de sua fundação ocorreu na primeira metade do século XX, o segundo grupo abrange o início de suas atividades nos últimos 50 anos do século XX, enquanto o terceiro grupo, integra os terreiros inaugurados no Século XXI.

Do constante no Apêndice 9, é possível perceber que a quantidade de filhos de santo de uma casa está relacionada à longevidade do terreiro, visto que 10% dos terreiros dentre os pesquisados possuem sua data de fundação na primeira metade do Século XX, sendo que juntos o quantitativo é de 1050 filhos de santo, de um total de 2197 filhos informados, com uma representatividade de 47,79%.

No segundo grupo, a pesquisa revela um número de 7 terreiros, o que representa 23,33% , contemplando um total de 723 filhos de santo, os representam 32,91%. O último grupo analisado compreende os terreiros fundados neste século, que representam praticamente 2/3 das casas pesquisadas, isto é, 66,67%. Os 20 terreiros que integram o terceiro grupo possuem 424 filhos de santo, o que representa 19,30% do total.

Na sequência, apresenta-se a Tabela 14, que aponta a estatística descritiva da amostra coletada entre os responsáveis de terreiros sobre o número de filhos de santo.

Tabela 14- Estatística descritiva da amostra referente aos adeptos
Estatística Descritiva

Média	73,2333333
Erro padrão	24,163651
Mediana	30,5
Modo	60
Desvio padrão	132,349767
Variância da amostra	17516,4609
Curtose	18,2041617
Assimetria	3,99687066
Intervalo	698
Mínimo	2
Máximo	700
Soma	2197
Contagem	30

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Por meio da aplicação de uma estatística descritiva, através do uso da ferramenta Excel, a média encontrada é 73 filhos de santo, por casa, de um total de 30 observações. A mediana é de 30 e o desvio padrão de 132,349767. O resultado da estatística descritiva aponta que a observação mínima registra dois filhos e a máxima aponta 700 filhos, o que remete para uma melhor avaliação sobre a possibilidade da existência de um *outlier* no conjunto analisado e, com base nesse intervalo verificado, foi elaborado o gráfico de dispersão da variável número de filhos de santo, conforme segue.

Gráfico 1 - Dispersão da variável número de filhos de santo



Fonte: Elaborado pelo auto com base nos dados da pesquisa.

Com a apresentação do Gráfico 1, tem-se uma visualização mais nítida de que essa observação que contemplou 700 filhos, poderia se tratar de um *outlier*, ou seja, um ponto fora da curva em decorrência de um erro de digitação, fato que propiciou uma investigação mais amíúde junto ao respondente, no sentido de indagar, novamente, sobre o total de filhos de santo que sua casa possuía, sendo que a informação anteriormente descrita foi confirmada.

Nesse sentido, o constatado em relação ao número de filhos de santo verificado em cada casa, move-se em direção ao mencionado por Oro (2012), quando esclarece que a quantidade de adeptos da religião de matriz africana em cada casa varia muito, uma vez que em algumas existe uma maior concentração de frequentadores e, em outras, a quantidade de adeptos é menor, restringindo-se, em algumas ocasiões, ao núcleo familiar.

Agora, se for levado em consideração o número total de casas de religião de matriz africana em Porto Alegre, segundo as estimativas adotadas no presente trabalho, conforme premissas estabelecidas na subseção 4.3.1, tem-se o quantitativo

de 3.000 terreiros, para uma hipótese conservadora. No caso de um pressuposto moderado a quantidade de terreiros é de 8.000 unidades, enquanto esse número aumenta para 12.500 terreiros, frente a uma expectativa arrojada.

A multiplicação dessas estimativas de números de terreiros, pela média de filhos de santo que cada casa de religião de matriz africana de Porto Alegre, com base na amostra, atingir-se-á o quantitativo de seguidores na ordem de 219.000, para uma estimativa conservadora, o total passa a ser de 584.000, em uma estimativa moderada e o quantitativo de 912.500, para um cenário arrojado.

Importante referir, neste ponto, que nem todos os filhos de santo dos terreiros localizados em Porto Alegre residem na capital. De acordo com dados detalhados na seção 4.5, do total dos respondentes, somente 56,12% dos filhos de santos são residentes em Porto Alegre, o que nos remete a inferir que o número de adeptos porto-alegrenses seja de 122.902 habitantes, no caso de uma estimativa conservadora, o número passa a ser de 327.740 de adeptos, caso seja considerada uma estimativa moderada, sendo que o total será de 512.095 adeptos para uma estimativa arrojada.

A representatividade percentual do número de adeptos porto-alegrenses é de 8,28%, no caso de uma estimativa conservadora, sendo que em uma estimativa moderada o percentual de representação é de 22,08%. Finalizando, essa questão de representatividade, no caso de uma estimativa arrojada, o resultado encontrado é de 34,51%. Esses percentuais foram obtidos, levando em consideração os dados do IBGE, ano de 2019, que apontou uma população de 1.483.771 pessoas.

Na estimativa conservadora, observa-se um incremento de 23,39% no número de adeptos das religiões de matriz africana, enquanto na estimativa moderada se constata um incremento na ordem de 229,06%, na medida em que na estimativa arrojada o incremento foi de 414,30%, em relação àqueles que assinalaram seu auto pertencimento à religião de matriz africana, que na ocasião, ano de 2010, era de 94.570 integrantes, e representava 6,71% da população.

De certa forma, esse resultado vai ao encontro do que preconiza Oro (2008), quando afirma que os números do Censo Demográfico em relação a religião deveriam estar depreciados, o que se alia ao estabelecido por Prandi (2003), quando menciona que o número de fiéis tende a aumentar em função da liberdade de crença.

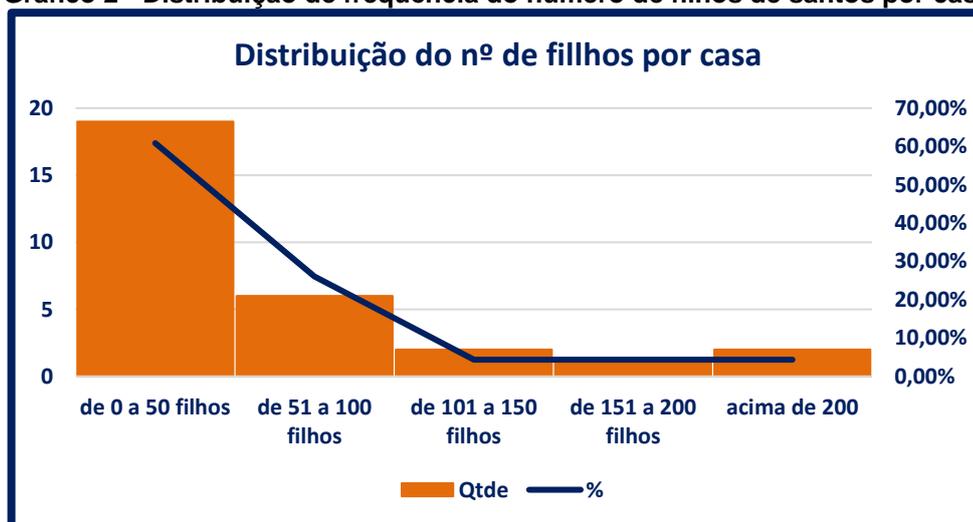
Por outro lado, mesmo que o terreiro fundado em 01/09/194, que consta na Tabela 14, fosse considerado um *outlier* para fins de cálculo da média de filhos de santo por terreiro, por se tratar de uma observação que apresenta um afastamento

das demais integrantes desta série, a média cairia para 51 filhos de santo por casa de religião, o que resultaria em um número de seguidores porto-alegrenses das religiões de matriz africana na ordem de 85.863, 228.969 e 357.765, nas estimativas conservadora, moderada e arrojada, respectivamente.

Caso fosse considerada essa hipótese, obter-se-ia, na estimativa conservadora, um resultado inferior na ordem de -9,20%, no caso da estimativa moderada o resultado seria superior na razão de 142,11%, ao passo que na estimativa arrojada o resultado seria de 259,34% superior, tudo isso em relação ao quantitativo de pertencentes da religião de matriz africana encontrado no censo de 2010.

No Gráfico 2, para uma melhor visualização do comportamento da distribuição de frequência do número de filhos de santo por casa.

Gráfico 2 - Distribuição de frequência do número de filhos de santos por casa



Fonte: Elaborado pelo auto com base nos dados da pesquisa.

Observa-se do gráfico que mais de 85% das casas pesquisadas possuem até 100 filhos de santo, assim como outros 15% das casas consultadas possuem números de filhos de santo superior a 100. Em outras palavras, pode-se afirmar que essas 5 casas juntas detêm 64,63% do total dos filhos de santo entre as casas pesquisadas, sendo que as outras 25 casas representam um percentual de 35,37%.

Uma questão formulada aos responsáveis dos terreiros dizia respeito a regularização do templo, enquanto instituição de fato e de direito, ou seja, se possuíam inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e, constatou-se que da totalidade das casas pesquisadas, 73% não possuem esse registro, conforme Gráfico 3.

Gráfico 3 - Terreiros porto-alegrenses com inscrição no CNPJ

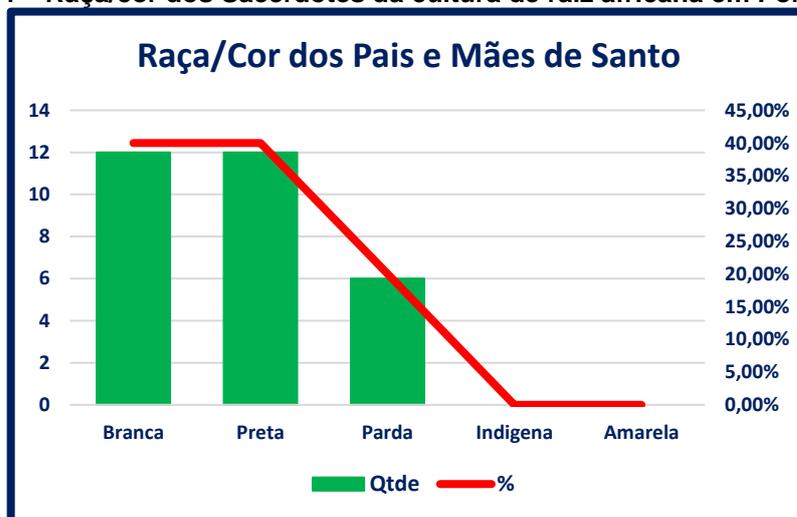


Fonte: Elaborado pelo auto com base nos dados da pesquisa.

A regularização propiciaria a esse legado cultural, caso houvesse uma adesão maciça, um maior reconhecimento e valorização conforme manifestados pelo MPEM (2016), assim como a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro - PMRJ(2012), através da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, os quais defendem que essa inscrição no CNPJ passa a ser um instrumento fundamental para a edificação de uma via em prol do respeito às diferenças e garantia da igualdade.

No próximo gráfico está retratado a raça/cor dos sacerdotes participantes da pesquisa.

Gráfico 4 – Raça/cor dos Sacerdotes da cultura de raiz africana em Porto Alegre



Fonte: Elaborado pelo auto com base nos dados da pesquisa.

O resultado da pesquisa revela que das lideranças dos terreiros 60% são negras, sendo que o percentual de líderes de cor branca está representado por 40%, o que corresponde a 12 terreiros pesquisados de um total de 30.

Apesar do Batuque ter sua vinculação a questão étnica, ou seja, ele é de origem africana em sua matriz e brasileira na linha de uma continuidade histórica e, conforme afirma Bastide (1971), é uma forma de demonstrar que os valores tradicionais das etnias foram compartilhados e se ajustaram com o passar do tempo, o que vem ao encontro de Oro (2002), quando menciona que Porto Alegre é considerada multiétnica e pluricultural, o que contribui para a inserção do não negro na prática dessa herança cultural.

Nesse sentido, importante registrar os dados extraídos do Censo Demográfico de 2010, que atribui a população de Porto Alegre como sendo composta por 79,90% de brancos e 19,58% de negros, sendo o restante dividido entre amarelos e indígenas.

No aspecto que se refere às nações batuqueiras encontradas nos terreiros pesquisados, a composição verificada está demonstrada na Tabela 15.

Tabela 15 – Amostra de Terreiros de Porto Alegre por nação em quantidade e %

Nação	Qtde	%
Ijexá	1	3,33%
Nagô	1	3,33%
Jejê	2	6,67%
Jejê/Ijexá	2	6,67%
Outras	3	10,00%
Oyó/Ijexá	5	16,67%
Oyó	7	23,33%
Cabinda	9	30,00%
Total	30	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com dados da amostra

Com relação aos resultados encontrados na tabela acima, a nação de Cabinda apresentou o maior percentual entre os sacerdotes pesquisados, seguido pela nação Oyó, representando 30% e 23,33%, respectivamente. Em comparação aos dados levantados entre os anos de 2006 e 2008, pela Secretaria Municipal da Cultura, as nações que apresentavam maiores representatividade no número de casas eram a nação Jejê-Ijexá e Cabinda, as quais possuíam um percentual de 28,31% e 24,61%, respectivamente. Destaque para o fato de que a nação Jejê-Ijexá, possuidora do maior número de terreiros no último levantamento realizado conforme dados da SMC do ano

de 2008, nesta pesquisa atingiu a quinta posição, com apenas 6,67% entre as nações pesquisadas.

Outro resultado que a pesquisa aponta, com relação as nações dos terreiros que integram a amostra, é de que 1/3 das casas são mesclas das nações originárias no RS, o que vem ao encontro do estabelecido por Tadvald (2016), quando destaca que, de certa forma, contribui para a miscigenação de fundamentos culturais.

Quanto ao estado civil dos entrevistados, os dados estão transcritos na Tabela 16.

Tabela 16 - Estado Civil dos Sacerdotes de matriz africana em Porto Alegre

Estado civil	Qtde	%
Casado	13	43,33%
Solteiro	7	23,33%
Separado	1	3,33%
União Estável	8	26,67%
Divorciado	0	0,00%
Viúvo	1	3,33%
Total	30	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Observa-se nessa questão, a qual envolve o estado civil dos responsáveis pelos terreiros, que os resultados apontam um percentual de 70% dos respondentes são casados ou possuem união estável.

Na sequência, outra questão que foi discutida, diz respeito ao grau de instrução dos sacerdotes de matriz africana em Porto Alegre, conforme pode ser observado na Tabela 17.

Tabela 17 - Instrução dos sacerdotes de matriz africana em Porto Alegre

Estado civil	Qtde	%
Fundamental Incompleto	4	13,33%
Fundamental Completo	4	13,33%
Médio Incompleto	2	6,67%
Médio Completo	8	26,67%
Superior incompleto	4	13,33%
Superior Completo	4	13,33%
Especialização	3	10,00%
Mestrado	0	0,00%
Doutorado	1	3,33%
Pós-Doutorado	0	0,00%
Total	30	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Do conjunto analisado, constata-se que os respondentes, detentores do saber, das práticas, do patrimônio cultural, com o passar do tempo estão constantemente tentando superar as dificuldades, conforme menciona Fonseca (2011), impostas pela exclusão social que vem desde a época da escravidão e uma delas é através da educação.

Uma outra indagação realizada às lideranças religiosas, referia-se ao fato de saber se o terreiro era filiado à alguma entidade federativa/associativa. A resolução encontrada nessa questão está exposta na Tabela 18.

Tabela 18 – Quantidade de terreiros filiados a entidades representativas

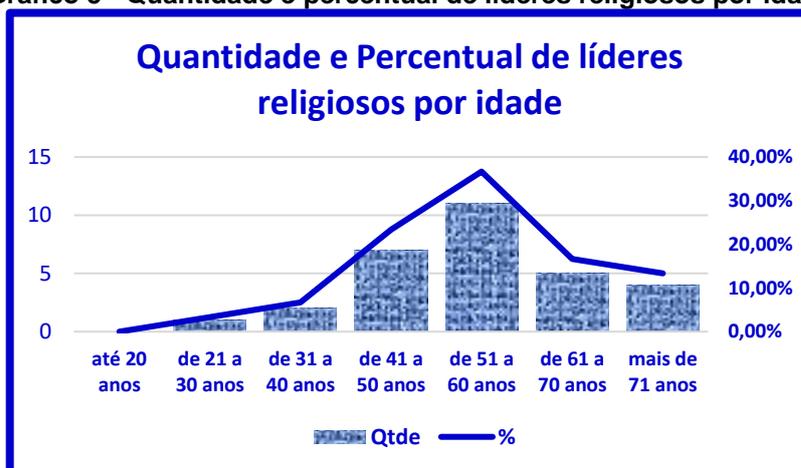
Entidade Federativa	Qtde	%
AFROBRÁS	6	20,00%
FAUERS	1	3,33%
AFRORITO	1	3,33%
FEBRAI	2	6,67%
AFROCONESUL	0	0,00%
FUNDAÇÃO MOAB CALDAS	0	0,00%
OUTRAS	5	16,67%
NÃO SOU FILIADO	15	50,00%
Total	30	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Uma informação importante que se obtém, com base na tabela retro, é de que 50% da amostra não é filiada à entidade alguma, na medida em que os outros 50% possuem uma concentração de filiação junto a AFROBRÁS, com uma representatividade na ordem de 20%.

A tendência da pesquisa aponta que a parcela de casas registradas nas entidades representativas está relacionada ao maior tempo de existência, ou seja, as casas fundadas no século XXI, não possuem essa prática voltada para filiação, talvez em função da limitação na atuação pela entidade representativa, sendo meramente burocrática, como confere Leistner (2009), ou em função do aumento da liberdade de crença, conforme menciona (PRANDI, 2003). No tocante a idade dos líderes religiosos de matriz africana, o seu resultado está representado no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Quantidade e percentual de líderes religiosos por idade



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Constata-se que o maior número de líderes está na faixa dos 51 aos 60 anos de idade, contendo 11 observações e representando 36,67%, sendo que a média de idade dos sacerdotes encontrada, conforme dados coletados durante a pesquisa e expostos no Gráfico 5, apontam para uma média de 54 anos de idade entre os participantes, praticamente a mesma média encontrada em 2008 pela SMC.

Importante mencionar que, na ocasião do levantamento realizado pela Secretaria da cultura de Porto Alegre entre os anos de 2006 e 2008, o religioso mais novo encontrado na ocasião possuía 20 anos de idade e o mais velho, 92 anos, sendo que a média de idade encontrada dos chefes religiosos era de 53 anos (PORTO ALEGRE, 2008).

Uma outra curiosidade era saber como os terreiros se mantinham, razão pela qual foi feita a indagação, no sentido de identificar se existia uma cobrança de mensalidade, taxa e/ou contribuição suportada pelos filhos para a manutenção do templo. O resultado encontrado está traduzido no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Percentual de templos que cobram mensalidades dos filhos de santo



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Conforme pode ser observado no Gráfico 6, praticamente a metade dos respondentes afirmam que instituem mensalidades aos seus filhos de santo, assim como doações de fiéis e arrecadação de fundos em eventos não religiosos são as principais fontes de renda da casa, como forma de assegurar a sua manutenção, na medida que a outra metade não cobra nenhum tipo de mensalidade.

Na sequência, foi questionado quais eram os limites de valores cobrados de seus filhos de santo, no tocante a valores cobrados a título de mensalidades.

Gráfico 7 – Valores cobrados a título de mensalidade



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Os resultados encontrados nessa etapa da pesquisa apontam para uma média de contribuição por adepto na ordem de R\$ 29,17 (vinte e nove reais e dezessete centavos), o que permite o entendimento de que cada terreiro arrecada mensalmente, em média, R\$ 2.129,41 (dois mil, cento e vinte e nove reais e quarenta e um centavos).

Diante de uma estimativa conservadora, a arrecadação total dos terreiros em contribuições dos seus filhos de santos, no período de um ano, importaria em um montante de R\$ 76.658.760,00 (setenta e seis milhões, seiscentos e cinquenta oito mil, setecentos e sessenta reais). Na estimativa moderada a arrecadação seria na ordem de R\$ 204.423.360,00 (duzentos e quatro milhões, quatrocentos e vinte e três mil, trezentos e sessenta reais), ao passo que em uma estimativa arrojada, o valor arrecadado em contribuições seria de R\$ 319.411.500,00 (trezentos e dezenove milhões, quatrocentos e onze mil, quinhentos reais).

Neste momento, busca-se trazer alguns comparativos para avaliar a aderência dos valores estimativos arrecadados anualmente em contribuições pelos terreiros.

Assim sendo, registra-se que, segundo a UOL Esportes, a corrida de Fórmula 1 em São Paulo movimentou, no ano de 2019, na economia do município, cerca de R\$ 334 milhões. A arrecadação em ingressos foi de R\$ 37,1 bilhões (UOL, 2019). Uma outra comparação é com a Festa da Uva, em Caxias do Sul, segundo informações da Comissão Comunitária da Festa da Uva, conforme publicação no Jornal Pioneiro, movimentou no ano de 2019, cerca de R\$ 165 milhões na economia Caxiense e R\$ 220 milhões na região. Foram 240 expositores e a criação de 300 empregos temporários (PIONEIRO, 2019).

Na sequência, o interesse foi identificar quantas Festas de Batuque são realizadas por ano nos templos pesquisados e o resultado desse questionamento consta da Tabela 19.

Tabela 19 - Número de festas por ano nos terreiros porto-alegrense

Festas por ano	Qtde	%
1 vez ao ano	10	33,33%
2 vezes ao ano	5	16,67%
3 vezes ao ano	7	23,33%
4 vezes ou mais ao ano	8	26,67%
Total	30	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

A média de festas realizadas por ano entre os terreiros é de 2,4 festa por ano e que, diante de uma estimativa conservadora que considera um total de 3.000 casas de religião de matriz africana em Porto alegre, o montante de festas que é realizado em um ano chega a um número de 7.200. No tocante a estimativa moderada, o total de festas no ano está estimado em 19.200 eventos. No caso de uma estimativa arrojada o número de festas seria na ordem de 30.000 eventos ao ano.

Uma vez identificada a quantidade de festas realizadas em um ano, busca-se indagar o número médio de pessoas que cada evento contempla, o que está descrito no Gráfico 8.

O número médio de participantes de uma Festa de Batuque, de acordo com às informações obtidas junto aos entrevistados, restou em, aproximadamente, 135 (cento e trinta e cinco) participantes e o demonstrativo de cálculo consta no Apêndice 9.

Gráfico 8 - Número de casas e quantidade de participantes por festa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Essa média foi calculada, levando-se em consideração o número médio de pessoas de cada categoria multiplicado pelo número de observações. O somatório desses resultados foi dividido pelo número total de casas pesquisadas.

No tocante ao gasto realizado em cada casa, as observações verificadas estão descritas na Tabela 20.

Tabela 20 – Gastos realizados por festa em cada casa

Gastos por festa	Quinzena	Festa Grande
até R\$ 5.000,00	20	3
de R\$ 5.000,01 a R\$ 10.000,00	6	12
de R\$ 10.000,01 a R\$ 15.000,00	2	5
de R\$ 15.000,01 a R\$ 20.000,00	2	2
de R\$ 20.000,01 a R\$ 25.000,00		1
acima de R\$ 25.000,00		7
Total	30	30

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Da tabela retro, conclui-se que a média de gastos encontrada para a realização de uma quinzena foi de R\$ 5.166,67 (cinco mil, cento e sessenta e seis reais e sessenta e sete centavos) e para a realização de uma festa grande é de R\$ 13.083,33 (treze mil, oitenta e três mil e trinta e três centavos), cuja média de gasto por festa se enquadra na ordem de R\$ 9.125,00 (nove mil, cento e vinte e cinco reais). A demonstração desses cálculos constam no Apêndice 10.

Diante do valor médio gasto por terreiro para realizar uma festa, se chegaria ao gasto anual na ordem de R\$ 65.700.000,00 (sessenta e cinco milhões e setecentos

mil reais), em uma expectativa conservadora. O gasto anual seria de R\$ 175.200.000,00 (cento e setenta e cinco milhões e duzentos mil reais), em uma expectativa moderada, enquanto o valor seria de R\$ 273.750.000,00 (duzentos e setenta e três milhões, setecentos e cinquenta mil reais), em uma expectativa arrojada. Esses valores foram obtidos mediante a multiplicação do gasto médio por festa pelo número médio de festas que são realizadas em cada terreiro por ano. O resultado é multiplicado pelo número estimado de casas de religião de matriz africana para cada cenário.

No tocante a identificação de quem são os participantes nos dias de festas, foi informado pelos sacerdotes que são os seus filhos de santo, simpatizantes e convidados, responderam, ainda, que nas datas em que são realizadas as festas são encaminhados, antecipadamente, convites a outros terreiros, extensivos aos membros daquela família religiosa para participarem do evento. Apenas um único respondente informou que nas suas festas somente seus filhos participam.

Para a realização de uma festa, acreditava-se que eram necessários contratar alguns serviços específicos, ou seja, mobilizar um grupo grande de pessoas, as quais são possuidoras de habilidades destacadas que atendem aos interesses dos contratantes. Nesse sentido foi solicitado que os sacerdotes listassem, no máximo, 10 (dez) serviços que contratam quando da realização de uma festa, o que pode ser observado no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Serviços contratados para uma Festa de Batuque



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

No Gráfico 9, relação dos serviços contratados pelos sacerdotes respondentes e estão disponibilizados da seguinte forma, a maior incidência apontou que 8 sacerdotes dos 30 entrevistados mencionaram contratar Tamboreiro, e a menor incidência apontou contratar artesão para uma festa. Outros serviços foram apontados pelos sacerdotes, mas pelo fato de terem apenas uma observação, foram desconsiderados na apresentação do presente gráfico.

Do exposto, fica evidente que diversas atividades são imprescindíveis para a concretização do evento. Entre os serviços listados, percebe-se que muitos dos profissionais mencionados integram o ambiente informal da economia do Batuque e que, segundo a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2005), são fontes potenciais de geração de emprego e renda.

Gráfico 10 – Estabelecimentos comerciais que interagem com a Festa



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Na apresentação do gráfico acima, são apresentados os estabelecimentos comerciais que interagem com a festa segundo os Sacerdotes. Entretanto, destaca-se o fato de que não foram considerados os estabelecimentos apontados que tiveram apenas uma citação.

No tocante aos insumos utilizados em uma festa de batuque foi solicitado aos entrevistados que listassem os dez insumos mais significativos para um evento religioso, sendo o resultado o constante no gráfico a seguir. Para isso, foi elaborado o Gráfico 11.

Para a elaboração do presente gráfico, levou-se em consideração apenas os itens que tiveram mais de uma observação, sendo descartados aqueles que continham apenas uma citação.

Gráfico 11 – Os insumos utilizados em uma Festa de Batuque

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

O item que recebeu 13 indicações apontou que 43,33% dos sacerdotes mencionaram a necessidade de aves para a realização de uma Festa de Batuque, seguido de flores, insumo que recebeu 12 indicações, na medida em que verduras, refrigerante, doces e carnes apresentaram a mesma pontuação, representando a indicação de 33,33% dos respondentes. Assim como os dois gráficos anteriores, as citações que obtiveram apenas uma observação foram desconsideradas para fins do presente trabalho.

A seguir, o resultado do questionamento realizado aos sacerdotes sobre o fato de possuírem outro vínculo profissional, além do tempo dedicado ao terreiro, o resultado está transcrito no Gráfico 12.

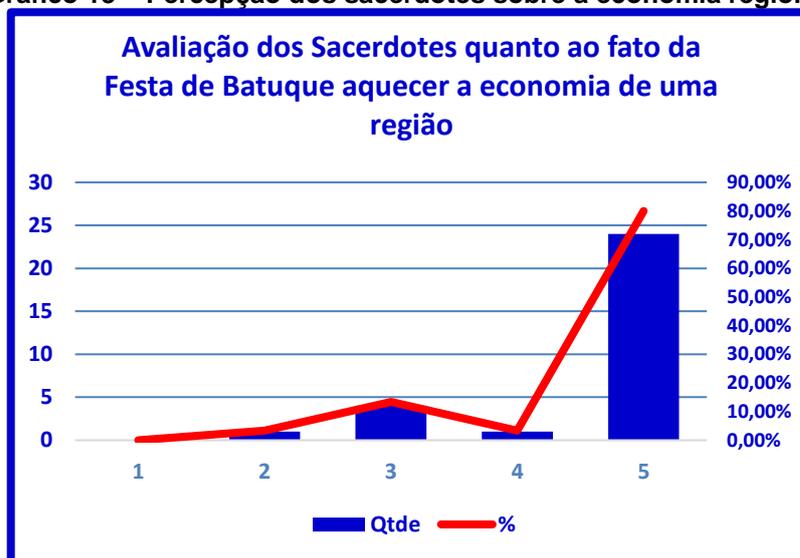
Gráfico 12 – Percentual de sacerdotes que possuem outro vínculo profissional

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Quanto ao fato de interrogar os líderes religiosos se desempenhavam outra atividade além da de sacerdote, 67% dos respondentes informaram que não desempenham outra atividade profissional, além da dedicação, em tempo integral, ao terreiro.

Na sequência foi realizada uma pergunta aos entrevistados, com o propósito de investigar se eles acreditavam que a Festa de Batuque representa uma oportunidade de aquecimento para a economia de uma região, levando-se em consideração uma escala *likert* de 1 a 5, onde o 1 destina-se à nenhuma oportunidade e o 5 para muita oportunidade.

Gráfico 13 – Percepção dos sacerdotes sobre a economia regional



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Os resultados apresentados no Gráfico 13 sinalizam que a totalidade dos entrevistados afirmaram que a festa representa um fator importante para o desenvolvimento da economia de uma região. Observa-se do gráfico que 80% dos respondentes apontam para o fato de que a Festa de Batuque apresenta muita oportunidade para a economia de uma região.

Uma outra questão discutida com os sacerdotes buscava descobrir a sua percepção, no que diz respeito ao fato de que a Festa de Batuque seria um bem cultural e se é importante para a sociedade. Para a resposta foi apresentado uma escala de 1 a 5, em que 1 não é importante e o 5 é muito importante. O resultado desse questionamento está transcrito no Gráfico 14.

Gráfico 14 - Percepção dos sacerdotes sobre o bem cultural



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Quanto a local de residência dos seus filhos de santos, todos os sacerdotes foram unânimes ao informarem possuir filhos de santo em Porto Alegre, uma grande maioria afirmou possuir filhos que residem nas cidades da região metropolitana. Outros Sacerdotes possuem filhos em cidades do interior do RS como Santa Maria Lajeado, Santa Cruz do Sul, Montenegro, Venâncio Aires, Rosário do Sul, São Gabriel e Passo Fundo, além de cidades em outros estados como Recife, Belém do Pará, São Paulo, Florianópolis e até em outros Países como Uruguai, Argentina e Finlândia.

O que implica dizer que quando da realização de festas, existe a necessidade de deslocamentos desses até Porto Alegre, além dos gastos que estão associados a locomoção, além de estadia e alimentação, vindo ao encontro de Oro (2012), quando afirma que as religiões praticadas nos terreiros se tornaram universais e transnacionais.

Uma das particularidades observadas pelos sacerdotes, faz referência ao fato que o convívio em coletividade e a receptividade independe do grau de parentesco e, até mesmo da classe social a que pertencem, pois essas questões não são levadas em consideração, pois no momento em que estão integrados ao terreiro, passam a fazer parte de uma comunidade de axé, em que a hierarquia relacionada ao respeito ao mais velho, são elementos essenciais para a manutenção da cultura perpetuada de geração a geração, de forma oral.

No tocante a intolerância religiosa todos foram unânimes em afirmar que ainda existe nos dias de hoje e de que essa não é recente e, pode ser observada conforme quadro a seguir:

Quadro 27 - Depoimentos de sacerdotes referente ao racismo religioso

Entrevistado	Manifestação de Pais de Santo sobre o racismo religioso
Bábá Hendrix de Òrúnmilá	Vivemos numa sociedade em que um dos pilares estruturais é o cristianocentrismo que é exclusivista e maniqueísta, assim tudo o que não é cristão se torna vítima de intolerância religiosa, mas como as tradições de matriz africana são de origem negra, sofrem também com outro pilar estruturante, o racismo. Assim, essas tradições sofrem duplamente.
Mãe Fernanda	Sim, pois ainda hoje muitas pessoas por não saberem como procede e o porquê de cada ritual falam mal. Ou até mesmo denunciam quando muitas é tão parecida quando qualquer outra religião com suas cresças e costumes.
Pai Gelson de Bará Lanã	Sim, a religião africana ainda é muito discriminada. Em momento específico já sofri com isso, em um "passeio" que normalmente é feito no término de uma obrigação, acabei sendo discriminado pelo padre e pelo ajudante, na qual tentaram impedir de entrarmos, eu e os meus filhos de Santo dentro da igreja católica. Algo que sempre é feito, pelo fato de estarmos com as vestimentas de religião, cabe ressaltar que nenhuma afronta contra a igreja foi feita. Foi somente a intolerância escancarada das pessoas.
Ialorixá Vilma de Oxum	Ainda -sofremos intolerância religiosa, de maneira criminosa com ataques aos Ilês Ainda- somos discriminados por nossas vestes. Ainda temos pouco ou quase nada de visibilidade na mídia. Ainda não é vista com bons olhos a religião de Matriz Africana infelizmente muitos tem como um culto macabro
Pai Luiz de Ogum Adiolá	O Preconceito é grande. Acredito que este preconceito acontece por falta de conhecimento da religião africana por muitas pessoas de vários segmentos religiosos e sociais. Tenho a plena certeza de que se este assunto fosse tratado com respeito e dedicação nas escolas, se as associações africanas promovessem uma maior divulgação através de Seminários abertos a toda população, teríamos um melhor entendimento sobre o assunto em questão. Nesse caso não entraríamos no âmbito dos fundamentos da religião e sim na história do povo africano.
Iara Regina de Azevedo	Somos perseguidos. Nossa religião não é aceita integralmente na sociedade.

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

De acordo com os depoimentos dos líderes religiosos constantes no Quadro 26, é notório que o racismo religioso ocorre na atualidade, situação essa que dissemina a perseguição, um fenômeno social que angustia os seus adeptos. Segundo a própria ONU, os praticantes das religiões de matrizes africanas foram centro de perseguições por revelarem a sua fé, desde quando foram trazidos para o Brasil de forma violenta provindos do continente Africano.

Importante neste ponto registrar as concepções de raça e racismo produzidas por Almeida (2018) quando estabelece que raça é uma construção moderna em que classifica os seres humanos, tornando o homem um objeto de estudo da biologia e da física. Na medida em que para defender o racismo recorre à natureza de discriminação racial, a qual se refere às distintas condutas adotadas junto a pessoas integrantes de

determinados grupos raciais. O exercício da discriminação racial é lastreado nos relacionamentos de poder que certos grupos possuem, desfrutando de benefícios que essa classe proporciona. Para o autor, o racismo se concretiza mediante a discriminação racial estruturada, edificando-se como uma metodologia através da qual a conjuntura de benefícios se apresentam entre as classes e se exteriorizam através dos territórios políticos, institucionais e econômicos (ALMEIDA, 2018).

Discutido neste tópico as questões que envolvem as percepções dos sacerdotes religiosos, no tocante as unidades territoriais tradicionais de matriz africana, no próximo tópico a proposição de debate diz respeito as atividades econômicas que interagem com a cultura.

4.5. O mercado da fé e o trabalho informal

Neste tópico, procura-se retratar o caráter dinâmico que a Festa de Batuque exerce na sociedade, uma vez que estimula diversas atividades econômicas, as quais comercializam produtos e atividades humanas, cuja principal finalidade é a de criar, expressar, interpretar, conservar e transmitir conteúdos simbólicos, vindo a desempenhar um papel importante na economia.

Nesse sentido, diante das informações obtidas junto às associações representantes dos terreiros entrevistadas e aos responsáveis pelos terreiros visitados, pretende-se demonstrar a inter-relação da Festa de Batuque e os respectivos setores deles derivados. Para isso, procura-se, neste ponto, apontar aquelas atividades econômicas que possuem relação profissional de característica formal e informal.

Floras

Após pesquisa junto à Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC), da Prefeitura de Porto Alegre, foram constatadas, conforme Apêndice 13, um número total de 111 estabelecimentos comerciais desse segmento devidamente registrados e regulares na cidade, isto é, possuidores de Alvarás de Funcionamento.

Do total de estabelecimentos comerciais cadastrados juntos à SMIC, os questionamentos foram realizados a 05 das casas possuidoras de alvará de funcionamento. Importante destacar a dificuldade existente para o agendamento de

entrevistas. De posse da lista de estabelecimentos habilitados, foram realizados diversos contatos telefônicos, com o propósito de agendar uma visita para a realização das entrevistas, mas sempre ficavam de retornar e, esse retorno, nunca acontecia.

Várias foram as tentativas, tentou-se, inclusive, em um determinado momento o envio de e-mail às floras, mas também não se logrou, razão pela qual o número de entrevistados foi delimitado em função da acessibilidade. As respostas só foram obtidas junto aos estabelecimentos que são de conhecimento do pesquisador.

Entre os estabelecimentos mercantis questionados, obteve-se a informação de que a área ocupada compreendia, em média, 50 m² e a área total, encontrava-se dividida da seguinte forma: uma área para atendimento com locais para exposição de produtos, uma área de estoque e o escritório. Segundo os respondentes os seus clientes são filhos de santos, pais e mães de santos e simpatizantes em geral. Na Figura 33, foto da fachada da Flora da Bela, uma das integrantes da pesquisa.

Figura 33 – Foto da fachada da Flora da Bela



Fonte: do acervo pessoal do autor

O número de empregados varia de estabelecimento para estabelecimento, os estabelecimentos respondentes que possuem suas instalações no bairro centro, em um total de 02 (dois), afirmaram possuir uma estrutura de pessoal, conforme segue: 01 (um) gerente, 02 (dois) atendentes e 01 (um) caixa. Já os outros 03 (três) estabelecimentos pesquisados estão localizados nos seguintes bairros: Parque dos Maias, Rubem Berta e Partenon. A operação ocorria com 01 gerente/proprietário que ocupa, simultaneamente, a função de caixa e 01 (um) atendente.

Do exposto, permite-se inferir que a média de empregos gerados pelas floras é de 2,8 funcionários por estabelecimento.

Figura 34 – Foto do interior da Flora da Bela



Fonte: pertencente ao acervo pessoal do autor

Considerando a média verificada de empregos gerados por flora, multiplicado pelo número de estabelecimentos existentes, chega-se a um número de 310 empregos gerados diretamente por esse segmento do comércio na cidade de Porto Alegre.

Após análise dos dados coletados, chegou-se à conclusão de que não há uma uniformidade entre os respondentes, no tocante à um período específico de maior movimento durante o ano, visto que dois dos respondentes informaram que o mês de maior movimento em seus estabelecimentos é o mês de janeiro por influência da festa em comemoração ao dia de Iemanjá que ocorre no dia 02 de fevereiro. Outros dois informaram que o melhor mês é o de abril, período em que ocorre a comemoração para Ogum, que no sincretismo está relacionado ao São Jorge. E, por fim, um deles menciona o final de novembro e início do mês de dezembro, por ocasião das comemorações dos dias de Iansã (04 de dezembro) e de Oxum (08 de dezembro).

Nos demais meses existe uma redução no volume de vendas, mas essa redução permite que os gastos necessários para manter a operação do estabelecimento em andamento sejam cobertos ao longo do período.

Entre os produtos mais comercializados nas floras para as Festas de Batuque, foi solicitada a indicação de 10 produtos mais vendidos pelos estabelecimentos e, na

lista a seguir, constam os produtos que obtiveram mais de uma indicação, com a respectiva informação de preço mínimo e máximo encontrado.

Produto	Unidade	Mínimo	Máximo
Imagem média	Peça	R\$ 25,00	R\$ 30,00
Vela média	Pacote	R\$ 15,00	R\$ 22,50
Quartinha	Peça	R\$ 13,00	R\$ 32,20
Alguidar	Peça	R\$ 18,00	R\$ 25,00
Gamela	Peça	R\$ 12,90	R\$ 23,00
Búzios	Peça	R\$ 0,30	R\$ 0,50
Guia (colar de miçanga)	Peça	R\$ 3,00	R\$ 4,50
Vasilha	Peça	R\$ 16,00	R\$ 37,00
Ferramentas	Peça	R\$ 1,20	R\$ 1,80
Manteigueira	Peça	R\$ 13,00	R\$ 25,00

No tocante ao faturamento mensal, a média obtida entre as floras entrevistadas foi na ordem de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais), o que totaliza uma arrecadação ano no valor de R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais). Quanto ao número médio de clientes atendidos por dia, foi encontrado entre os entrevistados um número médio de 19 atendimentos a clientes por dia, o que sinaliza uma média mensal de 418 clientes atendidos mês.

Quanto ao gasto médio estimado por cliente, os respondentes apontaram um valor médio de R\$ 60,00 (sessenta reais) por compra, o que é coerente com a média obtida entre a divisão do faturamento mensal pela média mensal de atendimentos que resulta em R\$ 59,80 (cinquenta e nove reais e oitenta centavos) por compra.

Essas empresas possuem as características necessárias para o enquadramento no simples nacional em função do seu faturamento anual. Os impostos atribuídos a esse tipo de enquadramento é de 7,3% sobre o faturado, o que resulta em um valor de R\$ 21.900,00 (vinte e um mil e novecentos reais) ano, a título de tributos que são recolhidos por estabelecimento.

Aviários

Após pesquisa junto a SMIC foram constatadas que existem registradas em Porto Alegre, conforme Apêndice 14, somente treze estabelecimentos comerciais

destinados a venda de animais que são utilizados para os rituais que integram as Festas de Batuque.

Entre os estabelecimentos comerciais credenciados que se destinam a comercialização de animais para a prática de rituais de matriz africana, apenas dois participaram da pesquisa. Observou-se que o faturamento médio mensal é de aproximadamente R\$ 30.000,00 (trinta mil reais), o que totaliza um valor ano de R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais). O número médio de pessoas atendidas ao mês é de aproximadamente 176 pessoas, o que dá em média 8 pessoas por dia.

O gasto médio por pessoa foi estimado em, aproximadamente, R\$ 170,00 (cento e setenta reais). No tocante a carga tributária, os aviários também se enquadram no Simples Nacional, o que propicia ao governo uma arrecadação anual na ordem de R\$ 26.280,00 (vinte e seis mil, duzentos e oitenta reais).

Segundo os respondentes, a grande maioria dos seus clientes são sacerdotes dos cultos de matriz africana que fazem encomendas de animais, os quais serão sacralizados nas Festas de Batuque. O número médio de empregados dos estabelecimentos respondentes é de quatro (04) pessoas, sendo um (01) gerente/proprietário, dois (02) atendentes e um (01) motorista/entregador, sendo este último aquele funcionário que faz a entrega dos animais nos terreiros. O gerente ocupa também a função de caixa. Partindo do pressuposto que cada estabelecimento possui 04 (quatro) funcionários em média e considerando a existência de 13 estabelecimentos registrados em Porto Alegre, pode-se dizer que esses estabelecimentos empregam 52 (cinquenta e dois) funcionários.

Entre os produtos mais comercializados os estabelecimentos consultados mencionaram:

Produto	R\$
• Galinhas	R\$ 35,00 unidade
• Galos	R\$ 50,00 unidade
• Angolistas	R\$ 220,00 casal
• Pombos	R\$ 15,00 unidade
• Cabrito	R\$ 450,00 unidade
• Cabrita	R\$ 400,00 unidade
• Carneiro	R\$ 650,00 Unidade
• Ovelha	R\$ 500,00 unidade
• Patos	R\$ 250,00 o casal
• Carvão	R\$ 18,00 saco de 10 kg

Uma vez listados os dez produtos mais comercializados, na Figura 35, foto de alguns desses produtos.

Figura 35 – Foto de alguns produtos comercializados pelos aviários



Fonte: Arquivo Aviário Origem da Fé

Os aviários visitados possuíam em média uma área destinada a exposição das aves, devidamente cercadas, separados internamente por tipos de aves e mais um local no fundo do terreno destinado a exposição dos quadrúpedes, sendo que estes são adquiridos apenas sob encomenda, existindo ainda mais uma área para atendimento com locais para exposição de produtos como mel e ovos, além de uma área para o escritório.

Tamboreiros

Após trazer algumas características sobre as floras e os aviários, importante referenciar uma figura importante na realização de uma Festa de Batuque que é o Tamboreiro, também conhecido como Alagbê, pois se trata do profissional responsável pelos toques rituais e o canto dos oríns (rezas), os quais são realizadas para saudação aos Orixás.

Entre os tamboreiros entrevistados, em um número de três, constatou-se que nenhum deles possui vínculo profissional com as terreiras em que desenvolvem suas atividades de toque do tambor, tampouco com nenhuma outra organização alheia ao ambiente da Festa de Batuque, o que significa dizer que sustentam a si e a seus familiares, com os valores recebidos pelo toque.

Outro fato importante comentado pelos entrevistados é sobre a forma que alguns profissionais se utilizam de artifícios para alavancarem seus rendimentos, onde

citaram, por exemplo, que alguns tamboreiros acabam sendo instrutores de futuros profissionais, mediante a cobrança de uma taxa mensal pelo conhecimento repassado. Informaram, inclusive, da existência de escolas de formação de alagbês.

Conforme os entrevistados, eles são contratados, em média, para cinco (05) festas por mês. Quando contratados para a realização de um toque (festa), os valores que serão praticados são ajustados previamente, assim como a data e horário de início. A festa, segundo os entrevistados, tem uma duração média de aproximadamente 7 horas. O valor médio praticado pelos entrevistados ao assumirem a responsabilidade em conduzir a festa varia entre R\$ 600,00 (seiscentos reais) e R\$ 1.000,00 (um mil reais) por noite, independente da natureza do evento.

Na Figura 36, banner de divulgação de trabalhos de dois dos profissionais tamboreiros que participaram da entrevista, o Alagbê Vinícius de Oxalá, residente à rua Bispo João Scalabrini, 415, ap. 202, Bairro Jardim Itú-Sabará, Porto Alegre e o Alagbê Pantiovila D'Oxalá, residente na Estrada das Quirinas, 315, Parada 24 Lomba do Pinheiro, Porto Alegre. O terceiro entrevistado foi o Alagbê Luis Henrique de Ogum, residente no Beco Cecílio Monza, número 870, Bairro Restinga, na cidade de Porto Alegre.

Figura 36 – Banners divulgando trabalho de Alagbês



Fonte: Arquivo gentilmente cedido pelo Alagbê Vinícius de Oxalá

Para os respondentes, existe um período específico do ano em que as Festas de Batuque ocorrem em menos quantidade ou até mesmo não ocorrem, sendo mencionado por estes, o período da quaresma.

Uma questão que foi pautada pelos entrevistados, sinaliza para a ascensão das “equipes” na condução das Festas de Batuque em substituição ao tamboreiro tradicional. Essa “equipe”, quando contratada, oferece aos seus contratantes um pacote de serviços que compreende na performance musical (toques e cânticos) a participação de dois ou três tamboreiros, mais dois ou três tocadores de agês, inclui, ainda, em algumas situações, a cedência de aparelhos eletrônicos como, caixas de som e microfones.

Os preços praticados por uma “equipe” são superiores aos cobrados pelos tamboreiros tradicionais. Entretanto, para fins de mensuração do valor da Festa de Batuque, bem como estabelecer o quantitativo dos profissionais contratados por ano, as informações referente as “equipes” não foram consideradas.

Por outro lado, dois dos três respondentes informaram que são filiados a AFROBRÁS, entidade que mantém registro desses profissionais e que conhecem muitos outros profissionais que não possuem inscrição alguma. Os respondentes não souberam informar o número de profissionais desse segmento, assim como não souberam precisar qual o número de casas de religião existentes em Porto Alegre, limitaram-se a informar que são muitas. No tocante ao número médio de frequentadores das festas em que são contratados, informaram se tratar de, aproximadamente, umas 200 pessoas ou mais, por festa.

Os entrevistados informaram que o interesse pelo aprendizado no toque do tambor vem desde criança e atuam profissionalmente há mais de 30 anos. Quanto ao grau de instrução dos respondentes um (01) possui o ensino médio completo, um (01) está cursando o ensino superior e o outro possui o ensino fundamental incompleto.

Costureiras

Para obter informações sobre essa atividade, foi entrevistado uma costureira cuja especialidade é a confecção de axós para os participantes das Festas de Batuque. Em sua fala inicial comentou que, em média, os adeptos da cultura de matriz africana em Porto Alegre confeccionam, uma vestimenta por ano.

Segundo a costureira entrevistada que reside na Rua Gaivota, 232, Bairro Jardim Carvalho, na cidade de Porto Alegre, conhecida pelo nome social de Lú D’Ogun, afirma que a confecção das vestimentas, em termos de gênero, tem uma

proporcionalidade de 2 por 1, isto é, para cada axó confeccionado para um adepto de sexo masculino, dois são realizados para adeptos do sexo feminino, por ano.

Segundo a entrevistada, os preços praticados dependem muito do modelo e tecido utilizado, mas que variam no seguinte sentido, no caso dos modelos masculinos os preços oscilam de R\$ 150,00 a R\$ R\$ 600,00, enquanto os femininos variam entre R\$ 200,00 a R\$ 850,00. Os valores médios praticados são de R\$ 375,00 e de R\$ 525,00, para axós masculinos e femininos, respectivamente.

No tocante ao tempo estimado para sua confecção a entrevistada informa que os tempos variam de acordo com os modelos escolhidos e, forneceu um tempo médio para a elaboração das vestimentas, de acordo com cada etapa desse processo, conforme Quadro 28, a saber:

Quadro 28 – Tempo médio de confecção de axós

Etapa da confecção	Tempo Masc.	Tempo Fem.
Desenho/projeto	60 min	60 min
Molde	30 min	30 min
Corte	45 min	45 min
Montagem/Costura	2 h e 30 min	3 h 30 min
Prova	30 min	30 min
Ajuste/Acabamento	1h 30 min	2 h 30 min
Total	6 h 45 min	8 h 45 min

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Com base no quadro acima, observa-se que uma roupa masculina leva, em média, 405 minutos para ser elaborada, ao passo que a feminina, em média, leva 525 minutos

Artesãos

Dentre muitos artesãos que existem e desenvolvem seus produtos para atender a comunidade pertencente a religião de matriz africana e, em função da acessibilidade ao entrevistado, o escolhido para responder as indagações referente a seara que envolve o artesanato foi o artista plástico Bruno Moraes, proprietário do Ateliê DecorAxé, profissional que em suas obras utiliza o gesso para criar imagens de Orixás e máscaras africanas.

O artesão, em resposta a um dos questionamentos formulados, informou que possui formação superior, mas se dedica única e exclusivamente ao trabalho

artesanal que é voltado para atender a demanda dos adeptos da religião de matriz africana. Entre seus clientes estão os sacerdotes e filhos de santos, informou ainda que o tempo dedicado para a criação de suas obras é de, aproximadamente, 15 horas diárias, de segunda a sexta-feira.

Figura 37 - Peças em gesso criada pelo artesão entrevistado



Fonte: Arquivo gentilmente cedido por Bruno Moraes

Segundo o entrevistado, seu trabalho é devidamente registrado junto aos órgãos competentes e o seu Ateliê possui alvará de localização, recolhendo os tributos atinentes a atividade. No tocante a arrecadação realizada proveniente da venda dos produtos produzidos, a renda mensal média atribuída à atividade é na ordem de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais).

Com relação ao volume de adquirentes de suas obras, o respondente estima que 45% dos adeptos das casas de religião de matriz africana que visita compram os seus produtos, sendo que o número de produtos vendidos mensalmente é em torno de 120 peças. Os pedidos realizados são feitos quando da visita a terreiros e, a maior parte, através dos pedidos realizados através das redes sociais.

Por outro lado, o respondente informou que conhece muitos outros artistas que disseminam a cultura de matriz africana através da arte, os quais possuem uma outra proposta, como por exemplo, profissionais que trabalham a cultura através da pintura em telas, outros na produção de artefatos indispensáveis para a realização dos rituais, e tantos outros.

Publicidade/Fotografias

Das atividades que estão ligadas à cultura de matriz africana está inserida, inclusive, a publicidade. Entre os integrantes deste segmento o entrevistado foi o Sr. Rafael, Sócio-diretor do Jornal Grande Axé. Na entrevista concedida em 22/12/2020, via whatsapp, o respondente mencionou que o foco do seu negócio é a divulgação específica de eventos voltados para a cultura de matriz africana.

Segundo afirma o respondente, na área de atuação que envolve o jornal possui apenas um outro *player*, o Jornal Hora Grande. Entretanto, no que concerne a *“chamada mídia, em cobertura fotográfica, não temos como mensurar, pois, atualmente são inúmeros profissionais independentes”* (RAFAEL, 2020).

No tocante aos serviços de divulgação e publicidade, os funcionários contratados são de um total de cinco, sendo dois diretores e três funcionário fixos (fotógrafos). Existem ocasiões em que são contratados freelancers (fotógrafos), e houve momentos que já se atingiu o número de 18 profissionais no mesmo dia.

O faturamento anual está estimado na ordem de R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais), sendo que os seus clientes não são somente de Porto Alegre, na realidade estão localizados em todo o estado do RS, assim como em Santa Catarina, além de clientes no Uruguai, Argentina e Chile.

Por fim, o respondente informa que ao longo dos últimos 5 anos, os serviços contratados aumentaram consideravelmente, exceção feita ao ano de 2020, que foi afetado de forma abrupta diante da pandemia, o que fez com que a média fosse reduzida.

Quanto a redução de faturamento, a manifestação do Sr. Rafael foi a seguinte:

“apesar da redução, se mantém relativamente estável. Nos anos anteriores a 2020 a contratação dos serviços prestados pelo Jornal vinha aumentando. Antes da pandemia expectativa de contratação desse tipo de serviço era de 40% do volume total de festas que eram realizadas em Porto Alegre (RAFAEL, 2020).

Quanto aos valores cobrados para realizar a cobertura de uma festa, o Sr. Rafael informa que os valores praticados estão entre R\$ 400,00 (quatrocentos reais) e R\$ 500,00 (quinhentos reais), resultando uma média de R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais), por evento.

Outras atividades que se relacionam com a Festa de Batuque

Muito embora não se tenha recorrido sobre todas as atividades e estabelecimentos que se relacionam com a Festa de Batuque, importante mencionar que esse patrimônio imaterial também está inserido no processo de globalização, uma vez que a difusão de sua realidade, assim como de seus produtos, vem se esparramando na rede mundial de computadores, onde se observa uma vasta gama de sitios que comercializam objetos e serviços dos mais variados. Conforme pode ser observado na figura 38.

Figura 38 - Banners divulgando produtos e anúncios de prestadores de serviços



Fonte: extraído do site Batuque RS

Nas pesquisas realizadas via internet se descobriu, inclusive, a existência de uma operadora de cartões de crédito a Axé Brasil, inaugurada no ano de 2019, no RS, e que lançou uma linha de cartões de crédito diferenciada orientada ao consumo, a qual foi construída a partir da perspectiva do desenvolvimento regional.

Figura 39 - Cartões de crédito Axé Brasil



Fonte: Site da Axé Brasil

Importante mencionar que em alguns sites visitados, muitos procuram não demonstrar preocupação com a veracidade das informações que propagam, enquanto

outros divulgam, propositadamente, informações falsas para adquirirem vantagens comerciais.

Por fim, do exposto, fica evidente que a Festa de Batuque, PCI, gera emprego e renda e, no quadro a seguir, é apresentado a estimativa de geração de emprego e renda desse PCI.

Tabela 21 – Estimativa de geração de emprego e renda

Profissão	Emprego gerado			Renda gerada		
	Conservadora	Moderadora	Arrojada	Conservadora	Moderadora	Arrojada
Sacerdotes	2.010	5.360	8.375	R\$ 76.658.760,00	R\$ 204.423.360,00	R\$ 319.411.500,00
Floras	310	310	310	R\$ 33.300.000,00	R\$ 33.300.000,00	R\$ 33.300.000,00
Aviários	52	52	52	R\$ 4.680.000,00	R\$ 4.680.000,00	R\$ 4.680.000,00
Tamboreiros	120	320	500	R\$ 5.760.000,00	R\$ 15.360.000,00	R\$ 24.000.000,00
Costureira	372	993	1551	R\$ 57.563.775,00	R\$ 153.504.825,00	R\$ 239.852.100,00
Artesão	460	1.229	1.920	R\$ 27.600.000,00	R\$ 73.740.000,00	R\$ 115.200.000,00
Publicidade/Fotógrafo	240	640	1000	R\$ 1.296.000,00	R\$ 3.456.000,00	R\$ 5.400.000,00
Total	3.657	9.151	13708	R\$ 206.858.535,00	R\$ 488.464.185,00	R\$ 741.843.600,00

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Na Tabela 21, observa-se o volume de emprego e renda gerado, o qual é considerável, tanto se for levado em conta a estimativa conservadora, assim como a moderada e a arrojada. Os demonstrativos de cálculos que permitem apurar a origem dessas informações constam do Apêndice 16, assim como na seção 5.1.1, constam detalhamentos sobre as profissões elencadas.

De todo o exposto, pode-se inferir que a renda gerada por essa cultura promove o desenvolvimento de uma região e contribui para a sustentabilidade de várias indústrias, assim como de diversos prestadores de serviços, sejam eles artesãos, costureiras, entre outros.

4.6. Os consumidores do patrimônio cultural

Com o propósito de se obter uma visão panorâmica e integral do estudo, e até mesmo antes de se mesclar os resultados quantitativos e qualitativos obtidos, se faz necessário estruturar os dados e entender a natureza destes. Nesse sentido procura-se demonstrar neste tópico, o perfil dos consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre, objeto de análise.

Nesse contexto, para que se obtivesse um número adequado de respondentes, que representassem uma amostra significativa da população alvo, decidiu-se determinar o tamanho da amostra de forma estatística, e nessa definição, levou-se

em conta uma população desconhecida com uma proposta de alcance do nível de confiança em 95%, e uma margem de erro de 5%.

Nesse sentido, o tamanho da amostra foi determinado em 385 observações e, para se chegar a esse resultado, foi necessário utilizar a seguinte fórmula:

$$n = \frac{Z^2 \alpha/2 \times p \times q}{E^2} \quad (11)$$

Onde:

n = Tamanho da amostra

Z $\alpha/2$ = Valor crítico para um grau de confiança de 95%.

p = Proporção populacional de indivíduos que estamos interessados em estudar.

q = Proporção populacional de indivíduos que NÃO estamos interessados em estudar (q = 1 – p).

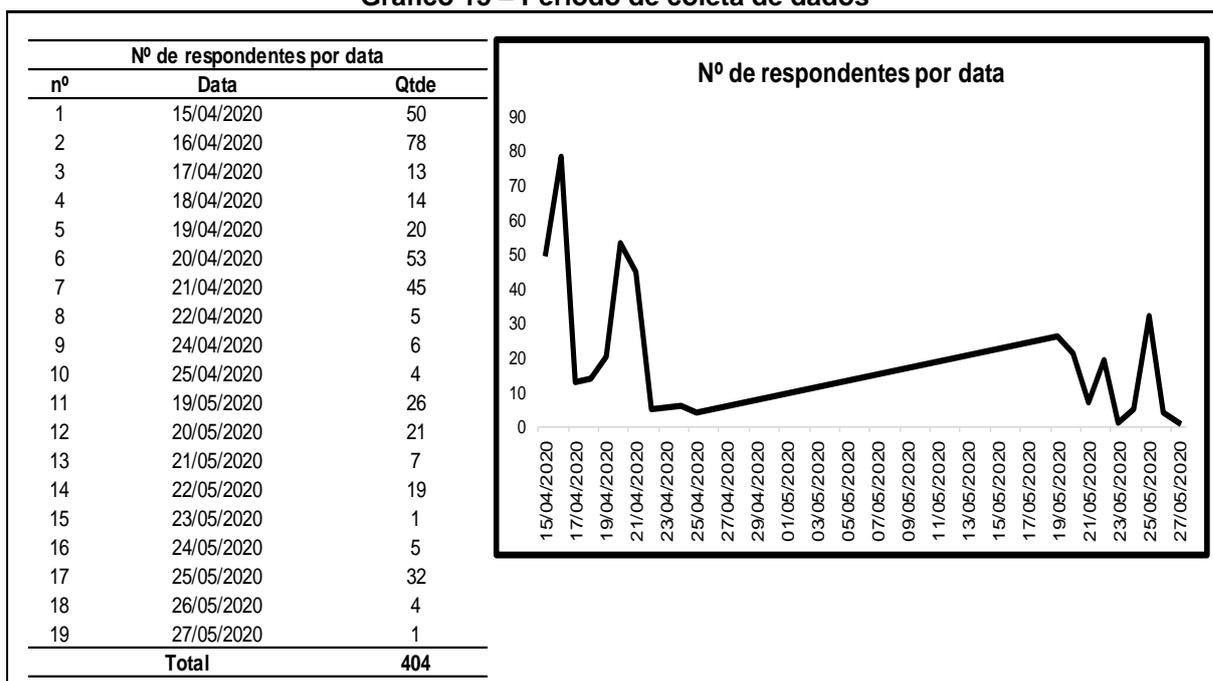
E = Margem de erro. Identifica a maior diferença entre a proporção amostral e a verdadeira proporção populacional (p).

Com base nisso, foram aplicados 404 (quatrocentos e quatro) questionários, dos quais 12 (doze) foram excluídos, sendo 8 (oito) por duplicidades no preenchimento e 4 (quatro) por incompletude.

Importante mencionar que, em função do processo de isolamento social determinado por autoridades de saúde, a forma de coleta de dados seria realizada presencialmente, entretanto, teve que ser adaptada e aplicada através da utilização do questionário *Google Forms*, sendo empregada a técnica “bola de neve”, a qual, segundo Malhotra (2012), esclarece ser um tipo de amostragem em que inicialmente se escolhe um grupo inicial de respondentes de forma aleatória, aos quais são solicitados a necessidade de identificação de outros possíveis respondentes que pertençam a população alvo.

Os respondentes subsequentes são determinados em função dessas referências fornecidas. Esse processo ocorre em ondas sucessivas, obtendo as informações necessárias a partir da indicação de novos possíveis respondentes, o que caracteriza o efeito bola de neve. Para verificar o comportamento da coleta de dados, no gráfico a seguir, consta o período em que os dados foram coletados.

Gráfico 15 – Período de coleta de dados



Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

A coleta teve seu início no dia 15/04/2020 e seu término em 27/05/2020. Através do Gráfico 15, pode-se visualizar, inclusive, como se deu o efeito bola de neve empregado na coleta para o atingimento do número amostral mínimo. Com isso, inicia-se o processo de tabulação e análise dos dados, mediante apresentação das variáveis gênero e faixa etária dos respondentes, conforme Tabela 22.

Tabela 22 – Faixa Etária e Gênero dos respondentes

Faixa Etária	Feminino		Masculino		Total
	Frequência	%	Frequência	%	
até 20 anos	6	2,46	7	4,73	13
de 21 a 30 anos	46	18,85	35	23,65	81
de 31 a 40 anos	72	29,51	53	35,81	125
de 41 a 50 anos	78	31,97	22	14,86	100
de 51 a 60 anos	28	11,48	23	15,54	51
de 61 a 70 anos	14	5,74	8	5,41	22
Acima de 71 anos	0	0,00	0	0,00	0
Total	244	100	148	100	392

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

A distribuição de sexo entre os entrevistados da amostra está evidenciada na Tabela 22, que foi de 37,75% para os homens e a proporcionalidade para as mulheres foi de 62,25%. No tocante a idade dos consumidores da cultura de matriz africana, observa-se uma maior concentração dos consumidores entre a faixa que compreende a idade de 31 a 40 anos, representado por um percentual de 31,88%, do total da amostra, seguidos da faixa que compreende a idade de 41 a 50 anos, com um

percentual de 25,51% e da faixa de 21 a 30 anos, com um percentual de 20,66%. Estas três faixas juntas, acumulam um percentual de 78,06% do total da amostra.

Observa-se, ainda, que nas faixas mencionadas no parágrafo anterior, a predominância é do sexo feminino, sendo que só nessas 3 faixas citadas a representatividade do sexo feminino é de 50% do total, enquanto os homens representam 28,06%.

Por outro lado, importante registrar que se acreditava que o número de participantes com idade mais avançada seria maior ao encontrado nas pessoas de 61 a 70 anos que atingiu um percentual de 6,90%, assim como o percentual com pessoas acima de 71 anos seria superior a zero, visto que na percepção de Fonseca (2008) e de Marques (2012), quanto maior a idade maior o gosto por bens culturais e tempo para usufruí-lo. A média de idade encontrada entre os consumidores da cultura foi de 39 anos. No caso do sexo masculino a média de idade verificada foi de 38 e para o sexo feminino foi de 40 anos.

De certa forma, no tocante a questão que envolve ao sexo dos respondentes, esses números vão ao encontro de outros resultados verificados em outras pesquisas que buscam valorar bens culturais, conforme Fonseca (2008) e Lopes (2014), uma vez que alegam que a maior parte dos participantes são do sexo feminino, pois, em geral, participam em uma escala maior de atividades culturais que os homens e, por sua vez, tendem a participação de eventos relacionados às atividades físicas.

Outra variável que foi utilizada para traçar o perfil socioeconômico dos respondentes diz respeito ao grau de instrução. Assim sendo, na próxima tabela, apresenta-se o Grau de Instrução dividido em dez escalas, iniciando no fundamental incompleto e terminando em Pós-doutorado.

Tabela 23 – Grau de Instrução dos Entrevistados

Grau de Instrução	n	%	% válido	% acumulado
Fundamental incompleto	25	6,4	6,4	6,4
Fundamental completo	33	8,4	8,4	14,8
Médio Incompleto	37	9,4	9,5	24,3
Médio Completo	131	33,4	33,5	57,8
Superior Incompleto	92	23,5	23,5	81,3
Superior Completo	45	11,5	11,5	92,8
Especialização	25	6,4	6,4	99,2
Mestrado	3	,8	,8	100,0
Total válido	391	99,7	100,0	
Sem resposta	1	,3		
Total geral	392	100,0		

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

No tocante ao Grau de Instrução, observa-se que ocorre uma relação de quanto maior o nível de instrução, maior a atração por manifestações culturais, conforme já mostrado por pesquisas da área (CURVINA, 2015, FONSECA, 2008, MARQUES, 2012, GUIA, 2008). Um detalhe que chama a atenção na avaliação da Tabela 23 é o número de representantes que não possuem o ensino médio completo, importando em 24,2% do montante de observações e totaliza um número de 95 respondentes.

Na sequência é apresentado o gráfico que versa sobre a variável renda dos participantes. Observa-se que a concentração da renda dos respondentes se encontra na faixa de até dois Salários Mínimos, contendo 205 observações, representando 52,30% do total da amostra.

Tabela 24 – Renda Mensal dos respondentes

Renda	n	%	% válido	% acumulado
até R\$ 2.090,00	205	52,3	53,1	53,1
Acima de 2 até 4 Salários Mínimos – De R\$ 2.090,01 a R\$ 4.180,00	122	31,1	31,6	84,7
Acima de 4 até 6 Salários Mínimos – De R\$ 4.180,01 A R\$ 6.270,00	27	6,9	7,0	91,7
Acima de 6 até 8 Salários Mínimos – De R\$ 6.270,01 a R\$ 8.360,00	11	2,8	2,8	94,6
Acima de 8 até 10 Salários Mínimos – De R\$ 8.360,01 a R\$ 10.450,00	12	3,1	3,1	97,7
Acima de 10 Salários Mínimos – A partir de R\$ 10.450,01	9	2,3	2,3	100,0
Total válido	386	98,5	100,0	
Sem informação	6	1,5		
Total geral	392	100,0		

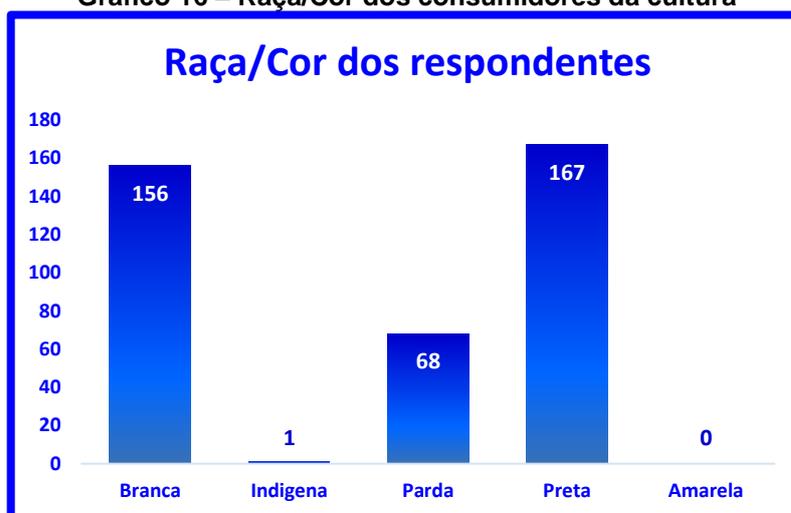
Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Da tabela 24 pode-se estabelecer que a média salarial verificada entre os respondentes foi de 2,50 SM, que importa em R\$ 2.613,64, ou seja, superior em 8,99% à renda média mensal apresentada pelo IBGE²⁸ para o primeiro trimestre de 2020 que foi estabelecida em R\$ 2.398,00. Esse resultado está em linha a outros estudos de que, quanto maior a renda, maior a disponibilidade para valoração de bens culturais.

Outra variável a ser apresentada neste ponto diz respeito a raça/cor dos consumidores da cultura entrevistados, as quais foram divididas de acordo com a classificação defendida pelo IBGE e está representada no Gráfico 16.

²⁸ A Renda média mensal apresentada pelo IBGE é o valor médio recebido por todas as pessoas que têm algum tipo de rendimento no Brasil, se recebessem o mesmo valor por mês. É calculada pela PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores> acesso em 04-06-2020.

Gráfico 16 – Raça/Cor dos consumidores da cultura



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa.

A raça/cor dos consumidores da cultura obtida na coleta está composta da seguinte forma, 39,80% dos respondentes são de cor branca, enquanto a raça negra, composta por pretos e pardos, corresponde a 59,95%, o restante dos 0,26% são destinados aos indígenas, sendo que a raça/cor amarela não possuía nenhum participante entre os entrevistados.

Observa-se que a participação, o interesse e a prática dessa cultura de matriz africana não é restrita a uma etnia, uma raça, um povo, mas pertence a coletividade, como mencionado por Oro (2008).

Na tabela seguinte é apresentado o resultado obtido na coleta, no que se refere ao estado civil dos consumidores da cultura que integram a amostra.

Tabela 25 – Estado Civil dos entrevistados

Estado Civil	Quant	%
Casado	124	31,63%
Solteiro	174	44,39%
Divorciado	20	5,10%
União Estável	48	12,24%
Separado	10	2,55%
Outro	16	4,08%
Total	392	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Observa-se na Tabela 25 que 76,02% dos respondentes concentram-se entre os casados e os solteiros, existindo uma superioridade deste último em relação ao primeiro. As demais categorias juntas são responsáveis por 23,98% da amostra.

No tocante a nação batuqueira que os respondentes integram, o resultado está transcrito na Tabela 26.

Tabela 26 - Nação que os respondentes integram

Nação	Frequência	%
Cabinda	165	42,09%
Jêje/ljexá	75	19,13%
Oyó/Jêje	59	15,05%
Outros	30	7,65%
ljexá	21	5,36%
Jêje	19	4,85%
Nagô	11	2,81%
Oyó	9	2,30%
Não souberam ou não responderam	3	0,77%
Total	392	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa

As nações originárias do Batuque representam 57,39% dos respondentes, sendo que apenas a nação Cabinda representa 42,09% do total. O restante dos respondentes pertencem a nações oriundas de fusões de duas nações e somadas representam 41,84% do total, o que vem fazer frente ao apontado por Tadvald (2016), quando menciona que as nações originárias vão se fundindo com o tempo, por ocasião do falecimento dos mais antigos.

Entre os questionamentos realizados se procurou identificar o tempo que os respondentes faziam parte dessa cultura de matriz africana, o que pode ser observado na Tabela 27.

Tabela 27 – Tempo que os respondentes afirmaram integrar a cultura

Tempo de religião	Frequência	%
menos de 5 anos	62	15,82%
de 6 a 10 anos	58	14,80%
de 11 a 15 anos	59	15,05%
de 16 a 20 anos	42	10,71%
de 21 a 25 anos	51	13,01%
de 26 a 30 anos	41	10,46%
mais de 30 anos	79	20,15%
Total	392	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

A média de tempo encontrada que os respondentes afirmam integrarem essa cultura de matriz africana é de mais de 17 anos, percebeu-se entre as observações que muitos estão desde o nascimento, talvez por influência da família. Apenas 15,82% dos respondentes afirmam possuírem menos de 5 anos, na medida em que 20,15% estão há mais de 30 anos, que é a maior representatividade.

Quanto a ocupação profissional dos respondentes, o resultado está representado pelo Gráfico 17.



Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Ao inquirir sobre a profissão dos respondentes, constatou-se que 32,65% das observações sinalizam trabalhar em empresas privadas, sendo que empregados públicos, assim como profissionais liberais possuem uma representatividade de 9,44% e 13,52%, respectivamente. Com relação a classe outros, foi destinada para contemplar outras ocupações como desempregados, aposentados, estudantes etc., para a qual, constatou-se uma representatividade de 29,34%.

Quanto ao meio de transporte utilizados pelos respondentes para irem à Festa de Batuque, o resultado encontrado consta na Tabela 28.

Tabela 28 - Meio de transporte utilizado para o deslocamento às festas

Meio de Transporte	Qtde	%
Ônibus	30	7,65
Carro	306	78,06
Van	4	1,02
Motocicleta	6	1,53
Outros	45	11,48
Não responderam	1	0,26
Total	392	100

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

O resultado dessa questão aponta o carro como o meio de transporte mais comum para se ir à uma Festa de Batuque, com uma representatividade de 78,06%, isto é, 306 observações, seguido de 30 observações para ônibus, com uma representatividade de 7,65%.

A próxima questão envolve a frequência com que participam de Festas de Batuque por ano, conforme dados da Tabela 29.

Tabela 29 - Quantidade de vezes que participa de Festas de Batuque por ano

Frequência	n	%	% válido	% acumulado
1 vez ao ano	33	8,4	8,4	8,4
2 vezes ao ano	40	10,2	10,2	18,6
3 vezes ao ano	43	11,0	11,0	29,6
4 vezes ao ano	50	12,8	12,8	42,3
5 vezes ao ano	28	7,1	7,1	49,5
mais de 5 vezes ao ano	198	50,5	50,5	100,0
Total	392	100,0	100,0	

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Com base na Tabela 29 chega-se a um número de vezes que os respondentes participam de uma festa de Batuque por ano, cuja média apontou para 4,51 vezes.

Quanto a origem dos frequentadores da Festa de Batuque, está detalhado na Tabela 30, a qual constatou que 368 das observações, representam 93,88% daqueles que residem no Brasil. Entre os residentes fora do Brasil, foram 24 observações, com uma representatividade de 6,12%. As observações dos respondentes que residem no Brasil estão assim representadas, sendo uma delas é de Santa Catarina, uma do Rio de Janeiro e as outras 366 são do Rio Grande do Sul. Dentre as 366 observações, 220 são da cidade de Porto Alegre, representando 60,11%.

Importante registrar que os percentuais encontrados em termos de procedência dos participantes, provavelmente seria diferente, caso o período de coleta fosse outro, pois se acredita que muitos participantes de fora da cidade, até mesmo do estado e do país, deixaram de responder o questionário em função do envolvimento junto a familiares seus e até conhecidos contaminados pelo Covid-19.

Tabela 30 – Cidade de origem dos frequentadores da Festa de Batuque

Cidade de origem dos respondentes	UF	País	Quant	%
Aceguá	RS	Brasil	1	0,26%
Alvorada	RS	Brasil	16	4,08%
Bom Jesus	RS	Brasil	1	0,26%
Cachoeirinha	RS	Brasil	7	1,79%
Canoas	RS	Brasil	21	5,36%
Capão da Canoa	RS	Brasil	1	0,26%
Capivari de Baixo	SC	Brasil	1	0,26%
Caxias do sul	RS	Brasil	2	0,51%
Esposo		Finlândia	2	0,51%
Estância Velha	RS	Brasil	1	0,26%
Esteio	RS	Brasil	7	1,79%
Gravataí	RS	Brasil	33	8,42%
Guaíba	RS	Brasil	2	0,51%
Jacuizinho	RS	Brasil	1	0,26%
Buenos Aires		Argentina	1	0,26%
Montenegro	RS	Brasil	5	1,28%
Montevideo		Uruguai	21	5,36%
Passo Fundo	RS	Brasil	1	0,26%
Porto Alegre	RS	Brasil	220	56,12%
Rio de Janeiro	RJ	Brasil	1	0,26%
Rio Grande	RS	Brasil	1	0,26%
Rio Pardo	RS	Brasil	1	0,26%
Santa Maria	RS	Brasil	1	0,26%
Santa Vitória do Palmar	RS	Brasil	1	0,26%
São Leopoldo	RS	Brasil	5	1,28%
Sapucaia do Sul	RS	Brasil	11	2,81%
Torres	RS	Brasil	1	0,26%
Venâncio Aires	RS	Brasil	2	0,51%
Vera Cruz	RS	Brasil	1	0,26%
Viamão	RS	Brasil	23	5,87%
Total			392	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Observa-se, ainda, que os resultados encontrados, em termos de locais de origem dos participantes das Festas de Batuque, vão ao encontro do que Oro (2008) e Frigério (2013) apregoam, ao afirmarem que essa cultura de matriz africana é transnacional.

A próxima indagação realizada aos respondentes procurava saber se o deslocamento à Festa de Batuque pelos frequentadores era de forma individual ou acompanhado, e o seu resultado pode ser observado pelo Gráfico 18.

Gráfico 18 - % de participantes que se deslocam acompanhados para o evento

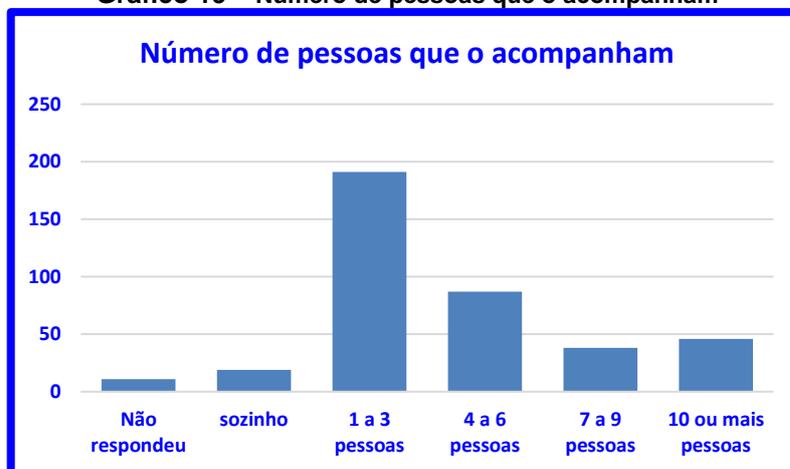


Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Da coletada realizada, restou evidente uma predominância entre os respondentes de que afirmam que vão acompanhados à Festa de Batuque, representando 92% do total.

No próximo gráfico são apresentados o resultado encontrado no que tange ao número de pessoas que acompanham os respondentes nas Festas de Batuque.

Gráfico 19 – Número de pessoas que o acompanham



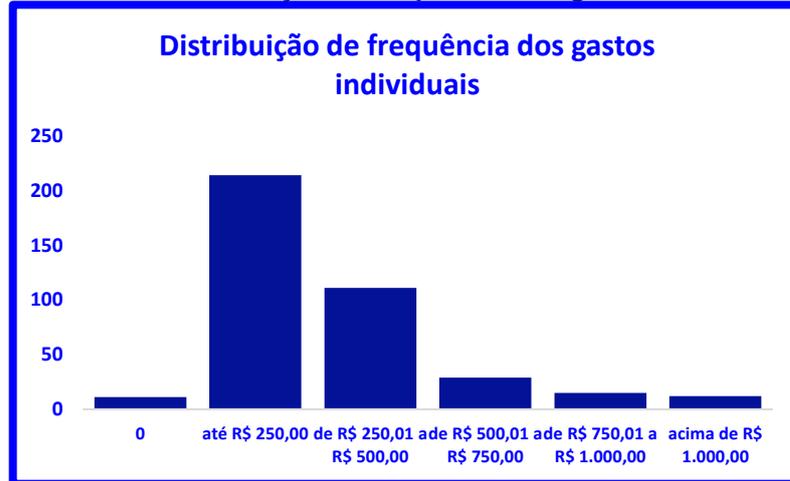
Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Constatou-se que a média do número de pessoas que acompanham os respondentes por Festa de Batuque foi de 4,08 pessoas.

Na sequência, são apresentados os resultados encontrados com relação aos gastos individuais que são realizados para irem a uma Festa de Batuque. Nesse item, buscou-se identificar quanto que cada respondente gasta, em média, para ir à uma festa, levando em consideração as despesas que realizam como: salão de beleza, presentes, confecção de axós, entre outros. Entre as respostas encontradas,

observou-se uma concentração de respondentes que afirmam gastar até R\$ 250,00 para irem à uma Festa de Batuque representando um percentual na ordem de 54,59%, conforme demonstrado no Gráfico 20. Das informações obtidas no gráfico a seguir, a média de gasto individual encontrada entre os respondentes para ir à uma Festa de Batuque foi de R\$ 284,76.

Gráfico 20 – Distribuição de frequência dos gastos individuais



Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Outra questão formulada com o propósito de medir o grau de bem-estar dos respondentes, a qual remetia ao grau de felicidade dos participantes por participarem de uma Festa de Batuque, com opiniões manifestadas em uma escala *likert* de 1 a 5, onde o 1 é “muito insatisfeito” e o 5 “muito satisfeito” e os resultados encontrados estão representados no Gráfico 21. Constatou-se uma concentração de respostas no item que indicava que o respondente estava muito satisfeito por estar em uma Festa de Batuque com um número de observações na ordem de 355, representando 90,6%.

Gráfico 21 – Grau de Felicidade por participarem de um Festa de Batuque



Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Uma vez apresentado o sentimento dos respondentes por participarem de uma Festa de Batuque, no próximo gráfico procura ser demonstrado o grau de satisfação dos respondentes com o investimento realizado para participar de uma Festa de Batuque.

Gráfico 22 – Grau de satisfação com o investimento realizado



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Do gráfico se observa que a maioria dos respondentes se sentem satisfeitos com os valores dispendidos para irem em uma Festa de Batuque resultando em 306 observações sinalizando o número 5 em uma escala *likert* de 1 a 5, em que o 5 é muito satisfeito e o 1 muito insatisfeito, representando um percentual na ordem de 78,06%.

Ao concluir a presente seção, encerra-se o Capítulo 4, sendo que o próximo irá discorrer sobre a Festa de Batuque sob o viés do desenvolvimento regional, apontando os impactos provocados pela manifestação na cidade de Porto alegre, bem como apresentando o ciclo cultural dessa manifestação em consonância ao estabelecido pelo CAB. Além disso, será estimado o VFB e será construído a Conta Satélite da Cultura do evento.

5. OS REFLEXOS DA FESTA DE BATUQUE EM PORTO ALEGRE

A Festa de Batuque é uma festa popular de origem negra que foi introduzida no Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX, conforme mencionado por Corrêa (2006). Refere-se a uma manifestação cultural e não uma expressão empreendedora, muito embora para a realização desse evento, se faça necessário a utilização de recursos empreendedores, uma vez que são imprescindíveis efetivar inter-relações com as mais diversas atividades econômicas que produzem produtos, prestam serviços, sem contar que geram ocupações e renda.

Nesse contexto, o presente capítulo pretende apresentar os impactos provocados pela Festa de Batuque na cidade de Porto Alegre, além de averiguar o ciclo cultural e da cadeia produtiva da Festa de Batuque, através de uma avaliação das atividades envolvidas, assim como as articulações que ocorrem entre os mais variados atores com quem se estabelecem as relações comerciais, de maneira que se possa compreender melhor o processo de desenvolvimento. No tocante a mensuração desse patrimônio, levou-se em consideração a metodologia proposta pelo CAB, com o propósito de se demonstrar o valor desse patrimônio cultural. Além de apresentar um conjunto de informações monetárias e não monetárias que auxiliam na formulação das contas satélites da cultura de matriz africana.

De forma preliminar, levando em consideração o viés do desenvolvimento, apresenta-se os resultados encontrados na pesquisa. No tocante aos impactos provocados por esse patrimônio imaterial à cidade de Porto Alegre/RS, o presente estudo aponta os reflexos sob a ótica de quatro perspectivas: econômica, social, cultural e ambiental. Quanto a averiguação do ciclo cultural foi identificada uma gama de atividades econômicas que se relacionam de forma direta, indireta e induzida com o evento, as quais geram emprego e renda.

No aspecto que se refere a mensuração desse patrimônio, foram utilizadas técnicas de valoração econômicas empregadas em muitos estudos de bens culturais e ambientais. Entretanto, a formulação do Valor da Festa de Batuque (VFB) carrega consigo, não apenas aspectos de natureza matemática e monetária fornecida pelas técnicas econométricas, mas está associado ao aspecto intrínseco de seus participantes que considerou a variável subjetiva felicidade.

Não obstante ao VFB encontrado, o evento em si provoca impacto na economia, se sobressaindo uma pluralidade de vantagens de características econômicas e

sociais, oriundas das diversas atividades culturais, seja decorrente das relações diretas e das atividades não culturais de relações indiretas. Assim sendo, se ocorre uma demanda pela aquisição de bens característicos dessa cultura, há uma nítida presença de valorização. E, portanto, indispensável que a comunidade de terreiro entenda o VFB como uma informação importante a qual servirá de suporte àqueles que buscam um conhecimento mais estruturado com uma caracterização voltada para o aspecto econômico cultural, bem como poderá servir de instrumento para combater as perseguições realizadas à cultura de matriz africana.

Por fim, no que diz respeito ao conjunto de informações que auxiliaram a compor a Conta Satélite da Cultura da Festa de Batuque, pode-se atribuir que foi constituído através da construção de uma série indicadores, os quais levaram em consideração a ótica da demanda e da oferta da cultura de matriz africana.

Uma grande limitação verificada nessa construção foi a dificuldade em identificar, com exatidão, nas classificações e fontes estatísticas existentes esse setor cultural. Alia-se a isso, a informalidade com que muitas das atividades relacionadas ao evento ocorrem, associadas, ainda, as características próprias de cada serviço cultural, tornando difícil a medição exata e completa da contribuição desse setor cultural para a economia.

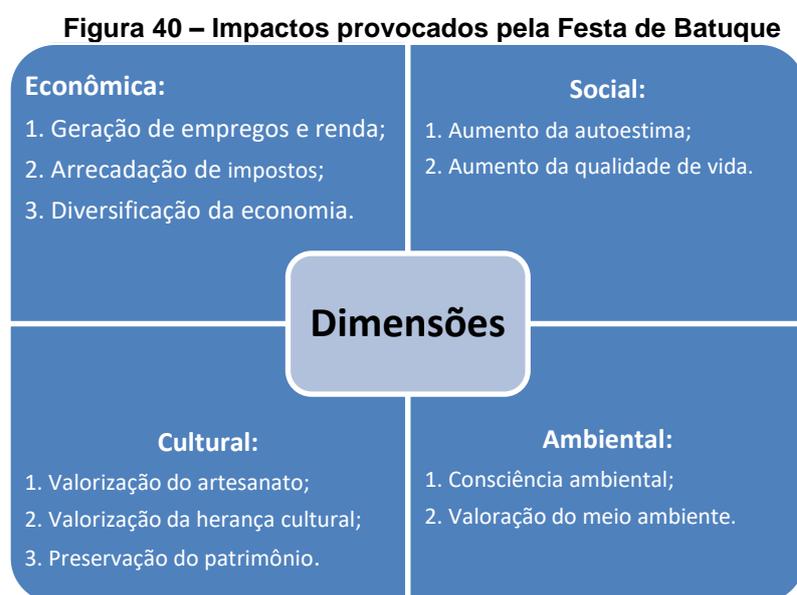
Muito embora algumas informações não fossem obtidas na sua integralidade, e diante de restrições enfrentadas como as de natureza temporal, a metodologia empregada adota uma postura pragmática de aproximação do fenômeno. Destaca-se, nesse sentido, o fato de apesar de não se ter alcançado a totalidade do setor informal, assim como dos efeitos indiretos e induzidos em outros setores da economia, o modelo apresenta resultados concludentes sobre a contribuição dessa cultura em termos de desenvolvimento econômico.

Para isso, essa discussão foi tratada em quatro seções. A primeira seção trata da identificação dos impactos provocados pela Festa de Batuque, seguido da segunda seção que apresenta o ciclo cultural da Festa de Batuque, acompanhado da montagem da sua cadeia produtiva. A terceira seção procura mensurar o valor econômico dessa herança cultural na cidade de Porto Alegre de acordo com a modelagem proposta na metodologia. Na quarta e última seção são apresentados um conjunto de informações elaborados com base no Guia Metodológico para o estabelecimento das Contas Satélites da Cultura estabelecido pelo Convênio Andrés Bello.

5.1. Os principais impactos provocados pela Festa de Batuque

Na presente seção são tratados os principais impactos provocados pela Festa de Batuque a partir dos resultados encontrados na pesquisa, os quais se caracterizam nos mais diferentes aspectos, afetando não apenas a dimensão de natureza econômica, mas, por consequência, outras dimensões.

A seguir, apresenta-se a Figura 40, a qual revela as constatações levantadas em cada dimensão.



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Entre as dimensões constatadas os impactos econômicos foram os mais acessíveis de se avaliar que os demais impactos citados, uma vez que estes últimos conservem parcelas intangíveis e de elevada complexidade para sua mensuração. Uma vez identificados os impactos, serão expostas, de forma sintética, as percepções verificadas desse PCI, visto que compreende variadas conjunturas, traços, significados e valores, mas sua essência reside em robustecer as relações sociais ao criar vínculos com os seus adeptos.

5.1.1. Dimensão Econômica

Diante da acessibilidade a diversas informações a dimensão econômica é a mais fácil de se mensurar. Nesse contexto, pode-se afirmar que essa dimensão é constituída por efeitos de natureza direta, indireta e induzida. Para a identificação dos

impactos dessa dimensão foram considerados apenas fatores que contribuíram para uma alteração no âmbito da economia da região.

A concepção dos efeitos diretos se caracteriza pelos gastos realizados em bens e serviços utilizados pelos adeptos para participarem dos eventos, e dependendo, se o participante não residir na região metropolitana, ocorre o reflexo direto na cadeia produtiva do turismo e outras associadas, como gastos em hospedagem, transporte, alimentação, entre outros.

No tocante aos efeitos indiretos são os bens e serviços que as empresas de turismo, assim como as demais indústrias que constam na Figura 46, no campo denominado cadeia a montante, compram de seus fornecedores, formando a Cadeia Produtiva da Festa de Batuque. No que diz respeito aos efeitos induzidos, por seu turno, estão associados aquilo que é gerado de salários, aluguéis, tributos e juros recebidos provenientes da geração de outras atividades econômicas.

Por não ser possível alcançar a totalidade das informações que possam comprovar os efeitos indiretos e induzidos o foco nesse item é apresentar os gastos de natureza direta que se comprovou através dos levantamentos realizados em floras e aviários, estabelecimentos e prestadores de serviços que se relacionam diretamente com o evento. Nesse sentido as informações referentes aos estabelecimentos comerciais estão contempladas na Tabela 31.

Tabela 31 – Informações econômicas dos estabelecimentos comerciais

Descrição	Estabelecimentos	
	Aviário	Flora
nº de estabelecimentos registrados e com alvará	13	111
nº médio de empregados por estabelecimentos	4	3
nº total de empregos gerados	52	310
Faturamento médio mensal	R\$ 30.000,00	R\$ 25.000,00
Faturamento médio anual	R\$ 360.000,00	R\$ 300.000,00
Faturamento total anual dos estabelecimentos	R\$ 4.680.000,00	R\$ 33.300.000,00
Impostos gerados (enquadramento simples nac. 7,3%)	R\$ 341.640,00	R\$ 2.430.900,00

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Observa-se da Tabela 31 que o volume receita anual gerado por esses dois tipos de estabelecimentos que possuem relacionamento direto com a Festa de Batuque está estimado em R\$ 37.980.000,00 (Trinta e sete milhões novecentos e oitenta mil reais), e abrigam uma força de trabalho, conforme dados da pesquisa na ordem de 362 empregos formais.

Além dos estabelecimentos comerciais referenciados na Tabela 31, foi possível determinar algumas atividades que se relacionam diretamente com esse PCI, a saber: tamboreiros, costureiras, artesãos e publicidade/fotógrafos, sendo que a estimativa econômica levou em consideração a amostra coletada. Para isso, constam informações na Tabela 32 referentes a atividade laboral representada pela categoria dos tamboreiros.

Tabela 32 – Informações econômicas da prestação dos serviços de tamboreiros

Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
Casas	3.000	8.000	12.500
nº de festas por casa/ano	2,4	2,4	2,4
Total de festas realizadas ano	7.200	19.200	30.000
Total de festas realizadas mês	600	1.600	2.500
nº médio de festas que um tamboreiro atua mês	5	5	5
nº médio de tamboreiros atuantes	120	320	500
Valor médio cobrado pelos tamboreiros por festa	R\$ 800,00	R\$ 800,00	R\$ 800,00
Valor médio mensal arrecadado por tamboreiro	R\$ 4.000,00	R\$ 4.000,00	R\$ 4.000,00
Valor médio mensal arrecadado pelos tamboreiros	R\$ 480.000,00	R\$ 1.280.000,00	R\$ 2.000.000,00
Valor médio anual arrecadado pelos tamboreiros	R\$ 5.760.000,00	R\$ 15.360.000,00	R\$ 24.000.000,00

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Para se determinar o número desses profissionais que atuam nas Festas de Batuque foi necessário, primeiramente, considerar o número total de Terreiros existentes em Porto Alegre multiplicado pelo número médio de Festas de Batuque que cada unidade realiza por ano, chegando-se ao número estimado de 7.200 festas em um cenário conservador, 19.200 festas em um cenário moderado e 30.000 festas em um cenário arrojado. Após, foi dividido o total de festas realizadas no ano por 12 (doze) meses e, posteriormente, dividindo pelo número médio de contratações de tamboreiros que são realizadas por mês, chegou-se a um número estimado de 120 profissionais em um cenário conservador, 320 trabalhadores em um cenário moderado e 500 trabalhadores em um cenário arrojado, os quais cobram, em média, R\$ 800,00 (oitocentos reais) por festa.

O valor total arrecadado no ano está estimado em R\$ 5.760.000,00 (cinco milhões, setecentos e sessenta mil reais) em uma conjuntura conservadora, o valor de R\$ 15.360.000,00 (quinze milhões, trezentos e sessenta mil reais) em uma conjuntura moderada e o valor de R\$ 24.000.000,00 (vinte e quatro milhões de reais) em uma conjuntura arrojada.

Na continuação, apresentam-se as informações econômicas que se referem as atividades que envolvem as costureiras, as quais empregam o seu tempo para a confecção de axós. Para a realização do cálculo que estabeleceu o número de profissionais que desenvolvem suas atividades para atender os interesses da cultura de matriz africana, foi necessário determinar o número de filhos de santo das casas de matriz africana porto-alegrenses em estimativas conservadora, moderada e arrojada, as quais apontaram os seguintes resultados: 122.902, 327.740 e 512.095, respectivamente.

Outra premissa considerada foi a representatividade de gênero entre os frequentadores que apontaram um número de 62,25% para as mulheres e 37,75% para os homens. O que se torna coerente com a informação da costureira entrevistada de que, para cada uma roupa elaborada para homem, duas são feitas para mulheres.

Outro argumento que foi levado em consideração para a realização do presente cálculo é de que uma costureira possui uma jornada normal de trabalho de 220 horas mensais, que representa 13.200 minutos mês e 158.400 minutos ano. Na Tabela 33, apresentam-se informações que permitem se chegar ao gasto anual com os serviços de costureira.

Tabela 33 – Informações econômicas da prestação de serviços de costureira

Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
População batuqueira que frequenta casas em POA	219.000	584.000	912.500
População batuqueira portoalegrense	122.902	327.740	512.095
Quant. Masculino - 1 Axó - Masculina - 37,75%	46.395	123.721	193.315
Quant. Feminino - 1 Axó- Feminina - 62,25%	76.506	204.018	318.779
Tempo masculino - 405 minutos	18.789.975	50.107.005	78.292.575
Tempo feminino - 525 minutos	40.165.650	107.109.450	167.358.975
Total de tempo - minutos	58.955.625	157.216.455	245.651.550
Jornada ano de 1 costureira (220 h X 12 m x 60 min)	158.400	158.400	158.400
Total costureiras	372	993	1.551
Gasto com Axós masculinos - R\$ 375,00 (médio)	R\$ 17.398.125,00	R\$ 46.395.375,00	R\$ 72.493.125,00
Gasto com Axós femininos - R\$ 525,00 (médio)	R\$ 40.165.650,00	R\$ 107.109.450,00	R\$ 167.358.975,00
Total gastos com Axós	R\$ 57.563.775,00	R\$ 153.504.825,00	R\$ 239.852.100,00

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O gasto foi estimado em R\$ 57.563.775,00 (cinquenta e sete milhões, quinhentos e sessenta e três mil, setecentos e setenta e cinco reais), em uma perspectiva conservadora, o valor de R\$ 153.504.825,00 (cento e cinquenta e três milhões, quinhentos e quatro mil, oitocentos e vinte e cinco reais), em uma perspectiva moderada e o valor de R\$ 239.852.100,00 (duzentos e trinta e nove milhões,

oitocentos e cinquenta e dois mil e cem reais), em uma perspectiva arrojada. Para se alcançar esse desembolso foram considerados os preços médios praticados pelos profissionais do ramo, sendo que um axó feminino tem o valor de R\$ 525,00 (quinhentos e vinte e cinco reais) e o masculino de R\$ 375,00 (trezentos e setenta e cinco reais), sendo que está incluído nesse preço, além da mão de obra, o material necessário para a confecção dos axós.

O tempo total ano estimado para confecção dos axós para os seguidores dessa cultura de matriz africana foi de 58.955.625 minutos, frente a uma perspectiva conservadora, o tempo de 157.216.455 minutos, em uma perspectiva moderada e o tempo de 245.651.550 minutos, em uma perspectiva arrojada, sendo que são confeccionados 122.9020 axós na estimativa conservadora, 327.740 em uma estimativa moderada e 512.095 em uma estimativa arrojada. e 584.000 na estimativa realista.

De acordo com dados coletados na pesquisa, em média, são confeccionadas uma vestimenta por ano, por pessoa, o que contribuiu para a geração de 372 postos de trabalho em uma perspectiva conservadora, 993 postos de trabalho, em uma estimativa moderada e 1.551 postos de trabalho, em uma perspectiva arrojada.

Outra constatação que se chega através da avaliação da tabela retro é de que o custo anual com vestimentas, por adepto da cultura de matriz africana é de R\$ 468,37 (quatrocentos e sessenta e oito reais e trinta e sete centavos). Esse valor dividido pelo número médio de vezes que os consumidores da cultura africana frequentam festas por ano, que é de 4,51, tem-se, então, o valor médio gasto adicionalmente por evento em vestimentas que é de R\$ 103,85 (Cento e três reais e oitenta e cinco centavos). O que representa 36,47% dos gastos individuais totais que os frequentadores afirmam despende, demonstrado no Gráfico 20.

Na sequência, apresenta-se outro efeito direto que foi possível tabular, diz respeito ao profissional artesão e que, de acordo com os dados da pesquisa, foi possível estabelecer um valor estimado para a geração de renda, assim como do estabelecimento de um número quanto a geração de emprego, conforme pode ser observado na Tabela 34.

Tabela 34 – informações econômicas dos profissionais artesãos

Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
População batuqueira que frequenta casas de POA	219.000	584.000	912.500
População batuqueira portoalegrense	122.902	327.740	512.095
Compradores de artes 45%	55.306	147.483	230.443
Peças produzidas por 1 artesão mês	120	120	120
Quantidade de artesãos necessários	460	1.229	1.920
Salário médio mensal de 1 artesão	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Renda mensal artesãos	R\$ 2.300.000,00	R\$ 6.145.000,00	R\$ 9.600.000,00
Renda anual artesãos	R\$ 27.600.000,00	R\$ 73.740.000,00	R\$ 115.200.000,00

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Conforme apurado na pesquisa, os produtos desenvolvidos pelos profissionais do artesanato são adquiridos, em média, por um número aproximado de 45% dos seguidores das religiões de matriz africana. Com isso, pode-se inferir que em uma perspectiva conservadora o número de consumidores que adquirem dos produtos desenvolvidos seja de 55.306. Em uma perspectiva moderada o número é de 147.483, na medida em que na medida arrojada o total é de 230.443.

O número médio de peças produzidas por mês por cada artesão seria em torno de 120 unidades, o que permite deduzir que seriam um total de 460 artesãos em uma conjuntura conservadora. Na estimativa moderada o total de artesãos é de 1.229, ao passo que no cenário arrojado o número de 1.920. A renda mensal estimada de um artesão é de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), o que remete à uma arrecadação anual estimada conservadora na ordem de R\$ 27.600.000,00 (vinte e seis milhões e seiscentos mil reais). Em uma estimativa moderada o valor encontrado é de R\$ 73.740.000,00 (setenta e três milhões, setecentos e quarenta mil reais), enquanto na estimativa arrojada a renda total será de R\$ 115.200.000,00 (cento e quinze milhões e duzentos mil reais).

Outra atividade que mantém relação direta com o PCI e que foi possível estimar é a publicidade das festas (serviços de fotografia/publicidade e propaganda). Na Tabela 35 são apresentadas as informações econômicas dessa atividade. Onde foi constatada a geração de emprego na ordem de 240 postos de trabalho em um cenário conservador, 640 postos de trabalho em um cenário moderado, e 1.000 postos em um cenário arrojado. No tocante a arrecadação total ano, essa atividade fatura com a Festa de Batuque o valor de R\$ 1.296.000,00 (um milhão, duzentos e noventa e seis mil reais) em uma estimativa conservadora. No caso da estimativa moderada o faturamento anual é de R\$ 3.456.000,00 (três milhões, quatrocentos e cinquenta e

seis mil reais). Por fim, no cenário arrojado o faturamento é de R\$ 5.400.000,00 (cinco milhões e quatrocentos mil reais).

Tabela 35 – Informações econômicas da atividade publicidade/fotografia

Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
Casas	3.000	8.000	12.500
nº de festas por casa/ano	2,4	2,4	2,4
Total de festas realizadas ano	7.200	19.200	30.000
Total de festas realizadas mês	600	1.600	2.500
nº de contratações de serviços de publicidade - 40%	240	640	1000
Valor médio por cobertura	R\$ 450,00	R\$ 450,00	R\$ 450,00
Valor médio arrecadado mês	R\$ 108.000,00	R\$ 288.000,00	R\$ 450.000,00
Valor médio arrecadado ano	R\$ 1.296.000,00	R\$ 3.456.000,00	R\$ 5.400.000,00

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Observou-se com base nos dados da pesquisa que essa cultura de matriz africana gera emprego e renda conforme contemplado na Tabela 21, constante no capítulo 4, seção 4.5. Estima-se uma geração de postos de trabalho na ordem de 3.657 empregos em um cenário conservador, 9.151 empregos em um cenário moderado e 13.705 postos de trabalho em um cenário arrojado. No tocante a renda gerada, atribui-se os valores de uso na ordem de R\$ 206.858.535,00 (duzentos e seis milhões, oitocentos e cinquenta e oito mil, quinhentos e trinta e cinco reais), em uma estimativa conservadora, ao passo que na estimativa moderada se chega ao valor de R\$ 488.464.185,00 (quatrocentos e oitenta e oito milhões, quatrocentos e sessenta e quatro mil, cento e oitenta e cinco reais). No caso de uma estimativa arrojada o valor percebido é de R\$ 741.843.600,00 (setecentos e quarenta e um milhões, oitocentos e quarenta e três mil, seiscentos reais).

Destaque para o fato de que esses valores foram computados com base nas informações obtidas junto aos estabelecimentos comerciais e aos serviços específicos constantes nesta seção, necessários para a realização de uma Festa de Batuque, sendo que os cálculos demonstrativos constam no Apêndice 17.

Das atividades laborais mencionadas nesta seção, pode-se destacar que algumas delas são desenvolvidas por trabalhadores independentes (informais), assim como alguns trabalhadores formais vinculados aos estabelecimentos comerciais podem possuir várias formas de contratação, na medida em que a ligação laboral formal pode estar associada à um posto de trabalho permanente, como uma contratação emergencial para atender um período específico.

O que vem ao encontro do estabelecido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), de que as relações laborais ultrapassam as relações de labor formal. Por outro lado, a *World Employment and Social Outlook*, no ano de 2019, informa que apenas 39% das relações de trabalho ao redor do mundo eram formais (OIT, 2019).

Por outro lado, além das atividades referenciadas nesta seção, uma série de outras atividades e serviços fazem parte da Festa de Batuque, conforme mencionado no capítulo 4, seção 4.4. Entretanto, por não possuírem uma relação direta e de difícil mensuração do gasto específico para esse fim, não foram computados.

É inequívoco que com o demonstrado até aqui sobre a religião de matriz africana, fazem dos bens simbólicos inerentes ao culto, vincularem-se a determinadas atividades como moda, gastronomia, música e tantas outras. Tudo isso, permite entender um pouco sobre o mercado do Batuque, bem como esse conjunto de expressões transferidas oralmente, de geração em geração, passa a ser dividido com outras religiões, assim como seus produtos e espaços, além de lutarem por legitimidade e fiéis.

Nesse sentido, está alinhado com o estabelecido por Bourdieu (1998) que trabalha a caracterização do campo cultural como sendo um espaço em que os agentes que o integram travam disputas, além de serem constituídas estratégias face a determinados interesses.

Nesse contexto, a incorporação do Batuque ao sistema de mercado religioso, assim como a progressão desse comércio de bens simbólicos propicia a religião de matriz africana ganhar uma certa visibilidade, uma vez que gera uma demanda por produtos e serviços que movimentam a economia tanto no sentido local como regional.

Nessa linha o CAB, no caso do Chile, procurou aproximar a quantificação econômica como forma de estimar a contribuição do setor cultural à economia nacional, sendo que foi necessário analisar as mais variadas atividades culturais consideradas na construção da Matriz de Insumo Produto (MIP) de 1996 sendo averiguadas de acordo com o Código Industrial Uniforme Internacional (CAB, 2003).

Em síntese, a pesquisa apresenta evidências empíricas que demonstram o impacto econômico da Festa de Batuque, beneficiando diversos setores do comércio, da indústria e dos serviços. O entendimento dessa dinâmica econômica é relevante na medida em que o seu papel, pode ser redimensionado como vetor para o desenvolvimento. Por outro lado, é possível, inclusive, afirmar que o número de

profissionais que estão vinculados a essa cultura é significativamente maior que o número captado na tabela 21, diante da impossibilidade de investigar a totalidade das profissões, tanto no tocante as relações diretas, como as indiretas e as induzidas.

Finalizando o presente tópico é possível perceber que a Festa de Batuque, essa herança cultural, propicia que a população aprecie a cultura, além de ser benéfica a sua prática para a população, na medida em que gera emprego e renda, além de promover o intercâmbio cultural. Associa-se a isso, o estímulo externo provocado pelos seguidores dessa religião não residentes na capital, os quais não contribuem apenas para a geração de renda em Porto Alegre, como também contribuem para reforçar a identidade cultural, aumentando a sua autoestima.

5.1.2. Dimensão Social

Excluem-se as questões de caráter religioso e cultural, no qual as casas de matriz africana participantes da amostra encontram-se introduzidas, muitos serviços sociais são prestados na região onde estão inseridas, dentre as diversas ações praticadas, destaca-se a distribuição de alimentos que são oferecidos a comunidade circunvizinha aos templos religiosos quando da realização das festas.

Em referência as práticas sociais que são realizadas em seus templos, foram constatadas que em prol da comunidade, todas as lideranças religiosas que integraram a amostra realizam ou realizaram algum tipo de projeto social, sendo que os projetos mencionados foram os seguintes:

- (a) Reduzir a vulnerabilidade e os fatores de exclusão social do povo de terreiro;
- (b) Promover o respeito inter-religioso e os direitos humanos;
- (c) Garantir a segurança alimentar e nutricional de jovens, adultos e idosos;
- (d) Qualificar adolescentes e jovens para a cidadania e para o trabalho;
- (e) Incentivar os cuidados básicos de atenção à saúde e a prevenção das doenças;
- (f) Promover a valorização cultural.

Nessa perspectiva, apresenta-se um gráfico contemplando o número de observações constatadas entre os sacerdotes, o que reproduz as formas de prestação de serviços sociais realizados pelos terreiros:

Gráfico 23 – Projetos Sociais Realizados



Fonte: Elaborado pelo auto com base nos dados da pesquisa.

Pela análise do gráfico se observa que entre os líderes religiosos de matriz africana entrevistados, em tese, praticam mais de dois projetos sociais em seus terreiros em prol de comunidades carentes, o que, de certa forma, vem ao encontro do preconizado por Kliksberg (2002) quando menciona que determinadas práticas adotadas na religião passam a ser a única coisa ao seu alcance para a luta contra a pobreza.

Já entre os representantes das entidades associativas, destaque para as afirmações de Alfonsin (2020), Presidente da FAUERS, quando comenta que nas reuniões mensais da instituição são discutidos assuntos que dizem respeito a ações de cunho social.

Ainda fazendo referência sobre os impactos que envolvem a dimensão social, tem-se alguns depoimentos por parte dos consumidores da cultura que afirmam:

- [...] **Entrevistado 1.** através dela através da fé e do respeito com todos e com a natureza, aprendemos a viver em comunidade, isto reflete no nosso dia a dia.
- [...] **Entrevistado 2.** procuro aperfeiçoar meu interior e a partir deste estabelecer uma relação saudável e harmoniosa com a comunidade religiosa. Este é o lado bom da vida, viver em comunidade.
- [...] **Entrevistado 3.** ter saúde, paz de espírito e compartilhar com o próximo.
- [...] **Entrevistado 4.** me dá mais segurança nas ações e postura tanto pessoal quanto profissional. E com o apoio de nossa família espiritual, ficamos com mais suporte para enfrentar as dificuldades que se apresentam.
- [...] **Entrevistado 5.** a partir dos rituais praticados no terreiro tive um amadurecimento, conquistas e me tornei uma pessoa tolerante e melhor.
- [...] **Entrevistado 6.** me tornei uma pessoa mais tolerante e voltada para o coletivo.
- [...] **Entrevistado 7.** me dá força e equilíbrio, além de me empoderar com muito mais força para ultrapassar obstáculos.

Por efeito desses depoimentos é possível deduzir que o Batuque provoca um aumento da autoestima dos seus participantes, assim como auxilia no aumento da qualidade de vida, levando em consideração aspectos como segurança, emprego, moradia e saúde após o seu sentimento de pertencimento.

No que diz respeito a saúde, Silveira (2014) menciona que várias são as razões que conduzem uma pessoa a buscar um terreiro de matriz africana com o propósito de resolução de seus problemas relativos à saúde. Destaca, ainda, que para os terreiros, existe uma distinção entre moléstias físicas e moléstias espirituais, muito embora sejam sutis, motivo pelo qual os tratamentos necessitam, às vezes, tanto da utilização da medicina oficial, como dos cuidados espirituais.

Silveira (2014) ainda menciona que os sinais preambulares de uma contenda sobrenatural, no que se refere a doenças físicas, é a circunstância que envolve a ininterrupção das manifestações, relacionada a resistência da moléstia à recursos terapêuticos. O que torna, portanto, um dos fatores habituais e que se encarrega de dirigir as pessoas até as casas de matriz africana procurar a cura, mas que não são os únicos.

Por outro lado, Silveira (2014), em sua obra “Tradições de matriz africana e saúde: o cuidar nos terreiros”, acredita que as moléstias espirituais não são unicamente aquelas que o médico não conhece, mas, inclusive, aquelas em que o médico não logra êxito na sua cura.

Por outro lado, Knauth (1994) trata o assunto da seguinte forma, afirmando de que existem problemas que são considerados de ordem espiritual, exclusivamente:

A doença pode, inclusive, ser fator indicativo da necessidade de uma pessoa ser iniciada no culto. A doença e a cura aparecem como os principais fatores responsáveis pelo grande número de fiéis que as religiões afro-brasileiras congregam. A cura, além de ser a demanda mais frequente, é também um dos motivos principais de conversão dos fiéis. [...] A religião, por estabelecer a mediação entre a ordem “natural”, a ordem social e a ordem sobrenatural, é capaz de fornecer à doença um sentido. Sentido que vai ao encontro, primeiro, à busca de explicação por parte dos fiéis para este acontecimento específico e, segundo, a uma concepção de mundo em que essas ordens se encontram sempre entrelaçadas (KNAUTH, 1994, P. 97-98).

Nesse contexto, não se trata da realização de promessa de uma resolução pragmática para a moléstia, na realidade, os terreiros disponibilizam um significado para a sua existência. De certa forma, atribui-se o êxito nos tratamentos religiosos de matriz africana na competência em transformar a forma como as pessoas acometidas

pelas moléstias compreendem e se situam diante às suas angústias. Uma doença que surja sem que a respectiva explicação ou, até mesmo, devido a condutas consideradas incomuns, como por exemplo: irritação, nervosismo, hostilidade, entre outros, são componentes que podem vir a ser julgados indícios de problemas espirituais (SILVEIRA, 2014).

Esses distúrbios podem ter sua gênese em uma outra pessoa. E, no credo africano está inserido a presença da feitiçaria, razão pela qual, a probabilidade de que a doença seja gerada por “mandingueiros” são frequentes nas culturas denominadas primitivas (SILVEIRA, 2014).

Para Silva (2007), o povo de terreiro é sabedor da existência de algumas enfermidades que os médicos desconhecem e, portanto, desconhecem a terapia adequada para a cura contra o mau-olhado, quebranto, assim como espinhela caída. Razão pela qual, a sabedoria do povo de terreiro, associada as práticas terapêuticas, são essenciais para enfrentar a aflição das pessoas e a recuperação da saúde.

Por outro lado, na percepção de Santos (1986), a saúde nas casas de matriz africana acontece em três aspectos: (a) saúde mental; (b) saúde do corpo; e (c) saúde espiritual. A caracterização da saúde e doença nesse meio, está relacionada ao conceito de axé, ao qual é atribuído o entendimento de se tratar da energia da vida. Esse axé pode aumentar ou diminuir a energia daqueles que buscam os terreiros, causando o equilíbrio ou o desequilíbrio.

De tudo exposto, pode-se afirmar que a religião de matriz africana ocupa uma certa influência sobre a sociedade. Entretanto, por ter origem nas experiências vividas no período em que foram escravizados, tornou-se um fator de compreensão, de determinação e de mobilização social. Além de fortalecer o sentimento de virtude, de prover a esperança, incentivar a luta e a persistência de populações dominadas, busca revelar o seu valor e garantir o auxílio de seres espirituais. A religião de origem africana tem se mostrado como um ótimo fator de barreira à dominação cultural e de autoafirmação de identidades étnicas.

Por fim, resta evidenciado que os terreiros reúnem as pessoas para o desempenho de ações apropriadas, as quais buscam proteger e salvaguardar à saúde e o bem-estar de seus frequentadores. Em especial, promover a saúde nesse ambiente, é fundamental, na medida em que contribui para o manutenção e a manutenção e conservação da cultura religiosa de matriz africana, uma vez que é através do corpo o relacionamento dos adeptos com os Orixás.

5.1.3. Dimensão Cultural

Uma outra categoria identificada, quando da busca por reconhecer os impactos que a Festa de Batuque provoca, foi a cultural. Para classificá-la como dimensão cultural, partiu-se do reconhecimento de fatores que contribuem para gerar uma modificação nos costumes e tradições da comunidade onde o terreiro está localizado.

Nesse contexto, pode-se perceber o modo como os terreiros se configuram e que, na percepção do Presidente do Conselho do Povo de Terreiro, Bábá Dibá de Yemonjá (2020), não são apenas espaços de vivência religiosa onde as festas ocorrem, são também considerados:

“Local de articulação de saberes atrelados a ancestralidade e as tradições. Um local onde a educação, a saúde e a vida são valorizadas, ocorrendo, inclusive, o resgate da língua, da identidade.” (BÁBÁ DIBÁ DE YEMONJÁ, 2020)

É cediço junto aos membros que fazem parte da comunidade do povo de terreiro, que as unidades de matriz africana (templos) não desempenham apenas o papel de orientação espiritual, assumiram, também, uma importante função social no meio onde estão inseridos, tornando-se, inclusive, um espaço de solidariedade em que seus adeptos buscam adquirir forças para enfrentarem os obstáculos e frustrações do dia a dia, assim como de acolhimento de pessoas à procura de conselho e ajuda aos mais diversos problemas sociais.

Outro fator que pode ser considerado nessa dimensão é a valorização da herança cultural, na medida em que a tradição oral é uma das riquezas que seus adeptos cultuam, além de trazer a essência da religião, dos seus fundamentos e de sua doutrina. É através dessa oralidade que ocorre a transmissão de saberes, sendo considerado uma forma de preservação.

Uma outra questão que está intimamente ligada a dimensão cultural é o trabalho dos profissionais culturais, no presente caso, pode ser mencionado o artesão, cujo labor passa a ser valorizado, na medida em que para a prática dessa herança cultural são necessários uma série de artefatos, sejam eles esculpidos em madeira, argila ou pedra. Esses artefatos reproduzem diferentes formas artísticas, as quais simbolizam elementos que representam ações que integram a cultura, seja para atender ao sagrado, assim como ao profano e, no caso de atender ao profano, pode ser encarado como uma forma de valorização da cultura.

Nesse contexto, aponta-se para o entendimento de Carvalho (2011), quando menciona que é certo que a religião de matriz africana integra um grupo grande de especialistas e artistas, entre os quais podem ser citados: as costureiras e bordadeiras que elaboram os axós, os especialistas que confeccionam os tambores e demais instrumentos musicais, os ferreiros que confeccionam os símbolos, os marceneiros que fazem as gamelas e os pilões; os artesãos do barro, que elaboram os potes, alguidares e quartinhas; os artesãos, entre muitos outros, como pintura, couro e etc.

Realizada as considerações iniciais sobre essa dimensão, importante abordar, doravante, mesmo que de forma sucinta, o pensamento de Celso Furtado sobre a dimensão cultural do desenvolvimento. A convicção de Furtado para essa dimensão, reporta-se à metodologia de transformação social, através da qual um considerável conjunto de necessidades humanas preexistentes ou que foram criadas a partir dessa transformação, é satisfeito mediante uma diferenciação no processo produtivo decorrente da introdução de inovações tecnológicas. Nessa perspectiva, esse processo não se restringe à sua dimensão artística.

É nesse contexto que muitas formas de dominação entre os mais variados povos foram testemunhadas. No que se refere ao subdesenvolvimento, essas formas podem ser atribuídas a dominação, sejam elas comercial, financeira, tecnológica. Alia-se, inclusive, a dominação político-militar verificada entre estados nacionais independentes, que se concentram em desenvolvidos e subdesenvolvidos. Ocorreu um progresso desses contornos de dominação com o decorrer dos tempos, sobrelevando a incorporação dos mercados financeiros, bem como as funções desenvolvidas pelas organizações transnacionais, o que possibilitou uma prorrogação da dominação internacional. Em especial, pelas razões que a coordenação da atividade econômica se encontrava subjugada ao capital estrangeiro (BORJA, 2009).

De acordo com Borja (2013), o sistema cultural compreende conexões que lhe são peculiares. Nesse sentido, a cultura material é constituída por bens aplicados, tanto para o consumo quanto para a produção. Por outro lado, a cultura não material reside nas relações sociais de produção, assim como nos costumes, na religião, na organização política e social, entre outros. Ainda de acordo com o autor, Furtado pretendia conceber um processo cultural que fosse capaz de avaliar os reflexos da inovação tecnológica acerca dos elementos não materiais, ressaltando a interdependência entre eles.

Temos a cultura dividida em dois grandes segmentos e o desenvolvimento mais rápido da base material exigindo adequadas acomodações na superestrutura não material [...] O que existe de fundamental e comum aos dois modelos é a constatação de que, sendo a cultura um conjunto de elementos interdependentes, toda vez que em determinadas condições históricas avança a tecnologia e se desenvolvem bases materiais, todos os demais elementos serão chamados a ajustar-se às novas condições, ajustamentos estes que darão origem a uma série de novos processos, com repercussões inclusive sobre a base material (BORJA, 254 APUD FURTADO, 1964, p. 19-19).

A globalização, de certa forma, impôs aos componentes do processo mundial uma padronização do consumo e uma uniformização dos modos de vida, o que contribuiu para a difusão de uma determinada cultura hegemônica, difundindo de forma irrestrita os valores culturais dominantes. Dessa maneira, a presença de empresas transnacionais acentuou a estandardização do consumo, instituindo a introdução de sucessivos fluxos de produtos e processos produtivos novos. Por outro lado, destaca-se a utilização da propaganda e dos meios de comunicação de massa como mecanismos provocadores do consumo, além da influência da cultura dominante sobre os países subdesenvolvidos.

Para Borja (2013), Furtado explorou com destreza a questão que engloba a ligação dominação-dependência, entretanto se limita a examinar o emprego do excedente destinado ao consumo final, surgindo daí reflexos sobre a cultura material e não-material. Todavia, além dos modelos de consumo, a tecnologia empregada nos processos de produção atinente ao capital estrangeiro acarreta transformações culturais de grandes proporções, as quais são processadas nas relações sociais de produção.

De outra forma, o capital cultural enquanto *habitus*, não foge da ideia de que existe uma subcultura de classe que impulsiona a estrutura de reprodução social. Entretanto, o conceito de capital cultural é utilizado por Bourdieu em uma concepção um pouco diversa, uma vez que sinaliza acesso a um conjunto de informações ligadas a uma determinada cultura, em uma perspectiva que registra como superior pela sociedade em relação as demais. Uma das particularidades do grupo dominante é reconhecer sua cultura como a melhor, isto é, que possui valor simbólico. Outro assunto envolvido é o fato de que a classe dominante possui o arbítrio de limitar quais as informações serão fornecidas ou não na totalidade das informações legítimas (BOURDIEU, 1989).

Nessa perspectiva, o conceito de capital cultural passa a ser uma estratégia, deixando de ser, única e exclusivamente, uma subcultura de classe. O capital cultural julgado por Bourdieu, na acepção estratégica, é até então, essencialmente, um instrumento que reproduz as condições sociais estimulado pelas suas conexões com as outras formas de capital: o capital social, o econômico e o simbólico.

Por outro lado, surge a concepção de que aqueles que possuem acesso a esse capital cultural possuem maior valor, assim como um acesso mais brando a outros recursos escassos. Nesse contexto, a cultura da classe dominante possuiria uma dinâmica de transformação, a qual ocorre em função da necessidade de preservar a diferenciação entre aqueles que fabricam e conduzem essa cultura, das investidas daqueles indivíduos que não se encontram dentro da classe dominante em se apropriar dessa cultura. Dessa forma, novas propensões irão garantir que a aproximação à cultura legítima, seja oportunizada a uns, pela facilidade adquirida com o *habitus*, e obstaculizada a outros, em especial aos que estão desprovidos pela falta de *habitus*.

5.1.4. Dimensão Ambiental

Diante de um cenário caracterizado pela globalização e a utilização inadequada dos recursos naturais, associada ao menosprezo à antiquados costumes culturais, a Educação Ambiental assumiu um lugar de destaque nas discussões e preocupações que envolvem à área ambiental em todo o mundo, pela necessidade de se mitigar problemas que afetam ao meio ambiente, originado pela ação indiscriminada do homem.

No caso das religiões de matriz africana, a alusão à natureza foi preservada de forma simbólica em muitos elementos rituais, à vista disso, atribui-se importância às folhas, a qual serve de instrumento para validar a ligação de sua ritualística com os elementos naturais. Na visão de Prandi (2005), as plantas são empregadas para purificar e sacralizar objetos, para curar doenças, afastar males, assim como purgar o corpo dos seguidores.

Na percepção de Bàbá Dibá de Yemonjá (2020), o aumento da consciência ambiental entre os seguidores da religião de matriz africana em Porto Alegre, dá-se através da realização de ações de educação para o povo de terreiro, sendo discutido

sobre a importância e valorização do meio ambiente, assim como sobre a necessidade de sua preservação.

Entretanto, a vinculação entre a tradição religiosa de matriz africana e uma provável consciência ambiental não é realizada de forma direta, como representa ser à primeira vista. Como leciona Santos (2006, p 106) que “comungar de uma tradição religiosa que professa seu respeito às forças da natureza, nem sempre representa dispor já, de uma consciência ambiental”.

Por outro lado, um dos aspectos que atinge papel de destaque com relação ao argumento ambiental, reside no fato de que a natureza é o elemento chave para a conexão com o divino, uma vez que são nos rituais realizados para os Orixás que a religião de matriz africana se mostra mais intensamente. A interpretação das crenças e valores que integram essa tradição, acontece através da relação do ser humano com a sua ancestralidade, sendo que essa conexão acontece mediante o frequente manuseio dos diversos elementos da natureza como fogo, ar, terra, água, florestas, ou seja, a motivação para a vida que se materializa através dos Orixás nos ambientes (MARTINS, 2015).

Na percepção de Martins (2015), de certa forma, a consciência ambiental é fundamental para os adeptos dessa tradição. A concepção africanista atribui aos Orixás, referindo-se a própria natureza, no sentido de que é normal que se aprenda a preservar e coabitar, fazendo de cada terreiro, um núcleo de resistência às imprudências ao meio ambiente. Nesse contexto, cada *habitat* ou elemento da natureza está vinculado a um Orixá, que por seu turno, possui como uma de suas peculiaridades, a preservação ambiental.

Para Prandi (2001), nos rituais de matriz africana a utilização e a identificação com os elementos da natureza são fundamentais, pois conserva a concepção de que as folhas são fonte de axé, força vital, que pode ser entendida como “*Kosi ewê Kosi orishá*”, que em uma tradução simples, significa que “sem folhas não há orixás”. Tal expressão permite inferir que sem usar as folhas não se pode cultuar os orixás, resumindo, de certa forma, a importância da natureza para as religiões de matriz africana.

Nessa linha, Araújo (2009) aponta que existe uma área fecunda no tocante ao processo de respeito e conservação ambiental, na medida em que a natureza e a religião estão intimamente conectadas.

O entendimento que se chega sobre essa dimensão, permite compreender que é capaz de se encontrar alguns seguidores da religião de matriz africana que podem ser considerados por uns, como protetores da natureza e, ao mesmo tempo, podem ser vistos como poluidores em função das suas práticas religiosas. Deste modo, as religiões de matriz africana e seus seguidores, ora são vistos como depredadores do meio ambiente, ora como ambientalistas espirituais, dependendo da lente que estão sendo observados. Observa-se, portanto, que se está diante de duas formas de interpretação das práticas religiosas de matriz africana que envolvem a natureza. Muito embora, a presença da natureza seja vista como essência divina e é importante aos seus adeptos, porém não necessariamente se traduz, plenamente, em consciência ecológica.

Finalizando, muito embora a questão ambiental seja pauta frequente em todo e qualquer tipo de discussão no mundo afora, assim como a função da religião sempre foi essencial para a sobrevivência humana nas sociedades antigas, ainda é muito pouco debatida a vinculação das concepções religiosas e a dependência natureza x ser humano.

5.2. O Ciclo cultural da Festa de Batuque na ótica do CAB

Nesta seção, tem-se a ideia da construção do ciclo cultural da Festa de Batuque com base no estabelecido pelo Convênio Andrés Bello e, através dessa construção, se apresenta, inclusive, o seu encadeamento produtivo. Primeiramente, procura-se registrar que, em consonância aos dados coletados, foi observado que o evento estudado movimenta muitas pessoas para a sua realização.

Importante mencionar que as pessoas envolvidas integram determinadas fases do ciclo cultural, possuindo habilidades diversas, mobilizando, inclusive, recursos e, ainda por cima, geram possibilidades no mercado de trabalho. Em síntese, as práticas do Batuque no RS se relacionam financeiramente com muitos setores da economia, o que de certa forma é significativo na vida econômica de uma região e vem ao encontro do apregoado por Spínola (2012), ao afirmar que esse é um dos aspectos que devem ser considerados, visto que se refere ao papel dinâmico que a religião exerce em determinadas atividades econômicas.

Nesse contexto, pode-se afirmar que a Festa de Batuque, diante do viés econômico, possibilita a geração de empregos e renda, assim como da oportuniza a

ampliação dos resultados das organizações. Entretanto, se for levado em consideração a questão cultural, ela possui o papel, inclusive, de resgate das tradições e de preservação da cultura. Do exposto, e considerando os dados coletados, constata-se que a Festa de Batuque se encontra imbricada por meio dos prismas de natureza cultural e econômico.

Após registrar que a realização do evento em estudo mobiliza um conjunto grande de pessoas, procurou-se entender um pouco da Festa de Batuque levando em consideração o que foi estabelecido no capítulo segundo desta tese, no tocante ao ciclo cultural. De acordo com o guia metodológico para construção das Contas Satélites da Cultura, conforme CAB (2015), são cinco as fases do ciclo cultural: criação, produção, difusão, exibição e consumo.

As etapas do ciclo cultural

Diante desse contexto procurou-se entender um pouco mais da Festa de Batuque procurando enquadrar dentro de cada fase do ciclo cultural o que foi levantado no campo.

- *A primeira fase do ciclo cultural – A criação*

Na primeira fase, no caso a criação, foi entendido que são contempladas todas as ideias e expressões simbólicas que, de certa forma, enriquecem a manifestação. Inclusive, restou compreendido que através da concepção do que se pretende realizar, é que se forma o que realmente será identificado em termos de geração de renda e trabalho.

Como forma de melhor representar essa etapa do ciclo cultural, na Figura 41, apresenta-se imagem de escultor produzindo uma escultura de um Orixá. Trata-se do escultor Rodrigo Siqueira, o qual procura trabalhar em suas obras o resgate da ancestralidade africana. Observa-se nessa etapa a transformação da matéria-prima (insumos) em produtos que serão utilizados para atendimento de uma demanda específica ou destinados a revenda no comércio varejista. Esses produtos são confeccionados em pequenas fábricas, assim como é caso da confecção de roupas destinadas ao uso nas festas.

Figura 41 - Escultor criando uma escultura de um Orixá



Fonte: (Reges, 2017, p. 1)

Na próxima figura, uma imagem de um par de esculturas em madeira entalhada representando uma divindade africana masculina e uma feminina que foram leiloadas no ano de 2013, conforme se observa através do site do Leiloeiro Público Antônio Ferreira.

Figura 42 – Par de escultura africana entalhada em madeira



Fonte: (Ferreira, s.d., p. 1)

Para finalizar o comentário sobre a primeira fase, importante frisar de que não se pode deixar de comentar a questão que envolve os direitos autorais desses artistas que desenvolvem determinados produtos de caráter singular, independentemente do tipo de material que são utilizados.

- *A segunda fase do ciclo cultural – A produção*

Pela lógica do CAB, a segunda fase é apresentada como a etapa de produção. Esta etapa reside na transformação dos insumos em produtos que poderão ser comercializados ou não, e que serão utilizados nas Festas de Batuque. Pode ser atrelado a essa etapa a produção em grande escala, que podem ser pinturas, produtos em argila, entre outros.

Na sequência, na Figura 43, uma fotografia de produtos em argila, muito comuns nos terreiros.

Figura 43 - Produtos em argila utilizados no Batuque



Fonte: (Marajoara, 2020, p. 1)

Assim como os produtos em argila, apresenta-se na Figura 44 alguns produtos trabalhados em madeira que são utilizados nos terreiros.

Figura 44 - Produtos em madeira utilizados no Batuque



Fonte: (Arte Africana, 2020, p. 1)

- *A terceira fase do ciclo cultural – A difusão*

Esta etapa do ciclo cultural de acordo com o CAB é a difusão dos produtos produzidos, ou seja, a disponibilização desses produtos, seja por meios físicos e/ou virtuais, a disposição dos consumidores. Nessa etapa é que ocorre, com intensidade, a utilização de plataformas de comunicação e divulgação.

- *A quarta etapa do ciclo cultural – A exibição*

Nessa etapa do ciclo cultural tem-se a exibição, a qual está relacionada com a transferência de conteúdos simbólicos para que possam ser vistos e entendidos.

Nesta etapa denominada de exibição pelo CAB existe um aumento do uso de espaços não convencionais para exibição e transmissão de conteúdo simbólico ao público. Como por exemplo, registra-se o caso do grupo de danças Odomodê - Afrosul²⁹ que se apresenta em teatros para a realização de espetáculos que contemplam as danças características dos Orixás do Batuque. Pode ser mencionado também o grupo Alagbê-Oni³⁰, grupo de ritmistas que desenvolvem um trabalho mostrando os ritmos dos atabaques gaúchos entre eles o Batuque.

Na Figura 45, consta um banner divulgando uma peça do grupo Afro Sul que intitulada: “O Negro e o Rio Grande do Sul: A religação espiritual entre dois mundos”, o que caracteriza bem a quarta etapa do ciclo cultural.

²⁹ Instituto Sociocultural Afrosul Odomodê é uma instituição cultural que funciona como movimento de valorização da cultura negra e do direito à livre expressão da pessoa humana, com objetivo de lutar contra o racismo e divulgar a história negra através de seus espetáculos.

³⁰ Alabê-Oni é um grupo formado por quatro músicos pesquisadores que se dedicam a recuperação da história do tambor de sopapo através da mostra de manifestações da cultura negra gaúcha ligada a tradição religiosa e profana.

Figura 45 – Cartaz para exibição de um espetáculo do Afro Sul



Fonte: (Afro-sul Odomode, s.d., p. 1)

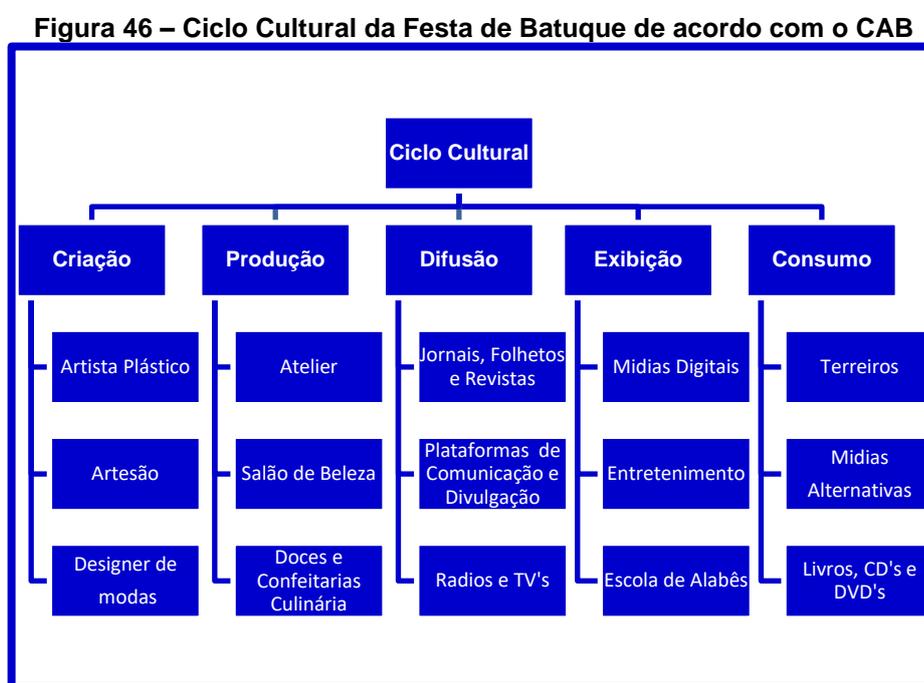
- *A quinta etapa do ciclo cultural – O consumo*

Por fim, se tem a última etapa do ciclo cultural que trata do consumo da cultura em si, o que acontece de maneira direta no terreiro, e indiretamente através de canais de TV's, mídias alternativas, por intermédio de venda de livros, CD's, DVD's. As Festas Batuque enquanto uma festa popular com suas características culturais é replicada para outros lugares, naquilo que é permitido mostrar. De certa forma, essa etapa está associada as práticas culturais, as quais são importantes para se mensurar

o montante dos gastos realizados, assim como se estimar a renda gerada diante do consumo de conteúdo simbólico de cada um dos setores da economia.

O Ciclo Cultural

Do exposto sobre as etapas, como forma de consolidar a estrutura do ciclo cultural da Festa de Batuque com base nos dados levantados na presente pesquisa, apresenta-se a Figura 46.



Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Da Figura 46, pode-se perceber que o universo das atividades culturais que integram o Ciclo Cultural da Festa de Batuque é imenso, possuindo diversos tipos, como por exemplo: (a) cultura midiática; (b) belas artes; (c) expressões da cultura popular, entre outras. Muito embora se trate de atividades culturais, possuem uma dimensão econômica, visto que para a sua concretização são necessários recursos, quer para a aquisição de matéria prima, quer para a execução do trabalho.

É nesse contexto que se torna possível construir o mercado da Festa de Batuque, assim como de acordo com as informações obtidas na pesquisa, comprovar de que se trata de um patrimônio cultural imaterial que gera emprego e renda.

Por conseguinte, importante trazer que são nos terreiros que as festas se organizam e são estabelecidas funções para que a mesma possa acontecer. Surgem

daí, as conexões decorrentes das necessidades para a realização do evento, as quais formam a cadeia produtiva da Festa do Batuque. Entretanto, para entender a sua caracterização, é importante definir, neste ponto, as interações que a compreendem, isto é, identificar as relações que integram esta cadeia.

Diante de todo cenário em que o resgate da herança cultural é praticado, há todo um conjunto de caráter industrial, no que diz respeito aos materiais que são utilizados, gerando uma necessidade que favorece um mercado específico de prestação de serviços e de compra e venda.

Com os dados coletados na pesquisa, pode-se perceber que são muitos os agentes ligados à vários setores comerciais e industriais que se beneficiam comercialmente da Festa de Batuque, podendo ser citados:

- A indústria audiovisual mediante transmissão das imagens criadas e produzidas pelos terreiros, pela venda de CD's e vídeos com rezas de batuques, assim como as rádios pela transmissão das festas;
- A indústria fonográfica responsável pela gravação, edição e distribuição de mídia sonora, seja em formato de CD ou de som digital como MP3 e sua respectiva comercialização;
- A indústria editorial pela edição de revistas, folhetos, jornais, posters e livros;
- A indústria do turismo pela venda de transporte, alimentação e hospedagem;
- A indústria do entretenimento pela venda de ingressos para apresentações em teatros;
- A internet pela visitação de sites culturais, informativos e comerciais;
- A indústria de bebidas, a indústria têxtil, entre outras indústrias.

Trata-se de uma pluralidade de segmentos industriais e comerciais que integram a cadeia produtiva do batuque, sendo alguns ligados de forma direta e outros de forma indireta. Nesse contexto o encadeamento produtivo permite aos pequenos negócios atuarem como fornecedores ou distribuidores dentro da cadeia deste segmento.

A cadeia produtiva do Batuque interage com diversas atividades produtivas da economia e, para um melhor entendimento de todo encadeamento, dividiu-se em três partes: Cadeia a montante, Cadeia principal e Cadeia a jusante.

- Cadeia a Montante: no presente trabalho foi considerada como cadeia a montante, todas as atividades acessórias que, de certa forma, antecedem a Festa de Batuque e que contempla: a indústria do transporte, os serviços de confecção de axós, os

serviços de fotografia e filmagens, decoração, segurança, serviços gráficos e os serviços dos institutos de beleza;

- Cadeia Principal: Neste trabalho a cadeia principal são todas as atividades indispensáveis para a realização da festa em si, como os serviços do *Alagbê*, a comercialização dos insumos necessários para a confecção dos produtos utilizados na festa, sejam eles de natureza animal, vegetal e mineral;
- Cadeia a Jusante: Para fins deste trabalho são consideradas como integrantes da cadeia a jusante todas as atividades que compreendem a publicidade e divulgação da cultura, serviços de artistas plásticos e de artesãos e onde ocorrem, também, as atividades culturais.

Com base nisso, na sequência, é apresentado o diagrama da cadeia de relacionamentos da Festa de Batuque na Figura 47, destaca-se que na sua elaboração foram consideradas atividades produtivas que possuíam ligação direta e indireta com a Festa de Batuque.

Figura 47 - Diagrama da Cadeira de Relacionamentos da Festa de Batuque



Fonte: Elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Importante ressaltar, de maneira a clarificar o presente diagrama que não foram consideradas as ramificações de níveis primários e/ou secundários das atividades

listadas. Na sua elaboração observou-se apenas as atividades principais que integram e são utilizadas na realização de uma Festa de Batuque, trazendo como exemplo, no caso dos aviários, não se apreciou os demais insumos que são necessários para a manutenção dessa atividade e, se examinado com uma riqueza de detalhes, apontaria, por exemplo, os produtores de ração animal.

Diante deste diagrama da cadeia de relacionamentos da Festa de Batuque, pode-se afirmar que as manifestações econômicas que se encontram inseridas dentro desse universo é variada, abarcando uma gama elevada de mercados.

Nessa seção restou claro que a caracterização do ciclo cultural de acordo com o que apregoa o CAB é de fácil aplicabilidade no Brasil, uma vez que identifica as atividades que integram um PCI, bem como permite enquadrá-las em cada uma de suas etapas. Quando da identificação das atividades que compreendem esse ciclo cultural foi possível apresentar uma inédita cadeia produtiva derivada religião de matriz africana gaúcha, sendo que foi demonstrado as suas inter-relações e o conjunto de atividades derivadas.

Finaliza-se, afirmando que no tocante as relações econômicas decorrentes das inter-relações do conjunto de atividades listadas que interagem com a Festa de Batuque, seus efeitos diretos e indiretos assumem um papel relevante na vida econômica de uma região. Por outro lado, esse PCI não difere das práticas adotadas nas outras religiões, quando se trata de garantir a sustentabilidade financeira do terreiro.

5.3. A mensuração do impacto econômico da Festa de Batuque

A mensuração do valor econômico da Festa de Batuque tem por objetivo gerar informações quantitativas e qualitativas, as quais poderão ser consideradas de grande relevância para as Comunidades Tradicionais de Povos de Terreiros, pois servirá de instrumento de fortalecimento, empoderamento e de visibilidade para seus adeptos.

Como forma de mensuração dessa herança cultural, preliminarmente, procurou-se calcular as correlações entre as variáveis que integram o modelo, com o propósito de entender a intensidade das relações existentes no conjunto de dados coletados.

Para o cálculo das correlações foram considerados as seguintes variáveis, Frequência com que se vai a uma Festa de Batuque (y), a variável Gênero (x_1), a variável Faixa Etária (x_2), a variável Grau de Instrução (x_3), a variável Renda (x_4), a

variável Felicidade (x_5) e a variável Custo de Viagem (x_6), as quais estão descritas na Tabela 36.

Tabela 36 – Matriz de correlações das variáveis explicativas do modelo

	y	x_1	x_2	x_3	x_4	x_5	x_6
y	1,0000						
x_1	- 0,0799	1,0000					
x_2	- 0,1106	0,0777	1,0000				
x_3	- 0,0249	0,0256	- 0,1401	1,0000			
x_4	0,0277	- 0,0465	- 0,0199	0,3441	1,0000		
x_5	0,2548	0,0336	- 0,0011	- 0,0059	- 0,0156	1,0000	
x_6	- 0,0820	- 0,0162	- 0,0811	0,1292	0,3990	0,0594	1,0000

Fonte: elaborado pelo autor com os dados da pesquisa

A correlação da variável Frequência com que se vai a uma Festa de Batuque (y) com as variáveis, Faixa Etária, Grau de Instrução e Custo de Viagem são negativas, indicando que quanto maior forem os seus valores, menores serão as participações nas festas. Entretanto, a intensidade é relativamente pequena, sendo encontrados os seguintes fatores (-0,1106, -0,0249, e -0,0820), para Faixa Etária, Grau de Instrução e Custo de Viagem, respectivamente. Neste caso, entende-se que esses elementos prejudicam a consideração destes como previsores do número de eventos em que participam.

No tocante a correlação da variável Frequência com as variáveis Renda e Felicidade, o resultado é positivo, indicando que quanto maior a renda e quanto maior o sentimento de bem-estar das pessoas, maior será a sua frequência em eventos. Assim como a avaliação anterior, essas variáveis indicam uma ínfima propensão a ser diagnosticada como impulsionadora para o número de festas que participam.

Observa-se, inclusive, na Tabela 36, uma intensidade positiva fraca quando se valia uma maior instrução se obtém uma maior renda, assim como na comparação das variáveis renda e custo de viagem, a qual estabelece que quanto maior for a renda, maior será o gasto com viagens.

Uma vez realizada as considerações iniciais da presente seção, nos itens seguintes será aplicada a modelagem estabelecida na metodologia para obtenção do valor do patrimônio, o Método do Custos de Viagem e o Método de Valoração Contingente, estando esses métodos associados a exploração da influência do bem-

estar subjetivo dos indivíduos com o propósito de melhor interpretar os resultados e demais aspectos que fazem parte do processo de valoração.

5.3.1. Mensuração pelo Método dos Custos de Viagem

Neste tópico, dá-se início a apresentação dos resultados da valoração do intangível pelo MCV. Entretanto, entendeu-se pertinente avaliar as estatísticas descritivas das variáveis que compuseram o MCV, com o propósito de avaliar a adequabilidade para utilização da Regressão de Poisson que inicialmente foi proposta.

Avaliação preliminar das variáveis

Em uma primeira análise, observou-se que algumas dessas variáveis apresentam categorias com poucos casos, razão pela qual, optou-se por agrupar algumas categorias para se obter uma maior consistência em sua análise em função do “n”. É o caso da variável Grau de Instrução em que algumas categorias foram agrupadas para facilitar a análise, conforme tabela abaixo.

Tabela 37 – Variável grau de instrução dos entrevistados agrupada

Grau de Instrução	n	%	% válido	% acumulado
Ensino Fundamental	58	14,8	14,8	14,8
Ensino Médio	168	42,9	43,0	57,8
Ensino Superior	137	34,9	35,0	92,8
Pós-graduação	28	7,1	7,2	100,0
Total válido	391	99,7	100,0	
Sem resposta	1	,3		
Total geral	392	100,0		

Fonte: elaborado pelo autor com os dados da pesquisa

Constata-se dessa tabela que 58 observações, de um total de 392, representam 14,8% e se encontram na nova categoria denominada “ensino fundamental”, a qual compreende tanto o ensino completo quanto o incompleto. A nova categoria “ensino médio”, a qual engloba os que concluíram, assim como aqueles que estão cursando ou abandonaram esse nível educacional após o respectivo ingresso, representa 42,9%, contemplando 168 observações. Os respondentes que se encontram na categoria “nível superior” (completo ou incompleto) representam 34,9%, com 137

observações. Finalizando, tem-se o nível de “pós-graduação”, com 28 observações, representando 7,1% do total, sendo que apenas uma observação não respondeu à questão, contemplando 0,3%.

Outra variável que sofreu ajuste em função da pequena quantidade de “n” em algumas de suas categorias foi a denominada “renda dos entrevistados”, a qual ficou assim constituída, conforme Tabela 38.

Tabela 38 – Variável renda dos entrevistados agrupada

Renda agrupada	n	%	% válido	% acum.
até 2 SM	205,00	52,30	53,10	53,10
Acima de 2 SM até 4 SM	122,00	31,10	31,60	84,70
Acima de 4 SM a 6 SM	27,00	6,90	7,00	91,70
Acima de 6 SM	32,00	8,20	8,30	100,00
Sub-total	386,00	98,50	100,00	
Sem marcações	6,00	1,50		
Total	392,00	100,00		

Fonte: elaborado com base nos dados da pesquisa

O novo agrupamento reuniu em uma única categoria as categorias inicialmente denominadas de “06 a 08 SM”, a de “08 a 10 SM” e a categoria referente aos entrevistados que possuíam uma renda “acima de 10 SM”. Essa fusão contribuiu para que a categoria apresentasse um total de 32 observações, com uma representatividade de 8,2%. Para as outras categorias da variável renda, prevalece a análise contida no item 4.5, referente a Tabela 23, uma vez que estas se mantiveram inalteradas.

Nessa mesma linha, ocorreu o agrupamento de categorias na variável “Felicidade”, em especial, nas categorias “muito infeliz”, “infeliz” e “sem opinião”, sendo que o resultado desse agrupamento consta na Tabela 39.

Tabela 39 – Variável felicidade agrupada

Felicidade (agrupada)	n	%	% válido	% acumulado
Muito infeliz/Infeliz/sem opinião	13	3,3	3,3	3,3
Feliz	24	6,1	6,1	9,4
Muito feliz	355	90,6	90,6	100,0
Total	392	100,0	100,0	

Fonte: elaborado com base nos dados da pesquisa

Nas categorias agrupadas foram constatadas um número de 13 observações, representando 3,3% do total. As demais categorias se mantiveram nas condições

estabelecidas inicialmente, e as respectivas análises, constam na explicação do Gráfico 21.

Na Tabela 40, a seguir, consta a estatística descritiva do custo de viagem calculado entre os respondentes.

Tabela 40 – Estatística descritiva do Custo de viagem

n válido	392
n desconsiderados	0
Média	541,2401
Mediana	409,0328
Desvio-Padrão	802,8362
Mínimo	2,2908
Máximo	10596,2708
Percentil 25	208,107509
Percentil 50	409,032800
Percentil 75	648,295357

Fonte: elaborado com base nos dados da pesquisa

Da Tabela 40, observa-se que o valor médio encontrado para o custo de viagem entre a amostra coletada é de R\$ 541,24 (quinhentos e quarenta e um reais e vinte e quatro centavos), sendo que o valor mínimo verificado foi de R\$ 2,29 (dois reais e vinte e nove centavos) e o máximo foi de R\$ 10.596,27 (dez mil, quinhentos e noventa e seis reais e vinte e sete centavos), de um total de 392 observações. A mediana foi de R\$ 409,03 (quatrocentos e nove reais e três centavos) e o desvio padrão de R\$ 802,83 (oitocentos e dois reais e oitenta e três centavos).

Por outro lado, tem-se o desvio padrão elevado que aponta uma dispersão dos dados em relação à média. Ainda da estatística descritiva do Custo de Viagem, pode-se verificar que o intervalo interquartil aponta que 50% dos dados estão entre os valores R\$ 208,10 (duzentos e oito reais e dez centavos) e R\$ 648,29 (seiscentos e quarenta e oito reais e vinte e nove centavos).

Na sequência foi realizado uma distribuição de frequência dos valores coletados referente aos custos de viagens, conforme Tabela 41.

Tabela 41 – Distribuição de frequência do custo de viagem

Custo Viagem (Faixas)	n	%	% válido	% acumulado
Menos de R\$250	145	37,0	37,0	37,0
R\$250,00 a R\$499,99	113	28,8	28,8	65,8
R\$500,00 a R\$749,99	62	15,8	15,8	81,6
R\$750,00 a R\$999,99	25	6,4	6,4	88,0
R\$1.000,00 ou mais	47	12,0	12,0	100,0
Total	392	100,0	100,0	

Fonte: elaborado pelo autor com os dados da pesquisa

Verifica-se que 145 observações apresentam valores menores que R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) representando 37,0%. Entre os valores de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) a R\$ 499,99 (quatrocentos e noventa e nove reais e noventa e nove centavos) foram constatadas 113 observações, representando 28,8%. Acima de R\$ 500,00 (quinhentos reais) foram encontradas 134 observações as quais representam 34,20%.

Avaliação da usabilidade da Regressão de Poisson

Após essa avaliação preliminar, realiza-se uma verificação da possibilidade de utilização da técnica de Regressão Poisson, conforme se propusera na seção que trata da metodologia, que para tal, existe a necessidade de que alguns pressupostos sejam atendidos como forma de que os seus resultados sejam válidos.

Nesse contexto, os pressupostos empregados levaram em consideração o constante no tutorial do SPSS, disposto no site www.statistics.laerd.com, que é um software aplicativo científico que ressalta: (a) a variável dependente deve ser resultante de uma contagem; (b) as variáveis independentes devem ser medidas em escala contínua, ordinal ou nominal/dicotômica; (c) as observações devem ser independentes; (d) a variável dependente (contagem) deve seguir uma distribuição de Poisson; (e) a média e a variância da variável dependente devem ser iguais. Essas informações estão disponível em: <https://statistics.laerd.com/spss-tutorials/poisson-regression-using-spss-statistics.php>.

Assim sendo, no que respeita a variável dependente, conforme Tabela 42, é realizado o Teste de Kolmogorov-Smirnov para se certificar se e os dados da variável “Frequência” seguem uma distribuição de Poisson.

Tabela 42 - Teste de Kolmogorov-Smirnov – Distribuição de Poisson

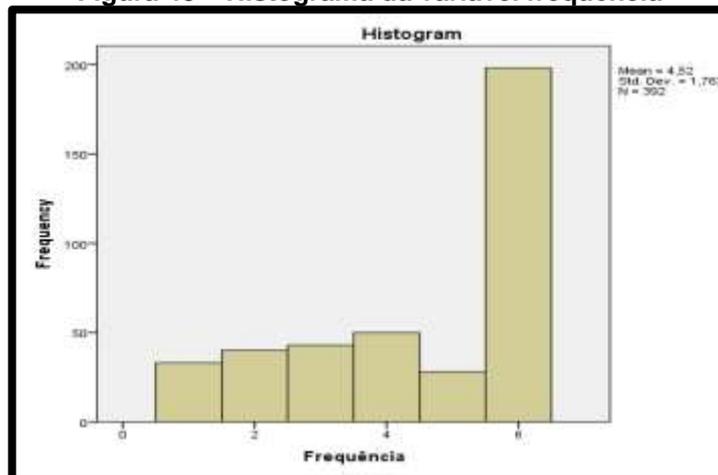
		Frequência
N		392
Poisson Parameter ^{a,b}	Mean	4,52
	Absolute	0,205
Most Extreme Differences	Positive	0,171
	Negative	-0,205
Kolmogorov-Smirnov Z		4,067
Asymp. Sig. (2-tailed)		0
Exact Sig. (2-tailed)		. ^c
Point Probability		0

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

De acordo com o Teste de Kolmogorov-Smirnov, rejeita-se a hipótese de que os dados da variável “Frequência” seguem uma distribuição de Poisson ($p < 0,001$), o que contraria o pressuposto (d), citado acima. Portanto não é recomendável a utilização da Regressão de Poisson para esse conjunto de dados.

Alia-se o fato de que os dados dessa variável, conforme disposto na Tabela 30, constante na seção 4.5 desta tese, demonstram que mais de 50% dos casos verificados estão na categoria “mais de 5 vezes ao ano”, o que permite concluir que a variável não segue uma distribuição Poisson.

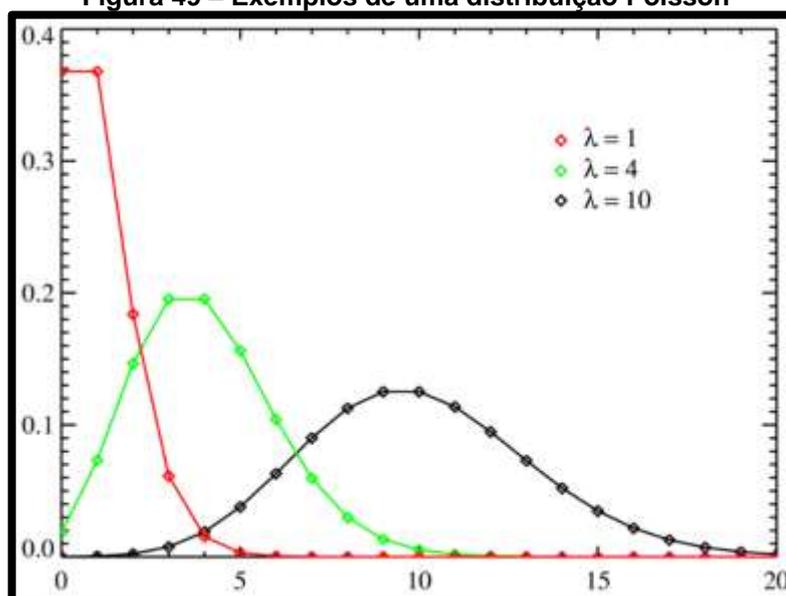
A seguir, na Figura 48, o histograma dos dados da variável frequência.

Figura 48 – Histograma da variável frequência

Fonte: elaborado com base nos dados da pesquisa

Na Figura 48 consta o histograma da variável frequência com a respectiva disposição gráfica dos seus resultados. Na Figura 49, a seguir, é apresentado os exemplos de uma distribuição Poisson.

Figura 49 – Exemplos de uma distribuição Poisson



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Distribui%C3%A7%C3%A3o_de_Poisson

A simples comparação visual da disposição do conjunto de dados da variável frequência, constante na Figura 48, com os exemplos de distribuição Poisson, constante na Figura 49, comprovam que os dados não seguem esse tipo de distribuição.

Diante deste cenário, entendeu-se que a alternativa viável de análise para esse conjunto de dados seria agrupar a variável frequência em duas categorias, conforme tabela abaixo e, considerá-la como variável dependente, num modelo de Regressão Logística Binária.

Tabela 43 – Variável frequência agrupada

Frequência	n	%	% válido	% acumulado
até 5 vezes ao ano	194	49,5	49,5	49,5
mais de 5 vezes ao ano	198	50,5	50,5	100,0
Total	392	100,0	100,0	

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

A Regressão Logística

Deste ponto em diante, inicia-se o processo de utilização da análise de Regressão Logística Binária, a qual busca prever a probabilidade de ocorrência de cada resultado de uma variável de resposta categórica (binária), em função de uma ou mais variáveis predictoras (independentes). No caso em questão, o objetivo é prever

qual a probabilidade de ocorrência de uma frequência de mais de 5 vezes ao ano em Festas de Batuque, em função da existência ou não de determinadas variáveis preditoras. Foram testadas como variáveis preditoras as seguintes variáveis: gênero, faixas etárias, grau de instrução, renda, felicidade e a diferença entre disposição a pagar e o custo da viagem (diferença = disposição a pagar – custo da viagem), sendo que a variável de resposta é a frequência de até 5 vezes ao ano ou de mais de 5 vezes ao ano.

De todo o exposto, cabe destacar que a regressão logística fornece informações relevantes sobre o impacto de cada variável preditora sobre a variável resposta, como por exemplo, qual é a chance de ocorrência de uma frequência de mais de 5 vezes ao ano para uma pessoa com ensino superior, em relação a uma pessoa com ensino fundamental?

Para isso, na tabela 44 são apresentados o sumário dos casos analisados e processados para a realização da regressão.

Tabela 44 – Casos processados

Casos	n	%
Incluídos na análise	385	98,20%
Casos excluídos	7	1,80%
Total	392	100%
Casos não selecionados	0	0
Total	392	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Na tabela acima é informado que dos 392 casos existentes no banco de dados, 385 foram levados em consideração para a realização da Regressão Logística, representando 98,2% do total de respondentes, na medida em que sete observações foram excluídas da análise por falta de informação em alguma(s) da(s) variável(is) considerada(s) no modelo, o que representa um número de 1,8%.

Uma vez realizado os novos agrupamentos é necessário parametrizar as variáveis para que se possa efetuar a regressão logística. Nesse sentido, na próxima tabela consta a codificação das variáveis categóricas que possuem mais de duas categorias.

Tabela 45 – codificação das variáveis categóricas

		Frequência	código parametrizado				
			-1	-2	-3	-4	-5
Frequência	1 vez ao ano	30	0	0	0	0	0
	2 vezes ao ano	36	1	0	0	0	0
	3 vezes ao ano	40	0	1	0	0	0
	4 vezes ao ano	49	0	0	1	0	0
	5 vezes ao ano	26	0	0	0	1	0
	mais de 5 vezes ao ano	182	0	0	0	0	1
Faixa Etária	até 20 anos	12	0	0	0	0	0
	de 21 a 30 anos	77	1	0	0	0	0
	de 31 a 40 anos	115	0	1	0	0	0
	de 41 a 50 anos	94	0	0	1	0	0
	de 51 a 60 anos	47	0	0	0	1	0
	de 61 a 70 anos	18	0	0	0	0	1
Grau de Instrução	Ensino Fundamental	52	1	0	0		
	Ensino Médio	151	0	1	0		
	Ensino Superior	133	0	0	1		
	Pós-graduação	27	0	0	0		
Renda	até 2 Salários Mínimos	194	0	0	0		
	Acima de 2 até 4 Salários Mínimos	112	1	0	0		
	Acima de 4 até 6 Salários Mínimos	26	0	1	0		
	Acima de 6 Salários Mínimos	31	0	0	1		
Felicidade (agrupada)	Muito infeliz/Infeliz/sem opinião	10	0	0			
	Feliz	24	1	0			
	Muito feliz	329	0	1			

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

No caso da variável categórica “gênero”, possui duas categorias e já está codificada com 0 (masculino) e 1 (feminino). Assim, a interpretação dos resultados será realizada em relação à categoria 0 (referência).

Na Tabela 46 a classificação final dos casos.

Tabela 46 – Classificação final dos casos

	Observações	Previsão			
		Frequência		%	
		até 5 vezes ao ano	mais de 5 vezes ao ano		
Etapa 4	Frequência				
		até 5 vezes ao ano	110	79	58,2
		mais de 5 vezes ao ano	64	132	67,3
	Percentual total				62,9

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

A classificação final dos casos, considerando as variáveis preditoras mais significantes estatisticamente está classificando corretamente 58,2% dos casos com frequência de até 5 vezes ao ano e 67,3% dos casos com frequência de mais de 5 vezes ao ano. O percentual de acerto geral é de 62,9%, conforme Tabela 46. O ponto de corte utilizado para classificar os casos como tendo frequência de até 5 vezes ao ano ou acima de 5 vezes ao ano é igual a 0,50. Nesse sentido, todos os casos com probabilidade de possuírem frequência maior a 5 vezes ao ano maior do que 0,50 (50%) são classificados pelo modelo nessa categoria, ou seja, frequência maior que 5 vezes.

A próxima tabela apresenta o modelo final da análise realizada através da regressão logística, sendo considerada para a realização das interpretações dos resultados. Este modelo procurou manter as variáveis mais significantes estatisticamente e foram obtidas na etapa 4.

Tabela 47 – Variáveis do modelo de regressão logística

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% C.I. for EXP(B)	
							Lower	Upper
GEN	-0,472	0,227	4,335	1	0,037	0,624	0,4	0,973
FET			15,347	5	0,009			
FET(1)	0,933	0,823	1,283	1	0,257	2,542	0,506	12,767
FET(2)	1,801	0,619	8,463	1	0,004	6,056	1,8	20,38
FET(3)	1,336	0,6	4,955	1	0,026	3,803	1,173	12,33
Passo 4 FET(4)	1,755	0,611	8,258	1	0,004	5,783	1,747	19,141
FET(5)	0,865	0,645	1,801	1	0,18	2,376	0,671	8,409
FEL_agrup			12,271	2	0,002			
FEL_agrup(1)	1,498	1,144	1,714	1	0,191	4,471	0,475	42,101
FEL_agrup(2)	2,676	1,056	6,423	1	0,011	14,527	1,834	115,061
Constante	-3,623	1,197	9,16	1	0,002	0,027		

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Ao avaliar a Tabela 47, percebe-se que para a variável gênero (GEN), um respondente do sexo feminino possui 37,6% (1 – 0,624) mais chances em ter uma frequência maior que 5 vezes ao ano, do que um respondente do sexo masculino ($p = 0,037$).

No tocante a variável faixa etária (FET), na faixa de 21 a 30 anos, pode-se afirmar que um respondente dessa categoria tem 6,056 vezes mais chances de ter uma frequência de mais de 5 vezes ao ano do que um respondente com 61 a 70 anos ($p = 0,004$). Enquanto na faixa de 31 a 40 anos, um respondente dessa classe possui uma probabilidade de 3,803 vezes mais chances em ter uma frequência de mais de 5 vezes

ao ano, do que um respondente com 61 a 70 anos ($p = 0,026$). No caso da faixa de 41 a 50 anos, um respondente dessa classe tem 5,783 vezes mais chances em ter uma frequência de mais de 5 vezes ao ano do que um respondente com 61 a 70 anos ($p = 0,004$).

No que tange a variável Felicidade (FEL), aquele respondente que afirmou “Muito feliz”, possui 14,527 vezes mais chances em ter uma frequência de mais de 5 vezes ao ano, em comparação ao respondente “Muito infeliz/Infeliz/sem opinião” ($p = 0,011$).

A estimativa com base no custo de viagem

Uma vez realizada a regressão, neste ponto, com base no resultado médio obtido para o custo de viagem, o qual foi considerado em R\$ 541,20 (quinhentos e quarenta e um reais e vinte centavos), assim como o número médio de participantes que frequentam uma Festa de Batuque foi estabelecido em 135 pessoas, chega-se a um valor por festa estimado na ordem de R\$ 73.062,00 (setenta e três mil, sessenta e dois reais).

Diante das estimativas realizadas para a determinação do número total de casas de religião de matriz africana em Porto Alegre, a qual contempla três cenários, os quantitativos estabelecidos foram de 3.000, 8.000 e 12.500, em uma expectativa conservadora, moderada e arrojada, respectivamente.

Na medida que o número de festas realizadas por ano, em cada terreiro, é na ordem de 2,4, o valor do MCV será de R\$ 526.085.280,00 (quinhentos e vinte e seis milhões, oitenta e cinco mil, duzentos e oitenta reais), em uma estimativa conservadora. Chega-se, no caso de uma estimativa moderada, ao valor de R\$ 1.402.894.080,00 (um bilhão, quatrocentos e dois milhões, oitocentos e noventa e quatro mil, oitenta reais). Em uma estimativa arrojada o valor obtido será de R\$ 2.192.022.000,00 (dois bilhões, cento e noventa e dois milhões, vinte e dois mil reais).

Importante mencionar que para se chegar ao valor do Custo de Viagem individual foi necessário tabular os custos incorridos pelos respondentes para participarem de uma Festa de Batuque. O Apêndice 18 demonstra os cálculos efetuados para se chegar ao custo de viagem individual entre os respondentes.

Conforme descrito na fórmula 3, são três as parcelas que compuseram esse custo:

CV = Custo de Deslocamento + Custo de Oportunidade + Estadia

- **Custo de Deslocamento**

Essa parcela consistiu na identificação dos custos com deslocamentos e para isso foi necessário multiplicar o custo do Km/rodado pela distância entre a residência do respondente e o local da Festa de Batuque.

Entretanto, considerando as determinações da Organização Mundial da Saúde e dos demais organismos de saúde estaduais e municipais, as aglomerações estavam proibidas e devia-se seguir um protocolo que condicionasse um completo isolamento social, o que propiciou uma mudança na forma da coleta, a qual não foi realizada diretamente nas festas, como inicialmente se havia previsto.

Para a identificação da distância entre o local do evento e o de residência do participante foi utilizado o site <https://pt.distance.to/> que informava a menor distância entre o local de origem e o de destino. Para o presente estudo foi considerado o local de destino o centro de Porto Alegre e o de origem o bairro que o respondente afirmou residir. E, com base em informações da ANTT e ANAC o custo de deslocamento considerado por quilômetro está estabelecido na Tabela 48.

Tabela 48 – Custo por Km/rodado maio de 2020

Tipo de Transporte	R\$/Km
Carro	R\$ 1,102388
Motocicleta	R\$ 0,537959
Ônibus/Van	R\$ 0,343559
Avião	R\$ 0,356700

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

No Apêndice 12, o desenvolvimento de cálculo utilizado para se chegar ao valor do custo por KM de cada tipo de transporte apresentado.

- **Custo de Oportunidade**

No tocante a segunda parcela do Custo de Viagem foi levado em consideração o Custo de Oportunidade, que procurou computar alternativas que o participante poderia utilizar quando está usufruindo desse PCI e, para isso, foi necessário identificar o tempo que consomem antes, durante e após a festa.

Na Tabela 49 são apresentadas as horas que os frequentadores gastam com os preparativos para a organização de uma Festa de Batuque.

Tabela 49 - Horas dispendidas com os preparativos da Festa de Batuque

Tempo gasto antes	Quant
até 6 horas	78
de 6 a 12 horas	97
de 12 a 18 horas	3
de 18 a 24 horas	42
de 24 a 30 horas	2
de 30 a 36 horas	3
de 36 a 42 horas	3
de 42 a 48 horas	31
acima de 48 horas	103
Não responderam	30
Total	392

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

Com relação as horas gastas com os preparativos para uma Festa de Batuque observa-se que 78 dos respondentes participam do processo que antecede ao evento com até 06:00 horas, representando um percentual de 19,90%. Na faixa das 06:01 horas às 12:00 horas foram 97 observações que representam 24,74%. Da amostra coletada constatou-se uma participação de 42 observações na faixa das 18:01 horas às 24:00 horas com uma representatividade de 10,71%. Na faixa que compreendia 42:01 horas as 48:00 horas foram 31 observações com 7,91% de representatividade, ao passo que acima de 48:00 horas foram obtidas 103 observações representando 26,28%. A classe não soube ou não respondeu obteve 30 observações com um percentual de 7,65% e as demais faixas constantes na tabela acima somaram 2,81%.

A média de tempo gasto obtida entre os dados coletados para a realização dos preparativos de uma Festa de Batuque foi de 22 horas e 3 minutos. Já o tempo efetivo de uma Festa de Batuque foi estabelecido em torno de 7 horas.

Na próxima tabela o tempo gasto para a organização do pós-festa.

Tabela 50 - Horas dispendidas para a organização do pós-festa

Tempo gasto depois	Quant
até 6 horas	188
de 6 a 12 horas	52
de 12 a 18 horas	2
de 18 a 24 horas	43
de 24 a 30 horas	2
de 30 a 36 horas	3
de 36 a 42 horas	0
de 42 a 48 horas	12
acima de 48 horas	46
Não responderam	44
Total	392

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

No tocante ao tempo gasto para a organização do pós-festa constatou-se que 188 dos respondentes consomem até 6 horas na organização do pós-festa representando 47,96%. Na faixa que compreende o período de 06:01 horas até 12:00 horas foram assinaladas 52 participações com uma representatividade de 13,27%. A faixa de 18:01 horas até 24:00 horas obteve 43 observações com um percentual de 10,97%. As faixas de 42:01 horas até 48:00 horas e a que compreende o período acima de 48:00 horas obtiveram 12 e 46 observações respectivamente, assim como a representatividade foi de 3,06% e 11,73, respectivamente.

A Faixa entre aqueles que não souberam ou não responderam correspondeu a 44 participantes com 11,22%. As demais faixas juntas receberam 7 observações com uma representatividade 1,79%. A média geral de tempo entre os respondentes consumida no pós-festa foi de 12 horas e 24 minutos.

- **Estadia**

A última parcela considerada para o cômputo do Custo de Viagem foram os gastos adicionais que os participantes realizam para participar da Festa de Batuque que compreende os desembolsos com a aquisição de axós, salões de beleza etc.

5.3.2. Mensuração pelo Método de Valoração Contingente

Uma vez apresentada a valoração da Festa de Batuque sendo utilizado o MCV é o momento de ser aplicado o MVC, metodologia que busca identificar a disposição dos participantes a pagar pelo bem cultural, razão pela qual foram questionados aos

integrantes da amostra o quanto pagariam para participar de uma Festa de Batuque caso fosse necessário a realização de algum pagamento para poder usufruir desse bem cultural.

No caso das pesquisas no formato *open-ended* uma significativa proporção de respostas consideradas elevadas, assim como outras de valor zero são encontradas, o que é corrigido com a aplicação de um segundo questionário, o método referendo. Todavia, no presente estudo houve a impossibilidade de aplicação desse método em função do tempo e da forma como a coleta ocorreu.

Por outro lado, foram excluídos da proposta os respondentes que optaram por um valor igual a zero, o que está em linha com outros estudos que excluem a DAP de valor igual a zero. Mesmo com os ajustes realizados através da eliminação da DAP de valores iguais a zero, a média ficou estimada em R\$ 193,03 (cento e noventa e três reais e três centavos) em um total de 370 observações.

A Regressão Logística

Na sequência, seguindo os caminhos estabelecidos na metodologia, com o auxílio do software SPSS, foram estimados os coeficientes de regressão logística para os dados com a DAP. No presente caso, o objetivo é prever qual a probabilidade da ocorrência de um DAP acima da média, em função da existência ou não de determinadas variáveis preditoras. Para o presente caso foram testadas como variáveis preditoras as variáveis: frequência, gênero, faixas etárias, grau de instrução, renda e felicidade. A variável de resposta é a ocorrência de DAP acima ou abaixo da média.

Além disso, a regressão logística fornece informações importantes sobre o impacto de cada variável preditora sobre a variável resposta. Por exemplo, qual é a chance de ocorrência de DAP acima da média para uma pessoa com Ensino Superior, em relação a uma pessoa com Ensino Fundamental?

Para início da Regressão Logística foram excluídas aquelas observações que apontaram uma DAP igual a zero, com isso se apresenta a Tabela 51.

Tabela 51 – Casos processados

Casos	n	%
Incluídos na análise	363	98,10%
Casos excluídos	7	1,90%
Total	370	100%
Casos não selecionados	0	0
Total	370	100%

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

A Tabela 51 mostra que, dos 370 casos existentes no banco de dados, sete (07) foram excluídos da análise de Regressão Logística por falta de informação em alguma(s) da(s) variável(is) considerada(s) no modelo. Assim, foram utilizados 363 casos na análise.

Na Tabela 52 são exibidos os resultados do Teste Omnibus, o qual procura mostrar a validade do modelo de regressão para realizar previsões acerca da ocorrência de uma DAP acima ou abaixo da média.

Tabela 52 – Testes de coeficientes de modelo Omnibus

		Qui-quadrado	df	Sig.
	Etapa	29,195	19	0,063
Etapa 1	Bloco	29,195	19	0,063
	Modelo	29,195	19	0,063
	Etapa	-2,082	5	0,838
Etapa 2	Bloco	27,113	14	0,019
	Modelo	27,113	14	0,019
	Etapa	-1,095	1	0,295
Etapa 3	Bloco	26,018	13	0,017
	Modelo	26,018	13	0,017
	Etapa	-6,171	5	0,290
Etapa 4	Bloco	19,847	8	0,011
	Modelo	19,847	8	0,011
	Etapa	-4,211	3	0,240
Etapa 5	Bloco	15,636	5	0,008
	Modelo	15,636	5	0,008

Fonte: elaborado com base nos dados da pesquisa

O Teste de significância do modelo, verifica a hipótese de que todos os coeficientes do modelo são iguais a zero. É equivalente ao teste F da regressão linear (tabela ANOVA). A rejeição desta hipótese ($p < 0,001$) indica que o conjunto de variáveis independentes melhora a capacidade de previsão da variável dependente.

No caso aqui analisado o teste é estatisticamente significativo a 5% ($p = 0,008$), indicando que este modelo possui uma significância desejável.

Apresenta-se na Tabela 53 um teste de ajuste do modelo aos dados, o qual busca averiguar a hipótese de que não se vislumbra diferenças relevantes entre os resultados previstos ou preditos pelo modelo de regressão e os observados. Espera-se um resultado não significativo ($p > 0,05$), indicando que o número de casos observados e preditos é semelhante.

Tabela 53 – Teste Hosmer e Lemeshow

Etapa	Qui-quadrado	df	Sig.
1	7,912	8	0,442
2	4,808	8	0,778
3	11,286	8	0,186
4	7,841	7	0,347
5	0,155	3	0,985

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O resultado do Teste de Hosmer e Lemeshow mostra um Qui-quadrado de 0,155 com um valor-p igual a 0,985 (Sig. $>0,05$), indicando que os valores preditos não são significativamente diferentes dos observados, uma vez que o nível de significância foi maior que 0,05. O que remete para a afirmação de que o modelo de regressão pode ser utilizado para estimar a probabilidade de uma DAP acima ou abaixo da média em função das variáveis independentes utilizadas.

A Tabela 54 apresenta a classificação final dos casos com o uso do modelo de regressão logística.

Tabela 54 – Classificação final dos casos

Observações		Previsão		%	
		Disposição a pagar			
		DAP abaixo da média	DAP acima da média		
Etapa 5	Disposição a pagar	DAP abaixo da média	35	112	23,8
		DAP acima da média	23	193	89,4
Percentual total					62,8

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

O modelo final que considerou as variáveis preditoras mais significantes estatisticamente, está classificando corretamente 23,8% dos casos com DAP abaixo da média e 89,4% dos casos com DAP acima da média. O percentual de acerto geral é de 62,8%. O ponto de corte utilizado para classificar os casos como tendo DAP

acima ou abaixo da média é igual a 0,50. Isto é, todos os casos com probabilidade, calculada pelo modelo, de ter DAP acima da média maior do que 0,50 (50%) são classificados pelo modelo na categoria “DAP acima da média”.

A próxima tabela apresenta as variáveis mantidas que integraram o modelo final, o qual foi considerado para interpretação dos resultados. Neste modelo foram necessários 5 passos para a seleção de variáveis através da utilização do Método Backward, sendo que nessa etapa, apenas as variáveis mais significantes estatisticamente foram mantidas.

Tabela 55 – Variáveis do modelo de regressão logística

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% C.I. for EXP(B)	
							Lower	Upper
INS_AGRUP			8,382	3	0,039			
INS_AGRUP(1)	1,368	0,507	7,291	1	0,007	3,927	1,455	10,6
INS_AGRUP(2)	1,046	0,436	5,749	1	0,016	2,847	1,21	6,695
Passo 5 INS_AGRUP(3)	0,797	0,439	3,301	1	0,069	2,22	0,939	5,247
FEL_AGRUP			5,861	2	0,053			
FEL_AGRUP(1)	0,048	0,777	0,004	1	0,951	1,049	0,229	4,809
FEL_AGRUP(2)	0,943	0,659	2,047	1	0,153	2,567	0,705	9,341
Constante	-1,387	0,771	3,237	1	0,072	0,25		

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa

Na interpretação da variável grau de instrução (INS), os respondentes que possuem ensino fundamental tem 3,927 vezes mais chance de ter um DPA acima da média do que um respondente com Pós-graduação ($p = 0,007$). No caso dos respondentes que possuem ensino médio as chances de terem um DPA acima da média é 2,847 vezes mais que os respondentes que possuem pós-graduação ($p = 0,016$).

No que se refere ao respondente de nível superior, destaca-se no modelo o fato de que possui 2,220 vezes mais chances de ter uma DAP acima da média do que um respondente com pós-graduação ($p = 0,069$).

A variável felicidade (FEL_AGRUP(1)), indica que aquele respondente que marcou “Feliz” possui 1,049 vezes mais chances de ter uma DAP acima da média do que um entrevistado que tenha marcado “Muito infeliz/Infeliz/sem opinião” ($p = 0,951$).

Sobre a variável felicidade (FEL_AGRUP(2)), aquele respondente que sinalizou “Muito feliz” possui 2,567 vezes mais chances em ter uma DAP acima da média do que um entrevistado “Muito infeliz/Infeliz/sem opinião” ($p = 0,153$).

No caso das variáveis FEL_AGRUP(1) e FEL_AGRUP(2), observa-se que não são estatisticamente significantes, pois se visualiza, em ambos os casos o ($p > 0,10$). Entretanto, a variável “geral” FEL_AGRUP ($p = 0,053$) é estatisticamente significativa a 10%. Por isso as variáveis relativas à felicidade permaneceram no modelo final.

A mensuração pelo Método de Valoração Contingente

De acordo com metodologia, chega-se ao valor da Festa de Batuque pelo MVC na ordem de R\$ 114.603.102,30 (cento e quatorze milhões, seiscentos e três mil, cento e dois reais e trinta centavos) em um cenário conservador. O valor de R\$ 305.608.272,79 (trezentos e cinco milhões, seiscentos e oito mil, duzentos e setenta e dois reais e setenta e nove centavos) é obtido diante de um cenário moderado, na medida em que o valor de R\$ 477.512.926,23 (quatrocentos e setenta e sete milhões, quinhentos e doze mil, novecentos e vinte e seis reais e vinte e três centavos) é considerado em uma estimativa arrojada.

A média apurada da DAP foi de R\$ 193,03 (cento e noventa e três reais e três centavos), sendo identificados um número de 226 observações com valores acima da média de um total de 370, o que indica um resultado de 0,6108 dessa média, o que vem a importar um valor de R\$ 117,90 (cento e dezessete reais e noventa centavos), o qual multiplicado pelo número de participantes das festas no período de um ano, se obtêm um custo da festa pelo MVC, nos cenários conservador, moderador e arrojado.

5.3.3. Relação entre os métodos

Conforme estabelecido na metodologia definida para a presente tese, a Valoração da Festa de Batuque (VFB) considerou a média aritmética simples entre os seguintes métodos: Método de Custo de Viagem (MCV) e o Método de Valoração Contingente (MVC).

Pela técnica MCV, o valor estimado para a Festa de Batuque em um ano na cidade de Porto Alegre foi estabelecido em R\$ 526.085.280,00 (quinhentos e vinte seis milhões, oitenta e cinco mil, duzentos e oitenta reais) em um cenário conservador.

Na estimativa moderada o valor apurado foi de R\$ 1.402.894.080,00 (um bilhão, quatrocentos e dois milhões, oitocentos e noventa e quatro mil, oitenta reais), Em um cenário arrojado o valor estimado passa para R\$ 2.192.022.000,00 (dois bilhões, cento e noventa e dois milhões, vinte e dois mil reais).

No tocante ao MVC, através da técnica da DAP a DAPT determinou o VFB em um valor de R\$ 114.603.102,30 (cento e quatorze milhões, seiscentos e três mil, cento e dois reais e trinta centavos) em um cenário conservador, na medida em que o valor foi de R\$ 305.608.272,79 (trezentos e cinco milhões, seiscentos e oito mil, duzentos e setenta e dois reais e setenta e nove centavos) em um cenário moderado. No cenário arrojado o valor obtido foi de R\$ 477.512.926,23 (quatrocentos e setenta e sete milhões, quinhentos e doze mil, novecentos e vinte e seis reais e vinte e três centavos).

Importante registrar, conforme estabelecido na metodologia de que a média foi proposta visto que os modelos apresentados capturam valores diferentes diante de suas concepções e alternativas de cenários. No momento que o MCV se inclina no registro do valor de uso, o MVC dirige-se ao registro do valor de opção e o de existência.

Na Tabela 56, apresenta-se a VFB obtida através da média dos métodos calculados conforme as estimativas estabelecidas e previstas na seção 2.5.

Tabela 56 – Valor da festa de Batuque em Porto Alegre

Métodos	Conservador	Moderado	Arrojado
MCV	R\$ 526.085.280,00	R\$ 1.402.894.080,00	R\$ 2.192.022.000,00
MVC	R\$ 114.603.102,30	R\$ 305.608.272,79	R\$ 477.512.926,23
Média	R\$ 320.344.191,15	R\$ 854.251.176,40	R\$ 1.334.767.463,12

Fonte: elaborado pelo autor

O VFB médio, o qual foi calculado com base na amostra coletada, resultou em um valor de R\$ 320.344.191,15 (trezentos e vinte milhões, trezentos e quarenta e quatro mil, cento e noventa e um reais e quinze centavos) em um cenário conservador. O valor de R\$ 854.251.176,40 (oitocentos e cinquenta e quatro milhões, duzentos e cinquenta e um mil, cento e setenta e seis reais e quarenta centavos) foi calculado em um cenário moderado, na medida em que o valor de R\$ 1.334.767.463,12 (um bilhão, trezentos e trinta e quatro milhões, setecentos e sessenta e sete mil, quatrocentos e sessenta e três reais e doze centavos) foi obtido em um cenário arrojado.

Entretanto, com relação ao valor encontrado, se for avaliado de forma isolada, não representa possuir muitas informações, porém, pode ser visto como um instrumento a disposição da comunidade de terreiro que é capaz de produzir uma gama de benefícios para a região, por duas razões. (a) primeiramente, pelo fato de se ter o conhecimento dos volumes envolvidos na festa; e (b) segundo, porque essas métricas possibilitam uma visibilidade desse patrimônio imaterial, assim como permite a realização de comparabilidade com outros eventos.

De acordo com publicação realizada no Jornal do Comércio em 16/12/2020, uma comparação dos valores encontrados pode ser realizada com o PIB de Porto Alegre, que no ano de 2018 era de R\$ 77,13 bilhões, sendo que o VFB representa 0,42%, 1,11% e 1,734% do PIB, em um cenário conservador, moderado e arrojado, respectivamente. Por outro lado, conforme informações obtidas no portal do Ministério da Cultura, conforme atualização realizada em 17/01/2019, a participação da indústria cultural era estimada em 2,6% do PIB nacional, e o setor gera emprego, renda, além de possuir um papel de destaque no desenvolvimento da cadeia produtiva.

Um outro dado que pode ser mencionado como forma cancelar o valor encontrado para a Festa de Batuque são os resultados encontrados junto aos estabelecimentos comerciais, artesãos, costureiras, tamboreiros e fotógrafos/publicitários. Essas atividades, em conjunto, geram um desembolso anual aproximado de R\$ 130 milhões, R\$ 250 milhões e R\$ 422 milhões, nos cenários conservador, moderado e arrojado. No caso das contribuições recebidas pelos sacerdotes para manutenção dos terreiros, constatou-se o recebimento de contribuições anuais na ordem de R\$ 76 milhões, R\$ 200 milhões e de R\$ 320 milhões em um cenário conservador, moderado e arrojado, respectivamente.

5.4. As contas satélites da cultura referente à Festa de Batuque

Nesta seção, são apresentados um conjunto de informações referente a produção cultural que envolve a celebração denominada Festa de Batuque com o propósito de se estabelecer um conjunto de indicadores mensuráveis. A busca pela concepção desse conjunto de indicadores é denominada de CSC e exigiu um árduo trabalho na seleção das atividades culturais que integram a manifestação de forma que as variáveis escolhidas possam ser comparáveis, seja no âmbito regional, nacional ou internacional e até mesmo com outros setores da economia.

A CSC perseguida nessa seção consistiu na tentativa de aplicação da metodologia apresentada pelo CAB, constante no Capítulo 2 desta tese, e para lograr êxito nessa etapa, foi necessário, primeiramente, identificar as atividades culturais reconhecidas por uma classificação que represente a economia formal e informal. Apesar das limitações que surgiram no desenvolvimento desta seção, o ponto de partida para estabelecer o setor cultural do Batuque foi a utilização da Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE, o qual serviu como instrumento essencial para delimitação do setor composto por atividades de natureza industrial, comercial e de serviços que produzam bens e serviços, relacionados à produção cultural.

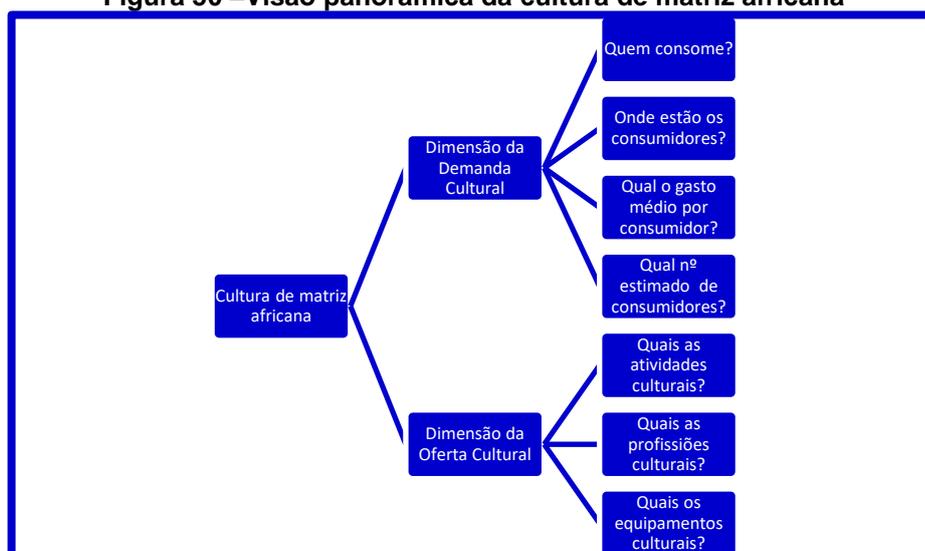
A dificuldade encontrada na construção de métricas para esta CSC consistiu na carência de dados referente a esse setor, implicando na coleta e organização de informações. Entretanto, apesar dos obstáculos enfrentados, foi possível apresentar uma série de indicadores monetários e não monetários, mesmo tendo sido necessária, em alguns momentos, a utilização de dados preliminares.

O objetivo dessas medições é entender o papel econômico da cultura de matriz africana e, com base nos seus resultados, aperfeiçoar a apresentação e a efetivação de políticas públicas, orientar os gastos públicos e privados e aprimorar as condições das diversas áreas do desenvolvimento cultural. Esta é a razão pela qual, vários países da América Latina, segundo o CAB, tomaram a iniciativa de trilharem juntos na criação de sistemas estatísticos comparáveis para medir a cultura.

De certa forma, a concepção desses indicadores permite uma visão panorâmica sobre a cultura de matriz africana e se procurou demonstrar em duas dimensões: (a) a dimensão que compreende a demanda; e (b) a dimensão que abarca a oferta cultural.

Nesse contexto é posta na Figura 50.

Figura 50 –Visão panorâmica da cultura de matriz africana



Fonte: elaborado pelo autor

Sob o aspecto da demanda cultural se procurou identificar quem consome a cultura de matriz africana, onde estão os consumidores da cultura, quanto consomem em cultura, assim como o número estimado de consumidores.

5.4.1. Os consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre

A ideia de apresentar esse indicador não monetário é de divulgar o perfil dos consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre. Através dos dados coletados no campo, pode ser traçado um perfil dos consumidores levando-se em consideração o gênero, raça/cor e faixa etária, conforme se observa na tabela a seguir.

Tabela 57 – Consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre

FET	Branca		Parda		Preta		Amarela		Indígena		Total	
	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.
até 20 anos	0,77%	0,51%	0,26%	0,26%	0,51%	1,02%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,53%	1,79%
de 21 a 30 anos	6,12%	5,61%	1,28%	0,51%	4,34%	2,81%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	11,73%	8,93%
de 31 a 40 anos	7,91%	3,83%	2,81%	2,55%	7,65%	7,14%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	18,37%	13,52%
de 41 a 50 anos	8,67%	2,04%	4,08%	1,28%	7,14%	2,30%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	19,90%	5,61%
de 51 a 60 anos	1,28%	1,53%	1,53%	1,53%	4,34%	2,81%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	7,14%	5,87%
de 61 a 70 anos	1,28%	0,26%	1,02%	0,26%	1,02%	1,53%	0,00%	0,00%	0,26%	0,00%	3,57%	2,04%
Total	26,02%	13,78%	10,97%	6,38%	24,74%	17,60%	0,00%	0,00%	0,26%	0,00%	62,24%	37,76%

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Observa-se da tabela que a maioria dos participantes pertence ao sexo feminino, no tocante à raça/cor, de acordo com os padrões estabelecidos pelo IBGE, a

preponderância é da raça negra (a qual contempla os pretos e pardos), possuindo uma concentração muito grande na faixa etária que compreende dos 31 aos 50 anos de idade, em ambos os sexos.

Uma vez apresentadas as características dos consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre, conforme Tabela 57, no que tange a faixa etária, gênero e raça, na sequência será apresentado um indicador que busca demonstrar o local de origem dos consumidores dessa cultura.

5.4.2. Local em que os consumidores da cultura de matriz africana residem

Conforme pesquisa de campo os consumidores da cultura de matriz africana na cidade de Porto Alegre são, na sua grande maioria, compostos por indivíduos residentes no Brasil. Tem-se entre os residentes no Brasil, frequentadores de vários estados, e daqueles residentes no Estado do RS, pode-se afirmar que são residentes nas mais diversas regiões do estado. É lógico que a grande concentração destes está situada na Região Metropolitana de Porto Alegre, conforme se observa na Tabela 58.

Tabela 58 – Local de origem dos consumidores da cultura em Porto Alegre

Localização	%	n
Porto Alegre	56,12	220
Região Metropolitana	33,42	131
Demais cidades do RS	3,83	15
Cidades brasileiras fora do RS	0,51	2
Cidades fora do país	6,12	24
Total	100,00	392

Fonte: elaborado pelo autor com base na pesquisa

Pode-se afirmar, inclusive, que aproximadamente 7% dos participantes dos eventos que ocorrem na cidade de Porto Alegre residem fora do País, mais especificamente na Argentina e Uruguai, confirmando a indicação da transnacionalização da celebração conforme afirmam (FRIGERIO, 2013; ORO, 2009).

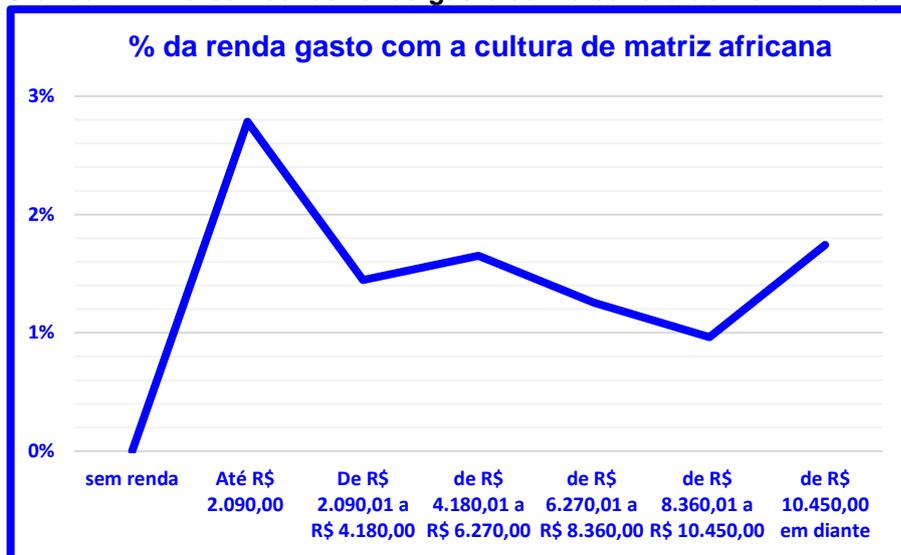
5.4.3. Gasto médio por consumidor da cultura

No tocante ao gasto médio realizado pelos consumidores da cultura de matriz africana, observou-se entre os entrevistados um valor dispendido na ordem de R\$

541,24 por ano. Agora, ao se comparar esse desembolso com o rendimento médio por eles percebidos, a estimativa de representatividade é de 1,72%.

No Gráfico 24 é apresentado o comportamento do percentual da renda gastos com a cultura de matriz africana entre os seus participantes de acordo com a faixa de renda.

Gráfico 24 – Percentual da renda gasto com a cultura de matriz africana



Fonte: elaborado pelo autor

Observa-se do gráfico que na medida em que os rendimentos aumentam a representatividade dos gastos com a cultura diminuem. Por outro lado, de acordo com o IBGE, no ano de 2018 o gasto com a cultura conforme publicado no Sistema de Informações e Indicadores Culturais no ano de 2019 (IBGE, 2019), informa que a média de gastos a nível nacional era de 4,1%, na Região Sul apontou um gasto de 4,3% e o RS consumiu um percentual na ordem de 3,3%. Uma comparação que pode ser realizada diz respeito aos gastos per capita, pois depreende-se afirmar que dos gastos em geral com cultura, 50% desses gastos é destinado a cultura de matriz africana.

No próximo gráfico se apresenta o comportamento dos gastos em reais de acordo com as faixas salariais.

Gráfico 25 –Gastos médio com a cultura de acordo com a renda

Fonte: elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa

Da avaliação do Gráfico 25, observa-se uma evolução nos valores dispendidos na medida que os salários aumentam, ou seja, quanto maior a renda, maior o gasto com a cultura de matriz africana. A média do gasto com a cultura de matriz africana foi de R\$ 934,08, ao passo que, de acordo com o relatório do Sistema de Indicadores e Informações Nacionais da Cultura – SIINC, publicado pelo IBGE em 2019 (IBGE, 2019) aponta que o gasto médio com cultura no Brasil é de R\$ 282,86.

No próximo gráfico apresenta-se o gasto médio com a cultura de acordo com a Faixa Etária

Gráfico 26 – Gastos médio com a cultura de acordo com a Faixa Etária

Fonte: elaborado pelo autor

Do gráfico em questão, observa-se um gasto maior para a faixa de 21 a 30 anos, com um gasto médio na ordem de R\$ 694,88, seguido da faixa de 31 a 40 anos com um gasto médio de R\$ 560,60. O menor gasto foi para a faixa de até 20 anos. A faixa acima de 71 anos não se obteve valor médio por não ter respondente integrante dessa faixa.

Outra avaliação que é perceptível identificar com o presente gráfico diz respeito ao fato de que na medida que a faixa etária vai aumentando os valores dispendidos vão diminuindo. Exceção feita a classe de até 20 anos, que é o menor gasto, pois acredita-se tratar de uma faixa em que a grande maioria dos seus integrantes sejam sustentados por seus Pais e/ou responsáveis e que possuem a menor renda salarial.

Na Tabela 59, apresenta o gasto por faixa etária estratificado por gênero

Tabela 59 - Gasto em cultura de matriz africana por Faixa Etária e Gênero

Faixa Etária	Masculino		Feminino	
até 20 anos	R\$	349,11	R\$	370,17
de 21 a 30 anos	R\$	787,77	R\$	624,20
de 31 a 40 anos	R\$	549,59	R\$	568,70
de 41 a 50 anos	R\$	526,42	R\$	472,28
de 51 a 60 anos	R\$	409,83	R\$	539,74
de 61 a 70 anos	R\$	302,38	R\$	411,73
acima de 71 anos	R\$	-	R\$	-

Fonte: elaborado pelo autor

Nessa tabela é possível observar um comportamento parecido entre os gêneros no tocante aos gastos com a cultura. A faixa que mais consome valores com a cultura é a de 21 a 30 anos uma vez que a faixa de 21 a 30 anos. A única distorção entre os gêneros é de que aquele que menos gasta com a cultura entre os homens são aqueles na faixa de 61 a 70 anos, sendo que entre as mulheres o menor gasto é realizado por aquelas que possuem até 20 anos.

Na sequência é apresentado o Gráfico 27 que trata sobre o comportamento do gasto com a cultura de acordo com o Grau de Instrução.

Gráfico 27 –Gastos médio com a cultura por Grau de Instrução



Fonte: elaborado pelo autor

É possível observar no Gráfico 27 uma propensão ao gasto com a cultura de matriz africana no tocante a formação, ou seja, quanto maior o grau de instrução maior o consumo. No presente caso o participante que possui ensino fundamental incompleto consome R\$ 286,09 na medida que o que possui superior completo consome R\$ 951,75 e aquele participante que possui doutorado o valor de R\$ 1.451,17.

5.4.4. Número de consumidores da cultura de matriz africana em Porto Alegre

O número estimado de consumidores da cultura africana foi obtido através da multiplicação do total estimado de casas, pelo número médio de filiados por terreiro e isso representa um total de 219.000, 584.000 e 912.500, em um cenário conservador, moderado e arrojado, respectivamente. Por outro lado, apenas 56,12% desse total reside em Porto Alegre, conforme Tabela 58, significa afirmar que são na ordem 122.902 cidadãos porto-alegrenses que seriam seguidores da religião de matriz africana em uma estimativa conservadora, na medida que esse número passa para 327.740 em uma estimativa moderada, e o número de 512.095 em uma estimativa arrojada.

Pode-se deduzir que o percentual de adeptos é bem maior do que aquele verificado de acordo com os dados do censo de 2010 que importava 6,71%, representando uma população que se autodeclarou pertencente à religião de matriz africana na ordem de 94.570 pessoas. O resultado encontrado de acordo com a pesquisa aponta para uma representatividade de 8,72% em uma estimativa conservadora, na medida que na estimativa moderada o percentual é 23,25%, por fim, na estimativa arrojada a representatividade é de 36,34% em relação a população constante no censo de 2010.

Por outro lado, essa diferença encontrada vem ao encontro do estabelecido por Oro (2012) de que por força da cultura enraizada na sociedade, e por conta do sincretismo faz com que muitas pessoas não confirmem serem seguidoras do culto de matriz africana,

Uma vez apresentadas as informações sob a ótica da demanda, serão prestadas informações do ponto de vista da oferta cultural através das quais serão trazidos aspectos que compreendem as atividades econômicas culturais características do

Batuque, as profissões culturais envolvidas com essa cultura e os respectivos equipamentos culturais.

5.4.5. Composição do setor cultural

Para se chegar à composição do campo cultural da Festa de Batuque foi necessário recorrer a Classificação Nacional das Atividades Econômicas – CNAE versão 2.3, que segundo publicação no sítio do IBGE essa classificação é a oficialmente adotada no País para que sejam produzidas e disseminadas estatísticas econômicas, bem como possam ser utilizadas na organização de cadastros e registros de interesse da Administração Pública.

De acordo com o IBGE (2020) a CNAE é hierarquizada em níveis, sendo eles: seções, divisões, grupos, classes e subclasses. A classificação apresenta em sua estrutura 21 seções, 87 divisões, 285 grupos, 673 classes e 1332 subclasses. Para o reconhecimento das atividades culturais de matriz africana limitou-se ao levantamento das classes (quanto ao nível), como forma de simplificação da análise, visto que essa subdivisão segue um princípio básico que é o de refletir o como as atividades são efetivamente organizadas.

Importante mencionar que o IBGE (2020) informa que a CNAE está adequada à estrutura CIIU – Classificação Industrial Internacional Uniforme e a ISIC – *International Standard Industrial Classification of All Economic Activities* adotadas pela ONU e utilizada como padrão internacional para a disseminação de estatísticas econômicas.

Do rol de classes listadas na estrutura do CNAE, versão 2.3, foram entendidas que as atividades culturais vinculadas à Festa de Batuque, são em um número de 47 classes. Para esse entendimento foi mister a identificação de quais produtos e ações as atividades culturais envolvem, estando as mesmas descritas no Apêndice 17

Ressalta-se que esse setor cultural está melhor detalhado através das descrições das atividades culturais estruturadas em consonância as seções da CNAE 2.0, conforme pode ser observado no Apêndice 15. Entretanto, pode-se dizer que as atividades listadas servem de parâmetro para medir a dimensão econômica da cultura, com base em critérios internacionais possuindo prerrogativas de comparabilidade e confiabilidade.

Essa delimitação do campo cultural teve por base as determinações constantes no manual metodológico do CAB e seu objetivo principal foi o de identificar as

atividades ligadas a criação, produção, difusão, exibição e consumo, as quais estão tradicionalmente ligadas às artes, assim como, buscou-se entender um conjunto de outras atividades indiretamente ligadas à cultura de matriz africana. Para a delimitação das atividades relacionadas à Festa de Batuque, procurou-se verificar se as atividades listadas se enquadravam dentro da segmentação do campo cultural estabelecido pelo CAB, conforme quadro a seguir.

Quadro 29 – Segmentação da Festa de Batuque com base no CAB

Domínios culturais	Criação e direitos de autor - Teatral - Musical - Literário	Patrimônio Cultural Imaterial (Tradições e expressões orais, rituais, linguas, práticas sociais)
	Desenho - Desing gráfico e de modas - Desing de interiores e paisagismo - Industrial	
	Artes cênicas e espetáculos artísticos - Teatro - Celebrações - Danças	
	Artes visuais - Belas artes - Fotografia - Artesanato	
	Música - Produção fonográfica - Edição musica - apresentação ao vivo (tamboreiro)	
	Audio visual e Rádio - Vídeos (entrevistas youtube) - Televisão (programas de TV) - Criação de arquivos sonoros na internet (podcasting)	
	Livros e publicações - Livros e outros materiais impressos - Jornais - Revistas	
	Educação cultural - Escola de tamboreiros - Escola formal (Lei 10639/2003)	
	Patrimônio Material - Mercado Público - Igreja do Rosário - Gazômetro - Praia	
	Patrimônio Imaterial - Festa de Batuque - Artesanato - Língua lorubá	

Fonte: Elaborado pelo autor

Entre os setores estabelecidos pelo CAB não se vislumbrou atividades relacionadas à Festa de Batuque integrantes do setor jogos e brinquedos, razão pela qual não integram o quadro acima.

No próximo quadro é apresentado o domínio não afeto a cultura, mas que está ligado direta e indiretamente com a celebração.

Quadro 30 – Domínios da Festa de Batuque não afeto à cultura

Domínios Relacionados	Turismo - Viagens organizadas - Serviços turísticos - Hospitalidade e acomodações
	Comércio de insumos específicos para o Batuque - Aviários - Floras

Fonte: Elaborado pelo autor

Do Quadro 30, pode-se afirmar que, no caso das atividades decorrentes do turismo, existe uma relação indireta com a festa ao passo que as relações que envolvem as atividades concernentes a comercialização de insumos específicos para a festa estão relacionadas diretamente.

5.4.6. Composição dos empregos culturais

Neste tópico é traçado um panorama das profissões culturais da cultura de matriz africana em Porto Alegre, de forma que os dados oferecem uma descrição quantitativa, bem como a sua respectiva caracterização a qual, para sua construção, levou-se em consideração a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO.

Segundo divulgado no site do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE a CBO é o instrumento que representa a realidade das profissões no mercado de trabalho do País, tendo sido instituída com base legal na Portaria nº 397, datada de 10-10-2002 (MTE, 2020). A filosofia da CBO é a atualização constante como forma de acompanhar o dinamismo das ocupações.

Para o MTE (2020) a estrutura básica da CBO é fruto de convênio realizado entre Brasil e ONU, através da OIT, no ano de 1977 e teve como base a Classificação Internacional Uniforme de Ocupações – CIUO. A estrutura hierárquica da CBO é composta de 10 grandes grupos, 48 subgrupos principais, 192 subgrupos, 607 grupos

de base ou famílias ocupacionais onde se agrupam 2511 ocupações e cerca de 7419 títulos sinônimos.

No Quadro 31, a seguir, é apresentado um resumo da composição dos empregos culturais, sendo a lista completa, contemplada no Apêndice 16.

Quadro 31 – Classificação Brasileira de Ocupações culturais de matriz africana

nº	COB	Descrição da ocupação
1	1311	Diretores e gerentes de operações em empresa de serviços pessoais, sociais e culturais
2	2611	Profissionais do jornalismo
3	2612	Profissionais da informação
4	2614	Filólogos, tradutores, intérpretes e afins
5	2615	Profissionais da escrita
6	2616	Editores
7	2617	Locutores, comentaristas e repórteres de rádio e televisão
8	2618	Fotógrafos profissionais
9	2141	Arquitetos e urbanistas
10	2621	Produtores artísticos e culturais
11	2622	Diretores de espetáculos e afins
12	2623	Cenógrafos
13	2624	Artistas visuais, desenhistas industriais e conservadores-restauradores de bens culturais
14	2625	Atores
15	2626	Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos
16	2627	Músicos intérpretes
17	2628	Artistas da dança (exceto dança tradicional e popular)
18	2629	Designer de interiores de nível superior
19	2631	Ministros de culto, missionários, teólogos e profissionais assemelhados
20	3331	Instrutores e professores de cursos livres
21	3713	Técnicos em artes gráficas
22	3721	Captadores de imagens em movimento
23	3722	Operadores de rede de teleprocessamento e afins
24	3731	Técnicos de operação de emissoras de rádio
25	3732	Técnicos em operação de sistemas de televisão e de produtoras de vídeo
26	3741	Técnicos em áudio
27	3742	Técnicos em cenografia
28	3743	Técnicos em operação de aparelhos de projeção
29	3744	Técnicos em montagem, edição e finalização de filme e vídeo
30	3751	Designers de interiores, de vitrines e visual merchandiser e afins (nível médio)
31	3761	Dançarinos tradicionais e populares
32	3763	Apresentadores de espetáculos, eventos e programas
33	7421	Confeccionadores de instrumentos musicais
34	7523	Ceramistas (preparação e fabricação)
35	7524	Vidreiros e ceramistas (arte e decoração)
36	7630	Profissionais polivalentes da confecção de roupas
37	7631	Trabalhadores da preparação da confecção de roupas
38	7632	Operadores de máquinas para costura de peças do vestuário
39	7633	Operadores de máquinas para bordado e acabamento de roupas
40	7661	Trabalhadores da pré-impressão gráfica
41	7662	Trabalhadores da impressão gráfica
42	7663	Trabalhadores do acabamento gráfico
43	7764	Confeccionadores de artefatos de madeira, móveis de vime e afins
44	7911	Artesãos

Fonte: Elaborado pelo autor com base na CBO 2002 do MTE, livros 1 e 2 (2020)

No tocante a geração de postos de trabalhos da economia direta da Festa de Batuque o estudo em questão aponta um número de 3.657 trabalhadores em um cenário conservador, um total de 7.151 em um cenário moderado e o número de 13.708 em um cenário arrojado, conforme Tabela 21.

Importante mencionar que o número de sacerdotes constatado na cidade de Porto Alegre e em consonância aos dados da pesquisa, apenas 33% deles possuem outro vínculo profissional além do de sacerdote, razão pela qual foi considerado como posto de trabalho apenas aqueles responsáveis por terreiros que não possuem outro vínculo laboral.

5.4.7. Equipamentos culturais

São inúmeros os equipamentos culturais destinados as práticas culturais em Porto Alegre que conta com uma complexidade de culturas, as quais foram formadas pelo processo colonização e ocupação territorial dando origem a uma complexidade de valores, símbolos, costumes, hábitos e crenças, os quais contribuem para a definição da identidade da sociedade.

Estes espaços são fundamentais para a preservação e manutenção das culturas, bem como são essenciais para a valorização das manifestações e sua disseminação. Entretanto, apesar da existência de muitos equipamentos culturais em Porto Alegre, a cultura de matriz africana estudada parece privada de sua utilização uma vez que os recursos públicos investidos nesse patrimônio imaterial praticamente não existem, muito embora as atividades econômicas que a integram movimentam recursos elevados.

Para se ter uma ideia dos escassos recursos destinados a esse fim, verifica-se na Tabela 60, os valores previstos pela Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre nos anos de 2018 e 2019.

Tabela 60 – Valores previstos pela pasta da cultura do município de Porto Alegre

Programa	2019		2018	
	Valor R\$	%	Valor R\$	%
Administração de pessoal	R\$ 18.478.834,00	38,20%	R\$ 17.780.785,00	36,70%
PAC Cidades Históricas	R\$ 7.732.100,00	16,00%	R\$ 11.205.650,00	23,10%
Memória da Cidade	R\$ 3.720.587,00	7,70%	R\$ 2.727.718,00	5,60%
Qualificação e ampliação da rede de equipamentos culturais	R\$ 2.933.844,00	6,10%	R\$ 2.200.135,00	4,50%
Administração geral	R\$ 2.486.386,00	5,10%	R\$ 2.319.859,00	4,80%
Descentralização	R\$ 2.394.760,00	4,90%	R\$ 870.000,00	1,80%
Processamento de dados	R\$ 2.184.617,00	4,50%	R\$ 2.651.752,00	5,50%
Fomento à Produção Cultural-Fumproarte	R\$ 1.533.066,00	3,20%	R\$ 1.528.172,00	3,20%
Artes visuais	R\$ 1.261.000,00	2,60%	R\$ 735.527,00	1,50%
Democratização Cultural-Funcultura	R\$ 1.214.242,00	2,50%	R\$ 2.179.918,00	4,50%
Publicidade	R\$ 1.010.000,00	2,10%		
Artes cênicas	R\$ 951.100,00	2,00%	R\$ 950.000,00	2,00%
Audiovisual	R\$ 602.667,00	1,20%	R\$ 469.530,00	1,00%
Centro municipal de dança	R\$ 584.200,00	1,20%	R\$ 228.855,00	0,50%
Fundo Monumenta	R\$ 452.100,00	0,90%	R\$ 533.045,00	1,10%
Plano Municipal do Livro e da Leitura	R\$ 285.000,00	0,60%	R\$ 283.195,00	0,60%
Música	R\$ 276.300,00	0,60%	R\$ 329.938,00	0,70%
Literatura e humanidades	R\$ 230.000,00	0,50%	R\$ 229.595,00	0,50%
Casa do artista rio-grandense	R\$ 50.000,00	0,10%	R\$ 30.000,00	0,10%
Porto Alegre em Cena	R\$ 10.100,00	0,00%	R\$ 804.330,00	1,70%
Museu da História e Cultura do Povo Negro			R\$ 300.000,00	0,60%
Infraestrutura para Museu do Povo Negro			R\$ 50.000,00	0,10%
Totais	R\$ 48.390.903,00	100,00%	R\$ 48.408.004,00	100,00%

Fonte: Dados obtidos junto observatório da cultura de PoA – SMC-PMPA (2020)

Ao se observar os valores que foram previstos pelo governo para subsidiar a cultura em geral na cidade de Porto Alegre, constata-se na proposta de investimentos do ano de 2018 a previsão para a instalação de um equipamento cultural específico para atender a cultura de matriz africana, através da proposição de criação do Museu da História e Cultura do Povo Negro. A dotação inicial foi ajustada para R\$ 48.408.004,00, sendo que desse valor apenas R\$ 24.898.465,91 foi empenhado. Ao se confrontar com a execução orçamentaria, entre os valores empenhados nenhum registro foi destinado ao Museu da História e Cultura do Povo Negro.

Por outro lado, a dotação orçamentária destinada a cultura no ano de 2018 comparada com a previsão orçamentária do mesmo ano foi de 0,75%, assim como no ano de 2019 foi de 0,72% do orçamento total. Diante dos valores que são movimentados por essa cultura seria interessante que o orçamento da cultura, apesar de pequeno, poderia ser revisto e dividido de maneira equânime entre as culturas que formam a diversidade regional.

Um aspecto que poderia ser considerado quando da elaboração do orçamento da cultura em Porto Alegre é que seja previsto, quando da sua distribuição, a questão que envolva a vocação econômica da cultura uma vez que essa cultura gera renda,

emprego, inclusão, além de ser importante para outros setores e atividades, como por exemplo o de turismo.

6. CONCLUSÕES

A proposta de estudo desta tese de doutoramento teve como principal linha de pesquisa o mapeamento dos possíveis impactos gerados pela Festa de Batuque na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, além de buscar mensurar esse patrimônio imaterial que, de certa forma, retrata a história e a tradição de um povo. Foi investigado, inclusive, a forma como essa cultura de matriz africana contribui para: a dinamização do território; a inserção social e a elevação da autoestima de seus adeptos.

E, em vista das argumentações trazidas na presente tese, este capítulo final, destaca, dentre outros aspectos, os principais resultados verificados nas partes que o compõem, além de evidenciar a relevância do trabalho e sua originalidade diante do modelo proposto, a contribuição do estudo para a comunidade batuqueira, ressalta, inclusive, sobre a possibilidade de replicação do modelo do CAB no Brasil, apresentando as suas limitações e recomendando novos caminhos de pesquisa para aprofundamento da metodologia.

Principais resultados verificados nos capítulos da tese

Nesta etapa, tem-se o propósito de trazer o desfecho verificado nos capítulos que integram o presente trabalho, sendo apresentado, de forma sucinta, os seus principais resultados:

a) Sintetizando o primeiro capítulo - A introdução

Em seu capítulo inicial, a presente tese trouxe uma contextualização acerca da Festa de Batuque, religião de matriz africana que teve sua origem no RS, especificamente na região das charqueadas, vindo para Porto Alegre na segunda metade do século XIX. Destaca-se o fato que essa crença se expandiu, a partir da segunda metade do século XX, para países como Argentina e Uruguai. A prática dessa religião ocorre em locais denominados de terreiros, os quais são considerados espaços de resistência cultural negra, onde a herança cultural é repassada de geração em geração, de forma oral.

Nesse sentido, por se tratar a religião de matriz africana de um PCI, conforme apregoa a UNESCO, se buscou entender a relevância desse bem intangível, o qual não possui guarida na manifestação em si, mas que habita tanto no conjunto de habilidades e conhecimentos que se difundem com o decorrer dos anos, bem como no valor econômico que essa disseminação de saberes representa.

Com base nessas alegações, o objetivo geral estabelecido teve a intenção de identificar como se dão os impactos provocados pela Festa de Batuque para a classe trabalhadora de Porto Alegre. Quanto aos objetivos específicos, foram estabelecidos os seguintes: (a) identificar dos impactos causados pela Festa de Batuque; (b) averiguar o ciclo cultural de acordo com o estabelecido pelo CAB, caracterizando a cadeia produtiva da Festa de Batuque; (c) desenvolver a valoração econômica da Festa de Batuque; e (d) caracterizar as CSC da Festa de Batuque.

Esse capítulo primeiro, ainda trouxe como relevância da pesquisa, tanto no que concerne a aplicação da modelagem recomendada pelo CAB e utilizada no âmbito da América Latina para valorar um PCI, como no que se refere o oferecimento de informações sobre uma herança cultural estudada sob outras óticas que não a da economia.

b) Compilação do segundo capítulo – A valoração do intangível e o desenvolvimento

No capítulo segundo foi apresentado o aporte teórico que trata sobre a valoração do intangível e o desenvolvimento. As argumentações trazidas neste capítulo foram debatidas em sete tópicos. Nesse contexto, primeiramente, foi proposta uma discussão que permitisse contribuir de maneira a dar visibilidade, bem como melhor compreender sobre um patrimônio imaterial marginal ao debate público, entretanto, relevante para uma parcela considerável da população. Trata-se, inclusive, que esse PCI possui vínculos não apenas em Porto Alegre, mas em outros estados do país, assim como no exterior.

De forma sucinta foi debatido, igualmente, sobre a importância da cultura para o desenvolvimento, restando claro que, tanto na esfera nacional como internacional, o apoio e o reconhecimento da diversidade cultural são fundamentais para o combate à miserabilidade. Partiu-se do pressuposto que esse reconhecimento valoriza a identidade cultural, o que funciona como uma alavanca para o desenvolvimento,

podendo vir a movimentar uma cadeia produtiva considerável, tendo como reflexos a geração de empregos, renda e impostos.

Na sequência, nesse mesmo capítulo, em seu segundo tópico, foi realizada a apresentação do CAB e o seu entendimento sobre a valoração do PCI, na medida que essa instituição se mostrou como um organismo intergovernamental mantida por países membros latino-americanos e que possui reconhecimento pela UNESCO, a qual tem como objetivo integrar assuntos que envolvam aspectos de natureza científica, tecnológica, educativa e cultural dos países que o integram. No tocante ao seu entendimento sobre a valoração do PCI, a premissa adotada pelo convênio é a de medir os impactos promovidos pelo patrimônio cultural nos mais diversos setores da economia dos países integrantes.

Ainda no segundo capítulo, em seu terceiro tópico, foi apresentado o SCN e as CSC. Inicialmente foi discutida a função do SCN, a qual objetiva demonstrar as diversas atividades econômicas que se beneficiam em uma determinada economia, além de divulgar as relações que existem entre os mais diversos agentes que interagem em um mercado estabelecido. Essa demonstração consiste na disseminação de informações que contemplam sobre a geração, distribuição e uso da renda em um determinado país. Quanto as CSC, discutiu-se sobre a sua origem, as suas características, o seu objeto de estudo, a segmentação do campo cultural e, por fim, as experiências de CSC no Brasil e no Exterior.

Ainda sobre o terceiro tópico, em especial, no que concerne a origem das CSC, atribui-se ao governo francês o seu surgimento, o qual ocorreu em função da necessidade de se oferecer um conjunto de informações mais detalhadas acerca de determinados setores da economia. Considera-se as CSC como um mecanismo de estimação de um determinado setor da economia de um país. A CSC é constituída com base nos dados extraídos do SCN, podendo ser considerada como uma extensão das Contas Nacionais. De certa forma, ela consiste em uma investigação exaustiva que apresenta um conjunto de informações estatísticas sobre as mais variadas organizações que integram um determinado setor, divulgando a sua real dimensão em termos de número de empregos e renda gerados.

No tocante as características das CSC propostas pelo CAB, pode-se dizer que as peculiaridades dessas contas preveem um conjunto de indicadores cuja sistematização permite a realização de comparações dos seus resultados entre os países. O grande papel dessas medições é compreender a função econômica da

cultura, através da delimitação de um campo cultural, o qual abarca, inclusive, a economia formal e informal. Na área cultural, as relações de informalidade, assim como aquelas eivadas de ilegalidade, referem-se a episódios que originam fluxos econômicos consideráveis, razão pela qual devem contemplar as informações contidas nas contas.

Quanto objeto de estudo das CSC, restou entendido como sendo um conjunto de ocupações e suas revelações, as quais dispõem de um corpo de relacionamentos estabelecido por vários agentes sociais, estando vinculados, de forma direta, à arte. A dimensão econômica desse grupo de ocupações foi constituída com base na noção de campo criada por Bourdieu, sendo que esse grupo é denominado de ciclo cultural e está classificado em cinco fases: criação; produção; difusão; exibição; e consumo.

No que respeita a segmentação do campo cultural proposta pelo CAB, a qual foi adotada na presente tese, buscou-se entender como eram estabelecidos os setores culturais, a fim de que a medição econômica sugerida pelo convênio pudesse ser realizada. Restou compreendido que a estruturação dos setores culturais se dá através da aglutinação de categorias que possuam propriedades econômicas e culturais comuns. Os setores que compuseram o campo cultural desenvolvido pelo CAB foram em um total de onze e, dentre eles, têm-se o Patrimônio Imaterial. Importante registrar que o setor identificado como patrimônio imaterial se manifesta nos seguintes campos: (i) tradições e expressões orais; (ii) expressões artísticas; (iii) práticas sociais, rituais e atos festivos; (iv) conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; (v) técnicas artesanais tradicionais.

Uma outra questão que foi abordada no terceiro tópico do segundo capítulo, diz respeito às experiências internacionais de mensuração das CSC. Entre os apontamentos trazidos nesta seção, restou entendido que a América Latina é uma região de vital relevância para o desenvolvimento das CSC, diante dos mais variados esforços de interação empregados pelos países que integram o convênio de cooperação liderado pelo CAB. Destaca-se o fato que a grande maioria das experiências mencionadas são frutos do aprendizado concebido ao redor da metodologia desenvolvida pelo Convênio. Entre os países que apresentaram as suas CSC e utilizaram como referencial a metodologia desenvolvida pelo CAB estão: Colômbia, Chile, Argentina, Costa Rica, México e Espanha.

No quarto tópico que contempla o aporte teórico, foi proposta a apresentação do guia metodológico desenvolvido pelo CAB para uso como referência pelos países

latino-americanos, por ocasião da construção das suas CSC. Ficou o registro de que para a constituição de CSC são necessárias realizações de algumas etapas. Entre os objetivos do manual, firmou-se entendimento de que se trata de um conjunto de linhas de ação que possibilitam prospectar, monitorar e avaliar atividades culturais, bem como fixa regras para o estabelecimento de CSC.

Na sequência, foi tratado sobre os modelos de valoração econômica empregados pelo CAB, quando da avaliação de um PCI. Observou-se que a maioria dos modelos empregados pelo CAB para avaliação de um intangível são idênticos aos empregados para análise de recursos ambientais, uma vez que o valor econômico de um recurso ambiental é medido pelo somatório de seu valor de uso e o valor de não uso, formulação análoga quando se está referindo à bens ou manifestações culturais. Resta claro das discussões efetuadas que o valor de uso de um bem ou manifestação cultural pode ser entendido como o valor uso direto (gastos gerados diretamente no setor), somado do valor de uso indireto (gastos ocasionados na cadeia de suprimentos que o bem ou manifestação pertence) e o valor de uso induzido (reflexo ocasionado em função do consumo realizado por funcionários diretos e indiretos da indústria). No tocante ao valor de não uso, é considerado a avaliação abstrata realizada sobre o bem ou manifestação (opcional, existência, legado).

Quanto aos modelos de valoração de um bem ou manifestação cultural, o CAB utiliza os métodos “de mercado” e “não mercado”, sendo que os considerados “de mercado”, também chamados de modelos de preferências reveladas, são elaborados com base nos dados reais encontrados no mercado, na medida em que os de “não mercado”, igualmente denominados de modelos de preferências declaradas, são baseados em dados hipotéticos, isto é, são baseados nas preferências dos consumidores. Dentre os modelos empregados pelo CAB, optou-se pelo MCV entre os modelos de preferência revelada, assim como se utilizou o MVC, dentre os modelos de preferência declarada, por se acreditar serem os mais adequados para o presente estudo. Detalhe para o fato que, dentre os métodos existentes e os levantamentos de estudos realizados, muitas mensurações foram realizadas, as quais valeram-se do MCV ou do MVC e, em alguns casos, até ambos.

Com relação a temática de estudo, foi tratada em uma seção específica, a qual abordou os debates que são realizados, tanto no cenário nacional, como no internacional. Nesse sentido, observou-se que a lente de análise empregada pelos pesquisadores nos trabalhos verificados é antropológica, sociológica, teológica, entre

outras, o que diferencia da presente tese, e de certa forma, permite justificar o presente estudo.

c) A trajetória do terceiro capítulo – A herança cultural de matriz africana

No terceiro capítulo, buscou-se trazer ao leitor informações acerca da herança cultural de matriz africana, para isso, foi necessário realizar uma discussão em cinco tópicos. Primeiramente, buscou-se, de forma sucinta, abordar a questão que envolve os negros em território brasileiro do período colonial aos dias atuais. A discussão teve como ponto de partida a chegada dos negros no Brasil, a qual se deu, aproximadamente, 50 anos após o seu descobrimento, face a ausência de mão-de-obra. Esse período foi caracterizado como uma época em que os colonizados eram desprezados pelos colonizadores, sendo obrigados a deixarem para traz a sua cultura, a sua religiosidade, além de terem perdidos a condição de seres livres. Pode-se afirmar que foi nesse período de privação que propiciou para o surgimento de uma resistência cultural, a qual foi nutrida pelos escravizados e que colaborou para que mantivessem e preservassem as suas tradições, o que contribuiu para que fosse formado esse patrimônio intangível.

No tocante ao contingente de africanos e seus descendentes em terras brasileiras, observou-se que no ano de 1818, era superior ao contingente de brancos. Ficou claro que, em mais de três séculos de escravidão, o Brasil recebeu mais de 4 milhões de escravizados, sendo que somente em 1888 é que foi abolida a escravidão. Apesar de não existir nenhuma lei segregacionista, a simples manutenção do sistema econômico vigente à época no Brasil, contribuiu para que o negro se mantivesse à margem da sociedade, associado ao processo de “branqueamento” da população, o qual foi incentivado pelo governo brasileiro com os procedimentos adotados para a imigração europeia.

Diante dessas discussões, no ano de 2003, foi sancionada a lei nº 10639, a qual propõe um regaste histórico cultural, através da determinação aos estabelecimentos de ensino do provimento de conteúdos programáticos que resgatem a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas referente a história do Brasil. Pode-se afirmar que esse dispositivo tem uma pretensão voltada para uma justiça e equidade social, em outras palavras, veio a se tornar um instrumento de proteção da autoestima humana, a qual busca mitigar as desigualdades sociais.

A próxima seção procurou abordar sobre a representatividade na cultura brasileira da religião de matriz africana. Iniciou-se o debate, fazendo uma reflexão sobre a origem cultural negra brasileira sendo anunciado que os negros que aqui chegaram eram oriundos de várias partes da África, o que leva a afirmar que possuíam culturas divergentes, o que contribuiu, de certa forma, para a formação da cultura brasileira. Importante afirmar que essa diversidade cultural de origem africana incorporou traços europeus e indígenas, contribuindo para um intercâmbio cultural considerável, formando, então, a cultura afro-brasileira. Por outro lado, ficou claro que foram necessários séculos para que o reconhecimento e valorização das contribuições da cultura de matriz africana na cultura brasileira fosse aceito.

No que tange a religiosidade, o tópico aponta que foi utilizada como um instrumento pelos escravizados para que essa herança cultural pudesse ser preservada com o passar dos tempos. Para isso, foi necessário a absorção de elementos da religião católica para que pudesse se manter. Daí o surgimento do sincretismo como elemento de estratégia de sobrevivência transnacional, visto que a religião de matriz africana era proibida em solo brasileiro.

Quanto a formação da identidade do povo de terreiro, restou entendido que se constituiu mediante um processo dinâmico, o qual é erguido por um universo simbólico, em que o sujeito molda a sua identidade de acordo com sua crença, sua ideia sobre si e sobre o outro. Nesse contexto, pode-se afirmar que a religião estrutura a identidade de um determinado grupo, bem como as suas diferenças em relação a outros grupos.

A seção que trata sobre o racismo expôs a origem dos vestígios da discriminação racial, cultural e religiosa, a qual surgiu com a chegada do negro em solo brasileiro. A tríplice discriminação se dava na medida em que o negro era escravizado pela cor de sua pele, assim como era proibido que seguir as suas tradições e crenças, sendo forçado a seguir a religião dos colonizadores.

Acreditava-se que com a abolição esse processo de discriminação fosse cessar, entretanto o que se vê é que as imposições do passado contribuíram, de certa forma, para as desigualdades verificadas na atualidade. Por outro lado, as razões que se acredita que contribuem para a ocorrência da discriminação religiosa praticada contra a religião de matriz africana é pelo simples fato de ter descendência africana, assim como pelo fato de ser considerada uma religião primitiva.

Entretanto, o Brasil é um país laico, o que permite uma liberdade para a prática de qualquer crença religiosa, apesar de se verificar nos dias de hoje, atos de discriminação e/ou de intolerância contra a religião de matriz africana. Existem proteções legais para a prática dessa fé, a qual está prevista em dispositivo constitucional e é considerado um direito fundamental.

Na quarta seção que trata da cidade de Porto Alegre e o campo de atuação afro-religioso. Observou-se que de acordo com o censo demográfico de 2010 a capital possuía 6,71% de sua população que se autodeclarava pertencente das religiões de matriz africana. Apesar de existirem autores que confessem que esses números estejam subestimados, principalmente, pelo fato do caráter sincrético que a cultura se reveste.

Quanto ao campo afro-religioso, as religiões de matriz africana deixaram de ser étnicas, e tornaram-se transclassistas, transnacionais, universais e multiétnicas. No quesito que envolve as formas rituais afro-gaúchas, têm-se o Batuque, a Umbanda e a Linha Cruzada. Os formatos associativos verificados no campo afro-religioso gaúcho surgiram nos anos 1970, com o fim específico de realizarem o papel que antes eram realizados pela polícia, bem como exercendo um papel de mediação entre os terreiros e a sociedade, promovendo a igualdade organizacional e a representação social.

A quinta seção do terceiro capítulo, foi realizada uma contextualização da Festa do Batuque, sendo apresentado, primeiramente, as nações batuqueiras que se formaram no RS, assim como as suas derivações. Na sequência é apresentado um panorama sobre os orixás cultuados por essas nações, sendo apontadas algumas características de cada divindade.

Por fim, o último tópico discutido no terceiro capítulo, mostrou uma discussão que absorveu os caminhos metodológicos e o a indicação dos procedimentos propostos pelo CAB, organização não governamental que tem por objetivo fomentar a cultura na América Latina e Caribe, que aperfeiçoou uma ferramenta que busca reunir um conjunto de informações as quais possam ser medidas e comparadas, além de permitir a avaliação da dinamicidade regional de qualquer manifestação cultural. A lógica da ferramenta consiste na criação de indicadores monetários e não monetários, os quais buscam identificar os efeitos econômicos gerados pela criação, produção, difusão, recepção, transmissão, consumo, preservação, gestão e apropriação de conteúdos simbólicos referentes ao patrimônio cultural imaterial.

d) As constatações do quarto capítulo – A dinâmica econômica da Festa de Batuque

A ideia central deste capítulo foi tentar entender como ocorre a dinâmica econômica dessa manifestação cultural. Para isso, foi necessário buscar informações sobre quais agentes sociais que interagem com o intangível, assim como entender o seu comportamento e como contribuem para a constituição do mercado que circunda a cultura. Em um primeiro momento, os agentes foram aglutinados em quatro grandes grupos, a saber: (a) consumidores; (b) terreiros; (c) organizadores; e (d) prestadores de serviços. Antes mesmo de ser realizado um apanhado sobre esses agentes, foi necessário entender como a Festa de Batuque se estrutura, como acontecem e como são os eventos.

Ao se referir sobre os organizadores, procurou-se demonstrar as entidades representativas das religiões de matriz africana, as quais possuem um papel de legitimar e autenticar a competência dos sacerdotes desta cultura, além de participar na execução de políticas públicas em prol do povo de terreiro. Constatou-se uma fragmentação de entidades associativas representativas dos terreiros, o que se atribui ao fato de não estarem se beneficiando dos modernos meios digitais para realização de sua divulgação.

Foram constatadas muitas informações acerca do número de terreiros existentes na cidade de Porto Alegre, razão pela qual se optou, na presente tese, trabalhar com três vertentes de estimativa. A primeira foi denominada de conservadora, seguida de uma outra denominada de moderada, enquanto a terceira vertente foi chamada de arrojada. A corrente conservadora considerou um número estimado de 3000 templos, na medida em que a moderada considerou um total de 8.000 templos, enquanto a arrojada estabeleceu um total de 12.500 templos.

Dentre os templos consultados se constatou que a média de filhos de santo por cada templo é na ordem de 73 indivíduos, ao passo que a média de festas realizadas em cada templo, no período de um ano, resultou em 2,4 festas, sendo que o número médio de participantes por festa é de 135 pessoas. No tocante ao gasto médio realizado por cada terreiro, por festa, chegou-se ao valor de unitário de R\$ 9.125,00 (nove mil, cento e vinte e cinco reais). Além disso, ficou comprovado que para a realização de uma festa são contratados um número grande profissionais, dos mais variados segmentos.

Entre os profissionais contratados estão presentes artesãos, tamboreiros, costureiras e fotógrafos/publicitário, entre outros. Associa-se a esses serviços as aquisições que são necessárias nos seguintes em diversos estabelecimentos comerciais, como por exemplo as floras e aviários.

e) O quinto capítulo – Os reflexos da Festa de Batuque em Porto Alegre

Este capítulo procurou apresentar os impactos provocados pela Festa de Batuque, assim como procurou identificar a cadeia produtiva da celebração, além de mensurá-la de acordo com os modelos de valoração empregados pelo CAB.

Dentre os impactos provocados, foram observados influências de natureza econômica, social, cultural e ambiental. Os impactos de natureza econômica foram os mais fáceis de se detectar, e após a sua mensuração, constatou-se que a Festa de Batuque, durante um ano, gera uma renda na ordem de R\$ 206.858.535,00 (duzentos e seis milhões, oitocentos e cinquenta e oito mil, quinhentos e trinta e cinco reais), sendo considerado um cenário conservador. O valor passa a ser de R\$ 488.464.185,00 (quatrocentos e oitenta e oito milhões, quatrocentos e sessenta e quatro mil, cento e oitenta e cinco reais), em um cenário moderado, na medida em que o valor é de R\$ 741.843.600 (setecentos e quarenta e um milhões, oitocentos e quarenta e três mil, seiscentos reais), em um cenário arrojado. Quanto aos empregos gerados, observou-se um número de 3.657 postos de trabalhos, em um cenário conservador, um total de 9.151 postos de trabalho em um cenário moderado, e no cenário arrojado o número passa para 13.705 postos de trabalho.

No tocante ao aspecto social, vários impactos foram detectados, os quais estão voltados a questões que absorvem assuntos de segurança alimentar, saúde e a valorização cultural. No que respeita o conteúdo de natureza cultural, observou-se que são nos terreiros que acontecem a transmissão dos saberes, ou seja, são espaços de valorização cultural. No que corresponde aos impactos de natureza ambiental, a temática que envolveu essa perspectiva trata do processo de conscientização ambiental promovido pelos terreiros.

Por fim, foi apresentado o ciclo cultural, mediante os enquadramentos das diversas atividades tabuladas nas referidas etapas, em conformidade ao estabelecido pela CAB, o que permitiu a montagem da cadeia de relacionamentos da Festa de

Batuque, ocasião em que foram listadas atividades e estabelecimentos comerciais que se relacionam direta ou indiretamente com a manifestação cultural estudada.

A relevância do trabalho e sua originalidade

Entende-se que a grande questão inovadora na presente tese reside na aplicabilidade de uma metodologia que é empregada no âmbito da América Latina e não utilizada pelo Brasil, no campo da cultura, a qual diz respeito a constituição de CSC. O Brasil está em um estágio avançado de aperfeiçoamento de suas CSC para medição do seu patrimônio cultural, entretanto, os esforços empregados até então se destinam a bens culturais materiais. Atualmente, a medição do patrimônio cultural é realizada pelo IBGE que estruturou um conjunto de informações e indicadores de forma consistente desde 2004, entretanto não contempla a parcela imaterial.

A originalidade do presente trabalho tem guarida no fato de que pela primeira vez se procurou aplicar a metodologia do CAB para medir uma dinâmica econômica cultural de um intangível. Associada ao fato de que, os debates realizados sobre a temática estudada, tanto em nível nacional como internacional, possuem um olhar voltado para áreas como a sociologia, antropologia, teologia entre outras áreas, mas nunca com o olhar econômico.

Outra questão que se aponta como relevante no presente estudo é que, diante da multiculturalidade brasileira, obter informações de determinadas especificidades e costumes, integrantes de uma multiplicidade cultural, possibilita a formação de uma identidade cultural, além de se revelar como indispensável em assuntos que envolvem o desenvolvimento. Restou evidente que o evento estudado possui um efeito social e econômico no território em que se desenvolve, conferindo, também, prestígio e notoriedade para a cidade que não poderia ser alcançada por outros meios.

A contribuição do estudo para a comunidade batuqueira

Tem-se que esta tese servirá de suporte àqueles que buscam por um conjunto de conhecimentos de modo mais pormenorizado sobre as tradições de matriz africana estruturados pelo viés econômico, diferentemente das lentes antropológicas, sociológicas e teológicas em que a temática vem, ao longo dos anos, sendo discutida.

Acredita-se, inclusive, que a presente tese possa municiar os adeptos das religiões de matriz africana com informações detalhadas sobre essa manifestação cultural. Uma vez que contém elementos suficientes que identificam a sua dinamicidade econômica cultural, assim como destaca os agentes sociais que interagem com este PCI, além de revelar o campo cultural dessa celebração, o que converterá em um instrumento de afirmação da identidade cultural.

Por fim, outra contribuição atribuída a presente tese é o fato de que, também, poderá ser utilizada como um dispositivo para mitigar os conflitos atuais praticados contra as religiões de matriz africana, seja em virtude da discriminação racial como a religiosa. Visto que o saber resultante deste estudo possibilitará o enfrentamento junto àqueles que discriminam e acreditam ser a religião de matriz africana uma cultura periférica, pelo fato de ser uma crença que é transmitida de forma oral, de geração em geração.

A contribuição teórica e científica - A aplicabilidade do modelo no Brasil

A empregabilidade da metodologia desenvolvida pelo CAB permitiu que fossem identificadas as atividades que interagem com a Festa de Batuque, ocasião em que foi possível reconhecê-las, bem como enquadrá-las nas respectivas etapas do ciclo cultural, além de traçar a cadeia produtiva do Batuque. Foi possível, inclusive, avaliar a importância econômica da cultura estudada.

Outro fato que se destaca como contribuição, diz respeito ao fato por ser o Brasil um país multicultural, a presente tese poderá ser utilizada como um mecanismo balizador à outras culturas, sejam elas locais, regionais ou nacionais, quando desejarem realizar a medição da sua dinâmica cultural. Essa situação permitirá respectivamente a sua valorização e o reconhecimento entre as culturas, sem contar que possibilitará se atingir áreas até então desconhecidas, com a finalidade de assessorar o processo de transformação social.

A retomada dos objetivos da tese

Inicia-se esse tópico apontando que os objetivos específicos estabelecidos foram alcançados, os quais tiveram como propósito atingir o objetivo geral que foi

determinado para esta tese como o de “Identificar quais os impactos provocados pela Festa de Batuque, patrimônio cultural imaterial, para a cidade de Porto Alegre/RS”.

Com base nas análises realizadas, são apresentadas considerações acerca de cada um dos objetivos específicos estabelecidos:

a) Primeiro objetivo específico

O primeiro objetivo específico da pesquisa foi o de reconhecer os impactos provocados pela Festa de Batuque percebidos pelos atores sociais que integram o campo cultural. Dentre os impactos observados, constatou-se reflexos de natureza econômica, social, ambiental e cultural. Importante registrar que dentre os impactos observados, os econômicos foram os mais fáceis de se mensurar, ao passo que os outros impactos eram compostos de instrumentos de difíceis estimação.

No que se referia aos aspectos de característica econômica, pode-se dizer que os efeitos constatados eram de natureza direta, indireta e induzida e que, de certa forma, contribuíram para uma modificação positiva na economia da região. Os efeitos diretos se caracterizaram pelos gastos realizados em bens e serviços utilizados pelos adeptos para participarem dos eventos. Para se ter uma noção sobre a geração de renda em um cenário conservador, o valor aproximado encontrado foi de R\$ 206 milhões, no cenário moderado o valor verificado foi de R\$ 488 milhões, enquanto no cenário arrojado o valor encontrado foi de R\$ 741 milhões, para um período de um ano.

Por sua vez, os efeitos indiretos refletem em outras cadeias produtivas, como por exemplo, a do turismo e outras associadas, com os gastos que são realizados com deslocamentos, hospedagem, alimentação, entre outros. Ainda mais que uma parcela significativa de participantes não reside em Porto Alegre.

Por outro lado, no tocante aos aspectos de natureza social, muitos são os projetos sociais que os representantes dos templos religiosos de matriz africana afirmam realizar, entre os percebidos pelos frequentadores pode se destacar o aumento da autoestima e o aumento da qualidade de vida, na medida em que suas práticas contribuem para o tratamento de doenças espirituais.

No que diz respeito às questões de natureza ambiental a grande questão que envolve essa dimensão é o fato de que a matéria trata da prática de ações que envolvem a educação, bem como a relevância da valorização ambiental. Por fim, a

perspectiva que envolve a natureza cultural engloba, inclusive, a valorização da herança cultural uma vez que essa tradição é oral e é o que os seus seguidores reverenciam, sendo que através dessa oralidade que se dá a difusão dos saberes, que nada mais é do que uma forma de preservação da cultura.

b) Segundo objetivo específico

No que diz respeito ao segundo objetivo específico da tese que era o de identificar o ciclo cultural da Festa de Batuque com base no modelo proposto pelo CAB, caracterizando a cadeia produtiva da Festa de Batuque indicando as atividades que se relacionam direta e indiretamente. Os dados coletados apontaram que as etapas do ciclo cultural, de acordo com o modelo utilizado pelo CAB, conhecidas como criação, produção, difusão, exibição e consumo estão contempladas.

No caso da fase de criação observou-se que as expressões simbólicas e as ideias são trabalhadas com o propósito de enaltecer a manifestação. No tocante a etapa denominada de produção, constatou-se que se trata do momento em que ocorre a transformação dos insumos em outros produtos que serão comercializados seja para uso na Festa de Batuque como por profanos. Na etapa difusão, constatou-se que ocorre a divulgação de produtos utilizados na Festa de Batuque, enquanto na fase denominada exibição foi observado que ocorre a transferência de conteúdos simbólicos, a fim de que os mesmos possam ser interpretados e compreendidos, isto é, vistos e entendidos. Para sua concretização, ocorre a utilização de espaços culturais de forma que possam ser exibidos. Por fim, a última etapa, o consumo, é a fase em que acontece diretamente no terreiro com a recepção de informações, as quais são traduzidas oralmente com o passar dos tempos.

Outra questão que foi avaliada, quando da busca de informações para atendimento ao segundo objetivo específico, diz respeito a caracterização da cadeia produtiva do Festa de Batuque. Constatou-se que existe uma complexidade de atividades econômicas e culturais que se relacionam com a expressão de vida de forma direta, assim como de forma indireta, sejam elas comerciais e/ou industriais, as quais provocam uma transformação mercadológica, mediante a comercialização e distribuição de produtos mobilizando atividades de uma grande cadeia produtiva.

Ainda sobre o segundo objetivo específico, pode-se perceber que são muitas as pessoas envolvidas em todas as fases do ciclo cultural, sendo que cada uma delas

possui as suas habilidades específicas, movimentam recursos e aumentam a probabilidade de acesso ao mercado de trabalho. Não há como negar a relevância da Festa de Batuque para a dinamicidade regional.

c) Terceiro objetivo específico

O terceiro objetivo tinha por meta mensurar o valor econômico da Festa de Batuque em Porto Alegre/RS, utilizando os modelos de valoração praticados pelo Convênio Andrés Bello. Entre os modelos empregados pelo CAB foram utilizados o MCV e o MVC, dos resultados encontrados foi realizada uma média conforme estabelecido na metodologia para se chegar ao VFB em Porto Alegre.

Na utilização do MCV, em um cenário conservador o valor apurado foi na ordem de R\$ 526 milhões. No tocante ao cenário moderado o valor verificado foi de R\$ 1.402 bilhão, na medida que no cenário arrojado o valor foi de R\$ 2.192 bilhões. Para se chegar a esse valor foi necessário empregar a fórmula constante na seção que discute a metodologia e que compreendia a soma de três parcelas, a saber: (a) custo da Km percorrida – ida e volta; (b) custo do tempo dispendido com a festa (antes, durante e depois da festa); (c) gastos adicionais. Uma das limitações desse método é de que os custos com viagem podem ficar superestimados quando do cálculo do custo de oportunidade, na medida em que tende a ser maior por questões que envolvem um poder aquisitivo maior.

Na utilização do MVC o valor verificado foi de R\$ 114 milhões em um cenário conservador. No cenário moderado o valor estimado foi de R\$ 305 milhões, na medida que o valor foi de R\$ 477 milhões em um cenário arrojado. Para se chegar a esse valor foi necessário encontrar a disposição a pagar a qual se estabeleceu em uma média na ordem de R\$ 193,03 (cento e noventa e três reais e três centavos), sendo que 61,08%, ou seja, 216 observações com resultado acima da média que representa R\$ 117,90 (cento e dezessete reais e noventa centavos). A multiplicação desse valor pelo total de casas e pelo número de festas por terreiro/ano e pelo número de frequentadores médios por casa se chega ao valor do MVC.

Como forma de se chegar ao VFB, foi estabelecido que se faria uma média entre as duas metodologias empregadas e o valor encontrado foi de R\$ 320 milhões no cenário conservador, o valor foi de R\$ 854 milhões em um cenário moderado, na medida que o valor passou a ser de R\$ 1.334 milhões, em um cenário arrojado. A

ideia de se proceder a média entre os métodos foi em decorrência de que os modelos capturam valores diferentes que impactam consideravelmente no resultado.

d) Quarto objetivo específico

Por fim, o quarto e último objetivo se propôs a apresentar um conjunto de informações culturais com base no guia metodológico para a constituição das Contas Satélites da Cultura desenvolvido pelo Convênio Andrés Bello. Nesse sentido foram estabelecidas informações sobre a ótica da demanda e da oferta cultural.

Para a caracterização dos aspectos que envolvem a demanda e a oferta cultural foram estabelecidos um conjunto de informações que permitem a realização de uma comparabilidade seja ela nacional ou internacional. Entre as informações apuradas podem ser citadas, o perfil socioeconômico dos consumidores da cultura, o seu local de origem, os gastos realizados com a cultura, as atividades culturais, os empregos e os equipamentos culturais.

Ainda com relação ao quarto objetivo, constatou-se que a Festa de Batuque movimenta muitas pessoas e atividades gerando emprego e renda. Entretanto, muitos de seus agentes desempenham seus papéis na informalidade.

Limitações da pesquisa e recomendações para novos caminhos a serem percorridos

Uma das limitações verificadas no desenvolvimento do presente trabalho aponta para a empregabilidade do método de mensuração “MVC”, considerando que não foi possível realizar a aplicação de um questionário na forma de referendo, como a boa prática recomenda, conforme havia sido estabelecido, inicialmente, na metodologia.

Outra questão que ficou evidente na coleta de dados, diz respeito aos estabelecimentos comerciais pesquisados, uma vez que foram relutantes em prestarem informações sobre suas organizações, no que era concernente a valores. Alguns dados foram obtidos após muita insistência, até mais por concordância dos respondentes mediante informação prestada previamente pelo entrevistador, até pelo fato de que o pesquisador pertence a essa cultura e é conhecedor dos preços praticados no mercado.

Outro fato que teve suas limitações, diz respeito a dificuldade de acesso, assim como de retorno verificada junto às entidades representativas dos terreiros.

Outra questão importante de relatar como limitação, diz respeito ao fato de que durante a pesquisa houve a dificuldade em se obter informações mais detalhadas sobre os quantitativos de terreiros na cidade de Porto Alegre, diante das várias informações constatadas, ora superestimadas e outras vezes subestimadas.

Apesar das limitações verificadas e apontadas, em hipótese alguma, os resultados verificados na pesquisa são inviabilizados.

Nesse contexto, surge a necessidade de realização de um próximo estudo que promova a execução de um inventário de todos os terreiros da cidade como forma de proporcionar: (a) uma maior aproximação do poder público com o objetivo de dar uma maior visibilidade a cultura de matriz africana; (b) o auxílio no combate a intolerância religiosa; (c) a promoção de um maior acesso da população, possibilitando, inclusive, a realização de um turismo religioso.

As dúvidas que surgiram ao longo do trabalho e ainda permanecem, dizem respeito a: Não seria o momento de se formular políticas públicas que contemple essa cultura de matriz africana? seja no aspecto que (a) procure incentivar a regularização dos terreiros, fazendo com que migrem para constituição da sua personalidade jurídica, o que permitiria uma maior legitimidade e visibilidade; (b) valorizar o trabalho de profissionais que desempenham suas atividades na informalidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, E. A. P. de; SILVA, A. G.; SILVA JUNIOR, G. G. da. Valoração econômica: aplicação do método do custo de viagem para a Praia da Avenida em Maceió. Anais do XXXVI Encontro Nacional de Economia. Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia (ANPEC). 2008.

AFROBRÁS. Orixás. www.afrogras.org 2018. Disponível em: <<http://afrobras.org/orixas.html>> Acesso em: 12 de março de 2019

ACIOLY, A. C.; ARAÚJO, A. B. Intolerância contra afro-religiosos: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula. v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/xviieeh/xviieeh/paper/viewFile/3362/2695>> Acesso em 26 de março de 2018

AFROSUL-ODOMODÊ. (s.d.). Acesso em 06 de 07 de 2020, disponível em Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomodê : disponível em <https://afrosulodomode.wordpress.com/danca/httpwp-mep15twq/>

lhios

ANAC – AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL. Relatório de tarifas. 2020. Disponível em: <<https://www.anac.gov.br/assuntos/setor-regulado/empresas/envio-de-informacoes/tarifas-aereas-domesticas-1/relatorio-de-tarifas-aereas-domesticas-nacional>>. Acesso em: 21 de junho de 2020.

ANGELO, P. G.; CARVALHO, A. R. Valor recreativo do rio Araguaia, região de Aruanã, estimado pelo método do custo de viagem. Acta Scientiarum. Biological Sciences, v. 29, n. 4, p. 421-428, 2007.

ANTT – AGÊNCIA NACIONAL DE TRANSPORTES TERRESTRES. Coeficiente Tarifário. 2020. Disponível em: <https://portal.antt.gov.br/documents/498202/552551/Voto_DG_0082020.pdf/ef1b9314-4625-0fd7-efba-f3ad9d999b53?t=1591583271320#:~:text=Assim%20sendo%2C%20com%20base%20em,0%2C106021%20passageiro%20x%20km> Acesso em: 23 de junho de 2020.

ARANTES, A. A. O patrimônio imaterial e a sustentabilidade de sua salvaguarda. Disponível em: <http://www.funceb.org.br/images/revista/16_7v4z.pdf> Acesso em 01 de agosto de 2018.

ARAUJO, J. C. Educação ambiental e religiosidade: a contribuição do candomblé Jeje na formação do sujeito ecológico. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 6., 2009, San Clement Del Tuyu – Argentina, Anais..., 2009. p. 15- 35. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/7238953-Educacao-ambiental-e-religiosidade-a-contribuicao-do-candomble-jeje-na-formacao-do-sujeito-ecologico.html>> Acesso em 13-01-2021

ARGYRIADIS, K.; HUET, N. J. Acerca de algunas estrategias de legitimación de los practicantes de la Santería en el contexto mexicano. In: ARGYRIADIS, Kaly; DE LA TORRE, Renée; ZÚÑIGA, Cristina; ROS, Alejandra Zapopan. Raíces en movimiento.

Práticas religiosas tradicionais em contextos translócaes, ed.: El Colegio de Jalisco, 2008. p. 281-308. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/39839218.pdf>> Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

ARTE AFRICANA (2020). Disponível em Portal da Arte: <<https://www.portaldarte.com.br/arteafricana.htm>> Acesso em 06 de 07 de 2020.,

ARAÚJO, J. A.; GIUGLIANI, B. Por uma educação das relações étnico-raciais. Revista de Educação, Ciência e Tecnologia. V.3 nº 1. 2014

BARBOSA FILHO, J.; FREITAS, K. A. A.; MORAES, L. S.; PIO, N. S.; SILVA, F. F. Economic valuation of environmental benefits perceived by the Educandos basin population proceeding from PROSAMIM. Acta Amazonica, v. 40, n. 3, p. 509-514, 2010. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59672010000300009> Acesso em: 11 de janeiro de 2021.

BEM, J. S. de; GIACOMINI, N. M. R. O uso do método da valoração contingente para uma cesta de bens culturais no município de Canoas, Rio Grande do Sul. Mouseion, v. 1, n. 10, p. p. 16-31, 2011.

BEIER, J. R. (15 de 01 de 2016). <https://umhistoriador.wordpress.com/>. Acesso em 20 de 01 de 2020, disponível em um historiador: Disponível em <https://umhistoriador.wordpress.com/2016/01/15/novas-tentativas-de-relativizar-os-efeitos-da-escravidao-africana-na-formacao-de-sociedades-contemporaneas-da-america/>

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília – DF. Supremo Tribunal Federal - 05 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>. Acesso em: 03 de outubro de 2017

BRASIL. Ministério da Educação. 2013. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>> Acesso em 29 de setembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>> Acesso em 27 de setembro de 2017.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 01 de outubro de 2017.

BRASIL. Ministério do desenvolvimento Social e Combate à Fome. Alimento: direito Sagrado – Pesquisa Socioeconômica e Cultural dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros. -- Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2011. Disponível em

<<http://www4.planalto.gov.br/consea/publicacoes/comportamento-e-cultura-alimentar/alimento-direito-sagrado-2013-pesquisa-socioeconomica-e-cultural-de-povos-e-comunidades-tradicionais-de-terreiros/3-alimento-direito-sagrado-2013-pesquisa-socioeconomica-e-cultural-de-povos-e-comunidades-tradicionais-de-terreiros.pdf>>. Acesso em 13.01.2021.

BRASIL. Portal Governo do Brasil. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/cultura-afro-brasileira-se-manifesta-na-musica-religiao-e-culinaria>. Acesso em 21/10/2017.

BRASIL. Ministério da Cultura. 2017. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1230742>. Acesso em 21/10/2017

Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/desenvolvimentosustentavel/-/blogs/763729>> Acesso em 27 de março de 2018.

Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/conta-satelite-da-cultura-502082/10913>. Acesso em 01 de abril de 2018.

Disponível em|: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1337477/PROGRAMA+NACIONAL+DE+ECONOMIA+DA+CULTURA_PNEC_RELAT%C3%93RIO+FINAL.compressed.pdf/8b6dec76-9a6c-4992-acaf-b11e2e94e6a6> Acesso em 02 de abril de 2018.

BASTIDE, R. As religiões Africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1971.

BASTIDE, R. O candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BHABHA, H. K. O Local da Cultura. Editora UFMG. Belo Horizonte. 1998.

BAHIA, J. E o preto-velho fala alemão: espíritos transnacionais e o campo religioso na Alemanha. Revista del CESLA, No. 18, 2015, pp. 181-212. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=243342822008> Acesso em 18 de jan. de 2017.

BEGNIS, H.S.M. Formação de valor transacional e relacional na cadeia produtiva do leite no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. UFRGS. 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/8957> Acesso em: 12 de março de 2018.

BORGER, F. G. A técnica de avaliação contingente como instrumento de gestão de projetos ambientais: avaliação da segunda fase do Projeto Tietê. Economia Aplicada. v. 4, n.3 , p. 503-523, 2000.

BORJA, B. Cultura e desenvolvimento no pensamento de Celso Furtado. Salvador: V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, maio/2009a.

BORJA, B. Celso Furtado e a cultura da dependência. OIKOS | Rio de Janeiro | Volume 8, n. 2 • 2009 | ISSN 1808-0235 | www.revistaoikos.org | págs. 247-262. 2009b.

BORJA, B. Notas sobre a dimensão Cultural em Celso Furtado. In D'AGUIAR, R.F. (Org). Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento. Rio de Janeiro: E-papers: Centro Internacional Celso Furtado, pp. 125-153, 2013.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil. 1989.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo. Perspectivas. 2007.

BOURDIEU, P. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo. Editora Unesp. 2004.

BOURDIEU, P. Questões de Sociologia. Editora. Edições Sociedade Unipessoal. 2003.

BRANDÃO, Z. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. *Educ. Pesqui.* [online]. 2010, vol.36, n.1, pp.227-241. ISSN 1517-9702. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000100003>>. Acesso em: 11.01.2021

BRANDÃO, C. Celso Furtado: subdesenvolvimento, dependência, cultura e criatividade. Revista de Economía Política de las tecnologías de la Información y de la Comunicación, abril/2012. Disponível em <<https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/400>> Acesso em: 11-01-2021

BRANDÃO, C. Celso Furtado: subdesenvolvimento, dependência, cultura e criatividade. In D'AGUIAR, R.F. (Org). Celso Furtado e a dimensão cultural do desenvolvimento. Rio de Janeiro: E-papers: Centro Internacional Celso Furtado, 258p.,2013

CROSSICK, G. O valor da cultura: economia, diversidade e entendimento no século XXI. Revista Observatório Itaú Cultural n.23. dez/2017 a maio/2018. 2018. Disponível em: <https://issuu.com/itaucultural/docs/obs23_book_af_issuu/6?ff> Acesso em 23 de março de 2019

CAB – Convenio Andrés Bello. Cuentas satélites de cultura em Latinoamérica. Consolidación de un manual metodológico para la implementación. Primera edición, 2009

_____. Guía metodológica para la implementación de las Cuentas Satélite de Cultura en Iberoamérica. Segunda edición: 2015.

_____. Caracterización metodológica para una valoración económica del patrimonio cultural em Colombia. Primera edición, 2015-A.

_____. Impacto de la cultura en la economía chilena: participación de algunas actividades culturales en el PIB y evaluación de las fuentes estadísticas disponibles. Consejo Nacional de la Cultura y las Artes de Chile. Universidad ARCIS. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2003.

_____. La fiesta, la otra cara del patrimonio: valoración de su impacto económico, cultural y social. Org. Olga Pizano Mallarino, Luis Alberto Zuleta J., Lino Jaramillo G., Germán Rey. Convenio Andrés Bello, 2004.

_____. El impacto económico de la cultura en Perú. Instituto de investigación de la Escuela Profesional de Turismo y Hotelería de la Universidad de "San Martín de Porres. Bogotá. Convenio Andrés Bello. 2005.

_____. Dinámica económica de la cultura en Bolivia. Eduardo López Z., Erick Torrico, Alejandra Baldivia R. Viceministerio de cultura del Bolivia. Convenio Andrés Bello. 2005-A.

_____. Estructura de la Organización del CAB. 2019. www.convenioandresbello.org. Disponível em: <
<http://convenioandresbello.org/cab/estructura-del-cab/>>. Acesso em: 26/01/2021.

_____. Resolución n. 06. Estatutos de la organización del Convenio Andrés Bello de integración educativa, científica, tecnológica y cultural. 2019 -A. Disponível em: <
http://convenioandresbello.org/cab/wp-content/uploads/2019/11/Estatutos_Cab_Finales_23_agosto_2019.pdf>. Acesso em: 27/01/2021.

_____. Resolución n. 05. Tratado De La Organización Del Convenio Andrés Bello De Integración Educativa, Científica, Tecnológica Y Cultural. 1990. Disponível em: <
http://convenioandresbello.org/cab/wp-content/uploads/2019/07/Tratado_Constitutivo_CAB_1990.pdf>. Acesso em 27/01/2021.

CARVALHO JUNIOR, L. C.; MARQUES, M. de M.; FREIRE, F. de S. Mensuração de ativos culturais: aplicação do método do custo de viagem e método de valoração contingente no Memorial Darcy Ribeiro. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. São Paulo, 10(2), pp.394-413, maio/ago.2016

CRUZ, M. S. R.; MENEZES, J. S.; PINTO, O. Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações. Artigo apresentado no I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008. Disponível em: <
http://www.uesc.br/icer/artigos/festas_culturais_mercia.pdf> Acesso em: 12/12/2020.

CARVALHO, J. J. A economia do axé: Os terreiros de religião de matriz afro-brasileira como fonte de segurança alimentar e rede de circuitos econômicos e comunitários. In. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Alimento: Direito Sagrado – Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades. 2011.

CORREA, N. F. 2017. A cozinha é a base da religião: A culinária ritual no batuque do rio grande do sul.

CORREA, N. F. O Batuque no Rio Grande do Sul: Antropologia de uma Religião afro – Riograndense. Cultura e Arte. 2º edição. 2006.

CRUZ, M. dos S. Uma abordagem sobre a história a educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-33.

CANCLINI, N. G. Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 1995.

CEGOV - Consolidação teórico-metodológica da Conta Satélite Nacional da Cultura. UFRGS. 2013.

CEGOV – Atlas Econômico da Cultura Brasileira. Metodologia II. Org. Leandro Valiati e Ana Letícia do Nascimento Fialho UFRGS. 2013 - B

CEGOV - Atlas Econômico da Cultura Brasileira. Metodologia I. Org. Leandro Valiati e Ana Letícia do Nascimento Fialho. UFRGS. 2013 – A

CEGOV – Consolidação teórico-metodológica da Conta Satélite Nacional de Cultura. Responsável Leandro Valiati. UFRGS. 2016

CEPAL. Cultura y desarrollo económico en Iberoamérica. 2014. Grafilia S.L. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/39948/1/CEPAL_OEI.pdf Acesso em 28 de março de 2018.

CURVINA, V. M. G.; FREIRE, F. D. S. Mensuração de Eventos Culturais: Estudo aplicado na Festa do Divino em Pirenópolis-GO. Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 2015.

DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DANE. Dirección de Síntesis y Cuentas Nacionales. Metodología de la Cuenta Satélite de Cultura – CSC. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2007.

DE LA TORRE, R. De la globalización a la transrelocalización de lo religioso. Debates do NER, n.16, 2009, p. 9-34.

EBC – Empresa Brasileira de Comunicações. <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-06-02/brasil-es-invitado-participar-en-el-convenio-andres-bello>>. Disponível em 05-11.2020.

FERREIRA,, A. (s.d.). disponível em Antônio Ferreira Leioleiro: <<https://www.antonioferreira.lel.br/peca.asp?ID=22361>> Acesso em 05 de 07 de 2020,

FIELD, A. Descobrimo a estatística usando o SPSS. Tradução Lorí Viali. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLEMING, C. M.; COOK, A. The recreational value of Lake McKenzie, Fraser Island: An application of the travel cost method. Tourism Management, v. 29, n. 6, p. 1197-1205, 2008.

FONSECA, M. C. L. Patrimônio cultural: por uma abordagem integrada - (considerações sobre materialidade e materialidade na prática da preservação). In: Caderno de Estudos do PEP. COPEDOC/IPHAN-RJ, 2007. p. 69-73. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Anexo,%20texto%202.pdf> Acesso em 03 de agosto de 2018.

FONSECA, P. Evolução da Ciência Econômica, 1996, Publicado em SOUZA, Nali.(coord.).Introdução à Economia. São Paulo: Atlas, 1996. P. 41-66.

FREIRE, F. de S.; LOPES, F. J.; MARQUES, M. de M.; OLIVEIRA, W. R. de. Aplicação do Método do Custo de Viagem na valoração de bens ambientais: Um estudo de caso na cidade de Cavalcante-GO. Anais..., XIII Congresso Internacional de Custos - Gestão pelos Custos: Um caminho em tempos de crise - Porto, Abril de 2013. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/85184/2/2249.pdf>

FREIRE, F. de S.; LOPES, F. J.; Métrica de valoração ambiental: Uma percepção da gestão-pública no município de Cavalcante – Goiás. Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade. V. 6 | n. 1 | jan-abr 2016 | p.90-106

FREIRE, A. P. F.; CAVALCANTE, P. R. N.; SILVA FILHO, P. A. M. da. Heritage Assets: uma Proposta de Mensuração com Base em Critérios Encontrados na Teoria Econômica. Pensar Contábil, v. 19, n. 68, 2017.

FREITAS, J. Economia Criativa e Cultura Afro-brasileira. Cultura Digital. 2010. Disponível em: <http://culturadigital.br/setorialculturasafrobrasileiras/2010/02/19/cultura-e-economia-criativa/>. Acesso em 22/10/2017.

FERRETTI, S. Repensando o Sincretismo. São Paulo/ São Luís: EDUSP/ FAPEMA, 1995.

FERRETTI, S. Sincretismo Afro-brasileiro e resistência cultural. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0182.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021

FREYRE, G. Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição. 2003.

FRIGERIO, A.; ORO, A. “Sectas satánicas” en el Mercosur: Un estudio de la construcción de la desviación religiosa en los medios de comunicación de Argentina y Brasil. Horizontes Antropológicos 8, 1998. p. 114-150.

FRIGERIO, A. A transnacionalização como fluxo religioso na fronteira e como campo social: Umbanda e Batuque na Argentina. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 23 p. 15-57, jan./jun. 2013. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/40972>>. Acesso em 18 de jan. de 2017.

_____. La Invasión de las Sectas”: El Debate sobre los Nuevos Movimientos Religiosos en los Medios de Comunicación en Argentina. Sociedad y Religión 10/11, 1993. p. 24-51.

_____. Política y drama en el trance de posesión. Horizontes Antropológicos 3, 1995. p. 39-56.

_____. “La Umbanda no es una Religión de Ignorantes y Mediocres”: La Estigmatización de las Religiones Afrobrasileñas en Buenos Aires. Revista de Antropología 10, 1991b. p. 22-33.

_____. Estableciendo puentes: Articulación de significados y acomodación social en movimientos religiosos en el Cono Sur. Alteridades 18, 1999. p 5-18.

_____. Re-Africanization in secondary religious diasporas: Constructing a world religion. Civilizations 51, 2004. p. 39-60.

SAMPAIO, D. S. As manifestações de religiosidade não contêm traços necessários de uma religião: uma análise das relações entre poder judiciário e religiões afro-brasileiras. Revista de Humanidades. Caicó, v. 15, n. 34, jan./jun. 2014, p. 54-82. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7105>>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

_____. Catimbó e Jurema: uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros. Debates do NER, Porto Alegre, ano 17, n.30, p.151-194, jul-dez 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/63469>>. Acesso em 11 de novembro de 2020.

_____. Narrativas encantadas que contam história. In: SILVEIRA, Emerson. Sena da; SAMPAIO, Dilaine Soares. Narrativas Míticas: análise das histórias que as religiões contam. Petrópolis: Vozes, 2018, p.265-290.

FONSECA, S. M. S. R. Valoração e procura de património cultural: o museu de Lamego. Dissertação (Mestrado em Economia das Organizações) - Programa de Mestrado em Economia das Organizações da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal, Vila Real, 2008.

FURTADO, C. Dialética do Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1964.

_____. O Mito do Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. Cultura e Desenvolvimento em época de crise. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. Métodos de Pesquisa. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOIS, A. J. As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e sistema religioso. Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 321-352, jan./mar. 2013 – ISSN 2175-5841 324

GELEDÉS. Desigualdade como legado da escravidão no Brasil. www.geledes.com.br. 2012. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/desigualdade-como-legado-da-escravidao-brasil/>>. Acesso em: 13 de junho de 2019

GELEDÉS. Os negros no Brasil Colonial. Esquecer? Jamais. www.geledes.com.br. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/os-negros-no-brasil-colonial/>> Rainer Gonçalves Sousa. Acesso em 13 de junho de 2019.

GELEDÉS. Dia Nacional da Consciência Negra discute combate ao racismo e superação de desigualdades. www.geledes.com.br. 2017. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/dia-nacional-da-consciencia-negra-discute-combate-ao-racismo-e-superacao-de-desigualdades-2/>> Acesso em:13 de junho de 2019.

GELEDÉS. Fé desrespeitada: A dificuldade no combate à intolerância religiosa. www.geledes.com.br. 2018. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/fe-desrespeitada-dificuldade-no-combate-intolerancia-religiosa/>> Acesso em: 13 de junho de 2019.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. LTC. Rio de Janeiro. 1ª edição. 13 reimpressões. 2008.

GILROY, P. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro. Editora 34. Universidade Candido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2012

GUERRA, L.D., and SILVA, J.B. Cultura e desenvolvimento: uma visão crítica dos termos do debate. In BRASILEIRO, MDS., MEDINA, JCC., and CORIOLANO, LN., orgs. Turismo, cultura e desenvolvimento [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 195-233. ISBN 978-85-7879-194-0. Available from SciELO Books. Disponível em: <[http://books.scielo.org/id/7y7r5/pdf/brasileiro-9788578791940-10 .pdf](http://books.scielo.org/id/7y7r5/pdf/brasileiro-9788578791940-10.pdf)> Acesso em 01 de agosto de 2018.

GUIA, A. T. B. A Valoração econômica de Bens Culturais: Uma aplicação a monumentos da cidade de Tomar. Dissertação (Mestrado em Economia das Organizações) - Programa de Mestrado em Economia das Organizações da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal, Vila Real, 2008

GUJARATI, D. N.; PORTER, D.C. Econometria básica. 5. ed. São Paulo: Campos, 2011.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Texto publicado no capítulo 5 do livro Media and Cultural Regulation, organizado por Kenneth Thompson e editado na Inglaterra em 1997. Publicado em Educação & Realidade com a autorização do autor. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERRERO, L. C.; SANZ, J. A.; DEVESA, M. Measuring the economic value and social viability of a cultural festival as a tourism prototype. Tourism Economics, v. 17, p. 639-653, 2011.

HERNÁNDEZ, E. V.; MADRAZO, P. de F. Application of the travel cost method to estimate the economic value of cultural goods: Blockbuster art exhibitions. Hacienda pública española, n. 196, p. 37-64, 2011.

HILUY, T. A.; SOUZA, M. S. de. Mensuração de bens do patrimônio cultural: aplicação do método de valoração contingente (MVC) em bens públicos do centro histórico de Manaus. In: XVIII Encontro de Contabilidade do Tocantins (Encon). Palmas, TO, Brasil, 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico de 2010. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2018

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2016. Brasil em síntese. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/Am/Manaus/panorama>>. Acesso em: 28 de dezembro de 2018.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=o-que-e>

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CNAE. https://concla.ibge.gov.br/images/concla/documentacao/CNAE20_Introducao.pdf

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA Pesquisa de Informações Básicas Municipais. Perfil dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2008.

IBGE – Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em: 18/10/2017

IBGE. Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2007-2018. Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais Estudos e Pesquisas Informação Demográfica e Socioeconômica número 42 Rio de Janeiro 2019. Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro, IBGE, 2019.

Instituto Dea. www.institutodea.com.br. Disponível em: <<http://institutodea.com/artigo/as-relacoes-entre-cultura-e-desenvolvimento/>>

IPHAN. Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. Ed., 2006. Disponível em: < http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimoniomaterial_1Edicao_m.pdf> Acesso em:

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/71> Acesso em 01 de abril de 2018.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Volume I – 2005 a 2010. Coordenação, Rívia Ryker Bandeira de Alencar. – Brasília, DF : IPHAN, 2016. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/pnpivol1.pdf>> Acesso em:

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Volume II – 2005 a 2015. Coordenação, Rívia Ryker Bandeira de

Alencar. – Brasília, DF : Iphan, 2016. Disponível em: <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/pnpivol2.pdf>> Acesso em:

IPEA – O combate ao racismo e à desigualdade: O desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. IPEA – 2008. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/Livro_desigualdadesraciais.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2017

IPEA – Situação Social da População Negra. IPEA – 2014. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_situacao-social-populacao-negra.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2017.

JACCOUD, L. Pobres, pobreza e cidadania: Os desafios recentes da proteção social.- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2009. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_1372.pdf. Acesso em 28 de setembro de 2017.

Jornal Nação Z. Suplente do PT, Bàbá Dibá de Yemonjá toma posse na Câmara. Disponível em: <http://www.nacaoz.com.br/2015/suplente-do-pt-baba-diba-de-yemonja-toma-posse-na-camara/> 1 de novembro de 2017 | 1:13. Acesso em 05 de janeiro de 2021.

KING, E. Accounting for Culture: A Social Cost-Benefit Analysis of The Stan Rogers Folk Festival. Dalhousie University Halifax, Nova Scotia, 2003.

KNAUTH, Daniela Riva. A doença e a cura nas religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: ORO, Ari Pedro (Org.). As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 96.

LIGIÉRO, Z. Iniciação ao Candomblé. Editora Record. Nova era. 1993.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEISTNER. R. M. Religiões de matriz africana do Rio Grande do Sul: entre conflitos, projetos políticos e estratégias de legitimação. Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 23 p. 219-243, jan./jun. 2013. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/36040/25992> Acesso em 10 de novembro de 2017

LEISTNER. R. M. Religião, ciência e transdisciplinaridade: o conhecimento afro-religioso como objeto de estudo. Ciências Sociais Unisinos 45(2):125-134 maio/agosto 2009

LEISTNER, R. M. Os outsiders do além: um estudo sobre a quimbanda e outras 'feitiçarias' afro-gaúchas. Repositório Digital Unisinos. 2014.,

LINS, C. P. C. A Conta Satélite da Cultura no Brasil: uma síntese do debate. Atlas econômico da cultura brasileira. Metodologia I. Ed. UFRGS. 2017. Primeira edição.

LINS, C. P. C. Sistema de Informações e Indicadores culturais, perfil dos estados e municípios brasileiros: histórico e resultados. Revista Observatório Itaú Cultural n.23.

dez/2017 a maio/2018. 2018. Disponível em: <https://issuu.com/itaucultural/docs/obs23_book_af_issuu/6?ff> Acesso em 26 de agosto de 2019.

LOPES, F. J. Métrica de valoração ambiental: estudo aplicado na reserva ambiental da Chapada dos Veadeiros. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis. Brasília, 2014.

LOPES, N. Enciclopédia brasileira da diáspora africana. São Paulo, SP: Selo Negro, 4ª Edição. 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=rtTDBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&ots=BsXvNuSSe0&sig=oV2TxvjHAqn9kCzeTOIY2qj9TPE&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

LIMA, V.C. A família de santo nos Candomblés Jejê-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intergrupais. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

MARCONDES, N. A.; BRISOLA, E.M.A. Análise por triangulação de métodos: Um referencial para pesquisas qualitativas. Revista Uni Vap. v. 20, n. 35. 2014

MARTIN-BARBERO, J. De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía. 6. ed. Barcelona: Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2010

MALHOTRA, N. Pesquisa de Marketing - Uma Orientação Aplicada. 6ª Edição. Editora Bookmann. 2012.

MARTINS, R. B. Desigualdades raciais e políticas de inclusão racial: um sumário da experiência brasileira recente. CEPAL – Comisión Económica para América Latina y el Caribe. Disponível em: http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/6072/1/S2004077_pt.pdf 2004. Acesso em: 27 de setembro de 2017.

MOLANO, O. L. La identidad cultural, uno de los detonantes del desarrollo territorial. In: TALLER INTERNACIONAL. PROYECTO DE DESARROLLO TERRITORIAL RURAL A PARTIR DE SERVICIOS Y PRODUCTOS CON IDENTIDAD, 2006, Cusco (Perú). Anais eletrônicos. Cusco (Perú): RIMISP - Centro Latinoamericano para el Desarrollo Rural, 2006. Disponível em: <http://docplayer.es/269329-La-identidad-cultural-uno-de-losdetonantes-del-desarrollo-territorial-olga-lucia-molano.html>. Acesso em: 02 de agosto de 2018

MARAJOARA, F. (2020). Produtos em argila, disponível em: Fábrica Marajoara de Artigos Religiosos: <https://fabricamarajoara.negocio.site/>. Acesso em 06 de 07 de 2020

MARQUES, M. de M. Mensuração de ativos culturais: uma aplicação do método do custo de viagem em bens públicos culturais do Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis. Brasília, 2012.

MARQUES, M. de M.; FREIRE, F. de S. Mensuração de ativos culturais: uma aplicação do método do custo de viagem na Catedral de Brasília. *Rural Tourism Experiencies*, v. 13, p. 1047, 2015.

MOTTA, R. S. Manual para Valoração Econômica de Recursos Ambientais. 1997. Disponível em: <http://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/pdf/manual-para-valoracao-economica-de-recursos-ambientais.pdf>. Acesso em: 11 set. 2018.

MOURA, C. Brasil: Raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983

MPEM- Ministério Público do Estado do Maranhão. Orientações para Legalização de Associações de Apoio às Casas Religiosas de Matriz Africana. 2016. Disponível em https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPDH/Cartilha__PDF_-_MP__orienta%C3%A7%C3%A3o_para_Legaliza%C3%A7%C3%A3o_Matriz_Africana.pdf. Acesso em 20-04-2020.

MAIA, A. G.; ROMEIRO A. R. Validade e confiabilidade do método de custo de viagem: um estudo aplicado ao Parque Nacional da Serra Geral. *Economia Aplicada*, São Paulo, v.12, n.1, p. 103-123, jan./mar. 2008.

MARQUES, J. F.; COMUNE, A. E. Quanto vale o ambiente: interpretações sobre o valor econômico ambiental. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 23., 1995, Salvador. Anais... Salvador, 1995. p. 663-652.

MARQUES, J. F.; PEREIRA, L. C. Valoração econômica dos efeitos da erosão: estudo de caso em bacias hidrográficas. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2004.

MARTINS, F. R. Candomblé e Educação Ambiental: uma possível e construtiva relação. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Exatas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Meio Ambiente. Belém – PA, 2015. Disponível em <
<http://www.ppgcma.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2015/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Candombl%C3%A9%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental%20-%20Felipe%20Martins.pdf>> Acesso em 12-01-2021

MALLARINO, O.; ZULETA, L.; JARAMILLO, L.; REY, G. La fiesta, la otra cara del patrimonio: valoración de su impacto económico, cultural y social. Bogotá: CAB, 2004.

MALTA, R.R.; COSTA, N.M.C. da; COSTA, V. C. Valoração Econômica dos Serviços Recreativos e Ecoturísticos em uma Unidade de Conservação – O Caso do Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro – RJ) – Brasil. 2012. Disponível em: <http://www.physis.org.br/ecouc/Artigos/Artigo62.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

MAIA, A. G. Valoração de Recursos Ambientais. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Econômico - Universidade Estadual de Campinas, 2002.

MARTINS, L. Defensoria Pública do RS. Intolerância religiosa. 03/03/2020 às 17h58 Disponível em: <http://www.defensoria.rs.def.br/defensoria-publica-instaura-expediente-administrativo-para-apurar-situacao-envolvendo-intolerancia-religiosa.> Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. <http://cbo.maisemprego.mte.gov.br/cbosite/pages/downloads.jsf>. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. Livro 3. Brasília - 3ª edição – 2010. http://portalfat.mte.gov.br/wp-content/uploads/2016/04/CBO2002_Liv3.pdf. Acesso em: 15 de agosto de 2020.

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. Livro 1. Brasília - 3ª edição – 2010. <https://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-1.pdf> Acesso em: 15 de agosto de 2020

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações. Livro 2. Brasília - 3ª edição – 2010. <https://wp.ufpel.edu.br/observatoriosocial/files/2014/09/CBO-Livro-2.pdf> Acesso em: 15 de agosto de 2020

MUNANGA, K. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. USP. 2003. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> Acesso em 05 de julho de 2021.

NASCIMENTO, W. F. Oyèróké Oyêwùmí: Potências filosóficas de uma reflexão. Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2(2019), p. 8-28ISSN 2236-8612. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49121/28604>. Acesso em: fevereiro de 2021.

NINA RODRIGUES, R. Os africanos no Brasil. Editora Madras. São Paulo. 2008

NOONAN, D. Contingent Valuation Studies in the Arts and Culture: An Annotated Bibliography. University of Chicago Cultural Policy Center working paper 11, 2002.

OIT - INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION. A OIT e a Economia Informal- 1ª edição 2005- Versão Portuguesa - OIT - <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/-/europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/genericdocument/wcms_664856.pdf> Acesso em: 14 de janeiro de 2021.

OIT - INTERNATIONAL LABOR ORGANIZATION. World Employment and Social Outlook 2019. Geneve: 2019. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2019/lang--en/index.htm>. Acesso em: 06 de janeiro de 2020.

OLIVEIRA, A. B. S. et al. (Org). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Contabilidade. São Paulo: Editora Saraiva, 2003.

ORO, A P. O atual campo afro-religioso gaúcho. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/13015/8684> Acesso em 27 de março de 2018.

_____. Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 2, 2002, pp. 345-384.

_____. Religião e política nas eleições 2000 em Porto Alegre. Debates do NER, Porto Alegre, ano 2, n.3, Set, p. 09-70, 2001.

_____. Axé Mercosul: As Religiões Afro-brasileiras Nos Países do Prata. Petrópolis: Vozes, 1999

_____. As Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul Debates do NER, Porto Alegre, ano 9, nº.13, Jan/jun., p. 9-23. 2008.

OYĚWÙMÍ, O. The Invention of Women: making and African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. ©Traducción de Alejandro Montelongo González. La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género © Editorial en la frontera, 2017 Calle 45bis#25bis-38, Bogotá, Colombia. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2019/06/a-invencao-das-mulheres-oyc3a8ronke-oyewumi.pdf> Acesso em: 27 de novembro de 2020.

OYĚWÙMÍ, O. Visualizando o corpo: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf Acesso em: 12 dezembro de 2020.

ORTIZ, R. A.; MOTTA, R. S. da.; FERRAZ, C. A estimacão do valor ambiental do Parque Nacional do Iguaçu através do método de custo de viagem. Pesquisa e Planejamento Econômico, v.30, n. 3, pp. 355-382, 2000.

ORTIZ, R. Cultura e Desenvolvimento. Políticas Culturais em Revista, 1(1), p. 122-128, 2008 – www.politicasculturaisemrevista.ufba.br. Acesso em 27 de julho de 2018.

PACIEVITCH, T. (13 de 08 de 2020). infoecola. Disponível em www.infoescola.com: <<https://www.infoescola.com/rio-grande-do-sul/geografia-do-rio-grande-do-sul/>> Acesso em 13 de 08 de 2020,

PEREIRA, J. B.B. Negro e cultura negra no brasil atual. Revista de antropologia. 1983. Disponível em: <http://periodicos.usp.br/ra/article/view/111044/109386>. Acesso em 20/10/2017.

PETRIN, N. (24 de 07 de 2020). www.todoestudo.com.br. Disponível em Todo estudo: <<https://www.todoestudo.com.br/historia/intolerancia-religiosa>> Acesso em 24 de 07 de 2020.

PEARCE, D. W. Economic value, and the natural world. Massachusetts: The MIT Press, 1993. 129 p.

PRADO JUNIOR, C. Evolução Política do Brasil. 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

PORFIRIO, F. Intolerância religiosa. www.mundoeducacao.com.br. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/intolerancia-religiosa.htm>>. Acesso em: 21 de novembro de 2020

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal da Cultura. Coordenação da Memória Cultural. Centro de Pesquisa Histórica. Relatório: Censo das casas de religião de matriz africana e afro-brasileiras em Porto Alegre. Elaborado entre os anos de 2006 a 2008. 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal da Cultura. Observatório da Cultura de Porto Alegre. <http://culturadesenvolvimentopoa.blogspot.com/>. Acesso em: 12 de março de 2020

PACHECO, J. L. de O. Valor Económico da Reserva Florestal de Recreio do Pinhal da Paz. Dissertação (Mestrado em Gestão e Conservação da Natureza) – Universidade dos Açores. Portugal, Ponta Delgada, 2011.

PRANDI, R. Segredos guardados: orixás na alma brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, R. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. Civitas – Revista de Ciências Sociais. v. 3 n. 1: Afro-brasileiros, pentecostais e católicos. 2003.

PRANDI, R. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, R. Religiões afro-brasileiras e sua participação na cultura nacional não religiosa. Revista do Instituto Humanista Unisinos – IHU. EDIÇÃO 400. 2012. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4593&. Acesso em 21 de outubro de 2017

REGES, T. (03 de 01 de 2017). <http://www.vilasmagazine.com.br/>. disponível em Vilas magazine: <http://www.vilasmagazine.com.br/noticia-detalle.php?idConteudo=00000002018>. Acesso em 05 de julho de 2020,

REHBEIN, F. C. Candomblé e salvação: a salvação na religião nagô à luz da teologia cristã. São Paulo: Loyola, 1985.

RIBEIRO, D. O racismo estrutura a sociedade brasileira e está em todo lugar. Revista IHU – Online - Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/605015-o-racismo-estrutura-a-sociedade-brasileira-esta-em-todo-lugar-entrevista-com-djamila-ribeiro> Acesso: 05 de julho de 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Estadual 51587/2014. Dispõe sobre a criação, a composição, a estruturação, as competências e o funcionamento do Conselho do Povo de Terreiro do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/DEC%2051.587.pdf> Acesso em: 13 de agosto de 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto Estadual 50112/2013. Institui o Comitê Estadual do Povo de Terreiro. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rs/decreto-n-50112->

2013-rio-grande-do-sul-institui-o-comite-estadual-do-povo-de-terreiro>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

ROMÃO, T. L. C. Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência translacional e transnacional: Divindades africanas e santos católicos em tradução. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), Brasil. cruzromao@terra.com.br. Recebido: 16/02/2018 Aceito: 03/03/2018. <https://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0353.pdf>

RODRIGUEZ, O. Desenvolvimento e cultura. In: _____. O estruturalismo latino-americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 407-44

SILVA. H. K. A cultura afro como norteadora da cultura brasileira. Perspectiva, Erechim. v. 38, n.144, p. 25-35, dezembro/2014. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/144_449.pdf Acesso em 19 de março de 2018.

SILVA. A.; BARROS, L. Cultura e desenvolvimento: um estudo da perspectiva de Celso Furtado. Revista Multiface, Belo Horizonte, v. 2, p. 13-20, 2014.

SILVA, R. G. Disposição a pagar para evitar danos à saúde oriundos das queimadas: uma aplicação do método de valoração contingente no Estado do Acre. 2005. 121 p. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) -Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.

SIIC. Ministério da Cultura. Dezembro/2015. <http://sniic.cultura.gov.br/seminario-latino-americano-de-informacoes-e-indicadores-culturais/programacao/> disponível. Acesso em 05 de novembro de 2020

SECCHI, L. Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. Cap. 1- Introdução: percebendo as políticas públicas p. 1-21. Cap.5 – Atores no processo de política pública. p. 99 -134.2000.

SILVA, R.; TOBIAS, J. S. A educação para as relações étnico-raciais e os estudos sobre racismo no Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 65, p. 177-199, dez. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rieb/n65/2316-901X-rieb-65-00177.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

SILVA, R.G. Valoração do parque ambiental "Chico Mendes", Rio Branco – Ac: Uma aplicação probabilística do método Referendum com bidding games. Dissertação de Mestrado em Economia Aplicada - Universidade Federal de Viçosa (UFV), 2003.

SILVA, R. G.; LIMA, J. E. Valoração contingente do parque “Chico Mendes”: uma aplicação probabilística do método referendum com bidding games. Revista de Economia e Sociologia Rural - RER, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 685-708, 2004.

SANTOS, J. E. *Os Nagô e a morte: Padê, Asese e o culto Egun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SCHUCMAN, L. V. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese. UP. 2012. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigida.pdf. Acesso em 02 de julho de 2021.

SILVEIRA, H. Tradições de matriz africana e saúde: o cuidar nos terreiros. *Identidade!* | São Leopoldo | v. 19 n. 2 | p. 75-88 | jul.-dez. 2014 | ISSN 2178-0437X. Disponível em: <<http://periodicos/est.edu.br/identidade>>. Acesso em: 12 de janeiro de 2021

SANTOS, J. P. “Práticas religiosas, meio ambiente e dignidade” In *Anais do I Seminário Educação, Cultura e Justiça Ambiental: meio ambiente e espaços sagrados no contexto das unidades de conservação*. Rio de Janeiro, 2006, Mimeo, p. 106.

SILVA, M. G. C. *Religião e sustentabilidade: meio ambiente e qualidade de vida*. Paralellus, Recife, v. 4, n. 8, p. 175-186, jan./jun. 2013

SILVA, J. M. *Religiões e saúde: a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde*. *Saúde soc.* vol.16 no.2. São Paulo. May/Aug. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902007000200017&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

SILVA, V. G. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro – Brasileiro*. *Revista de Estudos da Religião* dezembro / 2008 / pp. 149-154. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/r_moura.pdf> Acesso em 13 de março de 2018.

_____. *Neopentecostalismo e Religiões Afrobrasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. *MANA* 13(1): 207-236, 2007. <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a08v13n1.pdf>> Acesso em 04 de agosto de 2018.

SILVA, P. B. G. *Diversidade étnico-cultural e currículos escolares*. *Caderno Cedes*, São Paulo, nº 32, 1993.

SOUZA, M. M. e. *África e Brasil africano*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

SOUZA, J. C. S. *História da África e cultura afro-brasileira: desafios e possibilidades no contexto escolar*. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/22/historia-da-frica-e-cultura-afro-brasileira-desafios-e-possibilidades-no-contexto-escolar>

SOTELO, M. V. B. *Religião e Pobreza no Uruguai: Um enfoque quantitativo*. – *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, ano 4, ed. 11, set./dez. 2010. Disponível em: <[file:///C:/Users/claudio/Downloads/17180-Texto%20do%20artigo-72869-1-10-20110313%20\(8\).pdf](file:///C:/Users/claudio/Downloads/17180-Texto%20do%20artigo-72869-1-10-20110313%20(8).pdf)> Acesso em: 25 de janeiro de 2021

SOTELO, M. V. B. *Las Religiones afro em el Uruguay y su propagación en contexto de pobreza*. ALAS – Asociación Latinoamericana de Sociología, 2015. Costa Rica

SPERONI, A. *Religiões afro-gaúchas no ensino de história : batuque, umbanda e linha cruzada*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. 2018.

Disponível em: <

<https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3842/Dissertacao%20Aline%20Speroni.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 17 de maio de 20320.

SPINOLA, N. D. *A influência africana na economia cultural da Bahia*. *Cadernos de estudos africanos*. 2012. Ed. 23. 53-83.

SPINOLA, N. D. Economia Cultural em Salvador. UNIFACS. Salvador. Bahia. 2006.

STAMPE, M. Z.; TOCCHETTO, D. G.; FLORISSI, S. Utilizando a Metodologia de Valoração Contingente para estimar os benefícios gerados aos usuários pela Feira do Livro de Porto Alegre. Encontro Nacional de Economia. ANPEC, 2008. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807180032160-.pdf>. Acesso em: 27 de dezembro de 2019

TADVALD, M. Notas Históricas e Antropológicas sobre o Batuque no Rio Grande do Sul. RELEGENS THRÉSKEIA: ESTUDOS E PESQUISA EM RELIGIÃO, v. 5, p. 46-59, 2016.

TRIGUEIRO, O. M. A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf>>. Disponível em: 05.11.2020.

Tribunal de Conta do Estado do Rio Grande do Sul – Relatório de levantamento da obrigatoriedade do artigo 26-A da Lei nº 10639/2003. 2015.

UNCTAD - UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). Creative Economy Report 2008. Disponível no sítio da United Nation Conference on Trade and Development. Disponível em: http://unctad.org/en/Docs/ditc20082ceroverview_en.pdf Acesso em 03 de março de 2018

_____. Creative Economy Report 2013. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2013.

UNCTAD - UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). Relatório de economia criativa 2010: economia criativa, uma opção de desenvolvimento. Brasília: Secretaria da Economia Criativa; Ministério da Cultura; São Paulo: Itaú Cultural, 2010. Disponível em: http://unctad.org/pt/docs/ditctab20103_pt.pdf. Acesso em: 22 de outubro de 2017.

UNESCO - UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. Declaração Universal sobre Diversidade Cultural. Paris, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2018

_____. Cultura y Desarrollo. n 2. Publicado pela Oficina Regional de Cultura Para América Latina y el Caribe de la UNESCO. 2003. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000226553?posInSet=2&queryId=3223baa1-d9e6-4625-8437-a38d5313c14a>>

_____. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, Paris, 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf> Acesso em 20 de julho de 2018

_____. Framework for cultural statistics. Quebec: UNESCO Institute for Statistics, 2009.

_____. Creative Economic Report 2010. Creative Economy: A Feasible Development Option. Genebra: Unctad, 2010.

_____. Cultura y Desarrollo. n. 7. Publicado pela Oficina Regional de Cultura Para América Latina y el Caribe de la UNESCO. 2012. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219867?posInSet=47&queryId=7c032b76-43d2-4a97-ac73-03d03f02a1f4>. Acesso em:

_____. Patrimônio da humanidade no Brasil: suas riquezas culturais e naturais. UNESCO and Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2014. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233395>> Acesso em:

_____. Cultural times - The first global map of cultural and creative industries, December. Paris: UNESCO, 2015.

_____. Cultura y Desarrollo. n. 14. Agenda 2030. Plan de trabajo regional de cultura para América Latina y el Caribe LAC UNESCO 2016 – 2021. Publicado pela Oficina Regional de Cultura Para América Latina y el Caribe de la UNESCO. 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244353?posInSet=44&queryId=7c032b76-43d2-4a97-ac73-03d03f02a1f4> Acesso em:

_____. Repensar as políticas culturais: criatividade para o desenvolvimento 2018; relatório global da Convenção de 2005. – Brasília: UNESCO, 2018. Disponível em: < <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000266025>>. Acesso em:

_____. Guía local de cultura para el desarrollo sostenible del distrito de Colón. UNESCO. 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368761?posInSet=5&queryId=4a3fc833-46d9-4450-852a-84520d6f475c> Acesso em:

_____. As Convenções da UNESCO na área de cultura. <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasilia/expertise/culture-development-brazil>

VALIATI, L. Economia da Cultura e Industrias Criativas. Modos de usar e medir. Itaú Cultural. Revista Observatório Itaú Cultural n.23. dez/2017 a maio/2018. 2018. Disponível em: < https://issuu.com/itaucultural/docs/obs23_book_af_issuu/6?ff> Acesso em: 18 de maio de 2019.

VALIATI, L. Cultura e Mercado. 2011. Disponível em <http://www.culturaemercado.com.br/site/entrevistas/economia-da-cultura-por-leandro-valiati/>. Acesso em 01 de março de 2018

VALIATI, L.; MORRONE, H. Conta Satélite de Cultura. CEGOV. UFRGS. 2014. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/1737916/conta-sat%C3%A9lite-de-cultura-do-brasil.-ufrgs.2014>. Acesso em 13 de junho de 2018.

VECCHIATTI, K. Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável: do reducionismo à valorização da cultura. São Paulo, 2004. Disponível em: Acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000300010. Acesso em 03 de março de 2018.

VERGARA, S. C. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração. São Paulo. Atlas, 2010.

VERGER, P. Orixás, Deuses iorubas na África e no Novo Mundo. Editora Corrupio. 1981.

VASCONCELOS, S. S. D.; SILVA, A. C. S. A importância de Roger Bastide como divisor de águas para os estudos das religiões afro-brasileiras. PARALELLUS Revista de Estudos de Religião – UNICAP. Disponível em: <<https://doi.org/10.25247/paralellus.2019.v10n23.p005-018>> Acesso em: 13 de dezembro de 2020.

WOLFF, E. A Entronação do Aláààfin e sua conservação: a nação Kambina no Batuque Nàgó do R.S. -. Trabalho publicado na Revista Olorun, n. 5, setembro 2011. Disponível em: <<http://www.olorun.com.br/documentos/kamuka-nago-kobi.pdf>> Acesso em: 30 de julho de 2018

WALSH, R. G.; LOOMIS, J. B.; GILLMAN, R. A. Valuing option, existence and bequest demands for wilderness. Land Economics, v. 60, p. 14-29, 1984.

YIN, R. K. Estudo de Caso Planejamento e Métodos. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

<https://statistics.laerd.com/spss-tutorials/poisson-regression-using-spss-statistics.php>

APÊNDICES

APÊNDICE 1- Roteiro de entrevista destinado aos Sacerdotes

O presente roteiro de entrevista será empregado aos Babalorixás e lalorixás sacerdotes das religiões de matriz-africana com o propósito de obter informações para que o pesquisador responsável possa desenvolver sua tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, intitulada “ **A valoração do Patrimônio Cultural: A medição dos impactos da festa de Batuque, ativo imaterial significativo para o desenvolvimento socioeconômico em Porto Alegre/RS**” a qual tem por objetivo geral o de “**Identificar qual o impacto econômico provocado pela Festa de Batuque, patrimônio cultural imaterial, para a cidade de Porto Alegre/RS**”.

Pesquisador responsável: Cláudio Soares dos Santos

1. Nome do Templo/Casa: _____

2. Babalorixá/lalorixá responsável: _____

3. Data de Fundação do Templo: _____

4. Número de filhos da casa: _____

5. O templo possui CNPJ:

() SIM

() NÃO

6. **Cor/raça:**

() Preta

() Branca

() Parda

() indígena

() Amarela

7. **Religião/Nação**

() Jejê

() Oyó

() Cabinda

() Ijexá

() Nagô

- () Jejê/ljexá
- () Oyó /Jejê
- () Outros

8. Estado Civil:

- () Solteiro
- () Casado
- () Separado
- () Divorciado
- () União Estável
- () Outros

A casa é filiada a alguma entidade associativa, por exemplo: Afrobrás e Afrorito?
Qual? _____

Os filhos pagam alguma mensalidade para auxiliar na realização da(s) festa(s) de batuque? Existe um valor estipulado? Qual valor aproximado?

.

A sua casa realiza algum tipo de projeto social com vistas a:

- () Reduzir a vulnerabilidade e os fatores de exclusão social do povo de terreiro;
- () Promover a valorização cultural;
- () Qualificar adolescentes e jovens para a cidadania e para o trabalho;
- () Garantir a segurança alimentar e nutricional de jovens, adultos e idosos;
- () Incentivar os cuidados básicos de atenção à saúde e a prevenção das doenças;
- () Promover o respeito inter-religioso e os direitos humanos.
- () Outros

Quantas Festas de Batuque são realizadas por ano em sua Casa/Ilê? _____

Nas noites de realização da Festa de Batuque os participantes são apenas os filhos da casa ou participam outras pessoas como simpatizantes e visitas? _____

Os seus filhos de santo são todos porto-alegrenses ou residem em outras localidades? Saberá mencionar algumas das cidades, estados ou países desses filhos? _____

Qual o número estimado de pessoas que frequentam as suas Festas de Batuque? _____

Que tipo de materiais, mantimentos e demais insumos são utilizados para realização de uma Festa de Batuque? _____

Para a realização de uma Festa de Batuque são contratados alguns serviços específicos? _____

Qual o valor gasto pela casa/Ilê para realização de uma Festa de Batuque?

No caso de: quinzena seca qual valor aproximado _____

E no caso de uma festa de 4 pés qual valor aproximado _____

Em sua opinião, a Festa de Batuque, ritual da religião de matriz africana contribui para a geração de emprego e renda? Quem são os atores? Que atividades comerciais e de serviços interagem com esse evento, seja ela formal ou informal?

Possui algum tipo de vínculo profissional com alguma instituição além da dedicação que dispensa à sua casa de religião?

Em uma escala de 1 a 4, onde 1 é nenhuma oportunidade e 4 muita oportunidade. Você acredita que a Festa de Batuque representa uma oportunidade de crescimento para a economia da região:

- 1
- 2
- 3
- 4

Em uma escala de 1 a 4, onde 1 não é importante e 4 muito importante. Você acredita que a Festa de Batuque é um bem cultural e é importante para a sociedade.

- 1
- 2
- 3
- 4

APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevistas às entidades associativas

O presente roteiro de entrevista será empregado aos representantes das entidades associativas e/ou federativas que promovem a organização teológica das casas de religiões de matriz africana com o propósito de obter informações para que o pesquisador responsável possa desenvolver sua tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, intitulada “ **A valoração do Patrimônio Cultural: A medição dos impactos da festa de Batuque, ativo imaterial significativo para o desenvolvimento socioeconômico em Porto Alegre/RS**” a qual tem por objetivo geral o de “**Identificar qual o impacto econômico provocado pela Festa de Batuque, patrimônio cultural imaterial, para a cidade de Porto Alegre/RS**”.

Pesquisador responsável: Cláudio Soares dos Santos

Nome _____ da

Entidade: _____

Data de Fundação da Entidade: _____ Número de casas filiadas: _____

Área de abrangência: cidade/estado/país: _____

Número de casas (Ilês) filiadas em Porto Alegre _____

Qual a quantidade de casas por nação em Porto Alegre:

Nação	Quantidade
Oyó	
Jejê	
Nagô	
Cabinda	
Ijexá	
Jejê/Ijexá	
Nagô/Ijexá	
Outras	

Nome do Respondente: _____

Cargo que ocupa: _____ Idade: _____ Sexo: _____

Grau de instrução:

() Fundamental incompleto

() Fundamental completo

() Médio incompleto

() Médio Completo

() Superior incompleto

() Superior completo

() Pós-graduado () especialização () mestrado () doutorado () pós doutorado

As casas filiadas pagam alguma contribuição à entidade por festa, mês, ano ou outra forma:

Qual a finalidade de existência da entidade, qual o seu objetivo estatutário:

Quais as principais atividades colocadas em práticas por esta associação:

São realizadas reuniões para discussão das atividades associativas? E com que frequência? Quais os assuntos mais discutidos?

Em sua opinião, os rituais de celebração de religião de matriz africana contribuem para a geração de emprego e renda? Quem são os atores? Que atividades comerciais e de serviços interagem com esse evento, seja ela formal ou informal?

A entidade realiza algum tipo de projeto social com vistas a:

- () Reduzir a vulnerabilidade e os fatores de exclusão social do povo de terreiro;
 - () Promover a valorização cultural;
 - () Qualificar adolescentes e jovens para a cidadania e para o trabalho;
 - () Garantir a segurança alimentar e nutricional de jovens, adultos e idosos;
 - () Incentivar os cuidados básicos de atenção à saúde e a prevenção das doenças;
 - () Promover o respeito inter-religioso e os direitos humanos.
 - () Outros _____
-

APÊNDICE 3 – Roteiro de entrevistas às Floras e Aviários

O presente roteiro de entrevista será empregado aos estabelecimentos comerciais cujas atividades se relacionam com as práticas das religiões de matriz-africana e possui o propósito de obter informações para que o pesquisador responsável possa desenvolver sua tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, intitulada “ **A valoração do Patrimônio Cultural: A medição dos impactos da festa de Batuque, ativo imaterial significativo para o desenvolvimento socioeconômico em Porto Alegre/RS**” a qual tem por objetivo geral o de “**Identificar qual o impacto econômico provocado pela Festa de Batuque, patrimônio cultural imaterial, para a cidade de Porto Alegre/RS**”.

Tipo de estabelecimento: _____

Data de início das atividades: _____

Possui empregados: _____ Quantos: _____

Faturamento anual: _____

Quem são os seus clientes (filhos de santos, pais de santos, simpatizantes)? _____

Número estimado de clientes atendidos no ano/mês? _____

Gasto médio estimado por cliente? _____

Tem algum período/mês específico que as vendas caem/diminuem: _____

Qual o período/mês de maior movimento? _____

Quais os produtos mais vendidos? _____

APÊNDICE 4 – Roteiro de entrevistas aos tamboreiros

- 1) Além da atividade de Tamboreiro, você desenvolve outra atividade?
- 2) Qual o número de eventos mensais em que você é contratado para desempenhar a função de Tamboreiro?
- 3) Quais os valores cobrados para tocar em uma Festa de Batuque? Tem diferença de preço entre uma Quinzena e uma Festa Grande?
- 4) Os valores recebidos mensalmente permitem sustentar a família?
- 5) Qual o tempo estimado de uma festa, ou seja, as suas atividades em uma festa duram quanto tempo? Têm diferença de tempo de duração entre uma Quinzena ou Festa Grande?
- 6) Qual o seu grau de instrução?
- 7) Aprendeu como a arte de tocar o tambor? Como surgiu o interesse?
- 8) Além dos valores arrecadados por ocasião das festas em que são contratados, os tamboreiros podem obter mais recursos através dessa profissão, como?
- 9) Para poder desempenhar essa atividade é preciso algum registro ou o que mais?

APÊNDICE 5 – Roteiro de entrevista à costureira

- 1) Quantas horas são dedicadas do seu tempo semanalmente para o desempenho das atividades?
- 2) Seus clientes são apenas os fiéis da cultura de matriz africana?
- 3) Qual o tempo médio que se leva para confeccionar um Axó? Tem diferença de tempo entre o masculino e o feminino?
- 4) Quais os valores médios cobrados para confeccionar um Axó? Tem diferença de valores de um Axó feminino para um masculino?
- 5) Em média quantos Axós os clientes adquirem por ano?
- 6) Em relação ao gênero, existe alguma diferença no tocante aos quantitativos solicitados para confeccionar, por ano?

APÊNDICE 6 – Roteiro de entrevista ao artesão

- 1) O seu trabalho artesanal é específico para a religião de matriz africana?
- 2) Além do artesanato tens outra profissão?
- 3) Se a resposta acima foi “não”, quanto do seu tempo é destinado para essa atividade?
- 4) O seu trabalho como artesão é informal ou recolhe algum tipo de tributo?
- 5) Os valores recebidos dos trabalhos produzidos permitem viver dessa profissão?
- 6) Poderia informar a renda anual aproximada obtida com os serviços de artesão voltados para atendimento da cultura de matriz africana?
- 7) Conhece algum outro artesão que dedique seu trabalho para disseminar a cultura afro, quantos?

APÊNDICE 7 – Roteiro de entrevista ao publicitário/fotógrafo

- 1) A sua empresa tem como foco de trabalho a divulgação específica de eventos voltados para a cultura de matriz africana?
- 2) Saberá mencionar, na sua área de atuação qual o número de concorrentes?
- 3) Poderia nominar?
- 4) Para a realização dos serviços de divulgação e publicidade contratados, quantos funcionários emprega?
- 5) Poderia informar o rendimento anual da sua empresa
- 6) Os clientes de sua empresa são apenas de Porto Alegre?
- 7) Ao longo dos últimos 5 anos, os serviços contratados estão aumentando ou se mantém estável

APÊNDICE 8 – Questionário aos consumidores da Fé

O presente questionário será empregado aos frequentadores da festa de batuque e possui o propósito de obter informações para que o pesquisador responsável possa desenvolver sua tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, intitulada “ **A valoração do Patrimônio Cultural: A medição dos impactos da festa de Batuque, ativo imaterial significativo para o desenvolvimento socioeconômico em Porto Alegre/RS**” a qual tem por objetivo geral o de “**Identificar qual o impacto econômico provocado pela Festa de Batuque, patrimônio cultural imaterial, para a cidade de Porto Alegre/RS**”.

Pesquisador responsável: Cláudio Soares dos Santos

1. Idade:

- () até 20 anos
- () de 21 a 30 anos
- () de 31 a 40 anos
- () de 41 a 50 anos
- () de 51 a 60 anos
- () de 61 a 70 anos
- () acima de 71 anos

2. Bairro em que reside: _____

3. Cidade/Estado: _____

4. Sexo:

- () Masculino
- () Feminino

5. Cor/raça:

- () Preta
- () Branca
- () Parda
- () indígena
- () Amarela

6. Religião/Nação

- Jejê
- Oyó
- Cabinda
- Ijexá
- Nagô
- Jejê/Ijexá
- Oyó /Jejê
- Outros

7. Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Separado
- Divorciado
- União Estável
- Outros

8. Local de Trabalho:

- Profissional liberal
- empresário
- emprego publico
- empresa privada
- doméstico
- outro:

9. Escolaridade:

- Fundamental incompleto
- fundamental completo
- médio incompleto
- médio completo
- superior incompleto
- superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado.

10. Renda mensal familiar em Salários Mínimos:

- Até 2 Salários Mínimos
- Acima de 2 até 4 Salários Mínimos
- Acima de 4 até 6 Salários Mínimos
- Acima de 6 até 8 Salários Mínimos
- Acima de 8 até 10 Salários Mínimos
- Acima de 10 Salários Mínimos

11. Quanto tempo integra a religião de matriz africana

- menos de 5 anos
- de 6 a 10 anos
- de 11 a 15 anos
- de 16 a 20 anos
- de 21 a 25 anos
- de 26 a 30 anos
- acima de 30 anos

12. Com que frequência você vai a uma Festa de Batuque no ano:

- 1 vez
- 2 vezes
- 3 vezes
- 4 vezes
- 5 vezes
- mais de 5 vezes

13. Qual o meio de transporte que utiliza para se deslocar até a Festa de Batuque:

- Carro
- ônibus
- moto
- Van
- outros

14. Quanto gasta aproximadamente para ir a uma festa de batuque (inclui todas as despesas como salão de beleza, confecção de axós, entre outros)

- até R\$ 250,00
- de R\$ 250,01 a R\$ 500,00
- de R\$ 500,01 a R\$ 750,00
- de R\$ 750,01 a R\$ 1.000,00

- acima de 1.000,00
- 15.** Quantidade de horas que se envolve com os preparativos para a Festa de Batuque: _____
- 16.** Quantidade de horas dispendidas para a organização do pós-festa: _____
- 17.** Quando vais a uma festa de batuque vais acompanhado: () Sim () Não
- 18.** Caso a resposta anterior seja afirmativa quantas pessoas o acompanham
- 0
- de 1 a 3 pessoas
- de 4 a 6 pessoas
- de 7 a 10 pessoas
- acima de 10 pessoas
- 19.** Caso tivesse de pagar uma entrada para participar de uma Festa de Batuque, quanto estaria disposto a pagar:
- até R\$ 50,00
- de R\$ 50,01 a R\$ 100,00
- de R\$ 100,01 a R\$ 150,00
- de R\$ 150,01 a R\$ 200,00
- de R\$ 200,01 a R\$ 250,00
- de R\$ 250,01 a R\$ 300,00
- de R\$ 300,01 a R\$ 350,00
- de R\$ 350,01 a R\$ 400,00
- de R\$ 400,01 a R\$ 450,00
- de R\$ 450,01 a R\$ 500,00
- acima de R\$ 500,00
- 20.** Em uma escala de 1 a 5, onde 1 é nada feliz e 5 muito feliz, como avalia a sua felicidade por estar em uma Festa de Batuque
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 21.** Em uma escala de 1 a 5, onde 1 é nada satisfeito e 5 é muito satisfeito, qual o seu grau de satisfação com o investimento feito para poder participar da Festa

de Batuque (gastos realizados para poder participar da festa como salão de beleza, aquisição de axós, aquisição de presentes, etc.)*

1

2

3

4

5

22. Você estaria disposto a pagar R\$ 300,00 para participar dessa Festa de Batuque?”

sim

não

23. Caso a resposta anterior seja afirmativa quantas pessoas o acompanham: _____

24. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 é nada feliz e 5 muito feliz, como avalia a sua felicidade por estar nesta festa de batuque:

1

2

3

4

5

25. Em uma escala de 1 a 4, onde 1 é nada satisfeito e 4 é muito satisfeito, qual o seu grau de satisfação com o investimento (gastos realizados para poder participar da festa como salão de beleza, aquisição de presentes etc.) feito para estar aqui:

1

2

3

4

5

26. Caso tivesse de pagar uma entrada para participar de uma Festa de Batuque, quanto estaria disposto a pagar:

até R\$ 50,00

de R\$ 50,01 a R\$ 100,00

de R\$ 100,01 a R\$ 150,00

de R\$ 150,01 a R\$ 200,00

de R\$ 200,01 a R\$ 250,00

de R\$ 250,01 a R\$ 300,00

de R\$ 300,01 a R\$ 350,00

de R\$ 350,01 a R\$ 400,00

de R\$ 450,01 a R\$ 500,00

acima de R\$ 500,01

27. Você estaria disposto a pagar R\$ 150,00 para participar dessa Festa de Batuque?"

Sim

Não

APÊNDICE 9 – Relação de terreiros visitados e seus respectivos responsáveis

Ordem	Centro	Data	Responsável	Filhos
1	Oiê Asè lemonja Omi Olodó	02/02/1930	Baba Diba de lemonja	200
2	Sociedade Africana 21 de Janeiro	21/01/1943	Gilberto Bandeira	150
3	Ilê Oxalá e Oxum	01/09/1946	Pai Chiquinho de oxalá	700
4	Egbe Awo Ase Imoye Oyo	15/10/1974	Ifaodunnola Aworeni (André)	70
5	Sociedade e Religião Africana Iaiá e Iemanjá	08/05/1975	Neca de Iemanjá	60
6	Ilê Axé Ògún Tolombí e Oxalá Oní	18/11/1983	Pai David de Ògún	90
7	Ilê Asé Odara Seu Olanã	03/07/1988	Pai Gelson de Bara Lanã	250
8	Sociedade Beneficente Cultural Reino de Yemanja e Oxalá	11/10/1995	Pai Maicon de Oxalá	120
9	Ilê Barum Sapatá	06/05/1996	Mãe Fernanda	73
10	Sociedade de Umbanda e Religião Africana Filhos de Oxum	06/04/1998	Ialorixá Vilma de Oxum	60
11	Ijo Osún ti Ògún Onirê	17/05/2004	Ialorixá Fernanda de Ògún	18
12	Ilê Axé Odé	10/05/2005	Eliser de Odé	32
13	Ilê Axé Xapana Jubeteí	13/01/2006	Iago de Xapana	20
14	Centro Africano Ilê Axé Iemanjá Omidarewa	14/06/2006	Telmo de Iemanja	40
15	Centro Africano Xangô Agandju e Obá	29/09/2006	Marli Terezinha Guerreiro Ferreira	6
16	Centro de Umbanda e Religião Africana Iara e Iemanjá	03/05/2007	Helena Couto Flores	12
17	Ilê Africano Asè Onira e Oia	12/10/2007	Ana Julia de Ogum	29
18	Ylê Oxum Pandá Miuá	12/12/2008	Claudia D'Oxum	40
19	Comunidade Tradicional de Terreiro Ilê Àṣẹ̀ Òrìṣà Wúre	12/12/2008	Bàbá Hendrix de Òrúnmilà e Ìyá Patrícia de Ọya	25
20	Ilê Ase Omo Agodô	20/05/2010	Franz D'Agodô	46
21	Ilê Orixá Ogum Adioko e Oya Tofã	30/09/2011	Pai Ronie de Ogum Adioko e Pai Alexandre de Oya Tofã	60
22	Sociedade Africana 21 de Maio	21/05/2014	Luiz Alberto de Ogum	2
23	Ilê Onira Orum Abasse Oxum Demum	01/09/2015	Iara Regina de Azevedo	19
24	Ilê Asé Xangô e Iemanjá	27/09/2015	Dudu D'Xangô	10
25	Sociedade Beneficente Cultural Ylê Asé Odé & Otin	28/12/2015	Lucidio Fagundes	17
26	Ilê Africano Iemanjá e Oxalá	10/05/2016	Gilson de Oxalá	26
27	Ile ogum onira	15/06/2017	Alexandre soria	13
28	Ilê Orixá Iemanjá Boci Xangô Godo	08/11/2019	Alessandra Costa Vargas	5
29	Ilê Orixá Iberê	09/11/2019	Carla Adriana Ramires Monteiro	2
30	Ilê Orixá Iansã e Xangô	10/11/2019	Cátia Silveira Dos Reis Matos	2

Fonte: elaborado pelo autor com dados da pesquisa

APÊNDICE 10 – Demonstrativo de cálculos - Sacerdotes

Cálculo demonstrativo da média do nº de festas por ano

frequência - nº vezes ano	Qtde	Qtde x nº Vezes
1	10	10
2	5	10
3	7	21
4	8	32
Total	30	73

Média = (Qtde x nº de vezes)/ Qtde

2,4

Cálculo demonstrativo do valor médio da Festa de Batuque

Valores gastos	Quinzena	Festa Grande	Qtde x R\$ Quinz.	Qtde x R\$ Festa G
até R\$ 5.000,00	20	3	R\$ 50.000,00	R\$ 7.500,00
R\$ 5.000,01 a R\$ 10.000,00	6	12	R\$ 45.000,00	R\$ 90.000,00
R\$ 10.000,01 a R\$ 15.000,00	2	5	R\$ 25.000,00	R\$ 62.500,00
R\$ 15.000,01 a R\$ 20.000,00	2	2	R\$ 35.000,00	R\$ 35.000,00
R\$ 20.000,01 a R\$ 25.000,00		1		R\$ 22.500,00
acima de R\$ 25.000,00		7		R\$ 175.000,00
Total	30	30	R\$ 155.000,00	R\$ 392.500,00

Média = (Qtde x R\$ Quinzena)/Qtde

R\$ 5.166,67

Média = (Qtde x R\$ Festa G)/Qtde

R\$ 13.083,33

Média Geral (média quinzena + média festa G)

R\$ 9.125,00

Cálculo demonstrativo da média de participantes por festa

Participantes	Qtde	Qtde x Particip.
até 50 participantes	1	25
de 51 a 75 participantes	4	250
de 76 a 100 participantes	5	437,5
de 101 a 125 participantes	4	450
de 126 a 150 participantes	3	412,5
de 151 a 175 participantes	2	325
de 176 a 200 participantes	4	750
acima de 200	7	1400
Total	30	4050

Média = (Qtde x participantes) /Qtde

135

Cálculo demonstrativo da média de idade dos Sacerdotes

Idade	Qtde	Qtde x Idade
Até 20 anos	0	0
de 21 a 30 anos	1	25
de 31 a 40 anos	2	70
de 41 a 50 anos	7	315
de 51 a 60 anos	11	605
de 61 a 70 anos	5	325
acima de 70	4	280
Total	30	1620

Média = (Qtde x idade)/Qtde

54

APÊNDICE 11 – Demonstrativo de cálculos – Consumidores da Cultura

Cálculo demonstrativo dos gastos realizados para ir à Festa de Batuque			
Idade	Qtde	média	Qtde x média
0	11	0	
até R\$ 250,00	214	R\$ 125,00	R\$ 26.750,00
de R\$ 250,01 a R\$ 500,00	111	R\$ 375,00	R\$ 41.625,00
de R\$ 500,01 a R\$ 750,00	29	R\$ 625,00	R\$ 18.125,00
de R\$ 750,01 a R\$ 1.000,00	15	R\$ 875,00	R\$ 13.125,00
acima de R\$ 1.000,00	12	R\$ 1.000,00	R\$ 12.000,00
Total	392		R\$ 111.625,00

Média = (Qtde x média)/Qtde

R\$ 284,76

Cálculo demonstrativo da média com que frequenta festas		
Frequência	Qtde	Qtde x frequência
1 vez ao ano	33	33
2 vezes ao ano	40	80
3 vezes ao ano	43	129
4 vezes ao ano	50	200
5 vezes ao ano	28	140
mais de 5 vezes ao ano	198	1188
Total	392	1770

Média = (Qtde x frequência)/Qtde

4,51

Cálculo média mensal valores cobrados a título de mansalidade		
Valores cobrados	Qtde	Qtde x cobrança
até R\$ 50,00	8	R\$ 200,00
de R\$ 50,01 a R\$ 100,00	5	R\$ 375,00
de R\$ 100,01 a R\$ 150,00	1	R\$ 125,00
de R\$ 150,01 a R\$ 200,00	1	R\$ 175,00
acima de R\$ 200,00	0	
Não contribui	15	
Total	30	R\$ 875,00

Média = (Qtde x Cobrança)/Qtde

R\$ 29,17

Média de idade dos consumidores da cultura		
Idade	Qtde	Qtde x Idade
Até 20 anos	13	130
de 21 a 30 anos	81	2025
de 31 a 40 anos	125	4375
de 41 a 50 anos	100	4500
de 51 a 60 anos	51	2805
de 61 a 70 anos	22	1430
acima de 70	0	0
Total	392	15265

Média = (Qtde x idade)/Qtde

39

Média de idade dos consumidores da cultura sexo masculino		
Idade	Qtde	Qtde x Idade
Até 20 anos	7	70
de 21 a 30 anos	35	875
de 31 a 40 anos	53	1855
de 41 a 50 anos	22	990
de 51 a 60 anos	23	1265
de 61 a 70 anos	8	520
acima de 70	0	0
Total	148	5575

Média = (Qtde x idade)/Qtde

38

Média de idade dos consumidores da cultura sexo feminino		
Idade	Qtde	Qtde x Idade
Até 20 anos	6	60
de 21 a 30 anos	46	1150
de 31 a 40 anos	72	2520
de 41 a 50 anos	78	3510
de 51 a 60 anos	28	1540
de 61 a 70 anos	14	910
acima de 70	0	0
Total	244	9690

Média = (Qtde x idade)/Qtde

40

Média da renda mensal dos consumidores da cultura		
Renda	Qtde	Qtde x Salário
até R\$ 2.090,00	205	R\$ 214.225,00
de R\$ 2.090,01 a R\$ 4.180,00	122	R\$ 382.470,00
de R\$ 4.180,01 a R\$ 6.270,00	27	R\$ 141.075,00
de R\$ 6.270,01 a R\$ 8.360,00	11	R\$ 80.465,00
de R\$ 8.260,01 a R\$ 10.450,00	12	R\$ 112.260,00
acima de R\$ 10.450,00	9	R\$ 94.050,00
sem informação	6	R\$ -
Total	392	R\$ 1.024.545,00

Média = (Qtde x idade)/Qtde

R\$ 2.613,64

Média da renda mensal dos consumidores da cultura

Renda	Qtde	Qtde x Salário
até R\$ 2.090,00	205	R\$ 214.225,00
de R\$ 2.090,01 a R\$ 4.180,00	122	R\$ 382.470,00
de R\$ 4.180,01 a R\$ 6.270,00	27	R\$ 141.075,00
de R\$ 6.270,01 a R\$ 8.360,00	11	R\$ 80.465,00
de R\$ 8.260,01 a R\$ 10.450,00	12	R\$ 112.260,00
acima de R\$ 10.450,00	9	R\$ 94.050,00
sem informação	6	R\$ -
Total	392	R\$ 1.024.545,00

Média = (Qtde x idade)/Qtde

R\$ 2.613,64

Média do tempo de religião dos consumidores da cultura

Tempo	Frequência	Qtde x tempo
menos de 5 anos	62	155
de 6 a 10 anos	58	464
de 11 a 15 anos	59	767
de 16 a 20 anos	42	756
de 21 a 25 anos	51	1.173
de 26 a 30 anos	41	1.148
mais de 30	79	2.370
Total	392	6.833

Média = (Qtde x tempo)/Qtde

17

Média de acompanhantes por festa

Acompanhantes	Frequência	Qtde x tempo
sozinho	19	19
1 a 3 pessoas	191	382
4 a 6 pessoas	87	435
7 a 9 pessoas	38	304
10 pessoas ou mais	46	460
não respondeu	11	-
Total	392	1.600

Média = (Qtde x tempo)/Qtde

4,08

APÊNDICE 12 – Desenvolvimento do cálculo do custo Km/rodado

Demonstrativo de cálculo carro

Valor do Bem	R\$ 33.000,00
Km rodado ano	12.900,00 {de acordo com pesquisa KBB (www.kbb.com.br)}

Descrição	R\$/Km
Depreciação 20% - R\$ 6.600,00	R\$ 0,511628
Combustível - 14Km/litros - R\$ 3,799	R\$ 0,271357
Manut. Pneus R\$ 920,00	R\$ 0,015333
Troca de óleo e filtro R\$ 250,00	R\$ 0,025000
Seguro R\$ 1.200,00	R\$ 0,093023
IPVA/Licenciamento R\$ 1.400,00	R\$ 0,108527
Peças R\$ 400,00	R\$ 0,031008
Mão de obra R\$ 600,00	R\$ 0,046512
Custo por Km/rodado	R\$ 1,102388

Demonstrativo de cálculo motocicleta

Valor do Bem	R\$ 17.300,00
Km rodado ano	12.900,00 {de acordo com pesquisa KBB (www.kbb.com.br)}

Descrição	R\$/Km
Depreciação 20% - R\$ 3.460,00	R\$ 0,268217
Combustível - 40Km/litros - R\$ 3,799	R\$ 0,094975
Manut. Pneus R\$ 400,00	R\$ 0,006667
Troca de óleo e filtro R\$ 250,00	R\$ 0,025000
Seguro R\$ 1.100,00	R\$ 0,085271
IPVA/Licenciamento R\$ 346,00	R\$ 0,026822
Peças R\$ 150,00	R\$ 0,011628
Mão de obra R\$ 250,00	R\$ 0,019380
Custo por Km/rodado	R\$ 0,537959

Demonstrativo de cálculo DKm Ônibus/Vans

de serviço (Rodoviário)	Coeficiente tarifário máximo por tipo de pavimento R\$/(passageiro.km)		
	I – Pavimentado	II – Implantado	III - Leito Natural
Convencional sem Sanitário	0,156733	0,210477	0,236479
Convencional com Sanitário	0,166207	0,223199	0,250773
Executivo	0,206097	0,276767	0,310959
Semileito	0,227704	0,305783	0,343559
Leito	0,37729	0,506663	0,569255

[http://www.antt.gov.br/passageiros/Metodologia de calculo das tarifas e dos coeficientes tarifarios maximos.html](http://www.antt.gov.br/passageiros/Metodologia_de_calculo_das_tarifas_e_dos_coeficientes_tarifarios_maximos.html)

o mesmo período, o preço por quilômetro voado (*Yield* Tarifa Aérea Médio Doméstico Real) foi de R\$ 0,3567,

<https://www.anac.gov.br/noticias/2020/tarifas-aereas-em-2019-queda-de-2-2-no-quarto-trimestre>

APÊNDICE 13 – Relação de floras com licenciamento (Alvará) em PoA

nº	Razão Social	Nome Fantasia	Endereço
1	ACAUA PRODUTTOS NATURAIS LTDA		AV. ECON NILO WULFF, 895 / 1
2	ADELINO INACIO HANAUER ME	HANAUER PRODUTOS NATURAIS	AV. TORQUATO SEVERO, 228
3	ADMIR MACIEL MARTINS – ME	ADMIR MACIEL MARTINS	AV. JULIO DE CASTILHOS, 602
4	ADRIANA DE BRITO FONTOURA	FLORA OGUM E OXUM	AV. WENCESLAU ESCOBAR, 1092 / 1
5	ADRIANA FAGUNDES PLUCENO – ME	FLORA OGUM SETE SERRA MAE OXUM	AV. BERNARDINO SILVEIRA PASTORIZA, 285
6	ANDERSON LUIZ GARCIA	FLORA GARCIA	AV. ASSIS BRASIL, 2899
7	ANE TERESINHA BAUER	ATELIER FLORA BRASIL	AV. DA CAVALHADA, 2370 / 411
8	ANGELO UNGARETTI NETO ME		R. TEN ARIZOLY FAGUNDES, 50 / 9
9	ANTONIO VICENTE DA SILVA	FLORA E BAZAR KALINKA	R. DONA OTILIA, 3859 / 7
10	ARACI DUTRA BARBOSA	FLORA SANTA CATARINA	AV. PROF OSCAR PEREIRA, 3219
11	ATACADAO DOS ORIXAS COM ARTG RELIGIOSOS LTDA		R. VIGARIO JOSE IGNACIO, 40 / 42
12	AURA BEATRIZ DE SOUZA		R. TEN ARY TARRAGO, 2855
13	BARBARA BETTIO LAGO	FLORA BETTIO	AV. EDGAR PIRES DE CASTRO, 967
14	BILBAU & CORREA LTDA		AV. ICARAI, 816
15	BRUNNA DELGADO DE ALMEIDA	FLORA DOIS ZE	AV. NONOAI, 216 / 5
16	CASA SETE FLEXAS ARTIGOS MISTICOS LTDA	CASA SETE FLEXAS	PCA. PEREIRA PAROBE, 78
17	CHAPEU DA BRUXA ARTIGOS ESOTERICOS LTDA		AV. CRISTOVAO COLOMBO, 545 / 2225
18	COMERCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS RAINHA DO MAR LTDA		LE. MERCADO PUBLICO CENTRAL-INTERNO, 1
19	CORP DA UNIAO SUL BRASILEIRA DA IGREJA ADVENT DO SETIMO DIA		R. CEL VICENTE, 614
20	CRISTIANO OLIVEIRA ROSA	CANJERE ARTIGOS RELIGIOSOS	AV. NITEROI, 721
21	D.D COMERCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS LTDA	ARTE & MAGIA	AV. DA CAVALHADA, 2024
22	DANIEL GARRONI DOS SANTOS	FLORA IEMANJA	R. MANOEL VITORINO, 705
23	DELTARI ARTIGOS ESOTERICOS LTDA		PCA. COMENDADOR SOUZA GOMES, 203 / 102
24	DON ROBERTO COMERCIAL DE ARTIGOS RELIGIOSOS LTDA	CASA SAO SEBASTIAO	AV. NITEROI, 756
25	DR.FLORES - FLORICULTURA LTDA	FE E FLORA	AV. HEITOR VIEIRA, 342 / 2
26	EDI RIBEIRO MONDENCA		ESTR. JOAO ANTONIO SILVEIRA, 2005

27	ELISANDRA DA SILVA BRESSAN		AV. DA SERRARIA, 183 / 1
28	EROTILDES ALVES DA ROCHA	TUXAUA COM.ARTIGOS ESOTERICOS	R. SALDANHA DA GAMA, 369
29	EUGENIA OLIVEIRA COYTACAZ	FLORA E BAZAR LUZ DO ORIENTE	AV. DA CAVALHADA, 3267 / 2
30	FELIPE MULLER	LIVRARIA LOGOS	R. GAVEA, 387
31	FERNANDES E PERES LTDA - ME	SOL DO ORIENTE	AV. SENADOR SALGADO FILHO, 230 / 28
32	FLAVIA CRISTIANE SEFERIN SOARES E SILVA	FLORA PAI OGUM BEIRA MAR	R. LANDEL DE MOURA, 2659
33	FLORA CAPITALAO PACE COMERCIO LTDA-ME	TERRA DOS ORIXAS	AV. NONOAI, 1283 / 2
34	FLORA E BAZAR MENOTTI LTDA		AV. SATURNINO DE BRITO, 1612
35	FLORA KLERING LTDA - ME	FLORA KLERING	AV. ASSIS BRASIL, 1791
36	FLORA OXALUFAN E OXUM ARTIGOS RELIGIOSOS - EIRELI - ME	FLORA OXALUFAN E OXUM	AV. BENTO GONCALVES, 1753
37	FLORA OXALUFAN E OXUM ARTIGOS RELIGIOSOS - EIRELI - ME	FLORA OXALUFAN E OXUM	AV. BENTO GONCALVES, 3721
38	FLORA OXALUFAN E OXUM ARTIGOS RELIGIOSOS - EIRELI - ME	FLORA OXALUFAN E OXUM	AV. BENTO GONCALVES, 4221
39	FLORA OXALUFAN E OXUM ARTIGOS RELIGIOSOS - EIRELI - ME	FLORA OXALUFAN E OXUM	AV. BENTO GONCALVES, 6741
40	FLORA PAI JACOB LTDA	PAI JACOB	R. MARCILIO DIAS, 1456
41	FLORA PAI OGUM LTDA ME		AV. PROTASIO ALVES, 4685 / 1
42	FLORA SANTA BARBARA COMERCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS LTDA	FLORA SANTA BARBARA	ESTR. CRISTIANO KRAEMER, 1440
43	FLORA SAO DOMINGOS LTDA ME	FLORA SAO DOMINGOS	R. PRISMA, 253
44	FLORARQUI COMERCIO DE FLORES E ARTIGOS DE DECORACAO LTDA	FLORARQUI	R. DR TIMOTEO, 370 / 107
45	FLORICULTURA FLORA DO SUL LTDA ME	FLORA DO SUL	MER. MERCADO DO BOM FIM, 1 / 19
46	FRUTEIRA E FLORA BANCA PRINCIPAL LTDA		LE. MERCADO PUBLICO CENTRAL-INTERNO, 1
47	G. LEVIEN		AV. ALBERTO BINS, 869
48	GILBERTO COSTA DA SILVA	FLORA IEMANJA	AV. PROTASIO ALVES, 8830 / 128
49	HELOISAM KRUG DA SILVA-ME	FLORA PALACIO DOS ORIXAS	R. MARECHAL JOSE INACIO DA SILVA, 53
50	HMS FRAGA		AV. NONOAI, 328
51	ILMA DOS SANTOS DIAS ME	FLORA ESTRELA DO ORIENTE	R. ATILIO SUPERTTI, 114
52	INDUSTRIA E COM. UNIAO DE ARTIGOS MISTICOS LTDA		R. BRENO ARRUDA, 230
53	ISABEL CRISTINA DOS SANTOS REINEHR ME	AVIARIO PROTASIO ALVES	AV. PROTASIO ALVES, 7576
54	IVONE MATHIAS ME		AV. DA CAVALHADA, 2692

55	J GOULART MARTINS RELIGIOSOS	MAGIA DOS ORIXAS	AV. JULIO DE CASTILHOS, 31 / 18
56	JAIME LUIZ MESSEL.		AV. JULIO DE CASTILHOS, 333 / 1
57	JOAO BATISTA RAMIRES DOS SANTOS	MINIMERCADO IZAURA	R. DORIVAL CASTILHO MACHADO, 1267
58	JORGE LUIS C. GONCALVES		AV. BALTAZAR DE OLIVEIRA GARCIA, 2823 / 1
59	JURACI SILVA DE SOUZA	SOUZA	AV. HEITOR VIEIRA, 355 /
60	JUSSARA MARIA RIBEIRO VIANA		R. CEL MASSOT, 1383
61	JUVELINA RIBEIRO DA SILVA ME	IRFA FLORA COMERCIAL	R. JORGE MELLO GUIMARAES, 1132
62	KKILIMXIRIM - CONSULTORIA E DESENVOLVIMENTO PESSOAL EIRELI		AV. CARLOS GOMES, 75 / 202
63	KOLESAR COMERCIAL DE SEMENTES LTDA		LE. MERCADO PUBLICO CENTRAL-INTERNO, 1
64	KURT GLIMM - INDUSTRIA E COMERCIO DE VELAS LTDA		AV. A J RENNER, 1230
65	LARISSA DELLAVALD HENRIQUE	TRIPLICE STORE	AV. FARRAPOS, 1597 /
66	LEONEL DE PAOLI E CIA LTDA		LE. MERCADO PUBLICO CENTRAL-INTERNO, 1
67	LUMINA COMERCIO DE PRODUTOS ESOTERICOS LTDA		R. FELIX DA CUNHA, 543 / 1
68	M R C FARIAS ME	FLORAIS DO SUL	AV. CRISTOVAO COLOMBO, 2937 / 803
69	MAGIVELAS INDUSTRIA E COMERCIO LTDA	MAGIVELAS	AV. EDU LAS-CASAS, 279
70	MARCO AURELIO SOUZA DA SILVA		AV. INACIO ANTONIO DA SILVA, 625 / 21
71	MARIA CELINA RIBAS SANTOS ME	COMERCIAL DONA MARIA	R. COMENDADOR CASTRO, 367 / 6
72	MARIA DO CARMO DE MENEZES BARROS	FLORA E BAZAR PORTAL GUARDIAO	R. PADRE JOAO BATISTA REUS, 3076
73	MARIA DO CARMO DE OLIVEIRA LACERDA	FLORA SANTA CATARINA	R. GRAMADO, 352 / 1
74	MARIA DO CARMO DE OLIVEIRA LACERDA	FLORA SANTA CATARINA	AV. DA CAVALHADA, 2626
75	MARIA HELENA RODRIGUES OLIVEIRA	LUA AZUL	AV. ASSIS BRASIL, 2005 / 11
76	MARIA ILCA FRUSCH MARQUES		ESTR. JOAO DE OLIVEIRA REMIAO, 6633
77	MARIA ISALTINA SANTOS DA SILVA		ESTR. CRISTIANO KRAEMER, 1683
78	MAURICIO OSBAND FILHO ME	FLORA E BAZAR OGUM IEMANJA	AV. JUCA BATISTA, 3358
79	NARA HARI COMERCIO DE ARTIGOS PARA PRESENTES LTDA		R. VOLUNTARIOS DA PATRIA, 608 / 26
80	NATALINA GUTIERRES ME	CENTRO CULT.HOL.REIKILIBRIO	R. VERISSIMO ROSA, 102
81	NATALINA GUTIERRES ME		R. PADRE TODESCO, 762
82	NAZARENO MARCILIO DA SILVEIRA		VDT. OTAVIO ROCHA, 16

83	NELCY GREFF TRINDADE	NELFER FLORA E BAZAR	AV. SATURNINO DE BRITO, 183
84	NELI DA SILVA FRAGA ME		R. TEN ALPOIM, 528
85	NEUSA MARIA DE OLIVEIRA WINKLER		AV. ASSIS BRASIL, 6580
86	NORMA BATALHA DE BARROS ME	FLORA BAZAR INHANCA	AV. LUIZ MOSCHETTI, 840
87	OLAVO ORLANDO DESIMON	TULASI INTERNACIONAL	AV. CEL LUCAS DE OLIVEIRA, 185 / 402
88	ONIRIA EMILIA ALMEIDA	FLORA E BAZAR OGUM	AV. JUCA BATISTA, 2084
89	PORTAIS DO SUL TERAPIAS ALTERNATIVAS LTDA	PORTAIS DO SUL	AV. PERNAMBUCO, 1992
90	R. PEDRO PRODUCOES LTDA		R. MARISTA, 441 /
91	REINO DOS ORIXAS COMERCIO DE ARTIGOS RELIGIOSOS LTDA ME	REINO DOS ORIXAS	AV. JULIO DE CASTILHOS, 23 / 4
92	REJANE GUEDES FONTES	FLORA E BAZAR MAE JOAQUINA	R. JOSE DE ALENCAR, 723 / 2
93	REJANE RODRIGUES DA LUZ		AV. PROTASIO ALVES, 4685 / 16
94	RIBEIRO & FALCAO LTDA		AV. BRASILIANO INDIO DE MORAES, 876
95	RONALDO PORTO GUEDES	FLORA E BAZAR MAE JOAQUINA	AV. WENCESLAU ESCOBAR, 2968
96	ROSIMERE MEDIANEIRA FRAGA DA SILVA-ME	GINA DAS FLORES-FLORA E BAZAR	R. BARAO DO AMAZONAS, 1845 / 7
97	RUDIMAR DOS SANTOS ECKHARDT	FLORA OGUM GUERREIRO	AV. PROTASIO ALVES, 8830 / 128
98	S T DE CAMILLIS ME		AV. BORGES DE MEDEIROS, 901
99	SCN PRODUTOS ESOTERICOS LTDA	FLORA ESOTERICA CIGANA SARAH	AV. DR CARLOS BARBOSA, 998
100	SILVIO NORIVAL DA SILVA SANTOS		AV. PROTASIO ALVES, 4703
101	SOLANGE C DO NASCIMENTO ME	BAZAR E FLORA BEIJA FLOR	R. ADELINO MACHADO DE SOUZA, 394
102	SONIA DA GRACA DE ANDRADE GRABINSKI - ME		AV. JULIO DE CASTILHOS, 175
103	SONIA MARIA RODRIGUES FURTADO		R. GOMES DE FREITAS, 230
104	TALISMA DE CRISTAL COM ANTIGUIDADES PEDRAS E CRISTAIS LTDA	TALISMA DE CRISTAL	R. GEN CAMARA, 353
105	TEREZINHA CLAIR DE FREITAS E CIA LTDA ME	MODAS CLER	R. SEPE TIARAJU, 1395 / 4
106	THIAGO GRIEBLER PASSOS	CASA PAE OGUM	AV. FRANCISCO TREIN, 218 / 1
107	TUDO PARA BICHO RAÇÕES LTDA		AV. JUCA BATISTA, 2257 / 4
108	VANIA ELISA RODRIGUES ARNELLAS		R. MARCILIO DIAS, 1552 / 1
109	VELAS GLIMM COMERCIO DE ARTIGOS DE DECORACAO LTDA		AV. CRISTOVAO COLOMBO, 2020
110	VLADIMIR JOSE TELLES		R. VICTOR ISSLER, 17

111	VLADIMIR NUNES RIBEIRO		AV. BENJAMIN CONSTANT, 283 / 2
112	ZILLIOTO & SANT'ANNA LTDA ME	ETC E TAO	AV. ANTONIO CARVALHO, 1640 / 297

Fonte: elaborado com base em dados da SMIC/PMPA

APÊNDICE 14 - Relação de aviários com alvará de licenciamento

nº	Razão Social	Nome Fantasia	Endereço
1	GRANJA BELEM NOVO LTDA		AV. JUCA BATISTA, 4625
2	MARINA SOARES DE OLIVEIRA ME		R. CRUZEIRO DO SUL, 2469
3	REGINA BEATRIZ DOS SANTOS OURIQUE	AVIARIO DOIS IRMAOS	AV. BENTO GONCALVES, 3993
4	ISABEL CRISTINA DOS SANTOS REINEHR ME	AVIARIO PROTASIO ALVES	AV. PROTASIO ALVES, 7576
5	NICOLINI, CARRER & CIA. LTDA		R. MONSENHOR FELIPPE DIEHL, 61
6	COMERCIO DE AVES DOS PAZ LTDA		R. SANTA IZABEL, 116
7	JÉSSICA ZANELLA LORENSI	BODEGA RAÇÕES	ESTR. JOAO ANTONIO SILVEIRA, 175 /
8	A. V. DA CUNHA		AV. BALTAZAR DE OLIVEIRA GARCIA, 1541
9	ARLINDO DA ROCHA CAMBRAIA	DISTRIBUIDORA CAMBRAIA	BC. DO ROSARIO, 422
10	ESIO GERMANO SCHARDOSIN		R. DOLORES DURAN, 1152
11	ELAINE MARIA FELDENS		ESTR. JOAO DE OLIVEIRA REMIAO, 2783
12	JARACI MARIA DOS SANTOS COSTA		R. LUIZ CAETANO ANTINOLFI, 264 /
13	DIEGO VITT PELLEZ	JADY AGROPECUARIA	R. TANAUI DA SILVA BOEIRA, 16 / 1

Fonte: elaborado com base em dados da SMIC/PMPA

APÊNDICE 15 - Relação de atividades integrantes da cultura de matriz africana

<p>INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO</p> <p>CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS Confecção de artigos do vestuário e acessórios 14.12-6 Confecção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas</p> <p>IMPRESSÃO E REPRODUÇÃO DE GRAVAÇÕES Atividade de Impressão 18.11-3 Impressão de jornais, livros, revistas e outras publicações periódicas</p> <p>Serviços de pré-impressão e acabamentos gráficos 18.21-1 Serviços de pré-impressão 18.22-9 Serviços de acabamentos gráficos</p> <p>Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte 18.30-0 Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte</p> <p>FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MINERAIS NÃO-METÁLICOS Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes 23.30-3 Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes</p> <p>Fabricação de produtos cerâmicos 23-49-4 Fabricação de produtos cerâmicos não-refratários não especificados anteriormente</p> <p>FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS Fabricação de mídias virgens, magnéticas e ópticas 26.80-9 Fabricação de mídias virgens, magnéticas e ópticas</p> <p>FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DIVERSOS Fabricação de artigos de joalheria, bijuteria e semelhantes 32.11-6 Lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria 32.12-4 Fabricação de bijuterias e artefatos semelhantes</p> <p>Fabricação de instrumentos musicais 32.20-5 Fabricação de instrumentos musicais</p>
<p>COMÉRCIO; REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS COMÉRCIO POR ATACADO, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS Comércio atacadista de produtos de consumo não-alimentar 46.47-8 Comércio atacadista de artigos de escritório e de papelaria; livros, jornais e outras publicações</p> <p>COMÉRCIO VAREJISTA Comércio varejista de equipamentos de informática e comunicação; equipamentos e artigos de uso doméstico 47.51-2 Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática 47.52-1 Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação 47.56-3 Comércio varejista especializado de instrumentos musicais e acessórios</p> <p>Comércio varejista de artigos culturais, recreativos e esportivos 47.61-0 Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria 47.62-8 Comércio varejista de discos, CDs, DVDs e fitas</p>
<p>ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO ALIMENTAÇÃO Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada 56.20-1 Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada</p>
<p>INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EDIÇÃO E EDIÇÃO INTEGRADA À IMPRESSÃO Edição de livros, jornais, revistas e outras atividades de edição 58.11-5 Edição de livros 58.12-3 Edição de jornais 58.13-1 Edição de revistas</p> <p>Edição integrada à impressão de livros, jornais, revistas e outras publicações 58.21-2 Edição integrada à impressão de livros 58.22-1 Edição integrada à impressão de jornais 58.23-9 Edição integrada à impressão de revistas</p> <p>ATIVIDADES CINEMATOGRAFICAS, PRODUÇÃO DE VÍDEOS E DE PROGRAMAS DE TELEVISÃO; GRAVAÇÃO DE SOM E EDIÇÃO DE MÚSICA Atividades cinematográficas, produção de vídeos e de programas de televisão 59.11-1 Atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão 59.12-0 Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão 59.13-8 Distribuição cinematográfica, de vídeo e de programas de televisão 59.14-6 Atividades de exibição cinematográfica</p> <p>Atividades de gravação de som e de edição de música 59.20-1 Atividades de gravação de som e de edição de música</p> <p>ATIVIDADES DE RÁDIO E DE TELEVISÃO Atividades de rádio 60.10-1 Atividades de rádio</p> <p>Atividades de televisão 60.21-7 Atividades de televisão aberta 60.22-5 Programadoras e atividades relacionadas à televisão por assinatura</p> <p>ATIVIDADES DOS SERVIÇOS DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO Atividades dos serviços de tecnologia da informação 62.01-5 Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda 62.02-3 Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador customizáveis</p> <p>ATIVIDADES DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO Tratamento de dados, hospedagem na internet e outras atividades relacionadas 63.11-9 Tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet 63.19-4 Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet</p> <p>Outras atividades de prestação de serviços de informação 63.91-7 Agências de notícias 63.99-2 Outras atividades de prestação de serviços de informação não especificadas anteriormente</p>

ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS OUTRAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS, CIENTÍFICAS E TÉCNICAS Design e decoração de interiores 74.10-2 Design e decoração de interiores Atividades fotográficas e similares 74.20-0 Atividades fotográficas e similares
EDUCAÇÃO EDUCAÇÃO Outras atividades de ensino 85.92-9 Ensino de arte e cultura 85.93-7 Ensino de idiomas
ARTES, CULTURA, ESPORTE E RECREAÇÃO ATIVIDADES ARTÍSTICAS, CRIATIVAS E DE ESPETÁCULOS Atividades artísticas, criativas e de espetáculos 90.01-9 Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares 90.02-7 Criação artística 90.03-5 Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas
OUTRAS ATIVIDADES DE SERVIÇOS ATIVIDADES DE ORGANIZAÇÕES ASSOCIATIVAS Atividades de organizações associativas não especificadas anteriormente 94.93-6 Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte

APÊNDICE 16 - Relação de empregos culturais da cultura de matriz africana

<p>1 MEMBROS SUPERIORES DO PODER PÚBLICO, DIRIGENTES DE ORGANIZAÇÕES DE INTERESSE PÚBLICO E DE EMPRESAS, GERENTES</p> <p>13 DIRETORES E GERENTES EM EMPRESA DE SERVIÇOS DE SAÚDE, DA EDUCAÇÃO, OU DE SERVIÇOS CULTURAIS, SOCIAIS OU PESSOAIS</p> <p>131 DIRETORES E GERENTES EM EMPRESA DE SERVIÇOS DE SAÚDE, DE EDUCAÇÃO, OU DE SERVIÇOS CULTURAIS, SOCIAIS OU PESSOAIS 1311 Diretores e gerentes de operações em empresa de serviços pessoais, sociais e culturais</p>
<p>2 PROFISSIONAIS DAS CIÊNCIAS E DAS ARTES</p> <p>21 PROFISSIONAIS DAS CIÊNCIAS EXATAS, FÍSICAS E DA ENGENHARIA</p> <p>214 ENGENHEIROS, ARQUITETOS E AFINS 2141 Arquitetos e urbanistas</p> <p>26 COMUNICADORES, ARTISTAS E RELIGIOSOS</p> <p>261 PROFISSIONAIS DA COMUNICAÇÃO E DA INFORMAÇÃO</p> <p>2611 Profissionais do jornalismo 2612 Profissionais da informação 2614 Filólogos, tradutores, intérpretes e afins 2615 Profissionais da escrita 2616 Editores 2617 Locutores, comentaristas e repórteres de rádio e televisão 2618 Fotógrafos profissionais</p> <p>262 PROFISSIONAIS DE ESPETÁCULOS E DAS ARTES</p> <p>2621 Produtores artísticos e culturais 2622 Diretores de espetáculos e afins 2623 Cenógrafos 2624 Artistas visuais, desenhistas industriais e conservadores-restauradores de bens culturais 2625 Atores 2626 Músicos compositores, arranjadores, regentes e musicólogos 2627 Músicos intérpretes 2628 Artistas da dança (exceto dança tradicional e popular) 2629 Designer de interiores de nível superior</p> <p>263 MEMBROS DE CULTOS RELIGIOSOS E AFINS 2631 Ministros de culto, missionários, teólogos e profissionais assemelhados</p>
<p>3 TÉCNICOS DE NÍVEL MÉDIO</p> <p>33 PROFESSORES LEIGOS E DE NÍVEL MÉDIO</p> <p>333 INSTRUTORES E PROFESSORES DE ESCOLAS LIVRES 3331 Instrutores e professores de cursos livres</p> <p>37 TÉCNICOS EM NÍVEL MÉDIO DOS SERVIÇOS CULTURAIS, DAS COMUNICAÇÕES E DOS DESPORTOS</p> <p>371 TÉCNICOS DE SERVIÇOS CULTURAIS</p> <p>3713 Técnicos em artes gráficas</p> <p>372 TÉCNICOS EM OPERAÇÃO DE CÂMARA FOTOGRÁFICA, CINEMA E DE TELEVISÃO</p> <p>3721 Captadores de imagens em movimento 3722 Operadores de rede de teleprocessamento e afins</p> <p>373 TÉCNICOS EM OPERAÇÃO DE EMISSORAS DE RÁDIO, SISTEMAS DE TELEVISÃO E DE PRODUTORAS DE VÍDEO</p> <p>3731 Técnicos de operação de emissoras de rádio 3732 Técnicos em operação de sistemas de televisão e de produtoras de vídeo</p> <p>374 TÉCNICOS EM OPERAÇÃO DE APARELHOS DE SONORIZAÇÃO, CENOGRAFIA E PROJEÇÃO</p> <p>3741 Técnicos em áudio 3742 Técnicos em cenografia 3743 Técnicos em operação de aparelhos de projeção 3744 Técnicos em montagem, edição e finalização de filme e vídeo</p> <p>375 DECORADORES E VITRINISTAS 3751 Designers de interiores, de vitrines e visual merchandiser e afins (nível médio)</p> <p>376 ARTISTAS DE ARTES POPULARES E MODELOS</p> <p>3761 Dançarinos tradicionais e populares 3763 Apresentadores de espetáculos, eventos e programas</p>
<p>7 TRABALHADORES DA PRODUÇÃO DE BENS E SERVIÇOS INDUSTRIAIS</p> <p>74 MONTADORES DE APARELHOS E INSTRUMENTOS DE PRECISÃO E MUSICAIS</p> <p>742 MONTADORES E AJUSTADORES DE INSTRUMENTOS MUSICAIS 7421 Confeccionadores de instrumentos musicais</p> <p>75 JOALHEIROS, VIDREIROS, CERAMISTAS E AFINS</p> <p>752 VIDREIROS, CERAMISTAS E AFINS 7523 Ceramistas (preparação e fabricação) 7524 Vidreiros e ceramistas (arte e decoração)</p> <p>76 TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS TÊXTIL, DO CURTIMENTO, DO VESTUÁRIO E DAS ARTES GRÁFICAS</p> <p>763 TRABALHADORES DA CONFECÇÃO DE ROUPAS 7630 Profissionais polivalentes da confecção de roupas 7631 Trabalhadores da preparação da confecção de roupas 7632 Operadores de máquinas para costura de peças do vestuário 7633 Operadores de máquinas para bordado e acabamento de roupas</p> <p>766 TRABALHADORES DA PRODUÇÃO GRÁFICA 7661 Trabalhadores da pré-impressão gráfica 7662 Trabalhadores da impressão gráfica 7663 Trabalhadores do acabamento gráfico</p> <p>77 TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE MADEIRA E DO MOBILIÁRIO</p> <p>776 TRABALHADORES ARTESANAS DA MADEIRA E DO MOBILIÁRIO 7764 Confeccionadores de artefatos de madeira, móveis de vime e afins</p> <p>79 TRABALHADORES DO ARTESANATO</p> <p>791 TRABALHADORES DO ARTESANATO URBANO E RURAL 7911 Artesãos</p>

APÊNDICE 17 – Cálculos demonstrativos de geração de empregos e renda

Demonstrativo de cálculo para estimar o nº de tamboreiros			
Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
Casas	3.000	8.000	12.500
nº de festas por casa/ano	2,4	2,4	2,4
Total de festas realizadas ano	7.200	19.200	30.000
Total de festas realizadas mês	600	1.600	2.500
nº médio de festas que um tamboreiro atua mês	5	5	5
nº médio de tamboreiros atuantes	120	320	500
Valor médio cobrado pelos tamboreiros por festa	R\$ 800,00	R\$ 800,00	R\$ 800,00
Valor médio mensal arrecadado por tamboreiro	R\$ 4.000,00	R\$ 4.000,00	R\$ 4.000,00
Valor médio mensal arrecadado pelos tamboreiros	R\$ 480.000,00	R\$ 1.280.000,00	R\$ 2.000.000,00
Valor médio anual arrecadado pelos tamboreiros	R\$ 5.760.000,00	R\$ 15.360.000,00	R\$ 24.000.000,00

Demonstrativo de cálculo para estimar nº de profissionais de publicidade			
Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
Casas	3.000	8.000	12.500
nº de festas por casa/ano	2,4	2,4	2,4
Total de festas realizadas ano	7.200	19.200	30.000
Total de festas realizadas mês	600	1.600	2.500
nº de contratações de serviços de publicidade - 40%	240	640	1000
Valor médio por cobertura	R\$ 450,00	R\$ 450,00	R\$ 450,00
Valor médio arrecadado mês	R\$ 108.000,00	R\$ 288.000,00	R\$ 450.000,00
Valor médio arrecadado ano	R\$ 1.296.000,00	R\$ 3.456.000,00	R\$ 5.400.000,00

Demonstrativo de cálculo para estimar o nº de artesãos			
Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
População batuqueira que frequenta casas de POA	219.000	584.000	912.500
População batuqueira portoalegrense	122.902	327.740	512.095
Compradores de artes 45%	55.306	147.483	230.443
Peças produzidas por 1 artesão mês	120	120	120
Quantidade de artesãos necessários	460	1.229	1.920
Salário médio mensal de 1 artesão	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Renda mensal artesãos	R\$ 2.300.000,00	R\$ 6.145.000,00	R\$ 9.600.000,00
Renda anual artesãos	R\$ 27.600.000,00	R\$ 73.740.000,00	R\$ 115.200.000,00

Demonstrativo de cálculo para estimar nº de costureiras			
Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
População batuqueira que frequenta casas em POA	219.000	584.000	912.500
População batuqueira portoalegrense	122.902	327.740	512.095
Quant. Masculino - 1 Axó - Masculina - 37,75%	46.395	123.721	193.315
Quant. Feminino - 1 Axó - Feminina - 62,25%	76.506	204.018	318.779
Tempo masculino - 405 minutos	18.789.975	50.107.005	78.292.575
Tempo feminino - 525 minutos	40.165.650	107.109.450	167.358.975
Total de tempo - minutos	58.955.625	157.216.455	245.651.550
Jornada ano de 1 costureira (220 h X 12 m x 60 min)	158.400	158.400	158.400
Total costureiras	372	993	1.551
Gasto com Axós masculinos - R\$ 375,00 (médio)	R\$ 17.398.125,00	R\$ 46.395.375,00	R\$ 72.493.125,00
Gasto com Axós femininos - R\$ 525,00 (médio)	R\$ 40.165.650,00	R\$ 107.109.450,00	R\$ 167.358.975,00
Total gastos com Axós	R\$ 57.563.775,00	R\$ 153.504.825,00	R\$ 239.852.100,00

Demonstrativo de cálculo para estimar nº de Sacerdotes que fazem da religião seu meio de subsistência			
Descrição	Estimativa		
	Conservadora	Moderada	Arrojada
Terreiros	3000	8000	12500
67% dos entrevistados - <i>full time</i>	2010	5360	8375

Demonstrativo de cálculo para estimar o nº de empregos gerados			
Descrição	Estabelecimentos		
	Aviário		Flora
nº de estabelecimentos registrados e com alvará	13		111
nº médio de empregados por estabelecimentos	4		3
nº total de empregos gerados	52		310
Faturamento médio mensal	R\$ 30.000,00	R\$ 25.000,00	
Faturamento médio anual	R\$ 360.000,00	R\$ 300.000,00	
Faturamento total anual dos estabelecimentos	R\$ 4.680.000,00	R\$ 33.300.000,00	
Impostos gerados (enquadramento simples nac. 7,3%)	R\$ 341.640,00	R\$ 2.430.900,00	

Demonstrativo de cálculo emprego e renda gerado						
Profissão	Emprego gerado			Renda gerada		
	Conservadora	Moderadora	Arrojada	Conservadora	Moderadora	Arrojada
Sacerdotes	2.010	5.360	8.375	R\$ 76.658.760,00	R\$ 204.423.360,00	R\$ 319.411.500,00
Floras	310	310	310	R\$ 33.300.000,00	R\$ 33.300.000,00	R\$ 33.300.000,00
Aviários	52	52	52	R\$ 4.680.000,00	R\$ 4.680.000,00	R\$ 4.680.000,00
Tamboreiros	120	320	500	R\$ 5.760.000,00	R\$ 15.360.000,00	R\$ 24.000.000,00
Costureira	465	1240	1938	R\$ 57.563.775,00	R\$ 153.504.825,00	R\$ 239.852.100,00
Artesão	460	1.229	1.920	R\$ 27.600.000,00	R\$ 73.740.000,00	R\$ 115.200.000,00
Publicidade/Fotógrafo	240	640	1000	R\$ 1.296.000,00	R\$ 3.456.000,00	R\$ 5.400.000,00
Total	3.657	9.151	14095	R\$ 206.858.535,00	R\$ 488.464.185,00	R\$ 741.843.600,00

APÊNDICE 18 – Atividades culturais da Festa de Batuque conforme CNAE 2.0

nº	CNAE	Descrição da Atividade Econômica
1	14.12-6	Confecção de peças de vestuário, exceto roupas íntimas
2	16.29-3	Fabricação de artefatos de madeira, palha, cortiça, vime e material trançado não especificados anteriormente, exceto móveis
3	18.11-3	Impressão de jornais, livros, revistas e outras publicações periódicas
4	18.21-1	Serviços de pré-impressão
5	18.22-9	Serviços de acabamentos gráficos
6	18.30-0	Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte
7	23.30-3	Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento, gesso e materiais semelhantes
8	23-49-4	Fabricação de produtos cerâmicos não-refratários não especificados anteriormente
9	26.80-9	Fabricação de mídias vírgens, magnéticas e ópticas
10	32.11-6	Lapidação de gemas e fabricação de artefatos de ourivesaria e joalheria
11	32.12-4	Fabricação de bijuterias e artefatos semelhantes
12	32.20-5	Fabricação de instrumentos musicais
13	46.47-8	Comércio atacadista de artigos de escritório e de papelaria; livros, jornais e outras publicações
14	47.51-2	Comércio varejista especializado de equipamentos e suprimentos de informática
15	47.52-1	Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação
16	47.56-3	Comércio varejista especializado de instrumentos musicais e acessórios
17	47.61-0	Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria
18	47.62-8	Comércio varejista de discos, CDs, DVDs e fitas
19	56.20-1	Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada
20	58.11-5	Edição de livros
21	58.12-3	Edição de jornais
22	58.13-1	Edição de revistas
23	58.21-2	Edição integrada à impressão de livros
24	58.22-1	Edição integrada à impressão de jornais
25	58.23-9	Edição integrada à impressão de revistas
26	59.11-1	Atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão
27	59.12-0	Atividades de pós-produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão
28	59.13-8	Distribuição cinematográfica, de vídeo e de programas de televisão
29	59.14-6	Atividades de exibição cinematográfica
30	59.20-1	Atividades de gravação de som e de edição de música
31	60.10-1	Atividades de rádio
32	60.21-7	Atividades de televisão aberta
33	60.22-5	Programadoras e atividades relacionadas à televisão por assinatura
34	62.01-5	Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda
35	62.02-3	Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador customizáveis
36	63.11-9	Tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet
37	63.19-4	Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet
38	63.91-7	Agências de notícias
39	63.99-2	Outras atividades de prestação de serviços de informação não especificadas anteriormente
40	74.10-2	Design e decoração de interiores
41	74.20-0	Atividades fotográficas e similares
42	85.92-9	Ensino de arte e cultura
43	85.93-7	Ensino de idiomas
44	90.01-9	Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares
45	90.02-7	Criação artística
46	90.03-5	Gestão de espaços para artes cênicas, espetáculos e outras atividades artísticas
47	94.93-6	Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da Comissão Nacional de Classificação/IBGE